**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

PAUL CLÍVILAN SANTOS FIRMINO

Arapiraca/AL e Itabaiana/SE – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro

Versão corrigida

São Paulo
2016

PAUL CLÍVILAN SANTOS FIRMINO

Arapiraca/AL e Itabaiana/SE – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLHC/USP.

Prof. Dr. Armen Mamigonian (Orientador)

Área de Concentração: Geografia Humana

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F525a Firmino, Paul Clívilan Santos
 Arapiraca/AL e Itabaiana/SE - a feira livre como
 gênese e desenvolvimento de dois centros regionais
 do interior do Nordeste brasileiro / Paul Clívilan
 Santos Firmino ; orientador Armen Mamigonian. - São
 Paulo, 2015.
 316 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. Desenvolvimento econômico regional. 2.
Iniciativas Industriais. 3. Feira Livre. 4.
Circuitos da economia urbana. 5. Arapiraca/AL e
Itabaiana/SE. I. Mamigonian, Armen, orient. II.
Título.

ATA DE DEFESA

Aluno: 8136 - 8186090 - 1 / Página 1 de 1

ata de defesa pública de Dissertação do(a) Senhor(a) Paul Clívilan Santos Firmino no Programa: Geografia (Geografia Humana), do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 18 dias do mês de dezembro de 2015, no(a) Sala de Reuniões realizou-se a Defesa da Dissertação do(a) Senhor(a) Paul Clívilan Santos Firmino, apresentada para a obtenção do título de Mestre intitulada:

"Arapiraca/AL e Itabaiana/SE - a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Armen Mamigonian	Presidente	FFLCH - USP	Aprovado
Rosa Ester Rossini	Titular	FFLCH - USP	Aprovado
Antonio Alfredo Teles de Carvalho	Titular	UNEAL - Externo	Aprovado

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

A banca indica a publicação do trabalho devido às qualidades científica e de pesquisa. Sugere o atendimento às recomendações da banca examinadora.

Eu, Aline Nogueira Marques Nicolau, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 18 dias do mês de dezembro de 2015.

Rosa Ester Rossini

Antonio Alfredo Teles de Carvalho

Armen Mamigonian
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 19/12/2015 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Mestre em Ciências obtido no Programa Geografia (Geografia Humana) - Área de concentração: Geografia Humana.

p/ Rita de Cássia Ariza da Cruz
Presidente da Comissão de Pós-Graduação
Prof. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz
Vice-Presidente da CPG
FFLCH-USP

Dedico este trabalho à Família *Firmino* e *Santos* – de um lado painho do outro mainha – sem as quais nada seria. A toda garra e força do povo agrestino que dia a dia constrói e reconstrói suas vidas no suor do trabalho.

AGRADECIMENTOS

De Batingas para o Mundo

O dia 21 de março de 2011 marca o fim de um período e o início de um novo na minha vida acadêmica. Depois de quatro anos de muito trabalho e esforço chegou o momento de defender aquilo que vinha construindo ao longo do curso de graduação. A defesa do Trabalho de Conclusão de Curso/TCC viria selar o meu compromisso com essa ciência que hoje faz parte da minha vida não somente profissional como pessoal. Todo percurso trilhado na graduação foi construído com o objetivo de seguir a vida acadêmica com o mestrado, o doutorado, com a pesquisa geográfica. Neste ano, pude concorrer a uma das vagas na Pós-Graduação na maior universidade do Brasil, a Universidade de São Paulo/USP. Entretanto, quis o destino ou não, fui reprovado nessa primeira empreitada, porém, não foi motivo para desistir, o que levou a minha aprovação no ano seguinte.

Procuro palavras mais uma vez para expressar meus agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Lembro como se tivesse acontecido instantes atrás o dia em que comecei a escrever os agradecimentos do meu TCC, o medo do fim, do que viria pela frente, isso ia me consumindo, me deixava aflito, não sabia o que estava por vir depois, o receio de perder o vínculo com a Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL. Então, parei, pensei e disse: “isso é apenas o começo e não o fim”, e ao olhar pela janela do ônibus (era o ônibus da Real Alagoas das 16h30min com destino a Maceió, de onde iria partir para “frevar” no carnaval pernambucano naquele ano de 2011), comecei a pensar em tudo que tinha vivido até aquele momento.

Vieram em meus pensamentos as estripulias dos tempos de criança, de quando brincava descalço nas estradas de barro no meu povoado, Batingas em Arapiraca; os momentos em que aprontava na escola (sempre fui um moleque “espivitado”, arengava muito, não gostava de estudar, aprontava poucas e boas com as professoras – que diga a minha querida professora Genoveva Lira).

As lembranças das festas populares como o São João (que até hoje faz parte de minha vida e que me fortalece cada vez que escuto um triângulo, uma zabumba e uma sanfona), também invadiram os meus pensamentos; lembrei também das madrugadas acordado viajando em cima de caminhões (no frio, na chuva e/ou no calor, coberto com lonas de plásticos e lençóis) de uma cidade a outra com meu pai, minha mãe, avô, irmãos e conhecidos para no dia seguinte estar com a banca armada e a mercadoria pronta para ser negociada nas diversas feiras livres no estado de Alagoas. Outros momentos difíceis também me vieram à mente, que não

convém expor aqui, mas que me fizeram encará-los e seguir em frente. Foram ao todo 6 horas de viagem até Recife e durante todo o percurso vinha à mente momentos da infância, adolescência e da fase adulta da minha vida.

Curioso, como é a vida! Agora estou aqui escrevendo os agradecimentos da minha dissertação de mestrado ao retornar de Recife para Arapiraca após ter passado mais um ano no fervilhado, no traçado de pernas, no sobe e desce das ladeiras em Olinda (*Olinda! Quero cantar a ti esta canção, teus coqueirais, o teu sol, o teu mar, faz vibrar meu coração, de amor a sonhar, em Olinda sem igual, salve o teu Carnaval...*), “frevar” nas ruas lotadas de gentes, no suor, no calor e muita, muita chuva de cores, alegria e de cultura. Afinal, estou falando do melhor carnaval do mundo, o carnaval de Capiba, Nelson Ferreira, Edgar Moraes, de Antonio Carlos Nóbrega, Lia de Itamaracá, Getúlio Cavalcanti, Alceu Valença, Elba Ramalho, Lenine, Maestro Spok, Maestro do Forró, e tantos outros grandes nomes do carnaval pernambucano. Incrível! Sempre volto com as energias renovadas e muita inspiração para desenvolver os meus projetos acadêmicos, profissionais e pessoais.

Primeiramente eu tenho a agradecer, como católico que sou, a Deus, pai todo poderoso, criador do céu e da terra. Aos meus Santos e Santas protetores de toda a longa jornada do mestrado: Nossa Senhora das Graças (Padroeira do meu lugar – Batingas), Nossa Senhora do Bom Concelho (Padroeira da minha amada Arapiraca) e aos meus Santos, Expedito, São Jorge e meu Padrinho Padre Cícero.

“Voltei, Recife, foi a saudade que me trouxe pelo braço...”, “Ei pessoal! Vem moçada, carnaval começa no Galo da Madrugada...”, “Este amor de carnaval, durou uma canção, foi uma serpentina partida que você jogou no salão...”, “Madeira do Rosarinho...”. É através desses versos que venho agradecer ao meu amigo e mestre, Professor Antonio Alfredo Teles de Carvalho, pela cumplicidade, amizade, broncas, diálogos sobre a pesquisa e pelos melhores carnavais da minha vida. Entre o sobe e desce nas ladeiras de Olinda, os sábados de sol atrás do imponente Galo da Madrugada, as vibrações das noites de carnavais no Marco Zero e aos belos frevos de blocos, com o Bloco da Saudade, Bloco das Flores e outros que tive o prazer de conhecer através do seu convívio.

Agradeço ao meu grande mestre e amigo, meu orientador, Professor Armen Mamigonian, página viva da geografia brasileira e latino-americana, que não mediu esforços nessa longa jornada, para que esse trabalho fosse concluído dentro da proposta inicial. Pela sua atenção, pelas indicações de leituras, pelas ligações

sempre nos momentos necessários, pela simplicidade sempre presente e pelo saber com que conduziu as orientações, assim como pelos momentos de descontrações após cada reunião de orientação na pizzaria que fica ao lado do seu apartamento, onde sempre pedia a boa da vez, a pizza marguerita, a sua preferida.

Além dessas duas pessoas de extrema importância na minha vida acadêmica e pessoal, agradeço aos meus familiares, que mesmo longe sempre estiveram pertos. Não sei o que seria sem a difusão do *meio técnico-científico informacional*, que me permite contato constante com as pessoas que mais amo nessa vida.

Josinete Mercia dos Santos. Oh! Mulher para dá trabalho! Às vezes eu que pareço ser pai e mãe dela, tenho que ligar para saber se está bem, se foi ao médico, se tomou remédio, se está precisando de alguma coisa. Essa é a minha mãe. Mulher firme, forte e valente, nunca deixou cair a “peteca”, nunca me abandonou desde quando engravidou em sua adolescência aos 14 anos de idade. Não somos mãe e filho apenas, somos amigos, somos cúmplices, somos quase um só. A ela dedico este trabalho.

José Firmino Neto, este tem o coração mole. Nunca teve coragem de me levar a rodoviária quando estava vindo para São Paulo. Sempre ia me buscar, mas levar jamais. Ele sempre arrumava uma desculpa, mas o que realmente não queria era se despedir do seu filho mais velho, muito menos chorar no momento de partida, mesmo que por algum tempo. Amo esse homem como ele nem imagina, e sei que a recíproca é verdadeira. E nesse momento final ouvir meu pai dizer que ligou porque estava com saudades, não tem preço. Também a ele dedico este trabalho.

Agradeço a Andreia Maria de Souza Firmino, esposa de meu pai, minha segunda mãe, uma irmã, uma amiga e cúmplice, sempre esteve pronta para conversar e me ensinar. Basicamente crescemos juntos, ela com 17 anos e eu com 9 anos. Sempre fez tudo para agradar ao meu irmão e a mim, mesmo depois da chegada dos seus dois filhos. Fico muito feliz quando me liga e diz que estava fazendo comida e lembrando de mim, fazendo o que gosto de comer. E quando volto para casa é uma festa.

Kauê Souza Firmino, meu irmão mais novo é aquele tipo de criança que você olha e se acha muito parecido. Encantou-me quando pediu um livro de presente no dia de seu aniversário. Que continue estudioso e que saiba discernir as coisas boas das ruins. Klismann Souza Firmino, esse sim é o “cara”, se o outro se acha estudioso, esse se acha bonitão e conquistador (como de fato é). Esse na fase da

adolescência precisa de um pouco mais de juízo, mas quem nunca passou por essa fase? Thignar Santos Firmino, amo esse cara como ele nem imagina. Pensar que em fevereiro desse ano passou por uma cirurgia na cabeça e que poderia me deixar, fiquei sem saber o que fazer, fiquei sem chão. Graças a Deus deu tudo certo e nos aproximamos ainda mais.

Os meus agradeco se estendem também aos meus avôs Francisco Celestino (Chico Banda) e Manuel Firmino (Mané do Neco), as minhas avós Maria Leluza (Dona Luza) e Edite Caetano (Dona Edite), pessoas que respeito mais que tudo na vida, pessoas que tenho uma admiração sem tamanho e com quem aprendi muitas coisas, principalmente, respeito ao próximo. Agradeço aos meus tios Jademilson e Dário, as minhas tias Telma, Claudeci, Carmelúcia e Cledja (que juntamente com seu esposo Marcos, sempre me recebeu de braços abertos em Sorocaba/SP). Agradeço ao meu primo “Zé”, sua esposa Lora e suas duas filhas. Aos meus primos Jonata, Wesley, Daniela e Ketlin. As minhas irmãs-primas Jardiely, Raianny, Evely e o mais novo membro da família, meu primo Gustavo. Agradeço aos meus padrinhos Adelson Gregório, Edmilson Tadeu e Quitéria. E aos meus familiares de consideração, Ivone Souza, Maria Júlia, Ynaê, Simone, Mayra Souza, Lourdes Almeida, dona Helosa, dona Lulu, tia Arlinda, tia Bilia, tia Nieta, tia Socorro, tia Terezinha, dona Rosa e Domingos Rodrigues (esposos da minha mãe).

Não poderia deixar de agradecer a minha filhota Britney, minha cadela, que não me deixa quieto um minuto quando estou em casa e que conhece minha voz e meu cheiro, cresceu nos meus braços, me viu chorar várias vezes ao seu lado, parece uma filha quando encontra o paizão depois de muito tempo distante.

Agradeço em especial a Ricardo Leão, amigo de longa data e que sempre acompanhou os acontecimentos que marcam a minha vida, estando presente nos bons e maus momentos. Do processo da escrita a defesa do TCC, da reprovação no primeiro processo de seleção do mestrado a minha aprovação no ano seguinte e de todos os momentos de amizade que juntos compartilhamos. Choramos e rimos, vimos o nascer e o pôr do sol, andamos por longos caminhos de moto, de carro e até em cima de carro de lixo. Foi assim a construção da nossa amizade e que continuou mesmo quando mudei para São Paulo e depois para Portugal. Sempre estive disposto a resolver meus problemas em Alagoas, os quais não podia resolvê-los devido à distância. Agradeço pelos seus conselhos e críticas sempre pertinentes, por suportar minhas chatices e meus desabafos, pelas leituras sempre atentas dos

meus trabalhos, pela contribuição no trabalho de campo e pela leitura da dissertação. Agradeço do fundo do meu coração a esse grande amigo, irmão, confidente e companheiro de viagens, festas, carnavais e de vida.

Na Universidade de São Paulo, agradeço a uma pessoa muito especial, a Ana Elisa, carinhosamente conhecida como Aninha, nossa técnica do LABOPLAN. Agradeço por sua atenção, cuidados, pela amizade, pelo sorriso encantador sempre presente em sua face, não deixando transparecer nenhum tipo de problema que estivesse passando. Agradeço pela leitura sempre atenta dos meus trabalhos, relatórios e de partes da dissertação.

Agradeço aos professores com os quais tive o prazer de dialogar e aprender com seus ensinamentos, tanto em sala de aula como fora dela. Ao Professor André Martin, um ser humano ímpar, sempre disposto a ajudar, ao Professor Fábio Contel e a Professora Mónica Arroyo, que além de aprender com suas aulas tive o prazer de compartilhar de seus ensinamentos nas turmas de graduação a partir do estágio PAE na disciplina Geografia Econômica. Também estendo aqui meus agradecimentos a Professora Rosa Ester Rossini, sempre presente no LABOPLAN, pessoa muito querida, dócil, amável e cuidadosa. Aos Professores Francisco Scarlato e Maria Adélia, que muito contribuíram na minha banca de qualificação.

Aos amigos do LABOPLAN, pelos diálogos travados nos grupos de estudos, pelas conversas entre um café e outro, entre um almoço e outro no “bandejão”. Aline Oliveira (a brasileira argentina, pessoa que merece toda minha admiração), Rodolfo Finatti e Maíra Azevedo (que juntos fomos monitores ao lado da Professora Mónica), Wagner Nabarro, Dirce Soken, Matheus Avelino, Caio Alves, Mait Bertollo, Aline Santos, Daniel Huertas, Mateus Sampaio, Mariana Avanzi, Antônio Gomes e claro que não poderia deixar de mencionar o meu amigo Victor Zuliani, o Vitinho, que contribuiu na elaboração dos mapas dessa dissertação.

Aos amigos de orientação Evandro Andaku (a quem prezo muito e tenho grande respeito), Priscila Lee, Kauê Lopes, Lucas Emerique, Lucas Ferreira e Antônio Toledo. Pessoas com quem pude dialogar sobre assuntos relacionados com a pesquisa, bem como assuntos outros que surgiam entre uma pizza e outra após as reuniões de orientações com nosso Mestre.

A Breno Viotto, um amigo que se tornou irmão mais velho, sempre preocupado com o andamento do trabalho e com as minhas andanças por esta terra. Agradeço pela amizade, pelas leituras de alguns artigos, indicações de

bibliografias, pelos conselhos, e, nessa reta final pela leitura de parte da minha dissertação. Estendo os meus agradecimentos a Jéssica, sua esposa e dona Fátima Viotto, sua mãe, duas pessoas muito especiais.

Agradeço a Flávia Grimm, mais que uma amiga. Não imaginava que aquela geógrafa, aluna do mestre Milton Santos, que tive o prazer de conhecer no EGAL de 2009 na cidade de Montevideo, se tornaria uma grande amiga disposta a ajudar no que estivesse ao seu alcance e que nessa reta final teve uma contribuição significativa. Essa amizade veio se intensificar em uma viagem ao Rio de Janeiro e nos cafés aqui na USP.

Agradeço a todos os meus amigos do CRUSP, pelas conversas, cafés e preocupações que sempre tivemos uns para com os outros, em especial a Luciana Mourão, Thiago Santos, Paulo Jefferson, Sarah Azevedo, Ademar Ferrera, Simone Santos, Ticiane Oliveira, Eudes Leopoldo, Alessandra Garcia, Claudia Blanco, Roseane Nascimento, André Britto, Éder Ruiz, Michel Rocha, Vanessa Paes, Gustavo Moura, Aline Franco, a carioca Olívia, Thiago Guerin, Thiago Moreno, Celso Liberali, Dolores Sousa, Mariana Felinto, ao moleque Tomás Mora que tanto admiro e Leandro Hollanda sempre disposto a traduzir os resumos dos meus trabalhos.

Por falar em CRUSP não poderia deixar de agradecer a Jodonai Barbosa e David, além é claro de Dhiego Medeiros (grande amigo e sempre disposto a ajudar, inclusive nesse reta final). Pessoas que não mediram esforços para ajudar desde que cheguei aqui em São Paulo. A sala do 509 C, essa nunca esquecerei, primeira dormida e onde me hospedei até encontrar um apartamento e oficializar minha moradia. Mas antes dessa oficialização, passei pelo apartamento de minha grande amiga e irmã Jane Roberta, minha “Tieta do Agreste”.

A minha segunda fase no CRUSP foi quando mudei para o 501 C. Suzana Lourenço e Ivan Rocha, duas pessoas fascinantes que me receberam de braços abertos. A eles serei sempre agradecido. São dois irmãos de jornada cruspiana. A terceira fase foi quando Ivan muda para o 506 C e me leva com ele. Até hoje dividimos os espaços cruspianos, construímos uma amizade sólida que se fortaleceu com a chegada do cubano Ignacio Sánchez. Três pessoas, três personalidades, três cursos diferentes e uma coisa em comum: o companheirismo.

Após minha chegada do estágio em Portugal, tive que enfrentar a árdua e longa jornada da escrita da dissertação. Para seguir com essa empreitada foi essencial à companhia de Denise Sousa, Richard Remédios, Juliana Luquez, Fran

Alavina e Fábio Brito, que juntamente com outros amigos aqui já citados, compartilhamos momentos de descontrações, seja entre um café e outro, almoço quase todos os dias, enfrentando as longas filas do “bandejão”, ida as compras no Padrão (conhecido pelos curspianos como “ladrão” e ou/ “podrão”, pelos altos preços) e as caminhadas e pedaladas para aliviar a mente, o corpo e ir à feira livre.

Agradeço a dois grandes amigos que levarei comigo onde for, Igor Venceslau e Lúcia Lirbório. Poderia aqui escrever um livro sobre os dois, porém, não tenho tempo nem espaço suficiente para expressar o quão importante são essas duas pessoas. Igor, um amigão que sempre esteve presente para ouvir meus problemas, dialogar sobre as pesquisas e também compartilhar sobre os amores que encontramos ao longo da vida. Quando penso em falar algo sobre Lúcia abro logo sorriso de um canto a outro. Lembro das nossas primeiras conversas. Tudo começou na disciplina da Professora Mônica (sabes muito bem né Lúcia?), acredito que o nosso sangue nordestino nos aproximou. Compartilhamos momentos, acredito eu, que nunca tinha compartilhado com ninguém. Choramos, rimos, pulamos, caímos, levantamos, demos a volta por cima, estudamos e fomos nos encontrar em Portugal nos nossos respectivos estágios. Coincidência ou não, acabamos morando no mesmo apartamento o que proporcionou a vivência de momentos incríveis.

Agradeço as secretárias Rosângela Garcez, Jurema Navarro, Maria Aparecida e ao secretário José Fermio do Programa de Pós-Graduação em Geografia, que sempre estiveram dispostos a ajudar, respondendo prontamente a todos os questionamentos e resolvendo todos os problemas relacionados com a burocracia no decorrer desse longo percurso do mestrado. Agradeço também as Professoras Rita de Cássia e Marta Marques que à frente da coordenação durante esse período sempre tentaram resolver os problemas da melhor maneira.

Agradeço aos meus amigos da Faculdade de Educação, onde fui Bolsista Educador, Juliana Maia, Renan Santos, Jany Canela, Emari Andrade, Daniel Marcolino e todos os demais. Também agradeço aos funcionários da USP, a minha assistente social Mara, as minhas queridas amigas de portaria Lia Mary e Sarah Simões. Além de Laine Sales, que entre um café e um chá se tornou uma grande amiga, e a todos aqueles que mesmo sem saber o nome estavam prontos a ajudar, cozinheiras, zeladores, agentes administrativos e todos os demais.

Não poderia deixar de agradecer ao Professor Jorge Gaspar e sua família, com quem tive o prazer de dialogar e aprender. Suas orientações no momento do

estágio BEPE (Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior) na Universidade de Lisboa/UL foram essenciais e contribuíram na pesquisa. Estendo meus agradecimentos aos Professores Paulo Morgado, Margarida de Queirós e ao Professor José Simões.

Da minha chegada em Portugal alguns amigos foram essenciais no processo de adaptação e construção de uma nova vida longe de casa, mesmo que por poucos meses. Sara Medeiros e Vinícius que me acolheram como se fosse da família, Neide Martins e Aymen Gafsa, companheiros de apartamento e que alegravam meus dias com boas conversas, agradeço também aos meus amigos Jeferson Paulo (companheiro de andanças no Bairro Alto), Niedja Martins, Elís Amanda (paraibana arretada), Marina, Renata Pimentel, Marinez Brandão, Gisele Gouvêa, Margarida Ribeiro, Luís Pinto, Mafalda Carvalho e Pedro Pires.

Aos Professores da UNEAL que sempre estiveram presentes e que foram fontes de inspirações para que pudesse seguir a vida acadêmica e tornasse um bom pesquisador. Agradeço aos Professores Ângela Leite, Washington Viana, Maria do Carmo, Roberto Souza e Odilon Máximo. Estendo aqui meus agradecimentos as minhas queridas Professoras Rejane Viana, Maria Helena e Fátima Guimarães, e aos meus queridos reitores, os Professores Jairo José e Clébio Araújo.

Aos amigos do Núcleo de Estudos Josué de Castro/NEJC da UNEAL, com os quais sempre compartilhei momentos agradáveis, leitura e discussões sobre nossas pesquisas, Diego Rodrigues, Tairan Oliveira, Sidinei Silva e Luã Karll e Damião Leite que contribuiu no trabalho de campo.

Aos amigos de caminhada, que desde a graduação seguem comigo nessa empreitada que é fazer pesquisa e que também contribuíram no trabalho de campo. Dênis Carlos e Ana Paula, dois grandes amigos. Agradeço também a Rafaela Nunes, minha irmã de longa jornada, sempre presente e atenciosa, e que não mediu esforços para ajudar no trabalho de campo.

Agradeço também aos amigos Damácio Moura, Claudene Almeida, Edilma Dantas, Rejane Oliveira, Shirley Alves, Erady Moraes, Karlla Cleciane, Valdenio, Luciclécio Lima, Diego Levy, Brunno Phillipe, Marta Rocha, Maria Salete, Domício Pereira, Franciane Azevedo, Vanessa Félix, Vandiele Araújo, Warley Bezerra, Willamys Igor, Willian Hernández, Willian Antunes, Leandro Gomes, Mayara Fernandes e Flávio Nakasato. Aos meus grandes amigos do ensino médio Diego Magalhães e Lucila Boia. Warley Kaleu, Hélder Melo e todos da turma SENAI/CEAL.

Agradeço a minha família “Quadrilha Junina Pisoteio”. São anos envolvidos, mais precisamente duas décadas de festejos juninos, sendo uma década como marcador de quadrilha, e mesmo com a distância não pude esquecer. Hoje minha vida não tem mais sentido sem a Geografia, assim como, não tem mais sentido sem o São João e minha família Pisoteio. Assim, agradeço aos meus irmãos de quadrilha, em especial a Fagno Caetano, Ailton Araújo, Mary Magalhães, Ramon Araujo, Jéssica Lira, Alba Maria, Jéssica Gomes, Gilson Oliveira, Matias Rodrigues, Linete Ferreira, Iara Melo, Anderson Lemos, Anderson Martins, Jackson Diniz, David Lima, Ana Maria, Wesley Araújo, Wellington Lima, Creuza Almeida e Elisângela Almeida. Agradeço ainda a todos os moradores da minha comunidade que sempre depositaram confiança em mim e que acreditaram nos meus sonhos junto comigo.

Falando em São João não poderia deixar de agradecer aos meus cantores/bandas fontes inspiradoras e que me acompanharam todos esses anos. O grande Rei do Baião, Luiz Gonzaga, Santana, Alcimar Monteiro, Jorge de Altinho, Mastruz com Leite e Canários do Reino. Para além do forró, minhas inspirações foram também Marcelo Jeneci, Carla Bruni, Adriana Calcanhoto, Kid Abelha, Cartola, Diogo Nogueira, Angela Roro, Belchior, Chico Sciense, Maria Bethânia e Eliezer Setton que canta as belezas da minha amada Alagoas.

Agradeço a todos os feirantes, fregueses, caminhoneiros e empresários que concederam entrevistas no trabalho de campo. A Prefeitura de Arapiraca na pessoa de Simone Romão que não mediu esforços para me conceder os dados essenciais para a pesquisa. A Diana Mendonça, o Professor José Eloízio da Costa (UFS) e José de Almeida Bispo, que contribuíram com as informações sobre a cidade de Itabaiana e o estado de Sergipe.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, pela bolsa de mestrado para dar continuidade à pesquisa e sem a qual o seu desenvolvimento seria bem mais difícil.

Por fim, reafirmo que todas as pessoas e instituições aqui citadas, tiveram seu grau de importância. Sei que citar nomes é sempre arriscado, pois, corre-se o risco de esquecer alguém importante, entretanto, me esforcei ao máximo para que isso não viesse a ocorrer, porém, se falhei ao deixar de citar um ou outro, peço desculpas.

Fumo de rolo arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar

Tinha uma vendinha no canto da rua
Onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambu assado
E olhar pra Maria do Joá

Cabresto de cavalo e rabichola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Farinha rapadura e graviola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pavio de cadeeiro panela de barro
Menino vou me embora
Tenho que voltar
Xaxar o meu roçado
Que nem boi de carro
Alpargata de arrasto não quer me levar
Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua
Fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de purcina fazendo renda
E o ronco do fole sem parar
Eiii forró da mulestia...

Feira de Mangaio (Clara Nunes)

RESUMO

FIRMINO, P. C. S. **Arapiraca/AL e Itabaiana/SE** – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro. 2015, 316 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Localizadas no Agreste alagoano e sergipano, respectivamente, as cidades de Arapiraca e Itabaiana, são portadoras de uma dinâmica singular, despontando como centros regionais no interior do Nordeste brasileiro. A gênese do processo que resultou nesse quadro de referência alicerça-se, sobretudo, na feira livre que assumiu relevância e se refletiu na expansão do comércio e no surgimento de diversas iniciativas industriais. Por conseguinte, contribuindo à criação de uma gama de novos e diversificados serviços e o consequente crescimento das suas economias. No caso de Arapiraca a feira ganha impulso com o desenvolvimento da cultura fumageira, enquanto em Itabaiana o caminhão é o responsável direto pela expansão da feira livre. Nesta perspectiva, o presente trabalho propõe analisar essa gênese ancorada no papel da feira, combinada com outros eventos como as atividades agrícolas, considerando a força e o espírito de iniciativa do povo agrestino. Destarte, foi essencial revisitar os eventos que marcaram cada período na história econômica dos seus respectivos estados e a influência na economia de Arapiraca e Itabaiana, ao tempo em que buscou fazer relação da feira livre com a proposta dos dois circuitos da economia urbana (SANTOS, [1979] 2008). O uso de um referencial teórico-metodológico centrado no entendimento de variáveis como feira livre, desenvolvimento econômico e regional, industrialização, economia natural e de mercado, dinamicidade e centralidade, a partir das concepções de autores como Andrade (1979 e 1998), Braudel (1998), Bispo (2013), Carvalho (2012), Carvalho e Costa (2012), Guedes (1999), Lima (1965), Mamigonian (1965, 2009), Melo (1980), Rangel (1959, 2012c), Santos ([1980] 2010), Santos e Silveira (2010) entre outros, mostrou-se imprescindível nesta investigação. Trilhando por este caminho, a concreção da investigação deu-se mediante o trabalho de campo, que contou com aplicação de questionários com feirantes, consumidores, caminhoneiros e empresários/industriais das duas cidades analisadas. Assim, foi possível constatar um desenvolvimento centrado nas iniciativas locais, com surgimento de pequenos negócios originados do circuito inferior, onde a mão de obra local, o capital próprio e as técnicas não tão modernas, foram a base para o sucesso de iniciativas em diversos ramos. Dessa forma, refletindo-se decisivamente no desenvolvimento econômico desses dois importantes centros regionais do interior do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Nordeste, Arapiraca, Itabaiana, feira livre, desenvolvimento regional.

ABSTRACT

FIRMINO, P. C. S. **Arapiraca/AL and Itabaiana/SE** – the street market as genesis and development of two regional centers in the Brazilian Northeast country towns. 2015, 316 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The Arapiraca and Itabaiana cities, which are localized in the agreste from Alagoas and Sergipe, have a single dynamic highlighting itself owing to its regional centers in the Brazilian northeast town. The reason of such prominence is, above all, the street market, which gained relevance and it was responsible for commerce expansion and onset of several industrial initiatives. Moreover, it has contributed to the creation of new and range services and subsequent growth of their economies. In the case of Arapiraca the street market gains momentum with the development of the tobacco culture, while in Itabaiana the truck is directly responsible for the expansion of the street market. In this perspective, this study aims to analyze this genesis based in the free market role, combined with other events such as agricultural activities, considering the strength and spirit of initiative of the agreste citizens. Thus, it was essential to revisit the events that marked each period in the economic history of their respective states and influence in Arapiraca and Itabaiana economy at the same time it tried to connect the free market to the proposal of the two circuits of the urban economy (SANTOS, [1979] 2008). The theoretic-methodological referential use centered on the comprehension of variables like street market, economic and regional development, industrialization, natural and market economy, dynamism and centrality, from the ideas of authors such as Andrade (1979 and 1998), Braudel (1998), Bishop (2013), Carvalho (2012), Carvalho and Costa (2012), Guedes (1999), Lima (1965), Mamigonian (1965, 2009), Melo (1980), Rangel (1959, 2012c), Santos ([1980] 2010), Santos and Silveira (2010) among others, proved to be essential on this investigation. Treading on this path, the concretion of research took place through fieldwork, which included questionnaires with merchants, consumers, truckers and businessmen analyzed the two cities. Thus, there has been development centered on local initiatives, with the appearance of small business originated from the lower circuit where local labor, equity and techniques not quite as modern, were the basis for the success of initiatives in several fields. Therefore, reflecting decisively on economic development of these two important regional centers in the country towns of the Brazilian Northeast.

Keywords: Northeast, Arapiraca, Itabaiana, street market, regional development.

RESUMEN

FIRMINO, P. C. S. **Arapiraca/AL e Itabaiana/SE** – la feria libre como génesis y desarrollo de dos centros regionales del interior del Nordeste brasileño. 2015, 316 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Localizadas en el agreste alagoano y sergipiano, respectivamente, las ciudades de Arapiraca y Itabaiana, son portadoras de una dinámica singular, despuntando como centros regionales en el interior del Nordeste brasileño. La génesis del proceso que resultó en ese cuadro de referencia se inicia, principalmente, en la feria libre que asumió relevancia e repercutió en la expansión del comercio y en el surgimiento de diversas iniciativas industriales. En consecuencia, contribuyendo a la creación de una gama de nuevos y diversificados servicios y el crecimiento de sus economías. En el caso de Arapiraca la feria gana impulso con el desarrollo de la cultura del tabaco, en cuanto en Itabaiana el camión es el responsable directo por la expansión de la feria libre. En esta perspectiva, el presente trabajo propone analizar esa génesis arraigada en el papel de la feria, combinada con otros eventos como las actividades agrícolas, considerando la fuerza y el espíritu de iniciativa del pueblo agrestino. De este modo, fue esencial revisitar los eventos que marcaron cada período en la historia económica de los respectivos estados y la influencia en la economía de Arapiraca y Itabaiana, al tiempo en que buscó relacionar la feria libre con la propuesta de los dos circuitos de la economía urbana (SANTOS, [1979] 2008). El uso de un referencial teórico-metodológico centrado en el entendimiento de variables como feria libre, desenvolvimiento económico y regional, industrialización, economía natural y de mercado, dinámica y centralización, desde las concepciones de autores como Andrade (1979 y 1998), Braudel (1998), Bispo (2013), Carvalho (2012), Carvalho y Costa (2012), Guedes (1999), Lima (1965), Mamigonian (1965, 2009), Melo (1980), Rangel (1959, 2012c), Santos ([1980] 2010), Santos y Silveira (2010) entre otros, se mostró imprescindible en esta investigación. Marcada en este sentido, la concreción de la investigación se realizó mediante el trabajo de campo, que contó con aplicación de cuestionarios con feriantes, consumidores, camioneros y empresarios/industriales de las dos ciudades analizadas. Así, fue posible constatar un desarrollo centrado en las iniciativas locales, con surgimiento de pequeños negocios originados del circuito inferior, donde la mano de obra local, el capital propio y las técnicas no tan modernas, fueron la base para el suceso de iniciativas en diversos ramos. De esta forma, reflejándose decisivamente en el desenvolvimiento económico de esos dos importantes centros regionales del interior del Nordeste brasileño.

Palabras-claves: Nordeste, Arapiraca, Itabaiana, feria libre, desarrollo regional.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Arapiraca/AL: Vista parcial da feira livre realizada na Praça Manoel André – s/d.....	111
Foto 2 – Arapiraca/AL: Antiga feira livre na Rua Domingos Correia – s/d.....	111
Foto 3 – Arapiraca/AL: Plantação de fumo e “bolas” de fumo, respectivamente – s/d.....	113
Foto 4 – Arapiraca/AL: Plantação de fumo e “bolas” de fumo, respectivamente – s/d.....	113
Foto 5 – Palmeira dos Índios/AL: Feira livre na Praça da Independência – 1968.....	118
Foto 6 – Arapiraca/AL: Comercialização de fumo na feira livre – 2013.....	140
Foto 7 – Batingas-Arapiraca/AL – Zona Rural (plantação de hortaliças) – 2009.....	144
Foto 8 – Batingas-Arapiraca/AL – Zona Rural (plantação de hortaliças) – 2009.....	144
Foto 9 – Itabaiana/SE: Ocupação do espaço pela feira livre no centro – 2013.....	155
Foto 10 – Itabaiana/SE: Utilização de diversos materiais para exposição de produtos na feira – 2013 e 2015.....	159
Foto 11 – Itabaiana/SE: Utilização de diversos materiais para exposição de produtos na feira – 2013 e 2015.....	159
Foto 12 – Feira de Itabaiana/SE: Serviços de alimentação – 2013.....	162
Foto 13 – Feira de Itabaiana/SE: Serviço de transporte (carroceiros e moto-táxis) – 2013 e 2015.....	162
Foto 14 – Feira de Itabaiana/SE: Serviço de transporte (carroceiros e moto-táxis) – 2013 e 2015.....	162
Foto 15 – Itabaiana/SE: Serviços relacionados com o transporte (peças e acessórios) – 2013.....	164
Foto 16 – Itabaiana/SE: Serviços relacionados com o transporte (oficinas de caminhões) – 2015	164
Foto 17 – Arapiraca/AL: Presença do circuito superior da economia urbana no mercado público – 2013.....	173
Foto 18 – Arapiraca/AL: Presença do circuito superior da economia urbana no mercado público – 2013.....	173
Foto 19 – Arapiraca/AL: Comercialização de grãos e produtos industrializados – 2013.....	177
Foto 20 – Feira de Arapiraca/AL: Comercialização de produtos “piratas” e artesanato – 2013.....	177
Foto 21 – Feira de Arapiraca/AL: Comercialização de produtos “piratas” e artesanato – 2013.....	177
Foto 22 – Feira livre de Itabaiana/SE: O uso de cartão de crédito/débito – 2015.....	178
Foto 23 – Feira livre de Itabaiana/SE: O uso de cartão de crédito/débito – 2015.....	178
Foto 24 – Arapiraca/AL: Uso do carro de mão e caminhões no transporte de mercadorias – 2013 e 2015.....	187
Foto 25 – Arapiraca/AL: Uso do carro de mão e caminhões no transporte de mercadorias – 2013 e 2015.....	187

Foto 26 – Itabaiana/SE: Uso de animais e carro de mão no transporte de mercadorias – 2015.....	187
Foto 27 – Itabaiana/SE: Uso de animais e carro de mão no transporte de mercadorias – 2015.....	187
Foto 28 – Itabaiana/SE: “Febre” de motos – 2013 e 2015.....	196
Foto 29 – Itabaiana/SE: “Febre” de motos – 2013 e 2015.....	196
Foto 30 – Arapiraca/AL: Redes de supermercados – GBarbosa e Atacadão – 2014.....	199
Foto 31 – Arapiraca/AL: Redes de supermercados – GBarbosa e Atacadão – 2014.....	199
Foto 32 – Itabaiana/SE: Supermercados da Família Peixoto – 2013.....	199
Foto 33 – Itabaiana/SE: Supermercados da Família Peixoto – 2013.....	199
Foto 34 – Itabaiana/SE: Supermercado GBarbosa – 2013.....	199
Foto 35 – Arapiraca/AL: Vista aérea do Grupo Coringa – 2013.....	249
Foto 36 – Arapiraca/AL: Indústria Alimentícia Popular LTDA – 2014.....	254
Foto 37 – Arapiraca/AL: CILEL Comércio e Indústria de Lajes LTDA – 2015...	258
Foto 38 – Arapiraca/AL: Mercomplas Industrial de Plástico Comércio S.A. – 2015.....	262
Foto 39 – Itabaiana/SE: Carrocerias São Carlos e Carrocerias São José – 2013 e 2015.....	272
Foto 40 – Itabaiana/SE: Carrocerias São Carlos e Carrocerias São José – 2013 e 2015.....	272
Foto 41 – Itabaiana/SE: Cerâmica Higino LTDA – 2013.....	277
Foto 42 – Itabaiana/SE: Cerâmica Mandeme LTDA – 2013.....	277
Foto 43 – Itabaiana/SE: Cerâmica Batula LTDA – 2015.....	277
Foto 44 – Itabaiana/SE: Indústria Nova Aurora LTDA – 2015.....	285
Foto 45 – Itabaiana/SE: Indústria Gesso Nordeste – 2015.....	288

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Região Nordeste: Número de estabelecimentos – Grande Setor 1985/2012.....	53
Gráfico 2 – Região Nordeste: Porcentagem de estabelecimentos – Grande Setor 1985.....	53
Gráfico 3 – Região Nordeste: Porcentagem de estabelecimentos – Grande Setor 2012.....	53
Gráfico 4 – Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos (comércio varejista e atacado) – Período de 1995 a 2013.....	55
Gráfico 5 – Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos (outros subsetores) – Período de 1995 a 2013.....	55
Gráfico 6 – Microrregiões do Agreste Nordestino: Número de estabelecimentos segundo o Grande Setor – 2012.....	62
Gráfico 7 – Agreste Nordestino: Evolução admissões segundo Grande Setor – Período de 2005-15.....	69
Gráfico 8 – Alagoas e Sergipe: Número de empregados segundo Grande Setor – 2014.....	69
Gráfico 9 – Região Nordeste: número de empregados segundo Grande Setor – 2014.....	80
Gráfico 10 – Região Nordeste: porcentagem de empregados segundo Grande Setor – 2014..	80
Gráfico 11 – Região Agreste da EMATER/AL: Culturas temporárias (área e percentual) – 2010.....	139
Gráfico 12 – Região Agreste da EMATER/AL: Cana-de-açúcar (área cultivada e percentual) – 2010.....	139
Gráfico 13 – Região Agreste da EMATER/AL: Mandioca (área cultivada e percentual) – 2010.....	139
Gráfico 14 – Região Agreste da EMATER/AL: Fumo (área cultivada e percentual) – 2010.....	140
Gráfico 15 – Região Agreste da EMATER/AL: Algodão (área cultivada e percentual) – 2010.....	142
Gráfico 16 – Região Agreste da EMATER/AL: Abacaxi (área cultivada e percentual) – 2010.....	142
Gráfico 17 – Região Agreste da EMATER/AL: Batata-doce (área cultivada e percentual) – 2010.....	142
Gráfico 18 – Região Agreste da EMATER/AL: Feijão (área cultivada e percentual) – 2010.....	144
Gráfico 19 – Região Agreste da EMATER/AL: Milho (área cultivada e percentual) – 2010.....	144
Gráfico 20 – Microrregião de Itabaiana/SE: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012.....	152
Gráfico 21 – Feira de Itabaiana/SE: Quantitativo e porcentagem de feirantes e tipos de produtos comercializados – 2015.....	159
Gráfico 22 – Feira de Arapiraca/AL: Quantitativo e porcentagem de feirantes e os tipos de produtos comercializados – 2015.....	175
Gráfico 23 – Itabaiana/SE: Margem de lucro dos feirantes – 2015.....	180
Gráfico 24 – Arapiraca/AL: Margem de lucro dos feirantes – 2015.....	180
Gráfico 25 – Itabaiana/SE: Frota municipal de veículos – 2014.....	196

Gráfico 26 – Microrregião de Arapiraca/AL: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012.....	204
Gráfico 27 – Alagoas: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012.....	204
Gráfico 28 – Alagoas: Evolução do emprego por setor – 1995 a 2013.....	212
Gráfico 29 – Sergipe: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012.....	216
Gráfico 30 – Sergipe: Evolução do emprego por setor – 1995 a 2013.....	224

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capitania de Pernambuco – 1720.....	85
Imagem 2 – Alagoas: Divisão regional – 1965.....	94
Imagem 3 – Sergipe: Zonas Fisiográficas – 1950.....	103
Imagem 4 – Alagoas: Evolução da rede ferroviária – século XIX – XX.....	116
Imagem 5 – Alagoas: Rodovias principais – 1960.....	117
Imagem 6 – Itabaiana/SE: Igreja Matriz – 1910.....	122
Imagem 7 – Itabaiana/SE: Largo da Feira (Largo Santo Antônio) – 1930.....	125
Imagem 8 – Itabaiana/SE: Mercado Municipal na Praça da Matriz – 1920.....	127
Imagem 9 – Arapiraca/AL: Estabelecimentos comerciais e Garden Shopping – 2015.....	206
Imagem 10 – Itabaiana/SE: Variedade do comércio – 2015.....	217
Imagem 11 – Itabaiana/SE: Fixos bancários presentes no território – 2015.....	225

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Nordeste: Distribuição populacional por estado – 2014.....	61
Mapa 2 – Arapiraca/AL: Localização do município e da capital Maceió.....	110
Mapa 3 – Itabaiana/SE: Localização do município e da capital Aracaju.....	119
Mapa 4 – Itabaiana/SE: Espaço destinado à realização da feira livre – 2010...	154
Mapa 5 – Itabaiana/SE: Área de atuação dos atacadistas no centro – 2010....	161
Mapa 6 – Arapiraca/AL: Capital Regional C e Região de Influência – 2007.....	205
Mapa 7 – Itabaiana/SE: Centro Sub-regional B e a Região de Influência de Aracaju/SE – 2007.....	221
Mapa 8 – Arapiraca/AL – Indústria Vinagre Camarão: Principais destinos da produção – 2015.....	246
Mapa 9 – Arapiraca/AL – Grupo Coringa: Principais destinos da produção – 2015.....	251
Mapa 10 – Arapiraca/AL – Popular Alimentos: Principais destinos da produção – 2015.....	254
Mapa 11 – Arapiraca/AL – CILEL LTDA: Principais destinos da produção – 2015.....	258
Mapa 12 – Arapiraca/AL – Trigo e CIA: Principais destinos da produção – 2014.....	260
Mapa 13 – Arapiraca/AL – Merconplas: Principais destinos da produção – 2015.....	262
Mapa 14 – Itabaiana/SE – Carroceria São Carlos: Principais destinos da produção – 2015.....	274
Mapa 15 – Itabaiana/SE – Carroceria São José: Principais destinos da produção – 2015.....	274
Mapa 16 – Itabaiana/SE – Cerâmicas Higino e Mandeme: Principais destinos da produção – 2015.....	281
Mapa 17 – Itabaiana/SE – Cerâmica Batula: Principais destinos da produção – 2015.....	281
Mapa 18 – Itabaiana/SE – Indústria Nova Aurora: Principais destinos da produção – 2015.....	285
Mapa 19 – Itabaiana/SE – Indústria Gesso Nordeste: Principais destinos da produção – 2015.....	288

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nordeste: Problemas econômicos na época da implantação da SUDENE – Década de 1950-60.....	48
Quadro 2 – Brasil: Divisão regional, população e densidade – 2010.....	59
Quadro 3 – Nordeste: Quantitativo populacional por estado – 2014.....	60
Quadro 4 – Modos de transferir mão de obra da economia natural para economia de mercado.....	64
Quadro 5 – Distribuição territorial dos engenhos de açúcar no primeiro século de colonização.....	75
Quadro 6 – Dualidade básica da economia brasileira.....	75
Quadro 7 – Território de Alagoas: Divisão em sesmarias e seus colonos – século XVI e XVII.....	87
Quadro 8 – Alagoas: Zonas Fisiográficas do estado – 1940.....	93
Quadro 9 – Alagoas: Zonas Fisiográficas – 1965.....	95
Quadro 10 – Sergipe: Divisão em Zonas Fisiográficas – 1950.....	104
Quadro 11 – Alagoas: Evolução municipal até década de 1920.....	108
Quadro 12 – Itabaiana/SE: Relação dos Colonos – Século XVI a XVIII.....	121
Quadro 13 – Itabaiana/SE: Perca de território para outros municípios e/ou emancipações – Período de 1874 a 1963.....	124
Quadro 14 – Os dois circuitos da economia urbana: Características gerais.....	132
Quadro 15 – Itabaiana/SE: Principais produtos comercializados na feira e suas origens – 2015.....	158
Quadro 16 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Tempo de trabalho dos feirantes – 2015.....	169
Quadro 17 – Itabaiana/SE: Tipos de compra, formas de compra e venda pelos feirantes – 2015.....	171
Quadro 18 – Arapiraca/AL: Tipos de compras, formas de compra e venda pelos feirantes – 2015.....	172
Quadro 19 – Arapiraca/AL: Principais produtos comercializados na feira e suas origens – 2015.....	175
Quadro 20 – Arapiraca/AL: Feiras livres de bairro e a feira tradicional – 2015.....	185
Quadro 21 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Motivos principais que levam os feirantes a irem a feira livre – 2015.....	192
Quadro 22 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Respostas dos feirantes sobre as feiras e a importância das mesmas para suas cidades – 2015.....	200
Quadro 23 – Arapiraca/AL: Quantitativo de alunos matriculados segundo o nível escolar – 2010.....	208
Quadro 24 – Arapiraca/AL: Relação das IES, polos de ensino e estrutura – 2011.....	209
Quadro 25 – Itabaiana/SE: Origem e destino dos produtos transportados pelos caminhoneiros – 2015.....	269

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Região Nordeste: evolução dos estabelecimentos com vínculos – Período de 1995 a 2013.....	54
Tabela 2 – Nordeste: número de estabelecimentos com vínculos por área geográfica e subsetor – Período de 1995 a 2013.....	57
Tabela 3 – Agreste Nordestino: admissões segundo o setor (demonstrativo de março) – 2005.....	67
Tabela 4 – Agreste Nordestino: admissões segundo o setor (demonstrativo de março) – 2015.....	68
Tabela 5 – Alagoas: população por freguesia – 1870.....	88
Tabela 6 – Região Agreste da EMATER/AL: Culturas temporárias (área cultivada) – 2010.....	139
Tabela 7 – Arapiraca/AL – Gastos e tipos de transportes usados pelos clientes da feira livre – 2015.....	149
Tabela 8 – Itabaiana/SE: Gastos e tipos de transportes usados pelos fregueses – 2015.....	195
Tabela 9 – Arapiraca/AL e Alagoas: Agências por instituições financeira – 2015.....	212
Tabela 10 – Alagoas: Quantitativo de empregados por setor – 1995 a 2013....	213
Tabela 11 – Sergipe: Quantitativo de empregados por setor – 1995 a 2013....	224
Tabela 12 – Arapiraca/AL: Empresas localizadas no Distrito Industrial/DI – 2013.....	238
Tabela 13 – Itabaiana/SE: Empresas em funcionamento beneficiadas pelo Governo do Estado – 2013.....	240
Tabela 14 – Itabaiana/SE: Empresas beneficiadas/obras iniciadas – 2013.....	240
Tabela 15 – Itabaiana/SE: Empresas beneficiadas/obra não iniciada – 2013...	240
Tabela 16 – Itabaiana/SE: Projetos industriais analisados e em tramitação – 2013.....	241
Tabela 17 – Itabaiana/SE: Produção, valor e área plantada de lavouras permanentes – 2005-2010.....	265
Tabela 18 – Itabaiana/SE: Produção, valor e área plantada de lavouras temporárias – 2005-2010.....	266

LISTA DE SIGLAS

APL	Arranjo Produtivo Local
ARSAL	Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas
ASSEFAR	Associação dos Empresários de Feiras Livres de Arapiraca
BACEN	Banco Central do Brasil
BANESE	Banco do Estado de Sergipe
BB	Banco do Brasil
BEPE	Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRADESCO	Banco Bradesco
CAF	Central de Abastecimento Farmacêutica
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEAP	Centro Educacional Assistencial Profissionalizante
CEF	Caixa Econômica Federal
CEMFRA	Centro de Medicina Física e Reabilitação
CENFAP	Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa Santa Maria Madalena
CEREST	Centro de Referência de Saúde do Trabalhador
CESAMA	Centro de Ensino Superior Arcanjo Michael de Arapiraca
CESMAC	Centro de Estudo Superior de Maceió
CFB	Constituição Federal Brasileira
CI	Circuito Inferior
CNG	Conselho Nacional de Geografia
COC	Faculdade Interativa
COFINS	Contribuição para Financiamento da Seguridade Social
CRIA	Centro de Referência Integrado de Arapiraca
CS	Circuito Superior
CSSL	Contribuição Social sobre o Lucro Líquido
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
DARF	Documento de Arrecadação de Receitas Federais
DI	Distrito Industrial
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESF	Equipes de Saúde da Família
FACINTER	Faculdade Internacional de Curitiba –
FACESTA	Faculdade São Tomás de Aquino –
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FERA	Faculdade de Ensino Regional Alternativo
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FIP	Faculdade Integrada de Patos
FITS	Faculdade Integrada Tiradentes
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciência
FTU	Fundo de Transporte Urbano
FUNESA	Fundação Universidade Estadual de Alagoas
GTDN	Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste
HSBC	Banco HSBC

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IES	Instituição de Ensino Superior
IESB	Instituto de Educação de Superior do Brasil
IESC	Instituto de Ensino Superior Santa Cecília
IFAL	Instituto Federal de Alagoas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IPI	Imposto Sobre Produtos Industrializados
IRPJ	Imposto de Renda Pessoa Jurídica
ISS	Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza
ITAÚ	Banco Itaú
NEJC	Núcleo de Estudos Josué de Castro
NIA	Núcleo Industrial de Arapiraca
PAA's	Postos de Atendimento Avançado
PAB's	Postos de Atendimento Bancário
PACS	Programa de Assistência de Comunitária de Saúde
PIS	Programa Integração Social
PNAE	Programa Nacional de Merenda Escolar
PPGH	Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana
PSF	Postos de Saúde da Família
REGIC	Região de Influência das Cidades
SAMU	Unidade de Base do Serviço Móvel de Urgência
SANTANDER	Banco Santander
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUMA	Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
SEMICS	Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviço
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAT	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
SEOCS	Superintendência de Estudos e Obras Contra as Secas
SESI	Serviço Social da Indústria
SEST	Serviço Social do Transporte
SFPM	Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
SUS	Sistema Único de Saúde
UEA	Unidade de Emergência do Agreste
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFS	Universidade Federal de Sergipe
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas
UNIP	Universidade Paulista
UNIT	Universidade Tiradentes
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PRIMEIROS APONTAMENTOS.....	30
Capítulo 1 – Gênese e evolução: os alicerces da formação econômica no Agreste nordestino.....	43
1.1. <i>Da formação econômica no Nordeste brasileiro: percorrendo pelas particularidades de uma Região.....</i>	44
1.2. <i>Uma sub-região chamada Agreste no Nordeste do Brasil.....</i>	62
1.3. <i>Da gênese da feira livre em cidades agrestinas.....</i>	74
Capítulo 2 – Notas sobre a formação econômica de dois estados do Nordeste brasileiro.....	83
2.1. <i>Breves apontamentos acerca da história econômica de Alagoas.....</i>	84
2.2. <i>Relatos sobre a gênese da economia Sergipana.....</i>	98
Capítulo 3 – Gênese econômica em dois centros regionais do Interior: o caso de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.....	107
3.1. <i>Arapiraca e a gênese econômica da Capital Agrestina do Fumo.....</i>	108
3.2. <i>Gênese do desenvolvimento econômico no interior sergipano: a cidade de Itabaiana em evidência.....</i>	119
Capítulo 4 – As feiras livres em tempos de contemporaneidade e os circuitos da economia urbana.....	129
4.1. <i>O significado da feira livre e os circuitos da economia urbana em Arapiraca.....</i>	130
4.2. <i>Feira livre e sua influência na economia de Itabaiana.....</i>	151
Capítulo 5 – Feirantes e Fregueses: dois atores de destaque nas tradicionais feiras livres de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.....	165
5.1. <i>A propósito das negociações dos feirantes em suas tradicionais feiras livres.....</i>	166
5.2. <i>Freguês: um ator chave nas negociações nas feiras livres.....</i>	190
Capítulo 6 – Notas sobre a organização espacial das principais atividades econômicas nos dois centros regionais em análise.....	202
6.1. <i>Apontamentos acerca das principais funções em Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.....</i>	203
6.1.1. <i>Algumas considerações sobre as funções na Capital Agrestina do Fumo.. ..</i>	203
6.1.2. <i>Evidenciando as funções principais na Capital Nacional do Caminhão.....</i>	213
6.2. <i>As iniciativas locais no processo de industrialização no Agreste alagoano e sergipano.....</i>	227
6.3. <i>Iniciativas locais no processo industrial de Arapiraca.....</i>	242
6.3.1. <i>Indústria Vinagre Camarão Alimentos LTDA.....</i>	244
6.3.2. <i>Indústrias Reunidas Coringa LTDA.....</i>	248

6.3.3. <i>INAP – Indústria Alimentícia Popular LTDA</i>	252
6.3.4. <i>CILEL Comércio e Indústria de Lajes LTDA</i>	256
6.3.5. <i>Biscoitos Trigo e CIA</i>	259
6.3.6. <i>Mercomplas Industrial de Plástico Comércio S.A.</i>	261
6.4. <i>O papel das indústrias locais na economia de Itabaiana</i>	264
6.4.1. <i>A influência do caminhoneiro nas iniciativas industriais na Capital Nacional do Caminhão</i>	267
6.4.2. <i>Fábrica de Carrocerias São Carlos LTDA, Madeireira e Fábrica de Carrocerias LTDA e Fábrica de Carrocerias São José LTDA</i>	271
6.4.3. <i>Cerâmica Higino LTDA, Cerâmica Mandeme LTDA e Cerâmica Batula LTDA</i>	276
6.4.4. <i>Indústria Nova Aurora de Artefatos de Cimento LTDA</i>	283
6.4.5. <i>Indústria Gesso Nordeste</i>	286
PALAVRAS FINAIS	289
REFERÊNCIAS	294
APÊNDICES	306

PRIMEIROS APONTAMENTOS

Desde as derradeiras décadas do século que se findou, a Geografia Brasileira vem passando por um processo de mudança, abrindo espaço para inserção de uma gama de novos temas e o ressurgimento de outros, que encontravam por assim dizer, ausentes das agendas de pesquisas de muitos geógrafos – principalmente no campo da Geografia Humana – e demais cientistas de diversas áreas do conhecimento. Esse ressurgimento veio contribuir para um maior diálogo da Geografia com outras disciplinas, a exemplo da economia, que direta ou indiretamente possibilitou refletir sobre os acontecimentos do mundo do presente e, consequentemente, utilizar temas abordados por elas. Partindo de um viés geográfico, o desenrolar da presente dissertação conta com uma interligação entre estas disciplinas.

Os estudos acerca da região Nordeste têm vindo à tona nas pautas e agendas de pesquisas dos geógrafos, mostrando-se relevantes no entendimento da vida econômica, social, cultural e política, que envolve não somente o povo nordestino, mas, o povo brasileiro e sua formação econômica e social, tanto que para Santos (1977b, p. 86) essa noção de “Formação Econômica e Social é indissociável do *concreto* representado por uma sociedade historicamente determinada”.

Trilhando por este caminho, percebe-se que as pesquisas relacionadas com a referida região¹ tem se tornado uma importante linha de pesquisa, ganhando seguidores e ampliando as abordagens a respeito dos diversos temas que envolvem o Nordeste. O desenvolvimento econômico e regional a partir de uma perspectiva geográfica é sem sombra de dúvida o norte no qual a pesquisa está centrada.

Assim, para entender a vida econômica presente no interior nordestino, se fez necessário analisar as atividades que existiram e que existem em cada uma das sub-regiões propostas por Andrade (1998). Dentre as sub-regiões ganhou destaque o Agreste, com a investigação de duas importantes cidades, Arapiraca/AL e Itabaiana/SE. Por conseguinte, para entender a gênese de suas economias e os seus respectivos desenvolvimentos, apoderou-se do que propõe Mamigonian (2009), para quem o povo agrestino tem tido iniciativas únicas nesse processo, onde

¹ Santos ([1985] 2008, p. 90) mostra que “a cada momento histórico, pois, o que se convencionou chamar de região, isto é, um subespaço do espaço nacional total, aparece como o melhor lugar para a realização de um certo número de atividades”.

a mudança de uma economia natural para economia de mercado como aponta Rangel (2012b), vem marcar a vida econômica nessa sub-região.

Neste sentido, a presente dissertação foi escrita guiando-se não somente pelas constatações empíricas, mas através de um arcabouço teórico e metodológico que respondesse os questionamentos e indagações feitas mediante os objetivos propostos. Logo, revestindo a empiria, ampliando a visão no que concerne ao objeto de estudo e fortalecendo o rigor com o qual o pesquisador deve encarar a pesquisa. Para Silveira esse pesquisador, por exemplo,

Deve descobrir-inventar a variável-chave, isto é, o problema que comanda um sistema para compreender a produção da unicidade e da diferença numa plantação moderna, num campo de petróleo, numa área regulada pelos imperativos do mercado global. Encarnando os processos de construção histórica do meio técnico-científico-informacional, a situação permitir-nos-ia encontrar as mediações entre o mundo, seus eventos e a vida nos lugares (SILVEIRA, 1999, p. 26).

Diante disso, os objetivos percorridos durante o longo período da investigação estava estruturado em geral e específicos. O objetivo geral foi fazer uma análise da gênese e do desenvolvimento econômico das duas cidades apresentadas, atentando para a relação existente entre elas e suas respectivas sub-regiões, o Agreste. Centrou-se numa investigação histórica e da realidade atual de cada cidade, sem deixar de trazer para a discussão suas particularidades.

Destarte, alguns objetivos específicos foram traçados para atingir a proposta inicialmente apresentada: a) investigar e analisar as atividades econômicas presentes em cada período e sua importância no desenvolvimento econômico; b) analisar o papel que a feira livre teve no processo de desenvolvimento de Arapiraca, Itabaiana e do Agreste; c) compreender as mudanças e transformações presentes nas feiras livres, suas implicações no comércio e a relação existente entre os dois circuitos da economia urbana; d) investigar e apreender dentro do contexto socioeconômico os papéis desempenhados por estas cidades na escala estadual, regional e nacional; e) analisar as funções urbanas desempenhadas por Arapiraca e Itabaiana, como centro comercial e de serviços; f) analisar a importância do capital e mão de obra local empregados nas iniciativas comerciais e industriais; g) conhecer e discutir a evolução e o estágio atual de desenvolvimento da indústria nas duas cidades agrestinas em evidência.

Para contemplar os objetivos expostos face ao objeto de estudo, buscou-se trazer para a discussão alguns autores que tiveram suas pesquisas relacionadas com a temática proposta. Como ponto de partida foi utilizada uma base teórica de grandes geógrafos, tendo Manuel Correia de Andrade e Mário Lacerda de Melo, inspirando o estudo sobre a região Nordeste e suas sub-regiões. Ademais, autores como Armen Mamigonian, Ignácio Rangel e Lênin foram essenciais no entendimento do desenvolvimento econômico de Arapiraca e Itabaiana a partir de iniciativas locais, atrelado à ideia de combinação de Cholley (1964), para quem,

A geografia, por sua vez, toma a própria combinação como objeto de seu estudo, procura determinar os caracteres dessa combinação e as razões da convergência dos elementos que a compõem a repartição ou frequência dessa mesma combinação na superfície do globo (CHOLLEY, 1964, p. 139).

Juntamente com os autores referenciados, foram indispensáveis nessa análise, Araújo (1997), Carvalho e Costa (2012), Guedes (1999), Lima (1994), Menezes (1937), Santos e Silveira (2010) entre outros que contribuíram no desenrolar da pesquisa. Consequentemente, a mesma foi direcionada pela hipótese de que o desenvolvimento econômico de Arapiraca e Itabaiana tem sua gênese baseada na feira livre, atrelada as atividades agrícolas, responsável principal pelo nascimento e desenvolvimento de várias indústrias mediante iniciativas locais, contribuindo para a expressiva centralidade e dinamismo do comércio e da grande concentração de serviços.

Nota-se assim, que mediante a combinação de uma atividade apoiada em outra, e ambas contribuindo para criação de uma terceira atividade no próprio lugar, servindo a uma determinada população em sua totalidade, tem-se uma combinação com caráter geográfico, daí Cholley (1964, p. 141) apontar que “elas se realizam, sempre, por ocasião do exercício de uma das atividades necessárias à vida dos grupos humanos: atividade agrícola, de criação industrial etc.”, essas combinações têm então, provocado uma ocupação e organização do solo criando certa estrutura social, como foi possível verificar, por exemplo, com os primeiros núcleos de povoamentos em Alagoas, sendo que “a agricultura, era, evidentemente, a forma de atividade capaz de aí implantar maior densidade de povoamento” (CHOLLEY, 1964, p. 142).

O presente trabalho de mestrado intitulado como “*Arapiraca/AL e Itabaiana/SE – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros*”

regionais do interior do Nordeste brasileiro”, está estruturado em seis capítulos. Cada um traz discussões que levam ao entendimento do assunto tratado aqui, buscando atingir os objetivos propostos.

O capítulo 1 diz respeito a “Gênese e evolução: os alicerces da formação econômica no Agreste nordestino”. Tratar da economia nordestina, em particular da sub-região Agreste, nos dias atuais é ter em mente os vários períodos pelos quais a região passou ao longo desses cinco séculos de “descobrimento”. Em cada momento de sua história um evento predominava e envolvia toda sua vida, tanto social como econômica, o que leva a percepção de que,

A cada momento histórico cada elemento muda seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e, a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais e com o todo” (SANTOS, [1985] 2008, p. 20).

Assim sendo, a cana-de-açúcar, viria marcar fortemente a vida do povo nordestino num primeiro momento, refletindo economicamente no Brasil, sendo a base da economia brasileira por muito tempo. Começou então, a se formar a vida econômica nordestina, resultado também do comércio europeu em expansão, o que pode ser visto ao percorrer pelos ensinamentos de Diégues Jr. (2006), Furtado (2007), Guimarães (1989) e Prado Jr. (2012). Sendo por muito tempo a região brasileira mais dinâmica e rica do país, teve um sistema econômico sustentado pelos inúmeros engenhos que começavam a florescer (com um quantitativo de 230 engenhos em fins do século XVI, de acordo com os relatos de Diégues Jr. (2006)), com especial destaque para aqueles no estado de Pernambuco, onde foram descendo e ocupando as terras que mais tarde viria a ser o estado de Alagoas².

Não cabe na presente dissertação fazer uma análise acerca dos desdobramentos econômicos por quais passaram o Brasil e suas respectivas regiões. Porém, uma breve explanação sobre a formação econômica do Nordeste é

² “Irradiando-se de Pernambuco, como núcleo fundamental, esta sociedade expande-se pelo Nordeste, para as Alagoas, para a Paraíba, em grande parte para o Rio Grande do Norte dos primeiros tempos; talvez também para o Ceará. E também se projeta além do Nordeste geograficamente falando – o que se limita ao Sul, pelo Rio São Francisco –, através de Sergipe e do Recôncavo Baiano. É que aí a sociedade em formação encontrou condições similares de existência, nascida igualmente da agricultura canavieira. O Nordeste açucareiro não corresponde, culturalmente falando, aos limites geográficos de sua divisão política; expande-se além desses limites para projetar-se em outras áreas, onde a predominância da economia açucareira fixa, na feição da sociedade, as mesmas condições culturais da sociedade formada na área pernambucana” (DIÉGUES JR., 2012, p. 50).

essencial para entender a gênese econômica das cidades ou áreas mais dinâmicas presentes na referida região, mais precisamente, as localizadas no Agreste.

Posteriormente, já na metade do século XX, o Nordeste volta a ser destaque nos estudos e nos debates que envolvia a economia do Brasil. Tanto que foi por esta época que surgiu a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste/SUDENE como uma forma de discutir a questão regional a partir dessa região e tentar resolver os problemas que a envolvia e os tipos de investimentos possíveis para amenizar seus problemas. Porém, não foi fácil, era preciso encarar diversas resistências, com destaque para aquela elite açucareira e latifundiária que também dominavam e ainda dominam a política nordestina.

Dos anos de 1960 em diante, passou o Nordeste a demonstrar que tinha capacidade de desenvolver-se economicamente além da cultura canavieira, conduzindo a um processo significativo de mudança, o que se tornou visível, mediante o aumento do comércio e dos serviços. Diante das mudanças que vem atingindo o Nordeste, Araújo (1997, p. 8) apontou que “apesar de vista como *região problema* pela maior parte dos brasileiros, a economia nordestina apresentou entre 1960 e 1990 um excelente desempenho³”, não sendo mais possível continuar vivendo num conservadorismo marcado pelas implicações históricas de uma sociedade formada a partir de sistemas de explorações da terra.

Ao analisar a economia nordestina é preciso atentar para os vários setores da economia que estão movimentando a região, tendo como exemplo, as iniciativas regionais empresariais, como bem aponta Mamigonian (2009). Seguindo por este caminho, foi abordado dentro desta região as peculiaridades que envolvem cada uma de suas sub-regiões, indo da Zona da Mata ao Sertão. Sobressai o Agreste do estado de Sergipe a Alagoas, onde estão presentes a cidade de Itabaiana e Arapiraca, respectivamente.

O Agreste foi uma das sub-regiões ocupadas mais tardiamente, entretanto, é hoje uma das mais dinâmicas com um comércio exuberante. Seus comerciantes só têm vindo a aumentar e intensificar as relações econômicas com outras cidades

³ “A partir dos anos 60, impulsionadas por incentivos fiscais – 34/18-Finor e isenção do imposto sobre a renda, principalmente –, por investimentos de empresas estatais do porte da Petrobrás (na Bahia e Rio Grande do Norte) e da Vale do Rio Doce (no Maranhão), complementados com créditos públicos (do BNDES e BNB, particularmente) e com recursos próprios de importantes empresas locais, nacionais e multinacionais, as atividades urbanas – e dentro delas, as atividades industriais – ganham crescentemente espaço no ambiente econômico do Nordeste e passam a comandar o crescimento da produção na região, rompendo a fraca dinâmica preexistente” (ARAÚJO, 1997, p. 8).

circunvizinhas e outros estados. Para se chegar nessa dinamicidade, a presente sub-região contou com um evento tradicional no Nordeste do Brasil, a feira livre, que tem sua origem nas trocas – inicialmente dá-se no processo de comercialização entre a Metrópole e a Colônia. Hoje está fortemente presente em grande parte das cidades, o que pode ser verificado a partir das feiras livres em Arapiraca e Itabaiana.

O capítulo 2, “Notas sobre a formação econômica de dois estados do Nordeste brasileiro”, apresenta alguns apontamentos sobre a gênese econômica dos estados de Alagoas e Sergipe, buscando entender quais as relações dessa gênese com a economia e dinamicidade que envolve as duas cidades em análise.

Alagoas, surge através da cultura canavieira expandida para estas terras pelo estado pernambucano, formando inicialmente núcleos populacionais (Penedo e Porto Calvo, por exemplo) nas proximidades dos engenhos que “brotavam” neste território, como constatado mediante os escritos de Brandão (1919), Costa ([1929], 1983), Diégues Jr. (1944 e 2006), Duarte (1974), Lima (1965) e algumas das referências que nortearam a escrita deste capítulo.

A vida econômica em Alagoas foi marcada primeiro pela cana-de-açúcar, não sendo possível ignorar o papel da cultura canavieira na economia e no povoamento dos seus primeiros núcleos, por exemplo, onde Diégues Jr. (2006, p. 49), afirma que “é no desenvolvimento da agricultura da cana-de-açúcar que assenta a organização de cada um desses núcleos fundamentais do povoamento das Alagoas. É através da economia açucareira que se expande a colonização do território alagoano”. Posteriormente, o aumento referente ao quantitativo populacional e aos números econômicos contribuiu para sua independência.

Já no século XVIII o algodão passa a fazer parte integrante de sua economia, aumentando ano a ano sua produção, e, paralelamente com o açúcar, foram os responsáveis em quase sua totalidade pela economia do estado. Vale lembrar que o açúcar sempre foi o produto de maior destaque e importância, mesmo o algodão chegando a ocupar lugar privilegiado em certos períodos. O cultivo do algodão, principalmente no interior, foi um dos responsáveis pela ocupação dessa parte do território, contribuindo com a formação econômica juntamente com a criação do gado, colocando o interior em evidência. Apoiados em outras atividades e culturas, contribuíram para o mercado que aí surgia, para as relações que estavam se estabelecendo entre litoral/interior, bem como entre o estado e o mercado nacional e internacional – visto que antes esse comércio ficava restrito a Pernambuco e Bahia.

O estado de Sergipe também é evidenciado neste segundo capítulo, abordando um pouco de sua história econômica e os eventos que o marcaram. Autores como Almeida (1984), Diégues Jr. (2012), Diniz (1969), Mendonça (2014), Nascimento (1994) e Subrinho (1987), foram essenciais no que concerne à economia sergipana. Sergipe pertencia ao estado baiano, tendo no açúcar (sendo também, área de expansão da lavoura canavieira) e no algodão (atividade mais forte no Agreste e Sertão) sua base econômica, o que era comum por esta época nos estados nordestinos. Os primeiros núcleos de população de destaque surgem graças, sobretudo, a esses produtos e a pecuária, Laranjeiras, São Cristóvão e Estância, mas, que ao longo da história foram perdendo importância, não por completo, para a capital Aracaju.

Sergipe, assim como Alagoas, veio exportar diretamente para outros estados e exterior somente na segunda metade do século XIX. No Brasil, o principal mercado dos tecidos sergipanos, era o estado do Rio de Janeiro. A fabricação desses deveu-se ao forte surto algodoeiro que estava tendo não somente em Sergipe. Entretanto, após altos índices nas produções, o algodão teve uma queda da qual não voltaria a ser o que era antes, não representando mais a economia sergipana de frente.

Do momento em que o algodão estava em alta, várias cidades começaram a receber um quantitativo de comerciantes, onde se estabeleciam e desenvolviam seus negócios juntos com os que já existiam nas cidades interioranas, cita-se Itabaiana, que desde o nascimento de Sergipe já vinha sobressaindo economicamente, tendo no gado um elemento fundamental em sua economia, ganhando impulso posteriormente, com os sistemas de transportes que estavam sendo implantados no estado interligando o litoral ao interior.

No capítulo 3, “Gênese econômica em dois centros regionais do Interior: o caso de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE”, ganha espaço o debate relacionado sobre as influências que estas sofreram a partir das atividades econômicas de seus estados e circunvizinhança, passando pelos principais eventos que levaram-nas a se tornarem centros dinâmicos dentro dos seus estados e região.

Arapiraca apresenta sua gênese econômica relacionada fortemente com as atividades agrícolas atrelada a feira livre que surge como a primeira forma de comércio. Dentre os tipos de cultura produzida, primeiramente, tem-se a mandioca, principal produto em terras arapiraquenses, substituída pelo cultivo de fumo. De acordo com Guedes (1999, p. 285), “em 1945 a produção de fumo tomou grande

impulso, a feira livre e o comércio aumentaram consideravelmente seus espaços”, podendo ser visto também nos relatos de Lima (1965) e Diégues Jr. (1944).

A localização “privilegiada” no centro do estado e o uso mais diversificado e menos concentrado da terra, têm contribuído no desenvolvimento de práticas econômicas ausentes em outras sub-regiões. A feira livre, típica do Nordeste e mais fortemente enraizado no interior, é sem sobra de dúvida uma forma de comercialização que está na gênese econômica de Arapiraca. Associada a atividades agrícola e nos sistemas de transportes que se instalavam na cidade, foram os responsáveis pelo desenvolvimento por qual vinha passando, surgindo com o tempo, pequenos empresários e industriais locais.

A gênese da economia itabaianense data do século XVI, o que permitiu revisitar sua história e entender todas as fases que envolve a vida econômica da mesma. Autores como Bispo (2013), Carvalho (2010), Melo (1980), Mendonça (2014), Nascimento (1994) entre outros, foram indispensáveis nesse entendimento. Vale lembrar que a cidade nasce basicamente com seu próprio estado, com o primeiro aglomerado surgindo de fato no século seguinte, o que faz dela uma cidade secular, porém, se emancipando somente em 1888.

A cidade recebeu diversas denominações e atividades diversificadas, envolvendo desde o tanger das boiadas que por aí passavam e terminavam fixando-se, marcando o primeiro momento da vida econômica; a lendária busca pelo ouro das serras itabaianense; o cultivo da cana e do algodão; e a comercialização na tradicional feira livre das produções de bata-doce, hortaliças e diversas outras presentes atualmente em seu território. A presença de diversas atividades agrícolas a coloca como grande produtora, distribuidora e também consumidora desses produtos, passando a ser grande centro no interior sergipano.

“As feiras livres em tempos de contemporaneidade e os circuitos da economia urbana”, é tema do capítulo 4, trazendo uma discussão acerca da proposta do Circuito Superior/CS e do Circuito Inferior/CI da economia urbana (SANTOS, [1979] 2008), relacionando-os com o comércio voltado para a feira livre. Para entender a relação entre os dois circuitos e a feira, Contel (2009), Montenegro (2006), Silveira (2009) e outros, serviram de base nesse entendimento, apoiando-se também em outros autores como Lênin ([1917] 2010) e Rangel (1981) que fizeram uma discussão acerca do papel do capitalismo, com destaque para o financeiro, um dos pilares do CS.

A feira inserida fortemente no CI é essencial para entender a economia de Arapiraca e Itabaiana. A feira proporcionou uma maior dinamicidade, principalmente, nos dias de realiação das mesmas, atraindo pessoas não somente para comercializar, como para usufruir dos variados serviços prestados pelas cidades. Andrade (1979), Braudel (1998), Dantas (2007), Gaspar (1986), Guedes (1999), Melo (1980) e Pazera Jr. (2003), por exemplo, ajudaram nesse entendimento.

Arapiraca a partir de suas atividades agrícolas e sua tradicional feira livre foi desenvolvendo um comércio que aos poucos se diversificava, negociando com produtos advindos de uma produção rural e urbana (destinados inicialmente para o mercado interno), bem como negociando com produtos advindos de outros lugares. Em relação a produção agrícola, foi possível conhecer as principais produções em Arapiraca e cidades vizinhas, destacando a Microrregião do Agreste Alagoano.

Paralelamente a atividade agrícola e o comércio de feira livre – neste caso a discussão volta-se para sua importância, os agentes que dela participam e seu papel na economia da cidade – surgem estabelecimentos, empresas e indústrias, resultados daqueles que utilizam-se das oportunidades e da força de vontade para se estabelecerem como grandes representantes da economia local, trazendo certos tipos de serviços que contribuem na centralidade de Arapiraca. Assim, nota-se que “se o circuito inferior oferece à população pobre um grande número de empregos, é graças à soma de possibilidades oferecidas pela multiplicidade de pequenas empresas, em geral familiares ou individuais” (SANTOS, [1979] 2008, p. 223).

Em Itabaiana a discussão sobre o papel desempenhado pela feira livre vem desde o momento em que começou a se estabelecer a feira de gado por estas terras. Hoje existe uma gama de produtos comercializado na feira, tanto os produzidos internamente, já que sua produção é referência, como os de origem de regiões e países outros, que chegam graças a forte presença do caminhoneiro, que desempenha papel ativo na economia itabaianense. Itabaiana destaca-se na agricultura, nos serviços e no comércio, abrangendo grande área ao seu redor, de onde deslocam-se inúmeras pessoas, atraindo um maior número de funções para si.

O capítulo 5 trata dos “Feirantes e Fregueses: dois atores de destaques nas tradicionais feiras livres de Arapiraca e Itabaiana”. A abordagem abrange desde dados como idade, escolaridade e estado civil, até os produtos comercializados, as origens, as formas de compra e venda entre outros assuntos relevantes no

entendimento desse comércio. Carneiro e Pereira (2014), Sá (2011) etc., auxiliaram na relação teoria/empíria mediante o trabalho de campo.

A negociação por parte dos feirantes é das mais diversas, atraindo uma clientela que se torna fixa, ao tempo em que adquirem conhecimentos voltados ao comércio. Dentre as formas de pagamento das mercadorias compradas, pode-se citar o fiado (crédito “informal”) e o pagamento feito mediante o uso do cartão de crédito (crédito formal), duas formas distintas dos circuitos da economia urbana. O último caso está fortemente relacionado a presença do meio técnico-científico informacional (SANTOS, [1996] 2008), representado por vários aparelhos eletrônicos presentes no comércio a céu aberto, comércio de feira, o comércio do CI.

Em relação aos produtos comercializados é possível encontrar tanto os ditos “tradicionais” como os que adveem das indústrias, sejam as locais ou não. Para a comercialização é necessário uma mão de obra, sendo a grande maioria parentes dos próprios feirantes. Junto com essa mão de obra está presente o papel do freguês, constituindo-se num dos principais atores desse evento. O item 5.2 trás informações levantadas através do trabalho de campo, sobre a relação dos fregueses com os feirantes e o comércio ao redor da feira livre.

Por fim, tem-se o capítulo 6 com algumas “Notas sobre a organização espacial das principais atividades econômicas nos dois centros regionais em análises”. Neste capítulo, inicialmente foi apresentado alguns apontamentos a respeito das principais funções presentes em Arapiraca e Itabaiana, não se aprofundando nessa discussão. A intenção foi mostrar que as funções por elas exercidas têm contribuído para que as duas cidades sobressaíssem em relação às demais. Logo, permitindo, a partir dessa temática, a abertura de espaço para novas pesquisas, uma vez que é bastante interessante e de cunho importante para entender a dinamicidade presente no interior alagoano e sergipano.

Em Arapiraca a economia está fortemente atrelada ao comércio e aos serviços, setores de destaques. Informações constatadas mediante o quantitativo de estabelecimentos espalhados por toda a sua Microrregião. O comércio variado, apresenta grande dinamicidade e número expressivo de estabelecimentos voltados, para o setor de roupas e alimentação, com presença de redes de supermercados locais como internacionais, a exemplo do Grupo Walmart e Carrefour.

Grande parte dos estabelecimentos pertencem a micro e pequenos comerciantes arapiraquenses, que vem ganhando mercado e se fixando como os

grandes comerciantes da cidade e arredores, muitos atingindo patamares maiores, com raio de abrangência em todo o Brasil, destacando o ramo industrial, percebendo que “o mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vêm matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens” (SANTOS, [1985] 2008, p. 25).

Arapiraca tem ganhado destaque em relação aos serviços educacionais, desde a creche e o pré-escolar, até o ensino superior, seja público, privado, presencial e/ou à distância. Os serviços de saúde também é referência, com a Unidade de Emergência do Agreste/UEA e outros tantos hospitais públicos e particulares, além de inúmeras clínicas em diversas especialidades. Sobressai também os serviços bancários, concentrando sete dos onze bancos presentes no território alagoano, a exemplo do Banco do Brasil/BB e da Caixa Econômica Federal/CEF. Esses e outros serviços contribuem no desenvolvimento da cidade, tornando-a centro regional no interior de Alagoas.

De cidade tipicamente conhecida como terra do ouro, passou Itabaiana a se destacar pela grandiosidade de seu comércio e pela quantidade expressiva de serviços. Da feira de gado de fins do século XVI, passando por diversas outras culturas, até uma variedade de funções presentes atualmente, destacam-se algumas relacionadas com o transporte, em especial o caminhão, o que proporcionou expansão do comércio e surgimento de algumas indústrias que passaram a integrar as já existentes e tradicionais indústrias ceramistas.

Itabaiana contribuiu significativamente para que sua Microrregião apresentasse em 2012 um quantitativo de 75% de estabelecimentos nos setores de comércio e de serviços, o que a torna grande referência no interior. Além do comércio voltado ao transporte, conta também com uma forte comercialização de roupas, joias, ramo alimentício – com destaque para as cadeias de supermercados – produtos cerâmicos e de concretos, bem como com forte presença de serviços educacionais, de saúde e bancários. Itabaiana conta com uma grande quantidade de clínicas nas mais variadas especialidades, hospital regional e outros estabelecimentos voltados a saúde, atendendo diversas cidades. A presença da Universidade Federal de Sergipe/UFS e outras instituições particulares de ensino superior tem contribuído para fortalecer os serviços de educação no interior.

Nesse capítulo o setor industrial, um dos pilares do desenvolvimento econômico nessas cidades, tem na presente pesquisa grande importância, já que

sua análise parte do entendimento de como o empresariado local tem surgido e se solidificando. Atentando para sua gênese e o seu respectivo desenvolvimento. Vale lembrar que esse processo de industrialização vai além dos objetivos da SUDENE – que será abordado de forma sucinta – passando pelas iniciativas locais, características das cidades do interior nordestino, em especial as do Agreste.

Para chegar nesse objetivo foi fundamental os ensinamentos de Lima (1997), Mamigonian (1965, 2009), Melo (1980) e Santos (1977a), mostrando que sem a necessidade de capital externo, apenas com o capital local (capital próprio adquirido com o tempo nas suas mais diversas ocupações, seja na feira, no trabalho no campo ou no próprio comércio local), a mão de obra e as poucas técnicas empregadas é possível dar início a negócios que se desdobram com o passar do tempo em empresas de grande porte para a economia da cidade. Levando a crer que,

A fabricação não precisa ser estabelecida no local de produção da matéria-prima, nem tampouco, no do consumo dos produtos. Além da necessidade que se impõe, então, de organizar a ligação necessária entre os elementos de uma mesma combinação, depreende-se que a repartição dos limites de atividade responderá mais diretamente às condições de mão-de-obra e da técnica (transporte, organização dos mercados), que à influência das condições materiais (CHOLLEY, 1964, p. 143-144).

Em relação a Arapicara é feita referência a mandioca e ao fumo como os primeiros produtos a passarem por um processo de transformação, os primeiros indícios do processo industrial, comercializado por seus próprios donos na feira. Começa a surgir as primeiras fabriquetas, com pouca maquinaria, mão de obra em sua maioria familiar e investimentos locais, o que foi constatado mediante o trabalho de campo realizado em algumas das principais indústrias da cidade.

Itabaiana conta com a presença de um tipo de indústria local que é uma particularidade da cidade, as indústrias voltadas para a fabricação de carrocerias para caminhões e as fábricas de cerâmicas, que tiveram sua gênese atrelada as pequenas serralherias e ao aumento de caminhões e diversas olarias, como mostra Bispo (2013), Carvalho (2010) e Mendonça (2012). Para entender essa gênese veio à tona o papel do caminhoneiro, que tem influenciado as iniciativas industriais da Capital Nacional do Caminhão. Exemplos de iniciativas locais foram trazidas para discussão, onde o trabalho de campo realizado em algumas cerâmicas e carrocerias para caminhões contribuíram significativamente nesse caminhar.

CAPÍTULO 1

**Gênese e evolução: os alicerces da formação econômica no Agreste
nordestino**

1.1. Da formação econômica no Nordeste brasileiro: percorrendo pelas particularidades de uma Região

Ao realizar estudos sobre a formação econômica do Nordeste brasileiro, se faz necessário direcionar dentro dos estudos regionais os eventos que marcaram cada período da sua história. Num primeiro momento⁴, o que se destaca economicamente na região, assim como no Brasil de forma geral, é o próprio engenho de açúcar, como o seu centro mais importante, “essa unidade produtora – o engenho – foi a célula da sociedade colonial, tornando-se por muito tempo, a base econômica e social da vida brasileira” (GUIMARÃES, 1989, p. 64). Posteriormente, vieram o tabaco, o algodão e outros gêneros, que juntamente com o café, o ouro e o diamante, constituíram as bases em que se organizaria a economia brasileira e sua sociedade, bem como o próprio comércio europeu.

Para Diégues Jr. (2006, p. 9), o Nordeste brasileiro “foi o primeiro centro econômico de produção, primeiro centro social, de formação da sociedade brasileira, primeiro centro de relações demográficas”, tendo o engenho como base econômica da região, que por sua vez, foi também responsável pela constituição de núcleo social de extrema importância na colônia. Essa base econômica viria futuramente formar também a base política do Brasil, tanto que “a hegemonia econômica e política, dentro do nosso país, passa das mãos dos senhores de engenho para as dos fazendeiros de café” (GUIMARÃES, 1989, p. 124).

De fato, o Nordeste foi à primeira região a ser ocupada e explorada pelos colonizadores a partir do século XVI, com destaque para os colonizadores portugueses. Durante mais ou menos dois séculos, a região representou o que tinha de mais dinâmico economicamente no território nacional. Seguindo essa linha de pensamento, Diégues Jr. (2006, p. 15) relata que, “a COLONIZAÇÃO do Brasil iniciou-se com a construção de engenhos; o crescimento numérico destes refletia o desenvolvimento econômico da então colônia portuguesa”, verificando-se que foi através do cultivo da cana que se constituiu o seu sistema econômico.

⁴ É importante lembrar que antes mesmo da cana de açúcar a economia brasileira, assim como “na maior extensão da América ficou-se, a princípio, exclusivamente nas madeiras, nas peles, na pesca; e a ocupação de territórios, seus progressos e flutuações subordinam-se por muito tempo ao maior ou menor sucesso daquelas atividades. Viria depois, em substituição, uma base econômica mais estável, mais ampla: seria a agricultura” (PRADO JR., 2012, p. 17).

Segundo Furtado (2007, p. 25), “a ocupação econômica das terras americanas constituiu um episódio da expansão comercial da Europa”, passando a integrar cada vez mais a economia europeia, mediante capitais e técnicas impostas num território praticamente ‘natural’ – onde “as pessoas dependiam muito das condições do meio natural em virtude de sua tecnologia rudimentar e de hábitos e tradições seculares” (SILVA, 1974, p. 32) –, criando bens destinados a esse mercado exterior que começava a fincar raízes no Brasil, então colônia portuguesa. Porém, como bem destaca Prado Jr., (2012),

A América, com que toparam nesta pesquisa, não foi para eles, a princípio, senão um obstáculo oposto à realização de seus planos e que devia ser contornado. Todos os esforços se orientam então no sentido de encontrar uma passagem cuja existência se admitiu *a priori* (PRADO JR., 2012, p. 15).

Nota-se que no início o que interessava aos colonizadores não era o povoamento dessas terras, e sim, o comércio. Tanto, que depois da chegada dos portugueses, dos negros e dos índios que aqui estavam, a presença do judeu, trazido por Duarte Coelho, foi um elemento de destaque no que se refere às relações voltadas ao comércio. Os judeus traziam consigo experiências, de maneira que as relações comerciais eram feitas no sentido de que “vendendo sempre e muito pouco comprando, criou o judeu às dificuldades financeiras em que se viram envolvidos um dia os senhores de engenho” (DIÉGUES JR., 2012, p. 45). Através desse comércio, viu-se o judeu inserido nos diversos tipos de relações que estavam sendo criadas, bem como penetrando profundamente à sociedade em formação.

O Nordeste é uma região geográfica que foi ocupada de forma bastante diversificada, tanto em extensão como em sua natureza e intensidade. Certamente foi a região que outrora impulsionou o desenvolvimento do capitalismo comercial, dada à intervenção do português. Atribui-se a esse desenvolvimento “o descobrimento e a organização do território brasileiro, em geral, e do Nordeste em particular” (ANDRADE, 1979, p. 13). Neste sentido, o capitalismo vai ser resultado, conforme explica Lênin (1982, p. 30), “de uma circulação de mercadorias largamente desenvolvida, que ultrapassa os limites de um país. Um país capitalista sem comércio exterior é impensável – e, aliás, não existe”.

Cada uma das regiões brasileiras, apesar de no geral serem definidas de acordo com características comuns, elas apresentam suas particularidades, o que as tornam únicas, diferenciando-as umas das outras, seja em relação as suas

características físicas, econômicas, culturais, gastronômicas entre tantas outras. Logo,

Não é suficiente identificar áreas distintas pela *homogeneidade*, geralmente tratadas como a forma de organização em torno da produção ou áreas distintas quanto à cidade que centraliza funções de relação para a população, ou seja, a *centralidade*. Também não basta acrescentar a padronagem das áreas segundo a organização dos *fluxos* dos produtos e que vai identificar a interligação de áreas na organização da produção (matérias-primas que fluem para centros industriais, por exemplo), e relações espaciais de produção e consumo. É necessário alcançar o, significado dêstes elementos como expressão espacial do processo socioeconômico do país, através da qualificação dos espaços regionais que integram. É preciso, pois, atingir a descrição da estruturação regional e de sua evolução, tarefa difícil sem dúvida, bem como definir e qualificar regiões (GEIGER, 1970, p. 159-160).

Então, “vale enfatizar essa necessidade de analisar a região em seu conjunto e de buscar reconhecer uma ‘personalidade regional’, ou seja, buscar reconhecer seus aspectos particulares” (GRIMM, 2011, p. 54). Sendo assim, é possível ainda apontar, segundo Andrade (1998, p. 20), que as diversidades regionais “têm grande influência nas formas de exploração da terra e, conseqüentemente, no modelamento da paisagem cultural”.

O Nordeste tem demonstrado ser uma importante área de pesquisa, vindo à tona constantemente em debates travados nos mais variados setores da sociedade, afirmando-se como uma das regiões mais estudadas nas últimas décadas, mais precisamente a partir dos anos de 1950⁵. Foi a partir dessa década que o regional passou a ser encarado como questão, sendo um referencial para se compreender e atuar sobre o território nacional. De acordo com Lencioni (1992),

As desigualdades do desenvolvimento territorial não eram um fato novo. Novidade era apenas que a preocupação com as diferenças territoriais, denominadas de desequilíbrios regionais, passaram a ser uma questão de Estado, norteando discursos e planos governamentais de intervenção num determinado espaço, num quadro de franca alteração econômica do Sudeste – face à montagem de um moderno parque industrial promovido pelo Plano de Metas do governo JK – onde as desigualdades regionais acabaram se reduzindo apenas às desigualdades do Nordeste com relação ao Sudeste (LENCIONI, 1992, p. 84).

⁵ Podem ser citados alguns autores que já estudavam a realidade Nordestina, mas que intensificaram seus estudos e trabalhos relacionados com essa região, como ANDRADE (1970a, 1970b, 1974), ARAÚJO (1997), CARDOSO (1963, 1965 e 1967), CORRÊA (1965), GEIGER (1970), MELO (1962, 1963 e 1980), PROST (1968), ROCHEFORT (1964), SANTOS (1956 e [1959] 2012) entre outros autores.

A criação da SUDENE⁶ em 1959 possibilitou fazer uma análise mais aguçada no que diz respeito às desigualdades e aos problemas por quais vinha passando o Nordeste, discutindo com mais afinco as propostas futuras de investimentos para essa região. Em sua tese de doutorado, Grimm (2011), chama atenção para o enfrentamento dessas desigualdades,

A criação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em 1959, sob o comando do economista Celso Furtado representou um marco. Naquele momento, buscava-se resolver os graves problemas sócio-econômicos do Nordeste brasileiro através de um programa voltado para a sua industrialização, incentivado por políticas tributárias. Esta grande região caracterizava-se ainda pela predominância de estruturas econômicas tradicionais, com a presença de latifúndios improdutivos (sobretudo no sertão) e de minifúndios, em grande parte incapazes de prover as necessidades de uma família devido a falta de apoio pelas instâncias governamentais (GRIMM, 2011, p. 72).

A SUDENE, a partir de sua criação, surge com a pretensão de ser um órgão de natureza renovada que segundo Furtado (2009, p. 35) tem um duplo objetivo, o “de dar ao governo um instrumento que o capacite a formular uma política de desenvolvimento para o Nordeste e, ao mesmo tempo, o habilite a modificar a estrutura administrativa em função dos novos objetivos”. Esse órgão trouxe consigo novas formas de lidar com os problemas encontrados no Nordeste, tanto no aspecto econômico, quanto nas ações administrativas⁷.

Não era fácil colocar em prática seus objetivos. A luta na defesa de um Nordeste mais forte e consolidado, exigiria uma ação conjunta e uma maior integração por parte dos governantes de cada estado que compunha a região. A ação isolada de cada governante colocaria em risco os objetivos do referido órgão. Foi preciso enfrentar diversos tipos de resistências, principalmente, das elites nordestinas, que tinham medo de perder suas regalias.

A SUDENE passou então, a enfrentar não apenas a seca que assolava e ainda assola o Nordeste, mas, a combater de forma direta à pobreza e à seca a

⁶ “A Lei da Sudene, encaminhada em fevereiro de 1959, arrastou-se de comissão em comissão e só foi aprovada em dezembro. O primeiro plano diretor, enviado ao Congresso em maio de 1960, só teve aprovação em dezembro de 1961” (FURTADO, 2009, p. 14-15).

⁷ “Anteriormente outros órgãos já haviam aí atuado, como o IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – de 1909, que mais tarde, em 1946, se transformou no DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Aquela Inspetoria, do início do século, teve suas raízes já no Império, com a ‘Comissão de Açudes’, criada em 1881. Ao lado de outros órgãos, essa Comissão acabou formando uma Superintendência, em 1906, denominada Superintendência de Estudos e Obras Contra as Secas, que inspirou o IFOCS, que como foi dito, se desdobrou no DNOCS e na SUDENE” (LENCIONI, 1992, p. 85).

partir de uma economia regional, indo além dos interesses dos latifundiários do açúcar e dos antigos planos que eram direcionados a socorrer as vítimas das secas em determinadas épocas. Era na verdade investimento que possibilitasse a criação de novas formas de vidas, já que no “Nordeste, formou-se desde meados do século XVI uma economia de exportação que, como toda economia de exportação, cresceu à medida que a demanda externa permitiu que crescesse: a economia do açúcar” (FURTADO, 2009, p. 37).

Diante dessas observações, o quadro 1 (Nordeste: Problemas econômicos na época da implantação da SUDENE – Década de 1950-60) mostra sucintamente como encontrava-se o problema econômico da região em relação ao Brasil.

Quadro 1 – Nordeste: Problemas econômicos na época da implantação da SUDENE – Década de 1950-60

A renda média da população nordestina é das mais baixas do continente e não chegava à terça parte da população do Centro-Sul do país.
Em razão da maior concentração da renda no Nordeste, a disparidade entre níveis de vida é bem maior que aquela observada entre níveis de renda <i>per capita</i> , sendo também maior a disparidade entre os níveis de vida das populações rurais que entre as urbanas.
Uma estimativa extremamente conservadora indicou que existe nas cidades do Nordeste mais de meio milhão de pessoas desempregadas, o que representa mais da quarta parte da população urbana em idade de trabalhar.
O fenômeno das secas afeta quatro quintas partes do território nordestino e mais da metade da população regional; dadas as condições atuais de organização da produção, pelo menos metade da população em idade de trabalhar é reduzida à indigência naqueles pontos diretamente afetados pela seca.

Fonte: FURTADO, C. **A saga da Sudene:** (1958-1964). Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional C. Furtado de Política para o Desenvolvimento, 2009. il. – (Arquivos Celso Furtado; v. 3). Elaboração. FIRMINO, P. C. S.

Juntamente com o papel desempenhado por esse órgão de cunho bastante expressivo no desenvolvimento do Nordeste, estão os debates feitos em universidades e em órgãos federais e estaduais⁸ que vieram surpreender muitos estudiosos e pesquisadores, desmistificando interpretações equivocadas e tendenciosas a respeito da economia, cultura e do desenvolvimento dessa região.

⁸ A partir de um levantamento feito no site da Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/FFLCH-USP, acerca dos trabalhos desenvolvidos sobre o Nordeste brasileiro e seus respectivos estados, no período de 2005 a 2014, de um total de 560 teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana/PPGH cadastradas na referida biblioteca, 33 faziam referências ao Nordeste, representando 5,9% da produção nesse período. Analisando as teses e dissertações cadastradas no site da FFLCH, foram encontradas, no período compreendido entre 1942 a 2012, 1866 teses e dissertações entre Geografia Física e Humana. Nota-se que de 1942 a 1999 (um período de 57 anos), foram encontradas apenas 46 publicações, enquanto que num período de 12 anos (2000 a 2012) foram encontradas 39 publicações, totalizando 85 publicações, o que corresponde a 4,55% do quantitativo geral. Logo, percebe-se que o Nordeste vem ganhando espaço também nas principais universidades do Brasil, como a USP, mesmo que ainda de forma tímida.

A década de 1950 foi emblemática, colocando o papel da Geografia em destaque nas mais diversas pautas. Segundo o Geógrafo Mamigonian, esse período pode ser considerado como “os anos dourados da Geografia Brasileira”⁹. Daí a importância para a construção do objeto de estudo a respeito do tema aqui proposto, bem como a desmistificação da ideia do Nordeste como região problema.

De fato o Nordeste não é um problema, mas, convivi com ele cotidianamente¹⁰, desde os deixados por uma “herança” dos colonizadores e que perpassa aos dias presentes, até aqueles ocasionados pelas grandes corporações e empresas multinacionais que se instalam no território com a “benção” das elites governantes. São problemas os mais variados e omitidos por parte dos representantes políticos que, por sua vez, representam o que há de mais arcaico na política nordestina. São as oligarquias de outrora que estão impregnadas nas raízes desta terra e que buscam apenas promover mudanças que beneficiem o monopólio da cana, favorecendo a concentração de terras nas mãos destes.

Para ultrapassar esses obstáculos criados desde a chegada dos colonizadores e desenvolver-se economicamente de forma mais consolidada, é preciso utilizar a grande diversidade e o grande potencial apresentado pelo Nordeste, de maneira, a dinamizar a região num contexto mais geral, como vem acontecendo em algumas áreas específicas, já que,

O desenvolvimento da economia nordestina tem recebido seu impulso básico, até o presente, do setor exportador. Foram as exportações de açúcar, algodão, cacau, fumo, couros e peles, algumas oleaginosas e uns poucos minérios que lhe permitiram alcançar o atual grau de limitado desenvolvimento (FURTADO, 2009, p. 85).

⁹ Em uma palestra proferida no “*Seminário Nacional Contribuição à Geografia Brasileira: encontro de gerações*”, na Universidade Federal da Bahia/UFBA – que teve como objetivo principal “discutir temas relevantes da geografia Brasileira – dos mais variados ramos da Geografia Física e da Geografia Humana – desenvolvidos por pesquisadores, reconhecidos a nível nacional e internacional” (FIRMIINO, 2015, p. 177) –, Mamigonian levou para discussão a importância que a Geografia Brasileira começou a ter nesse período, destacando o nome de grandes geógrafos que a partir do desenvolvimento de seus trabalhos, contribuíram para a história da Geografia Nacional. Pode-se destacar o geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, João José Bigarella, José Bueno Conti, Rosa Ester Rossini, Pedro Pinchas Geiger entre tantos outros renomados geógrafos. Essa foi justamente a década que veio representar “os anos dourados da Geografia Brasileira”, afirmou o geógrafo.

¹⁰ Conforme relata Andrade (1998, p. 19), esses problemas são “ora de ordem geográfica – condições climáticas e edáficas, sobretudo –, ora de ordem histórica – respeito a estruturas e tradições arcaicas que necessitam sofrer grande transformação, mas que resistem às modificações sugeridas pelo evoluir dos tempos –, ora de ordem social, ora de ordem técnica, mas, sobretudo, de ordem econômica –, baixa produtividade, ausência de planejamento, má distribuição, etc.”.

Os problemas e dificuldades, resultantes de um momento histórico anterior, das relações estabelecidas desde o século XVI e que se estendem até os dias presentes, têm contribuído na marginalização do Nordeste frente aos investimentos, concentrando-os no eixo Sul-Sudeste. O Nordeste tem suportado as grandes transferências, tanto de mão-de-obra, quanto de capitais, que são absorvidos e incorporados pelo processo econômico que envolve o resto do País,

Tanto no Centro-Sul, onde se estêve montando o arcabouço inicial do parque industrial brasileiro, quanto nas novas áreas que, como parte do esforço geral de desenvolvimento, estão surgindo continuamente nas zonas pouco ou não habitadas (RANGEL, 1959, p. 419).

Nesse sentido, percebe-se que desde o século XVIII, frente às ideias de um Nordeste “pobre”, tem ocorrido uma leva muito grande de nordestinos para outras regiões brasileiras. Assim, torna-se numa

Grande fornecedora de migrantes para as outras regiões, a fim de trabalharem na mineração, no surto da borracha, na expansão cafeeira, nas obras de modernização do Rio de Janeiro e de São Paulo, na ocupação do Centro-Oeste e na construção de Brasília (ANDRADE; ANDRADE, 1999, p. 94).

Então, é preciso conduzir os problemas de outrora, que ainda estão presentes em grande parte dos estados nordestinos, de forma a transformá-los, fazendo crescer esta região que foi, por muito tempo, ora explorada ora deixada de lado. Entretanto, a compreensão desses problemas requer bastante cuidado, já que tem sido prejudicada

Pela excessiva ênfase atribuída aos aspectos regionais da questão, havendo generalizada tendência, ora explícita, ora apenas implícita, a estudar a economia do Nordeste, não como parte integrante da economia regional, mas como uma economia virtualmente autônoma (RANGEL, 1959, p. 429).

A formação apontada na análise faz parte de um conjunto de transformações visíveis no Nordeste, que vem impulsionando e dinamizando as várias atividades econômicas aí desenvolvidas, conduzindo a região a um processo de mudança. É preciso saber “como se relacionam os homens entre si em suas atividades produtivas, e como se comportam, uns relativamente aos outros e ao conjunto da coletividade, no exercício de suas funções econômicas” (ANDRADE, 1998, p. 17).

Em relação às transformações presentes no Nordeste, o gráfico 1 (Região Nordeste: Número de estabelecimentos – Grande Setor 1985/2012) mostra como

aumentou o quantitativo de estabelecimentos de acordo com os grandes setores da economia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, desde a década de 1980. Dentre os cinco setores, chama atenção o de comércio e serviços, que tiveram um aumento bastante expressivo. O primeiro passando de 48.221 estabelecimentos em 1985 para 263.642 estabelecimentos no ano de 2012. Segue em segundo lugar o comércio, que passou de 40.473 estabelecimentos para 192.837 estabelecimentos. O que equivale a um aumento de 545,73% e 476,45% respectivamente. Porém, as maiores taxas de crescimento referem-se à agropecuária com 1462,95% de aumento e a construção civil com 1060,19%. O que menos apresentou taxa de crescimento foi o industrial, com apenas 389%.

A partir dessas informações, verifica-se que, em 1985 os setores do comércio e serviços juntos, eram responsáveis por 83% dos estabelecimentos, enquanto que a indústria, construção civil e agropecuária representava apenas 17%. Entretanto, comércio e serviços tiveram uma diminuição no ano de 2012, uma vez que a construção civil e a agropecuária tiveram um aumento considerado, como pode ser observado mediante o gráfico 2 (Região Nordeste: Porcentagem de estabelecimentos – Grande Setor 1985) e o gráfico 3 (Região Nordeste: Porcentagem de estabelecimentos – Grande Setor 2012).

Entretanto, os governantes e representantes políticos, no auge da sede pelo poder e pelos benefícios próprios, sempre tentaram relacionar as mudanças destinadas à região com os seus próprios projetos, contribuindo com a expansão da cultura canavieira e com os interesses dos grandes proprietários de terras¹¹, uma vez que, as oligarquias nordestinas são também os representantes políticos da região¹². Essa realidade que já tem ultrapassado séculos pode ser vista a partir do que Diégues Jr. aponta em seu livro *“O Engenho de Açúcar no Nordeste”*, mostrando que desde cedo o engenho,

Se constituiu não só grande centro de vida social como de produção econômica. Sua influência até então se alargara e absorvia também

¹¹ Para Carvalho (2012, p. 23), “o mundo rural em Alagoas continua refletindo os traços mais fortes herdados do seu passado colonial: concentração da terra, ausência de diversificação produtiva, pobreza e degradação ambiental”. Dessa forma, o mesmo autor chama atenção para concentração de terras, onde “as 96 mil unidades com menos de 10 hectares, mais os 5.540 produtores sem área, possuem um espaço agrícola menor que as 53 maiores propriedades rurais alagoanas, que, juntas, somam 360 mil hectares” (CARVALHO, 2012, p. 19).

¹² Andrade (1984, p. 31) aponta que “o sistema imposto por uma minoria – as classes dominantes – sobre uma maioria dominada elabora uma série de padrões sociais que corresponde aos seus interesses e aspirações, e se utiliza dos aparelhos do Estado para fazer a atividade de repressão e de legitimação dos ideais elaborados”.

as áreas urbanas; vilas ou povoados eram – e em grande parte do Nordeste ainda se sente este fato, – um prolongamento do engenho. Por sua vez, os senhores de engenho ocupavam as funções públicas de administração ou mantinham nelas prepostos seus. Centros sociais e econômicos eram, além disso, centros políticos (DIÉGUES JR., 2006, p. 19).

Do conjunto de fatores que teve como resultado um Nordeste com problemas de natureza diversa, estão à concentração de renda atrelada a uma produção de atividades não diversificadas, falta de investimentos, resultando numa pobreza generalizada entre outros indicadores. Assim, caracterizando o Nordeste como uma região “problema”, colocando obstáculos frente ao crescimento do seu mercado interno. Ao tratar da economia em Alagoas, Carvalho (2012) vai mostrar que,

A ampliação desse frágil mercado interno, por meio de novos investimentos produtivos e pela distribuição de renda, é uma construção necessária, e, embora pareça lenta, pode ser agilizada pelo poder público quando este atua em linhas diferentes, como são as políticas públicas sociais, os programas de estruturação da economia popular e as políticas de crescimento (CARVALHO, 2012, p. 13).

O desenvolvimento presente no Nordeste nas últimas décadas é reflexo do que vem acontecendo em algumas cidades localizadas na sub-região Agreste, apresentando um uso mais diversificado da terra, não ficando restrito, por exemplo, a monocultura da cana, assim como uma maior abertura para a criação de micro e pequenas empresas, que têm proporcionado maior diversificação nas atividades existentes, graças em parte a um conjunto de fatores locais.

O processo de formação do interior esteve atrelado aos criadores de gado, passando posteriormente a prevalecer uma atividade agrícola sobrepondo-se a pecuarista, chegando nos dias de hoje com atividades de bens e serviços sobressaindo. De acordo com Sobrinho *apud* Menezes (1937), nota-se que,

A indústria que, durante séculos, conseguiu prosperar nas caatingas nordestinas, – diz Sobrinho – suplantando quaisquer outras, foi a criação de gados bovinos, equinos, caprinos, ovinos, por isso que se correlaciona intimamente com a natureza da terra, com os caminhos e com a cultura do povo coévo (SOBRINHO *apud* MENEZES, 1937, p. 61).

Gráfico 1 – Região Nordeste: Número de estabelecimentos – Grande Setor 1985/2012

Fonte: <http://www.mte.gov.br> RAIS Estabelecimento Id, ano de 1985 e 2012. Acessado em 10 de março de 2014 às 16h35min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 2 – Região Nordeste: Porcentagem de estabelecimentos – Grande Setor 1985

Fonte: <http://www.mte.gov.br> RAIS Estabelecimento Id, ano de 1985 e 2012. Acessado em 10 de março de 2014 às 16h35min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 3 – Região Nordeste: Porcentagem de estabelecimentos – Grande Setor 2012

Fonte: <http://www.mte.gov.br> RAIS Estabelecimento Id, ano de 1985 e 2012. Acessado em 10 de março de 2014 às 16h35min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

O começo de uma estruturação econômica mais moderna, em subespaços espalhados pela região, começando a possibilitar maior dinamismo¹³ em suas atividades, foram os estímulos à industrialização. Era preciso aumentar os investimentos industriais, absorvendo uma população que estava à margem e que aos poucos começava a ocupar certo espaço. Posteriormente, o dinamismo que começou a ser apresentado em várias atividades desenvolvidas no Nordeste, veio contrapor os velhos discursos a respeito do baixo crescimento econômico da região, mostrando que a realidade nordestina hoje, não deve ser encarada levando-se em consideração somente a atividade econômica do setor primário-exportador, que por muito tempo foi quem impulsionou sua dinâmica, mas, é preciso levar em consideração a diversidade encontrada nos vários setores da economia¹⁴. Assim, tem-se a tabela 1 (Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos – Período de 1995 a 2013), apresentando a evolução dos estabelecimentos de alguns dos subsetores da economia segundo o IBGE, seguindo-se do gráfico 4 (Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos (comércio varejista e atacado) – Período de 1995 a 2013) e do gráfico 5 (Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos (outros subsetores) – Período de 1995 a 2013).

Tabela 1 – Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos – Período de 1995 a 2013

Subsetor	Ano				
	1995	2000	2005	2010	2013
Indústrias*	6.791	9.609	12.512	17.799	21.109
Instituição Financeira	4.027	4.502	5.056	6.374	7.624
Ensino	5.225	7.645	8.983	11.614	13.790
Administração Pública	2.752	3.619	4.181	4.619	4.910
Agricultura**	13.345	19.800	26.348	29.918	
Comércio Varejista	69.663	111.608	156.452	218.406	255.115
Comércio Atacadista	9.742	11.467	14.802	17.578	19.494

*O quantitativo de estabelecimentos industriais abrange as indústrias metalúrgica, mecânica, química, têxtil e calçados.

** Não tinha informação referente ao subsetor agricultura para o ano de 2013

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/caged_anuario_raistela91.php. Acessado em 09- 05- 2015 às 12h27min. Elaboração FIRMINO, P. C. S.

¹³ “A ideia de dinamismo, inseparável das preocupações de um estudo geográfico, representada essencialmente pelas formas presentes de vida, isto é, pelas funções regionais e urbanas, aparece como um fator ativo” (SANTOS, [1959] 2012, p. 28),

¹⁴ “Entre 1967 e 1989 a agropecuária reduziu sua contribuição ao PIB regional de 27,4% para 18,9% e em 1990, ano de seca, que afetou consideravelmente a produção na zona semi-árida, tal percentual caiu para 12,1%. Enquanto isso, a indústria passou de 22,6% para 29,3%, e o setor terciário cresceu de 49,9% para 58,6%, segundo dados da Sudene para o período” (ARAÚJO, 1997, p. 8).

Gráfico 4 – Região Nordeste: Evolução dos estabelecimentos com vínculos (comércio varejista e atacado) – Período de 1995 a 2013

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/caged_anuario_raistela91.php. Acessado em 09-05-2015 às 12h27min. Elaboração FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 5 – Região Nordeste: evolução dos estabelecimentos com vínculos (outros subsetores) – Período de 1995 a 2013

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/caged_anuario_raistela91.php. Acessado em 09-05-2015 às 12h27min. Elaboração FIRMINO, P. C. S.

Na verdade está tendo uma retomada de crescimento – já que “no século XIX, o Nordeste, antes próspero, cede lugar ao Sudeste que se impõe como região mais rica e mais dinâmica do País” (ANDRADE, 1979, p. 71) – que pode ser observada mediante áreas que têm se destacado, tornando-se dinâmicas e assumindo importância no cenário econômico não só regional como também nacional. Diminuindo a exportação da mão de obra, deixando de “sustentar” outras regiões, diga-se o Sudeste que nos anos de 1930 teve um surto no processo de industrialização, tornando-se o centro dinâmico brasileiro em paralelo a continuação da inserção do país no centro do sistema mundial capitalista, por exemplo, os Estados Unidos (MAMIGONIAN, 2009).

Diga-se que o complexo de Camaçari¹⁵ é sem dúvida um exemplo enriquecedor das mudanças visíveis na paisagem nordestina, junta-se, a agricultura irrigada da região do submédio do São Francisco, com Juazeiro no estado da Bahia e Petrolina em Pernambuco, apresentando um dinamismo exuberante. É também o caso da indústria de confecções (têxtil)¹⁶ no Ceará. Esses e outros exemplos começam a diversificar a economia, de forma a dar espaço para setores do comércio e serviços, bem como certos ramos industriais, conforme pode ser visto na tabela 2 (Nordeste: Número de estabelecimentos com vínculos por área geográfica e subsetor – Período de 1995 a 2013).

O desenvolvimento de áreas de agricultura comercial voltada tanto para o mercado nacional como o de exportação, às regiões de especialização agrícola, nascimento e desenvolvimento de indústrias a partir de capital local, organização de cooperativas etc., tem expressado o caráter singular do interior nordestino, onde “a heterogeneidade crescente vai consolidando dinâmicas particulares no interior dos diversos estados do Nordeste” (ARAÚJO, 1997, p. 33), revelando uma região rica, diversa e necessitando de investimentos voltados ao seu desenvolvimento.

As “frentes de expansão” ou “pólos dinâmicos” apresentados por Lima (1994, p. 56), são exemplos das áreas dinâmicas que se destacam no Nordeste brasileiro: “o Complexo Petroquímico de Camaçari, as zonas agroindustriais de Petrolina/Juazeiro do submédio São Francisco e dos cerrados do Oeste da Bahia, o pólo têxtil/confecções de Fortaleza e o pólo mineiro-metalúrgico Carajás-São Luis”. Pode-se ainda citar segundo Araújo (1997, p. 11), “o pólo de fertilizantes de Sergipe, do complexo da Salgema em Alagoas, da produção de Alumínio no Maranhão, dentre outros”. Mesmo diante de exemplos dessa natureza, políticos, empresários e até mesmo pesquisadores, não buscam entender e compreender as mudanças existentes, e que podem ser vistas a partir dos escritos de vários autores que se dedicaram a estudar e interpretar de forma séria a realidade do povo nordestino¹⁷.

¹⁵ “Inserido em meio à política de substituição de importações e à estratégia de “desconcentração concentrada” das atividades industriais, o Pólo Petroquímico de Camaçari constitui-se num dos principais pilares da crescente importância da produção de bens intermediários do Nordeste” (LIMA, 1994, p. 59).

¹⁶ Para Mamigonian (2004, p. 120), “o primeiro grande segmento industrial brasileiro foi constituído pelas fábricas de tecidos de algodão, que surgiram inicialmente na Bahia, onde funcionaram 11 dos 30 estabelecimentos existentes no Brasil em 1875”.

¹⁷ Vale destacar aqui o Núcleo de Estudos Josué de Castro/NEJC na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/Campus Arapiraca, coordenado pelo Professor Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho, que desenvolve pesquisa sobre o uso do território no Agreste Alagoano desde o ano de 2004.

Tabela 2 – Nordeste: Número de estabelecimentos com vínculos por área geográfica e subsetor – Período de 1995 a 2013

Região		Ano					
		2013	2010	2005	2000	1995	Total
Nordeste	01-Extrativa Mineral	1.456	1.210	1.011	786	632	18.644
	02-Prod. Mineral não Metálico	4.929	3.896	2.866	2.324	1.454	55.888
	03-Indústria Metalúrgica	4.787	3.532	2.292	1.721	1.233	47.499
	04-Indústria Mecânica	2.003	1.380	677	475	272	16.324
	05-Elétrico e Comunic.	573	432	296	192	169	5.967
	06-Material de Transporte	752	601	397	307	318	8.294
	07-Madeira e Mobiliário	3.992	3.299	2.607	2.427	1.858	51.869
	08-Papel e Gráf.	3.989	3.508	2.519	1.915	1.380	48.289
	09-Borracha, Fumo, Couros	2.454	1.931	1.311	971	931	26.621
	10-Indústria Química	3.020	2.830	2.372	1.827	1.345	42.337
	11-Indústria Têxtil	10.532	9.301	6.643	5.153	3.690	128.253
	12-Indústria Calçados	767	756	528	433	251	10.272
	13-Alimentos e Bebidas	12.568	10.920	9.941	8.954	6.701	187.909
	14-Serviço Utilidade Pública	1.547	1.364	1.277	1.233	987	24.653
	15-Construção Civil	34.197	25.569	15.131	14.434	8.745	339.059
	16-Comércio Varejista	255.115	218.406	156.452	111.608	69.663	2.916.886
	17-Comércio Atacadista	19.494	17.578	14.802	11.467	9.742	266.587
	18-Instituição Financeira	7.624	6.374	5.056	4.502	4.027	101.575
	19-Adm Técnica Profissional	63.816	51.170	38.401	30.944	18.183	728.528
	20-Transporte e Comunicações	22.310	17.573	12.113	8.949	6.986	240.428
	21-Aloj Comunic.	66.862	53.973	41.155	30.974	19.328	773.573
	22-Médicos Odontológicos Vet.	24.979	21.567	18.238	16.324	10.374	341.163
	23-Ensino	13.790	11.614	8.983	7.645	5.225	176.008
	24-Administração Pública	4.910	4.619	4.181	3.619	2.752	75.114
	25-Agricultura	-	29.918	26.348	19.800	13.345	361.823
	{ñ class}	31.078	-	-	14	10.183	110.693
	Total	597.544	503.321	375.597	288.998	199.774	7.104.256

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/caged_anuario_raistela91.php Acessado em 09-05-2015 às 12h27min. Elaboração FIRMINO, P. C. S.

Nota-se que o conhecimento da região ora apresentada, é de grande relevância para que se possa formular uma teoria que explique a gênese e o dinamismo dessa região, assim,

O que importa é conhecer como nossa sociedade concreta se comporta em sua vida econômica, na produção de sua própria vida, da vida dos seus membros. Ora, para isso, em nosso caso, faz-se mister examinar como todas as sociedades humanas se comportam e comportaram (RANGEL, 2012a, p. 289).

O Nordeste encontra-se em processo de desenvolvimento, mesmo tendo que lidar com o problema da baixa densidade técnica, principalmente se considerado do meio mecanizado, que ainda dá-se de forma concentrada no território brasileiro

(SANTOS; SILVEIRA, 2010). Refletindo, por conseguinte, no baixo desenvolvimento da agricultura, a qual ainda encontra-se com índices de mecanização inferiores ao esperado se comparado com outras regiões, ou mesmo entre os próprios estados. Assim,

Inovações técnica e novas ações de empresas de forças diversas, dos vários segmentos do estado, de grupos e corporações, difundem-se num pedaço do planeta, modificando o dinamismo preexistente e criando uma nova organização das variáveis (SILVEIRA, 1999, p. 25).

Diante da diversidade regional se faz necessário entender como era e como se dá nos dias atuais a relação entre o meio “natural” – meio físico – e a organização do espaço pelo homem, este formado segundo o geógrafo Milton Santos ([1996] 2008, p. 63) “por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Na sequência é preciso ter um melhor esclarecimento das características do desenvolvimento regional e econômico de cada sub-região. É analisar os eventos que fizeram e fazem sua história, relacionando-os com os acontecimentos mundiais; procurar dialogar com moradores e representantes dos diversos setores da economia; conhecer os seus problemas e suas características regionais e, conseqüentemente, compreender o significado do Nordeste, para a economia brasileira. Nos dizeres de Santos (1977b),

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem (SANTOS, 1977b, p. 81).

Hoje, o território brasileiro, segundo IBGE 2014, é dividido em cinco grandes regiões político-administrativas, podendo a região ser considerada conforme Santos ([1985] 2008, p. 90), “como o resultado das possibilidades ligadas a uma certa presença, nela, de capitais fixos exercendo determinado papel ou determinadas funções técnicas e das condições do seu funcionamento econômico” Ou ainda, seguindo os ensinamentos de Souza (2002), quando do momento que afirma que elas, as regiões, brotam como circunscrição de uso do território, sendo “um recorte espacial, assim como o lugar, portanto eivados de ideologia, que hoje é ao mesmo tempo um dado da essência e da existência” (SOUZA, 2002, p. 1).

A maior região brasileira em extensão territorial é a Norte, seguida do Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul, conforme pode ser observado no quadro 2 (Brasil: Divisão regional, população e densidade – 2010). A extensão territorial não equivale aqui ao grau de desenvolvimento de cada uma, nem a diversidade cultural, religiosa e/ou mesmo as suas características físicas.

Quadro 2 – Brasil: Divisão regional, população e densidade – 2010

Regiões	Área	População	Hab/km²
Norte	3.853.676,95 km ²	16.841.269	4,37 hab/km ²
Centro-Oeste	1.606.403,51 km ²	12.367.236	7,69 hab/km ²
Nordeste	1.554.291,61 km ²	53.081.950	34,15 hab/km ²
Sudeste	924.620,68 km ²	85.115.623	92,05 hab/km ²
Sul	576.774,31 km ²	29.016.114	50,30 hab/km ²

Fonte: <http://www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao>. Acessado em 25 de janeiro de 2015, às 22h:40min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Observa-se que a região Sudeste, a segunda menor em extensão territorial, formada pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, apresenta a maior densidade demográfica e o maior contingente populacional do país. No que concerne à densidade populacional segue em segundo lugar o Sul do país, menor região brasileira, constituída pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Sudeste e Sul formam o que Santos e Silveira (2010), chamam de “Região Concentrada”, caracterizada por uma implementação da ciência, da técnica e da informação de forma mais consolidada em relação ao restante do território,

Nessa Região Concentrada do país, o meio técnico-científico-informacional se implantou sobre um meio mecanizado, portador de um denso sistema de relações, devido, em parte, a uma urbanização importante, ao padrão de consumo das empresas e das famílias, a uma vida comercial mais intensa. Em consequência, a distribuição da população e do trabalho em numerosos núcleos importantes é outro traço regional (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 269).

Baseando-se nas heranças herdadas do passado e nesse novo período, os mesmos autores propõe uma divisão regional, da qual já foi citada a Região Concentrada. Além desta, pode-se citar o “Brasil do Nordeste”, a “Amazônia” e o “Centro-Oeste”¹⁸ (aqui se inclui o estado do Tocantins, que pela divisão regional brasileira, segundo o IBGE, faz parte da região Norte).

¹⁸ Ver SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 13ª ed. – Rio de Janeiro, Record, 2010.

O Nordeste, região com mais de 500 anos de existência, constitui-se de acordo com o IBGE (estimativa 2014), por nove estados conforme o quadro 3 (Nordeste: Quantitativo populacional por estado – 2014). Juntos esses estados possuem 27,82% da população brasileira (mapa 1 – Nordeste: Distribuição populacional por estado – 2014), distribuídas pelos seus 1794 municípios, (18,25% do território nacional).

Quadro 3 – Nordeste: Quantitativo populacional por estado – 2014

Estado	População	Estado	Ppopulação
Alagoas	3.321.730	Pernambuco	9.277.727
Bahia	15.126.371	Piauí	3.194.718
Ceará	8.842.791	Rio Grande do Norte	3.408.510
Maranhão	6.850.884	Sergipe	2.219.574
Paraíba	3.943.885	TOTAL	56.186.190

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/> Estimativa populacional 2014. Acessado em 08 de maio de 2015 às 13h11min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Analisar a evolução econômica e o problema da força de trabalho nordestina é fundamental para entender como se estruturou cada sub-região¹⁹, observando como se deu as relações capitalistas e seu avanço, bem como perceber de que forma a globalização²⁰ vem ocorrendo no Nordeste dos últimos decênios do século XX até o presente.

¹⁹ Para Geiger (1970, p. 157), “as Grande Regiões foram divididas em regiões pelas diferenciações do quadro natural. O fator naturalmente foi também empregado para dividir as regiões em sub-regiões. Finalmente, considerações de ordem econômica e social foram levadas em conta para dividir as sub-regiões em zonas, o nível hierárquico inferior do quadro regional; paradoxalmente, as zonas foram adjetivadas de “fisiográficas””.

²⁰ “Os EUA difundiram a ideia de que o mudo vive a época da “globalização” e de neoliberalismo. A “globalização” passou a ser entendida como o enfraquecimento das fronteiras nacionais quanto aos fluxos de mercadorias, capitais, ideias, etc., enquanto o neoliberalismo corresponde ao enfraquecimento do Estado, paralelamente ao fortalecimento do mercado” (MAMIGONIAN, 2001, p. 4).

Mapa 1 – Nordeste: Distribuição populacional por estado – 2014

1.2. Uma sub-região chamada Agreste no Nordeste do Brasil

O Agreste do Nordeste brasileiro é uma sub-região de transição entre o Sertão e a Mata e Litoral²¹. Apresenta condições climáticas e solos que são de melhor aproveitamento para a lavoura – milho, feijão, mandioca –, enquanto que nas outras prevalece a monocultura e uma forte concentração de terras e um trabalho que impede a renovação das formas de produção e de utilização mais eficazes e menos exploradas da mão de obra existente aí.

Sendo o Agreste uma sub-região de transição, funciona como um Nordeste em ponto pequeno, “o que caracteriza o Agreste é a diversidade de paisagens que ele oferece em curtas distâncias, funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas” (ANDRADE, 1998, p. 32). Essa sub-região sobressai entre as demais por ser portadora de uma dinâmica ímpar, possuindo cidades que desempenham papéis importantíssimos em suas economias, que por vez reflete na dinâmica econômica do próprio Nordeste. Um exemplo dessa afirmativa pode ser visto mediante o gráfico 6 (Microrregiões do Agreste Nordestino: Número de estabelecimentos segundo o Grande Setor – 2012).

Gráfico 6 – Microrregiões do Agreste Nordestino: Número de estabelecimentos segundo o Grande Setor – 2012

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento MES. Ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 17h41min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

²¹ Segundo Andrade (1998), o Nordeste pode ser dividido em quatro grandes regiões, naturais e geográficas: Meio-Norte, o Sertão, o Agreste e a Mata e Litoral Oriental. Num estudo feito por Djacir Menezes é possível identificar uma outra divisão a respeito do Nordeste. Sobrinho *apud* Menezes (1937), apresenta três áreas etnográficas: a dos *vaqueiros*, dominando a caatinga; a dos *engenheiros*, dominando o litoral e vales úmidos da costa para o ocidente da serra do Mar; a dos *pescadores*, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas.

Grande parte das atividades desenvolvidas não somente no Agreste, como em praticamente todo o Nordeste, ainda estão atreladas a técnicas artesanais. Porém, a presença de um comércio forte e consolidado, atividades agrícolas bem diversificadas e um setor de serviços que se destaca pela quantidade de pessoas empregadas, são exemplos de uma sub-região disposta a contribuir para o desenvolvimento da economia nordestina. Segundo Mário Lacerda de Melo (1980, p. 33), o Agreste constitui-se no “maior espaço nordestino de uso diversificado da terra”, para Andrade (1974, p. 135), no “Agreste a diversidade de produção oferece uma grande variedade de produtos e a desconcentração da renda permite à grande parte da população adquirir uma série de produtos de que necessita”.

É preciso deixar claro que mesmo diante de culturas de grande destaque em determinados períodos, que enriqueciam grandes e médios proprietários, existiam o cultivo do algodão, de lavouras de subsistência como o milho, o feijão e a mandioca etc. Estes tipos de culturas permaneciam importantes para o povo do Agreste, que foram em um primeiro momento atividades acessórias, já que o “fim é manter em funcionamento aquela economia de exportação” (PRADO JR., 2012, p. 41).

As práticas econômicas presentes no espaço agrestino são desenvolvidas mediante uma maior diversificação se relacionada com outras sub-regiões. A possibilidade de renovação das atividades, diz respeito às particularidades ora apresentadas, trazendo maior dinamicidade, por exemplo, o desenvolvimento da agricultura comercial, em paralelo à sub-região da Mata com a cana de açúcar e o Sertão com o algodão e a criação de gado. Compartilhando da visão de Mamigonian (2009, p. 60) “na verdade começa a se acelerar no Nordeste a mudança da agricultura familiar de subsistência, de baixa produtividade, para uma agricultura especializada, inserida no mercado e sujeita a melhores técnicas crescentes”.

Retomando a ideia de um desenvolvimento econômico brasileiro sustentado pela expansão de uma economia natural e pela ocupação do território brasileiro, pode-se afirmar que esse desenvolvimento é resultado de uma força de trabalho aplicada numa economia natural, transformando-se em economia de mercado (RANGEL, 2012b), acarretando numa substituição da produção familiar ou individual, por uma produção social²². Verifica-se que em cada momento histórico se faz

²² No livro ‘O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia’ Lênin (1982, p. 13), vai tratar dessa ideia da seguinte forma: “sob a economia natural, a sociedade se compunha de uma massa de unidades econômicas homogêneas (famílias camponesas patriarcais, comunidades rurais primitivas, domínios

necessário atentar para as especificidades encontradas no Nordeste, que por sua vez, tem um processo e um ritmo de desenvolvimento econômico diferenciado nas suas sub-regiões. Logo,

Evidenciam-se os sinais de formação do mercado interno como decorrência da divisão social do trabalho, ou seja, da desagregação da economia natural. A cidade passa a produzir aquilo que antes produzia o campo, no setor manufatura, o que equivale a dizer que a produção organizada noutras bases, na zona urbana, substitui a da fazenda ou povoação. Trata-se de substituição de um modo de produzir por outro (PALM, 1957, p. 63).

No que se refere ao desenvolvimento econômico, sua análise está pautada a partir do conceito proposto pelo economista Ignácio Rangel. Pode-se afirmar que a economia natural é a base para entender o desenvolvimento, tendo aí uma produção voltada para o consumo de quem a produz e uma força de trabalho empregada em atividades que poderiam ser consideradas não produtivas. Essa população forma um grupo que se utilizado de outra maneira produziria muito aquém daquela quantidade produzida anteriormente, estando, por exemplo, cuidando dos afazeres domésticos.

Essas observações apontam para uma mudança em relação ao uso da força de trabalho. O quadro 4 (modos de transferir mão de obra da economia natural para economia de mercado), mostra os dois modos pelos quais podem ocorrer a transferência da economia natural para de mercado, segundo Ignácio Rangel.

Quadro 4 – Modos de transferir mão de obra da economia natural para economia de mercado

1. Orientando uma parte maior do tempo de trabalho do lavrador para a produção de bens agrícolas, com destino, seja à exportação, seja à satisfação das necessidades em bens agrícolas da parte não agrícola da população nacional. Na medida em que o camponês vende bens agrícolas às cidades brasileiras ou ao resto do mundo, pode deles receber em pagamento certos bens e serviços que antes obtinha diretamente, isto é, pelo modo natural de produção;
2. Migração para as cidades, onde irá construir e tripular indústrias que substituirão o comércio exterior como fonte de suprimento de bens elaborados, não só para atender às necessidades da população camponesa, que supre as cidades de alimentos e matérias-primas, como para atender às necessidades crescentes da própria população não agrícola, em bens elaborados de consumo e, gradualmente, em bens de equipamentos também.

Fonte: RANGEL, I. Introdução ao Desenvolvimento Econômico Brasileiro (1955). In: _____ **Obras reunidas/Ignácio Rangel**. v. I. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2012b, p. 129-202. 2v. (1.508p.). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

feudais) e cada uma dessas unidades executava todos os tipos de trabalho, desde a obtenção dos diversos tipos de matérias-primas até a sua preparação definitiva para o consumo. Com a economia mercantil, aparecem unidades econômicas heterogêneas: o número de ramos especiais da economia aumenta e diminui a quantidade de unidades que executam uma mesma função econômica. É esse progressivo desenvolvimento da divisão social do trabalho que constitui o elemento fundamental no processo de formação de um mercado interno para o capitalismo”.

Baseando-se no ponto 2 do quadro acima, nota-se a emergência da criação de indústrias voltadas ao comércio interno. Na medida em que elas surgem, tanto no nível local, regional quanto nacional, deve-se primeiramente voltar sua produção para o abastecimento de uma população interna, suprimindo as necessidades nacionais²³. A tendência é que diminua a importação de produtos que necessitam, mas, se essa mesma produção for destinada ao comércio exterior, será preciso, portanto, importar, “noutros termos, quando a procura externa de nossos produtos aumenta, substituímos produção nacional por produção estrangeira, em nossa cesta de consumo, seja este produto produtivo ou improdutivo” (RANGEL, 2012b, 169).

Na economia de mercado as transformações econômicas são de suma importância para o conjunto de condições que as cercam. São os meios e formas utilizadas nos transportes, nos tipos de armazenamentos e vendas de produtos, aumento na quantidade vendida entre outros. Dessa forma, a construção de vias para transportar cargas, pessoas etc., bem como os próprios transportes e tudo que envolve um determinado objeto²⁴, desde sua produção, armazenamento, distribuição e consumo, se torna essencial nesse tipo de economia.

Com a criação de um mercado nacional, aumenta o papel do governo e suas respectivas funções, que “se tornam mais complexas, uma vez que aumenta a circulação das mercadorias e a população se redistribui, porque em torno dos centros comerciais criam-se aglomerações urbanas” (RANGEL, 2012b, p. 171).

A economia natural emprega um contingente populacional muito grande, porém, com baixa produtividade. Se essa população passa para a segunda economia, a de mercado, dará como resultado o desenvolvimento brasileiro, visto que essa formação socioeconômica de mercado a partir de estímulos advindos do exterior, fará com que haja aumento de sua produtividade. Assim, percebe-se que na economia natural,

Só parte da mão de obra aí empregada se ocupa efetivamente com a agricultura; que a outra parte, imensa, elabora bens primários – isto é, faz a mesma coisa que fazem as fábricas e manufaturas urbanas, só que com técnica rudimentar e em condições de produtividade lamentavelmente baixas (RANGEL, 2012b, p. 185).

²³ “Pelo fato de ter a economia brasileira nascido, historicamente, do comércio exterior, toda a produção nacional voltada para o consumo interno (produtivo ou improdutivo, isto é, consumo e inversão), pode ser conceituada como substituição de importações” (PAIM, 1957, p. 9-10).

²⁴ Segundo Baudrillard (2012, p. 158), “na sociedade de consumo gerações de objetos morrem rapidamente para que outras lhes sucedam – e se a abundância cresce é sempre nos limites de uma raridade calculada”.

Partindo desta perspectiva, o processo de desenvolvimento econômico como fato histórico, precisa ser analisado de maneira atenta e cuidadosa, levando em consideração as mudanças que ocorrem na sociedade, desde a distribuição de uma dada população, as condições que permeiam o trabalho, a produção e sua técnica, até as formas que são distribuídas as riquezas.

Neste sentido, vê-se que o desenvolvimento econômico está diretamente relacionado com o modo de produzir certos objetos. Um objeto X produzido pode servir para um determinado fim, porém, o que vai diferenciar, será a maneira como ele foi produzido. Levando-se em consideração que esse objeto foi produzido artesanalmente por uma pessoa que empregou uma técnica que já é utilizada há muitos anos e que não houve mudanças e nem foi necessário um trabalho conjunto, tem-se nesse caso um produto individual, que difere daquele objeto X produzido socialmente, aquele que passou por um processo que envolveu inúmeras pessoas.

A produção nesse sentido do produzir socialmente acarreta a divisão social do trabalho. Para que essa se concretize é preciso o acúmulo de capital²⁵, que por sua vez dá possibilidade ao homem de utilizar matérias-primas e outros recursos de forma a produzir objetos que antes não tinham, já que cada um estava preso ao seu próprio ofício e as técnicas restritas. Logo,

A divisão social do trabalho é, portanto condição para o desenvolvimento, porque é condição para que a sociedade em seu conjunto aumente seu poder sobre a natureza, para obrigá-la a fornecer os meios de satisfação das necessidades humanas (RANGEL, 2012b, p. 140).

Vale salientar que a divisão social do trabalho para poder se concretizar, tem apoio nos meios de transportes, nas fábricas etc., visto que, para ter uma maior movimentação seja do que for que envolva o desenvolvimento econômico é preciso de um determinado meio de transporte. Em relação ao emprego de uma determinada mão de obra é preciso, pois, das fábricas que possam disponibilizar condições para que essa mão de obra possa produzir. Cada nova forma de produzir está atrelada ao processo de desenvolvimento, que levará a uma distinção entre uma economia desenvolvida de outra não desenvolvida. Para Rangel (2012b, p.135), “se o desenvolvimento econômico pode, em si mesmo, ser considerado

²⁵ “Na medida em que mais capital se acumulava, mais os processos se tornavam mercantilizados e mais mercadorias eram produzidas, para manter o fluxo era necessário garantir um número crescente de compradores” (WALLERSTEIN, 2001, p. 16).

fundamentalmente idêntico, onde quer que se apresente, sua natureza muda segundo sua causa imediata seja esta ou aquela”.

A análise das sub-regiões nordestinas constitui um norte no entendimento dessa transformação de uma economia natural para uma de mercado. Percebe-se que tanto em relação a Zona da Mata e o Litoral, assim como no Sertão, há o predomínio da forte concentração de terras e um tipo de trabalho que impede as renovações das formas de produzir e de utilização mais eficazes da mão de obra existente nessas sub-regiões.

Em contrapartida, tem-se no Agreste, uma economia que começa a emergir de forma diferenciada. Hoje, ela apresenta-se dinâmica em praticamente quase todas as cidades agrestinas, desde a faixa que se estende do Rio Grande do Norte-RN até o estado da Bahia-BA, de modo que,

Cada Agreste estadual constitui verticalmente parcela de uma grande unidade territorial definida como região agrária nordestina, mas horizontalmente figura como segmento territorial possuidor de funções muito relevantes dentro do Estado a que pertence (MELO, 1980, p. 38).

A tabela 3 (Agreste Nordestino: Admissões segundo o setor (demonstrativo de março) – 2005) e a tabela 4 (Agreste Nordestino: Admissões segundo o setor (demonstrativo de março) – 2015), trazem como exemplo, o número de admissões nos Agrestes nordestino. No gráfico 7 (Agreste Nordestino: Evolução admissões segundo Grande Setor – Período de 2005-15), perceber a evolução no número de admissões num período de 20 anos, com destaque para os serviços que apresentou um aumento de 4.801 admissões.

Tabela 3 – Agreste Nordestino: admissões segundo o setor (demonstrativo de março) – 2005

Agrestes	Admissões em Março de 2005		
	Indústria	Comércio	Serviços
Alagoano	101	190	72
Paraibano	310	412	482
Pernambucano	749	848	615
Potiguar	106	35	87
Sergipano	151	109	60
Centro Norte Baiano	1079	1006	934
TOTAL	2496	2600	2250

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Secretaria de Políticas Públicas de Emprego, Departamento de Emprego e Salário, Coordenação Geral de Estatísticas de Trabalho. In: <http://bi.mte.gov.br/cagedestabelecimento/pages/consulta.xhtml#> Acessado em 10/05/2015 às 14h19min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Tabela 4 – Agreste Nordestino: admissões segundo o setor (demonstrativo de março) – 2015

Agrestes	Admissões em Março de 2015		
	Indústria	Comércio	Serviços
Alagoano	139	505	1559
Paraibano	746	993	1373
Pernambucano	1253	1662	1457
Potiguar	48	143	38
Sergipano	554	305	287
Centro Norte Baiano	1257	2346	2337
TOTAL	3997	5954	7051

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Secretaria de Políticas Públicas de Emprego, Departamento de Emprego e Salário, Coordenação Geral de Estatísticas de Trabalho. In: <http://bi.mte.gov.br/cagedestabelecimento/pages/consulta.xhtml#> Acessado em 10/05/2015 às 14h19min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Analisando as informações das tabelas (3 e 4), nota-se que cada Agreste teve uma variação específica em seus grandes setores. O destaque no setor de serviço é o Agreste Alagoano, que teve um aumento de 21,65% em 2015 se comparado com 2005, na cifra de 1.487 admissões a mais, enquanto que na indústria o aumento foi de apenas 38. No comércio o destaque é o Centro Norte Baiano com 1.340 admissões, já na indústria destaca-se o Agreste Pernambucano com 504 admissões. Ao contrário desse aumento, está o Agreste Potiguar, que teve um leve aumento no comércio, com 108 admissões, porém, uma queda na indústria e nos serviços, com -58 e -49 respectivamente.

O desenvolvimento econômico agrestino está apoiado nas mudanças que têm sido realizadas mediante investimentos de capital local, regional e nacional, direcionados a suprir necessidades locais, utilizando-se da força de trabalho também local, refletindo nos diversos setores da economia. Como resultado tem-se um Agreste cada vez mais forte e consolidado, com um grande número de comerciantes, “que se estabelecem com casas mais ou menos especializadas e que se dedicam à venda dos produtos mais necessários à população e adquirem os produtos agrícolas e pecuários da região” (ANDRADE, 1974, p. 134).

Inseridos principalmente em suas zonas urbanas, esses comerciantes tomam conta do comércio existente, alargando-se a povoados rurais, lugares de onde surgiram e desenvolveram grandes empresários e comerciantes, que “partindo de negócios muito modestos, esses comerciantes vitoriam-se graças ao espírito de iniciativa comum a todos eles” (MAMIGONIAN, 1965, p. 72). É grande a quantidade de empresários que surgem, na maioria das vezes são pequenos comerciantes,

produtores, feirantes ou “até mesmo os vendedores ambulantes são muito eficientes no que diz respeito à atividade comercial” (SANTOS, [1978] 2009, p. 66).

Sendo assim, é possível encontrar uma gama de atividades voltadas para o comércio e a prestação de serviços, principalmente para o mercado interno. O número de empregados nesses setores da economia reflete a evolução socioeconômica das cidades agrestinas e, conseqüentemente, dos seus estados e região. O gráfico 8 (Alagoas e Sergipe: Número de empregados segundo Grande Setor – 2014) apresenta o número de empregados nos estados de Alagoas e Sergipe, segundo os grandes setores da economia para o ano de 2014.

Gráfico 7 – Agreste Nordestino: Evolução admissões segundo Grande Setor – Período de 2005-15

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Secretaria de Políticas Públicas de Emprego, Departamento de Emprego e Salário, Coordenação Geral de Estatísticas de Trabalho. In: <http://bi.mte.gov.br/cagedestabelecimento/pages/consulta.xhtml#> Acessado em 10/05/2015 às 14h19min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 8 – Alagoas e Sergipe: Número de empregados segundo Grande Setor – 2014

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. CAGED Estatístico Id, ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 15h59min. MTE/SPPE/DES/CGET - CAGED LEI 4.923/65. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Para o entendimento do seu processo de formação, parte-se da análise das particularidades que as permeiam, não se atendo apenas a noção de região natural, destaca-se o papel desempenhado pelo homem na organização do espaço, os tipos de técnicas utilizadas – “o desenvolvimento da técnica está estritamente relacionado com o modo pelo qual os homens se organizam para produzir e se apropriar do produto obtido, isto é, como o distribuem entre si” (RANGEL, 2012b, p. 137) – e as funções desempenhadas por cidades que são consideradas centros regionais.

Essas cidades criam aglomerações de populações, criam e atraem tipos variados de indústrias mediante suas particularidades, desenvolve atividades voltadas para a agricultura, fornecendo alimentos e diversos tipos de matérias primas, desenvolvendo a “formação de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que a cerca, que se instala em sua área de influência” (ANDRADE, 1970a, p. 61).

O processo de formação do Agreste está atrelado num primeiro momento com os criadores de gado há época da colonização²⁶. O Sertão nordestino foi tomado por fazendas, começando um povoamento além do Litoral, que já estava desenvolvendo-se ativamente graças à produção açucareira. Essa ocupação, claro, se deu de forma mal distribuída, tendo no começo quase que exclusivamente as fazendas de gado e um comércio irrisório, passando então,

Os currais a ter enorme importância na formação econômica da sociedade brasileira, não só como força de penetração mais impetuosa como, de fato, mais positiva, por seus elementos de fixação, do que o teriam sido a caça ao índio e as aventuras dos metais preciosos (GUIMARÃES, 1989, p. 67-68).

Na medida em que o gado ia penetrando o interior, o homem foi fixando-se, e pelo meio do caminho, em algumas áreas específicas concentrou-se um contingente populacional que viria dar surgimento as poucas atividades econômicas que mais tarde se tornariam a base da economia agrestina, prevalecendo uma atividade agrícola sobrepondo-se a existência pecuarista.

Não é falha a conclusão de que foi uma sub-região povoada tardiamente se relacionada com as outras, mesmo apresentando um tipo climático bastante favorável não somente a atividade pecuarista. Um dos motivos desse atraso em seu

²⁶ Segundo Furtado (2007, p. 96), “a criação de gado – da forma como se desenvolveu na região nordestina e posteriormente no sul do Brasil – era uma atividade econômica de características radicalmente distintas das da unidade açucareira. A ocupação da terra era extensiva e até certo ponto itinerante”.

povoamento é reflexo do processo de ocupação. Como esse processo inicialmente parte de leste para oeste e de norte a sul, graças à posição litorânea do território, “observa-se que a ocupação do Nordeste concentrou-se, inicialmente, no litoral e daí avançou para o sertão, deixando sub-ocupados, até a primeira metade do século XX, as áreas ocidentais” (ANDRADE; ANDRADE, 1999, p. 93).

Relatos históricos comprovam que o processo de ocupação do Agreste torna-se mais forte a partir da ocupação holandesa. Nesse momento, foram travadas duras e perigosas lutas contra índios e negros, conquistando-a, tornando-a econômica e, rumando a espaços ainda não ocupados no Sertão. Como consequência, o povo indígena foi praticamente dizimado, e os que sobreviveram tiveram que se recolherem em locais seguros e de difícil acesso.

Depois de efetivada a ocupação, percebe-se que o Agreste tornou-se uma sub-região de grande destaque no Nordeste. Atualmente, com o grande número de pequenos comerciantes que surgem e se alastram por várias cidades agrestinas, ocupando o comércio, o Agreste tem vindo sempre à tona nos estudos regionais. O quantitativo desses comerciantes é surpreendente, não é somente aquele comerciante urbano, mas também os que têm suas origens na zona rural.

Partindo desta premissa, não é demasiado insistir no papel desempenhado pelo agrestino no desenvolvimento econômico nordestino. Com espírito empreendedor e encontrando oportunidades melhores no Agreste, nascem e desenvolvem-se empresários e comerciantes que investem num determinado tipo de comércio e vão aos poucos se desenvolvendo e ganhando espaço.

No que se refere à agricultura, o algodão²⁷ foi de suma importância para a economia do Agreste e Sertão entre os séculos XVIII e XIX, tornando-se atividade agrícola de destaque para o Nordeste, tanto que desde “1750 até 1940 o algodão foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito, na disputa às terras e aos braços” (ANDRADE, 1998, p. 143).

Ao analisar os efeitos do algodão para a população em relação aos efeitos da cana de açúcar, é possível notar que o mesmo é uma cultura mais acessível à população como um todo, do que propriamente a cana. Deve-se em parte, ao fato de não necessitar de todo o preparo e cuidado que a cana precisa; é uma cultura

²⁷ “O algodão é um produto nativo da América, inclusive do Brasil, e já era utilizado pelos nossos indígenas antes da vinda dos europeus. Com a colonização o seu cultivo se difundiu” (PRADO JR., 2012, p. 80).

que pode ser cultivada com outras, por exemplo, com um tipo de alimento voltado ao consumo próprio e outro para o comércio; e qualquer um podia cultivá-lo.

De acordo com Andrade (1998, p. 144), o algodão teve uma contribuição significativa “desde os primeiros tempos para o desenvolvimento da vida urbana, ao contrário do que ocorria com a cana-de-açúcar. Ainda hoje as cidades localizadas no Agreste são maiores e têm mais movimento comercial que as da região da Mata”. Sua força estava atrelada mais precisamente as áreas localizadas no interior – Agreste e Sertão – onde as condições de acesso a terra e seu uso sempre foram melhores do que na sub-região da Mata.

Em relação aos tipos de culturas que sobressaíam no Agreste, é possível destacar o café, que passou a ser cultivado em fins do século XVIII, ganhando grande impulso em meados do século XIX e início do século XX, desenvolvendo-se de tal forma que se alastrava por várias áreas, tendo consequência naquilo que Andrade (1998, p. 148) relata: “parou engenhocas, expulsou para as terras arenosas e mais pobres as pequenas tradicionais lavouras de mandioca, milho e fumo, destruiu as matas existentes e enriqueceu grandes proprietários”. Contudo, é preciso deixar claro que mesmo com essas culturas de grande destaque, o Agreste continuou com lavouras de subsistência como o milho, o feijão, e a mandioca.

Diante disso, o espaço agrestino recebeu atividades agrícolas diversas em vários momentos num curto período de tempo. Algumas culturas deixavam rastros de miséria a grande parte da população por onde passavam, ao tempo em que enriqueciam grandes e médios proprietários.

As cidades localizadas no Agreste apresentam características que as fazem sobressaírem em relação a outras em sub-regiões diferentes. Tratar de forma particular de algumas dessas cidades é relevante para entender o dinamismo presente no interior nordestino. Neste caso, cita-se a cidade de Campina Grande na Paraíba – “capital econômica, não só da Paraíba, mas de uma área mais extensa, que ultrapassa, de muito, os limites estaduais” (CARDOSO, 1963, p. 11); Caruaru em Pernambuco; Feira de Santana na Bahia; além é claro da cidade de Arapiraca em Alagoas e Itabaiana em Sergipe.

Isso mostra que “as cidades nordestinas estão em grande crescimento; sobretudo as grandes cidades, aquelas que à função administrativa juntam outras funções: portuária, comercial, industrial, cultural, etc.” (ANDRADE, 1974, p. 45). No

caso de Alagoas e Sergipe, a dinâmica presente nesses dois estados apresenta-se da seguinte forma,

Em Alagoas, ao lado da tradicional e histórica cidade de Penedo, podemos salientar centros modernos e dinâmicos como Palmeira dos Índios, em região produtora de algodão, e Arapiraca, em área produtora de fumo. Em Sergipe, ao lado da cidade são-franciscana de Propriá, salienta-se a velha cidade de Estância [acrescente-se também a Capital Nacional do Caminhão (Itabaiana) e a cidade Lagarto, também agrestina, com destaque na produção de laranja] (ANDRADE, 1974, p. 50).

Apesar da atividade agrícola ainda ser fundamental na economia da sub-região em evidencia, é perceptível o aumento da atividade industrial em suas economias, principalmente em fins da década de 1960 quando se tem uma intensificação tomando proporções relevantes. Essas atividades industriais eram em sua maioria baseada numa força de trabalho familiar, com conhecimentos restritos de determinadas técnicas, máquinas não modernas e os poucos capitais investidos, eram à base do desenvolvimento de pequenos estabelecimentos espalhados em certas cidades do Nordeste.

Neste momento a atividade industrial apresentava muito a feição de atividades artesanais. Tinha-se uma implantação da indústria baseando-se em técnicas mais arcaicas, surgia basicamente sem planejamento. Eram, portanto, os produtos fabricados a partir do couro, do fio de algodão, a palha de diversos vegetais, o barro entre outros. A atividade industrial no Nordeste surgiu mediante duas fases conforme relata Andrade (1974),

A primeira procedeu-se espontaneamente, sem planejamento, feita sobretudo por grupos econômicos locais, que utilizavam os capitais de que dispunham ou conseguiam mobilizar. Estava ligada, principalmente, à produção agrícola regional e resultava muitas vezes do crescimento e transformação de uma atividade artesanal. A segunda resultou de uma política de planejamento organizada e dirigida pela SUDENE, visando a transferir para o Nordeste capitais de grupos econômicos nacionais e estrangeiros instalados sobretudo no Sudeste do país (ANDRADE, 1974, p. 118).

Portanto, analisar o grau de influência que os comerciantes das cidades do Agreste, têm em suas economias, mostra-se relevante para entender as transformações e a dinâmica presente em cada uma delas. Em paralelo a função industrial que começa a ganhar espaço, está à importância do comércio, atividade fundamental no entendimento da dinâmica regional.

1.3. Da gênese da feira livre em cidades agrestinas

O mercado brasileiro como se tem hoje, com seu comércio, serviços, indústria e diversas funções presentes em seu território é reflexo do que aqui começou a se estabelecer em fins do século XV. Os anos de 1500, com o povoamento e ocupação das terras brasileiras, marcam significativamente o começo de uma estrutura econômica, num primeiro momento de exportação, que estava se espalhando na região que viria ser chamada de Nordeste, para posteriormente adentrar Brasil afora.

A economia de exportação servia de base para suprir as necessidades do mercado exterior. Em relação à colonização nos trópicos, Prado Jr. (2012, p. 23) relata, que “toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais complexa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu”. Dentre os produtos que estavam na lista de exportação, destaca-se como principal a cana,

Produto de exportação do Brasil. Sucedia, e isto é importante no processo histórico da economia brasileira, que o açúcar estava, na época, na sua fase áurea de valorização. Era o produto que contribuía para assegurar a formação do capitalismo português (DIÉGUES JR., 2006, p. 16).

Sendo a cana o produto que mais interessava aos colonizadores há época, tem-se paralelamente o surgimento de engenhos. A partir dos escritos de Diégues Jr., é possível identificar um número expressivo que começavam a pontilhar o Brasil neste primeiro momento. O quadro 5 (Distribuição territorial dos engenhos de açúcar no primeiro século de colonização) mostra de forma sucinta a distribuição dos primeiros engenhos de acordo com as capitanias.

Os portugueses, velhos comerciantes na arte de negociar, tiravam todo e qualquer tipo de proveito em benefício próprio. O mercado capitalista advindo do continente europeu tinha como representante majoritária, a Coroa portuguesa. Vendiam nos mercados da Europa os mais variados tipos de produtos adquiridos nas colônias, com meios de intermediações comerciais externos a sociedade e a própria economia destas. Com a abertura dos Portos no ano de 1808 e o surgimento de um aparelho de intermediação mercantil, ligava-se ao exterior com capitalismo industrial que estava nascendo, transformando-se “num sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da

população do planeta por um punhado de países avançados” (LÊNIN, [1917] 2010, p. 11). Estruturava-se com o passar dos tempos “o polo externo da dualidade básica da economia brasileira” (RANGEL, 1981, p. 10)²⁸.

Quadro 5 – Distribuição territorial dos engenhos de açúcar no primeiro século de colonização

	1545	1570	1584	1585	Fins do Séc. XVI
Local	Quantidade	Quantidade	Quantidade	Quantidade	Quantidade
Bahia	um	18	40	46	50
Espírito Santo	6	um	4 ou 5	6	-
Igarauçu	Constituindo-se	-	-	-	-
Ilhéus	-	8	Alguns	6	-
Itamaracá	-	um	-	-	18 ou 20
Paraíba do Sul	Constituindo-se	-	-	-	Cerca de 20
Pernambuco	2	23	60 ou mais	66	100
Porto Seguro	2	-	2 ou 3	-	-
Rio de Janeiro	-	-	-	-	40
Santo Amaro	um	-	-	-	-
São Vicente	2	4	-	4	-
Total	14	55	108	128	230

Fonte: DIÉGUES JR., Manuel. **O Engenho de Açúcar no Nordeste:** documentação da vida rural. Maceió: EDUFAL, 2006, 92p. : il. – (Coleção Nordestina). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

O quadro 6 (Dualidade básica da economia brasileira) apresenta resumidamente como estava estruturada essa dualidade apresentada por Rangel, já que não cabe aqui fazer uma análise detalhada acerca de cada polo, nem como muda tal dualidade.

Quadro 6 – Dualidade básica da economia brasileira

	Polo	Lado	Dualidade	Local
Dualidade Básica da Economia Brasileira	Polo Interno	Lado Interno	Escravista	-
		Lado Externo	Feudal	-
	Polo Externo	Lado Interno	Capitalismo Mercantil	Brasil
		Lado Externo	Capitalismo Industrial	Exterior

Fonte: RANGEL, Ignácio. A História da Dualidade Brasileira. **Revista de Economia Política.** São Paulo, v. 1, n. 4, p. 5-34, out./dez. 1981. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Nascia no Brasil o processo de comercialização, mas subordinado ao mercado externo, com o capitalismo industrial, também nascente no comando desse mercado. Assim,

A articulação entre centro e a periferia era realizada pelo capital comercial europeu e assim as formações sócio-espaciais periféricas eram compostas de dois setores: o capital mercantil europeu

²⁸ “Configurava-se, assim, uma segunda dualidade – uma espécie de ponte, tendo como cabeceiras: dentro do País, o nascente aparelho de comercialização e, lá fora, principalmente na Inglaterra, o mercado presidido pelo capitalismo industrial, também nascente. Essa formação passava a fazer sistema com a dualidade preexistente, que passava a ser o ‘o pólo interno’, com os seus dois ‘lados’, o escravista e o feudal, como já ficou dito. Essa *segunda dualidade* – capitalismo mercantil aqui e capitalismo industrial lá fora, passava a constituir o ‘pólo externo’ da *dualidade básica da economia brasileira*” (RANGEL, 1981, p. 10).

presente na colônia e na metrópole e as estruturas produtivas internas que sozinhas não conseguiam definir um modo de produção (MAMIGONIAN, 2004, p. 106).

Com o desenvolvimento das trocas²⁹ – “tanto no interior como, em especial, no campo internacional, é um traço distintivo e característico do capitalismo” (LÊNIN, [1917] 2010, p. 61) –, intensifica-se o processo de comercialização entre Colônia e Metrópole, determinando uma produção de valores que só tendia a aumentar com as técnicas que iam surgindo.

Da intervenção do português e das relações comerciais que começaram a se estabelecer na colônia se tem os primeiros indícios do que seria a feira livre futuramente no Brasil, mais precisamente no Nordeste – segundo Polany ([1944] 1980, p. 81) “o breve florescimento das famosas feiras da Europa constitui um outro exemplo de um tipo definido de mercado produzido pelo comércio de longa distância” – que outrora constituiu em uma das mais ricas formas de comercialização da região e que ainda hoje é uma grande manifestação de várias cidades, com destaque para as agrestinas, movimentando suas economias.

Os portugueses traziam consigo as experiências do comércio e as poucos iam impondo uma nova forma de comercializar. Não é possível afirmar, que eram feiras propriamente ditas, e sim, formas de trocas, “foram estes modelos de mercados que foram trazidos para o Brasil no rastro do processo de colonização portuguesa no início do século XVI” (DANTAS, 2007, 60). As mais variadas formas de trocas já existiam no Brasil, trocas entre índios de tribos diversas, trocas entre portugueses e índios, até chegar às formas como se tem hoje. Então,

Desse contacto, que perdurou por três décadas [fase de exploração do pau-brasil], os portugueses obtiveram conhecimentos ligados aos produtos que poderiam ser destinados à exportação, identificaram as dificuldades a serem superadas no processo de apropriação e colheram dados iniciais sobre a psicologia e a organização econômico-social do nativo e a maior ou menor facilidade de relacionamento com ele (ANDRADE, 1979, p. 16).

Seguindo por este caminho, pode-se dizer que a economia das cidades nordestinas tem sua gênese baseada num mercado onde se tinha uma troca imediata, com uma comercialização e negócio feitos instantaneamente,

²⁹ “Quando a fase de pura subsistência é ultrapassada, torna-se necessário que os excedentes de cada grupo sejam trocados. É o momento da troca simples, do escambo. Mas este tipo primitivo de comércio não tem força para mudar a forma particular com que cada grupo valoriza o tempo e o espaço. É o comércio especulativo que traz mudanças, por criar uma nova relação social com a introdução da mercadoria e da moeda” (ARROYO, 2004, p. 51).

caracterizando, assim, as chamadas feiras, hoje denominadas de feiras livres. Mott *apud* Dantas (2007) aponta que a primeira feira de que se tem notícia, era a que estava localizada em Capoame, norte do Recôncavo Baiano, por volta do século XVI e XVII. Em seguida, foram surgindo feiras³⁰ voltadas principalmente para o comércio do gado, com as feiras de gado.

Nos fins do século XVI a atividade pecuária começou a adentrar para o interior nordestino, tornando-se base da economia sertaneja, fazendo surgir a partir do gado algumas feiras e povoados – “a Feira de Gado surgiu em função de uma atividade – a pecuária – amplamente favorecida pelas condições naturais favoráveis (PAZERA JR., 2003, p. 37) – que posteriormente tornaram-se cidades de destaque não só para suas regiões como também para seus estados³¹.

As cidades de Itabaiana/PB, Feira de Santana/BA³², Itabaiana/SE entre outras, são exemplos típicos de cidades que surgiram nos caminhos por onde o gado penetrava para o interior, tinham nelas pontos de parada ao deslocarem o gado. Nesse sentido, Almeida (1984, p. 216) vai mostrar que esse tipo de criação “no Sertão [passando pelo Agreste] pôs em movimento esse interior e atraiu a especulação de comerciantes capazes de gerar o desenvolvimento precoce dos seus centros urbanos e algumas de suas aldeias”.

As feiras estruturadas da forma como se encontram hoje, é reflexo direto ou indireto das pequenas vilas que surgiam nos caminhos abertos pelo gado. As condições propícias encontradas foram essenciais para fixa-las e mantê-las, expandindo e ganhando espaço, impulsionando as povoações que surgiam. Logo, percebe-se que a pecuária foi importante na fixação da população nas sub-regiões do Agreste e do Sertão, criando,

As condições para o abastecimento dos primeiros núcleos de povoamento e, conseqüentemente, para o estabelecimento das

³⁰ “Outras feiras de que se têm notícia nesse período são as da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha, na capitania de Pernambuco; e em muitas vilas e cidades de Sergipe” (DANTAS, 2007).

³¹ Esse caso é um exemplo dentre outros espalhados pelo Nordeste. Diga-se também que pode ser herança dos Portugueses, visto que existem relatos de cidades portuguesas que tiveram origem também a partir da feira do gado. Um exemplo bastante elucidativo é o caso da cidade de Santa Luzia em Portugal, “onde uma feira mensal deu origem a uma pequena povoação que ainda hoje lhe deve muita da sua importância, mas cujo desenvolvimento passou a depender da instalação de uma empresa de camionagem” (GASPAR, 1986, p. 78).

³² “Feira de Santana, situada em uma zona de transição entre a área úmida e a semi-árida, desenvolveu-se em torno de uma feira de gado, tornando-se rapidamente um dos principais núcleos urbanos do Estado” (ANDRADE, 1979, p. 86).

relações comerciais, inicialmente, voltadas para a comercialização do gado e, posteriormente, para a evolução para as atuais feiras (DANTAS, 2007, p. 74).

Com a evolução das feiras, está o papel desempenhado pelos transportes na circulação de mercadorias e pessoas. As feiras sempre dependeram dos meios de transportes existentes em cada época. Porém, com o crescimento do comércio, o aumento das trocas e o raio de abrangência das mesmas, passaram a depender cada vez mais dos transportes – de carga e/ou de passageiros, por exemplo – desde os mais simples e rústicos, como a carroça de burro até os mais modernos, seja o caminhão, o ônibus ou mesmo as motos.

As feiras foram ganhando proporções não somente graças à localização, como as melhorias que surgiam mediante as necessidades das cidades, já que estas começavam a se expandir. A evolução dos transportes e sua melhoria, bem como abertura de várias estradas ligando o litoral ao interior dos estados, foram fundamentais no processo de integração e interiorização de suas economias, fazendo com que o comércio e a cidade se tornassem mais dinâmicos.

Atualmente, inseridas nos novos processos econômicos, as feiras têm reagido e se adaptado às mudanças que vêm ocorrendo. Coexistem com as formas comerciais modernas, porém, não tendo uma transformação geral, elas continuam exercendo papéis de destaque. Portanto, estudar a importância desse tipo de mercado³³ nas cidades agrestinas, remete a entender os mais variados aspectos, desde sua gênese e evolução, até sua organização e funcionamento.

Trilhando por este caminho, “têm as feiras, sobretudo no Agreste e no Sertão, onde domina uma atividade policultora, grande influência na economia local” (ANDRADE, 1974, p. 135), muitas chegam ao ponto de extrapolarem as fronteiras municipais, alcançando estados vizinhos, bem como outras regiões. Essa observação aponta para o fato de que a feira no Agreste já não se realiza mais apenas como um evento corriqueiro, ela passa a “assumir um papel de destaque sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira” (PAZERA JR., 2003, p. 27).

Como atividade econômica, as feiras passaram a ter grande expressividade nas cidades localizadas no Agreste, de tal modo, que cabe fazer uma diferenciação

³³ “Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias” (BRAUDEL, 1998, p. 15).

com as feiras realizadas cotidianamente na sub-região da Mata e/ou no Sertão. Para tal, Pazera Jr. (2003) apresenta em seu estudo sobre a Feira de Itabaiana/PB, dois tipos de feiras existentes no Nordeste de acordo com sua localização, que reflete de certa forma a realidade das feiras nordestinas: Feiras de Zona de Transição e Feiras de Zonas Típicas³⁴.

Tidas como manifestação da atividade comercial, as feiras têm atraído um contingente populacional bastante significativo. Essa atração não só movimenta a feira, já que estão ali para comprar e/ou vender, como também cria uma maior movimentação no comércio, visto que muitos se deslocam até o centro principal de suas cidades não somente para irem à feira, como também utilizarem dos serviços prestados nas cidades: saúde, bancário, educacional, alimentação, etc.

Então, essa manifestação comercial como gênese econômica de grande parte das cidades nordestinas, em particular as agrestinas, atrelada a agricultura, possibilitou o surgimento de outras funções, a exemplo da função industrial e o aumento dos serviços, que têm contribuído na elevação do número de empregos e na organização das cidades (ver gráfico 9 (Região Nordeste: Número de empregados segundo Grande Setor – 2014) e gráfico 10 (Região Nordeste: Porcentagem de empregados segundo Grande Setor – 2014)). Para Rochefort (1964, p. 122), “o estudo da distribuição de cada serviço contribui para a compreensão das atividades produtivas e da organização da vida regional. Constitui, pois, um aspecto indispensável e quase uma conclusão de todo estudo regional”.

O aumento cada vez mais acelerado das trocas e do processo de comercialização, fazem surgir mercados especializados, movimentando toda uma vida de relações. Consequentemente, trazem desconforto aos atores que participam diretamente na realização da feira, uma vez que, obriga as autoridades competentes a tomarem decisões, como a mudança nos dias de feira ou sua localização, que na maioria das vezes trazem prejuízos aos feirantes, beneficiando outros atores.

Nos dias atuais, o período denominado por Santos ([1996] 2008) de *técnico-científico e informacional* é marcado fortemente pelas mudanças e evoluções das

³⁴ As feiras de zona de transição são aquelas encontradas numa faixa de transição – zona da Mata-Sertão; Brejo-Agrete. Andrade (1974) caracteriza essas feiras como sendo as mais diversificadas e as mais importantes dentre as sub-regiões nordestinas. “Há o domínio da pequena e média propriedade, o que propicia condições para que um número maior de agricultores participem da feira” (PAZERA JR., 2003, p. 27); Enquanto, as feiras de zonas típicas são aquelas presentes em áreas bem definidas, como a zona da Mata – é possível encontrar feiras de tamanho e área de abrangência menores e com menos grandiosidade.

técnicas, da ciência e da informação. Apesar de todo esse avanço, a feira ainda encontra-se a todo vapor³⁵, porém, há de outro lado um aumento significativo pelos melhores territórios, acarretando num uso³⁶ diferenciado por cada um desses atores – hegemônicos ou não.

Gráfico 9 – Região Nordeste: Número de empregados segundo Grande Setor – 2014

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. CAGED Estatístico Id, ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 15h59min. MTE/SPPE/DES/CGET - CAGED LEI 4.923/65. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 10 – Região Nordeste: Porcentagem de empregados segundo Grande Setor – 2014

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. CAGED Estatístico Id, ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 15h59min. MTE/SPPE/DES/CGET - CAGED LEI 4.923/65. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

No período atual da chamada globalização, a competitividade aparece como uma de suas principais características, o que “acaba por destruir as antigas

³⁵ “Com efeito, se a vida econômica se acelera, à feira, relógio velho, não acompanha a nova aceleração; mas, se essa vida se desacelera, à feira recupera sua razão de ser” (BRAUDEL, 1998, p.76).

³⁶ Ver SANTOS, M. O Retorno do Território. In: SILVEIRA, Maria Laura et al (Org.) **Território, Globalização e Fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996b. p. 15-20.

solidariedades, frequentemente horizontais, e por impor uma solidariedade vertical” (SANTOS, 2008). O geógrafo Milton Santos no livro “Por uma outra Globalização”, diferencia de forma bastante clara o que são verticalidades e horizontalidades. As primeiras podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos, enquanto que as segundas são zonas de contiguidades que formam extensões contínuas. Espaço banal³⁷ em oposição ao espaço econômico. Logo, fica evidente que,

Os tempos locais e regionais são cada vez mais substituídos pelos tempos nacionais ou globais, já que mesmo as famílias e os indivíduos passam a contrair dívidas, comprar produtos financeiros, o que alteram o ritmo de reprodução cotidiana de suas vidas. As ações individuais e coletivas, portanto, perdem cada vez mais seu caráter orgânico com os lugares nos quais efetivamente se dão (CONTEL, 2009, p. 131).

Diante dessa realidade, o papel desempenhado pelas feiras livres dentro dos dois circuitos da economia urbana (SANTOS, [1979] 2008) é de grande importância como atividade econômica³⁸ para as suas cidades, visto que, não se exige alta qualificação do trabalhador, não é um trabalho permanente, encontra-se trabalho de forma fácil. Mesmo com características particulares, a feira encontra alguns obstáculos. As feiras competem cada dia mais com um “rival” que aproveita de suas características, apoderando-se delas para usá-las de acordo com os interesses capitalistas, de forma a acumular capital cada vez mais e buscar mercantilizar os processos que giram em todas as esferas da vida econômica (WALLERSTIN, 2001). Assim, produtos encontrados nas feiras estão também disponíveis nas grandes redes de supermercados e atacados, que integram o CS³⁹ da economia urbana. Segundo Sá (2011),

O capitalismo reconfigura seus meios e modos de produção, aplica tecnologia de ponta em arranjos produtivos flexíveis capazes de ofertar ao mercado bens e serviços não mais apenas padronizados como no taylorismo-fordismo, mas sim de acordo com as

³⁷ “El espacio banal es el espacio de todos los individuos independientemente de sus cualidades, el espacio de todas las empresas independientemente de su fuerza y el espacio de todas las instituciones independientemente de su poder normativo. Por ello el espacio banal, lugar del acontecer solidario, marca el encuentro de todas las disciplinas sociales y su estudio es un lenguaje de la Geografía accesible a todas las demás ciencias del hombre. Exige siempre um enfoque abarcador e integrador, una visión de dentro que incorpore el movimiento del mundo, una visión ontológica” (SANTOS, 1996a, p. 5).

³⁸ “Toda atividade econômica (seja um produto material ou um serviço) precisa ser financiada em todos os estágios de sua produção” (DICKEN, 2010, p. 408).

³⁹ Circuito Superior/CS e Circuito Inferior/CI da economia urbana é proposta por Santos ([1979] 2008).

possibilidades mercadológicas de melhor venda do produto aos consumidores (SÁ, 2011, p. 35).

No entanto, a feira apresenta um diferencial: uma variedade e frescor dos produtos, bem como uma forma única de negociar com seus clientes, que não é possível encontrar no CS. Daí a feira reagir às mudanças e imposições que são impostas, visto que elas estão enraizadas na cultura e na economia do povo nordestino.

As mudanças que vem ocorrendo nas atividades comerciais nas últimas décadas fazem com que essa forma tradicional de comercialização se adapte aos novos e cada vez mais modernos sistemas de compra e venda: os supermercados, shopping center, hipermercados, atacados etc., que fazem usos do território com uma competitividade sem tamanho, impondo suas normas e regras. Neste sentido, Dantas (2007, p. 23) aponta que o “estudo do comércio e, conseqüentemente de suas formas, nos possibilita enxergar as verdadeiras mudanças da sociedade, a evolução dos valores e as modificações na estrutura urbana”.

A feira nos dias de hoje, também tem a função de empregar um número muito grande de pessoas que não tem outra opção, encontrando nela uma forma de sobrevivência. Muitos encontram um espaço para mostrar certas habilidades direcionadas ao comércio e assim tirar o máximo de proveito e conhecimento para se estabelecerem como pequeno comerciante e, posteriormente se destacar como um grande comerciante local. É importante conhecer a realidade econômica das cidades agrestinas, que contribuem para formação econômica de seus estados e da região Nordeste.

Diante disso, antes de adentrar na gênese econômica das duas cidades estudadas e dos seus desdobramentos, será analisado no próximo capítulo o desenvolvimento econômico do estado de Alagoas e Sergipe, atentando para os eventos que marcaram cada período de sua história econômica e as suas sub-regiões.

CAPÍTULO 2

Notas sobre a formação econômica de dois estados do Nordeste brasileiro

2.1. Breves apontamentos acerca da história econômica de Alagoas

Primeiramente, cabe fazer uma análise dos eventos que contribuíram para a formação econômica de Alagoas, e em seguida analisar a gênese econômica da cidade de Arapiraca no interior do estado alagoano. Assim, trazer à tona nesse momento as especificidades de Alagoas, torna-se fundamento relevante no entendimento da sua dinâmica, da dinâmica de suas sub-regiões e cidades, bem como da região Nordeste, seja através das atividades comerciais, de serviços, industriais e/ou agrícolas.

De acordo com relatos históricos, as terras correspondentes ao estado de Alagoas, teve sua ocupação baseada na expansão da cultura da cana que já estava estruturada em Pernambuco. Após esta expansão no sentido sul da Capitania⁴⁰, conforme pode ser visto a partir da imagem 1 (Capitania de Pernambuco – 1720), é dado o segundo passo para ocupação das terras alagoanas⁴¹, onde desde cedo,

Os engenhos começaram a pontilhar o território alagoano, o antigo “Sul” da Capitania de Pernambuco, o que tem levado os historiadores à afirmativa certa de que o povoamento alagoano se fizera à sombra dessas fábricas de açúcar e, também, das fazendas de gado no S. Francisco, que deram lugar a tantos núcleos populacionais (DUARTE, 1974, p. 25).

Com essa expansão necessitou-se de novas áreas para o cultivo da cana, surgindo num primeiro momento, um núcleo de povoamento chamado Penedo⁴². Na sequência, mais dois núcleos foram criados a partir das necessidades de povoar as terras ao sul da capitania pernambucana – Porto Calvo e Alagoa do Sul. Logo,

É possível admitir que haja partido de três focos iniciais o povoamento do território alagoano. Um assentou no norte, e teve Porto Calvo como núcleo de irradiação. O segundo situa-se no centro do litoral e se desenvolveu em torno das lagoas, que deram nome ao povoado inicial: Alagoas ou Alagoa do Sul e Alagoa do Norte.

⁴⁰ Segundo Brandão (1919), compreendia uma faixa entre o rio S. Francisco e o de S. Cruz do Itamaracá, com 60 léguas de terras, doada a Duarte Coelho Pereira no ano de 1534, sendo chamada de Nova Lusitânia a partir de 1535 quando o mesmo toma posse das terras.

⁴¹ Pode-se dizer de acordo com Lima (1965), que o primeiro passo, em relação ao seu povoamento foi a ocupação iniciada pelas tribos indígenas, que se distribuíram pelo seu território. Entretanto, quando se trata do colonizador, a ocupação iniciou-se, segundo os cronistas antigos e historiadores mais novos, com os franceses, os mais atuantes mercadores de pau de tina (pau-brasil).

⁴² Segundo Duarte (1974), Penedo constituiu-se num velhíssimo empório comercial, o que atraiu desde cedo o reinol, que perceberam as qualidades e excepcionais condições para o enriquecimento fácil. Para Brandão (1919), Penedo foi o primeiro estabelecimento fundado em terras alagoanas entre os anos de 1522 e 1535. Em seguida surge Porto Calvo, no ano de 1575, como ponto de passagem obrigatório para quem se deslocava no sentido sul da Capitania.

de Penedo, foram dados os passos para o povoamento e colonização da parte sul de Alagoas. D. João III querendo colonizar de vez as terras brasileiras – “a primeira divisão territorial do Brasil ocorreu em 1534 e foi realizada por D. João III, rei de Portugal” (GUERRA; GUERRA, 1964, p. 3) –, tomou como medida a distribuição de sesmarias, a partir da divisão da Capitania, aos mais notáveis colonos. Sendo assim, as sesmarias e seus respectivos colonos ficaram divididas conforme o quadro 7 (Território de Alagoas: Divisão em sesmarias e seus colonos – século XVI e XVII).

No ano de 1706 Alagoas é elevada a categoria de Comarca⁴³ mediante a Carta Régia de 9 de outubro daquele mesmo ano, sendo o primeiro passo para a autonomia administrativa, tendo desde ouvidor, comandante militar, até juizes ordinários e capitães mores, que futuramente seria solidificada com a emancipação e desmembramento da Capitania de Pernambuco.

Por esta época já não se tinha o rebuliço dos primeiros tempos da colonização, de forma que as povoações que iam surgindo davam origens as freguesias e vilas, não só no litoral como também adentrando o interior, encontrando condições ricas para as fazendas pastoris. Assim, os contornos geográficos do território foram sendo afirmados, abrangendo toda a região que foi, a então comarca de Alagoas (COSTA, [1929] 1983), tendo como sede principal Alagoas do Sul, primeira capital alagoana, hoje Marechal Deodoro da Fonseca.

No século XIX, mais de cem anos depois de elevada a categoria de comarca, mais precisamente em 16 de setembro de 1817, ocorre a Emancipação Política do território de Alagoas, “o governo geral sancionava o desmembramento levado a efeito pelo ilustre Ferreira Batalha. Alagoas entrava para a comunhão brasileira com os foros de capitania” (COSTA, 1967, p. 38).

Fatores econômicos e demográficos⁴⁴ visíveis por mais de um terço da capitania de Pernambuco, refletindo no seu desenvolvimento, bem como devido a sua estranheza em relação à revolução republicana em Recife⁴⁵, foram essenciais

⁴³ De acordo com apontamentos feitos por Brandão (1919), a comarca das alagoas que sempre foi devido a muitas causas mais ou menos bem povoada, contou, ao iniciar-se o novo século, as localidades seguintes: Penedo, núcleo da vida do Baixo S. Francisco, a que ainda hoje continua a presidir; Porto-Calvo; Alagoas do Sul; Anadia; Poxim; Atalaia; S. Miguel; Maceió; Porto de Pedras; S. Luzia; Piaçabuçu; Colégio; Traipu; Água Branca; Palmeira dos Índios e Sant’Anna do Ipanema.

⁴⁴ Nessa época, Alagoas contava com uma população de 89.589 almas, passando para 111.973 habitantes no ano de 1819, conforme Costa (1967). Tenório (1996) mostra que esse número já alcançava a cifra de 249.687 habitantes em 1860 e 341.316 em 1870.

⁴⁵ Esse fato é possível identificar nas palavras de Lima (1965, p. 179): “outros episódios históricos tiveram alguma repercussão, como a revolução de 1817, em Pernambuco, a qual levou D. João VI a

nesse marco histórico para o estado alagoano. Costa ([1929] 1983) aponta que, querendo diminuir a força de Pernambuco, reduzindo seu território e também retribuir os serviços prestados por Alagoas em relação ao movimento de 1817, o rei D. João VI, resolve dar foros de independência ao hoje estado de Alagoas.

Quadro 7 – Território de Alagoas: Divisão em sesmarias e seus colonos – século XVI e XVII

Colonos	Sesmarias
1 – Christovam Lins	Da embocadura a Cabo de Santo Agostinho. Somente uma parte dessa sesmaria ficou pertencendo a Alagoas. Na sua sesmaria, pouco a pouco repartida com os colonos que mais se distinguiam, dedicando a sua inteligência ao desenvolvimento da agricultura e da indústria açucareira.
2 – Antonio de Barros Pimentel	Da foz do Manguaba a do Santo Antônio de Meirim. Conhecido por Santo Antônio dos Quatro Rios por serem quatro cursos fluviais que a banhavam – Manguaba, Tatuamunha, Camaragibe e Santo Antônio.
3 – Miguel Gonçalves Vieira	Obteve duas concessões de terras. (3º Donatário – Jorge Coelho de Albuquerque) Cinco léguas na costa e oito para o sertão, com a condição de fundar vila, levantar engenhos e reparti-la pelos moradores. (4º Donatário – Marquês de Basto e Conde de Pernambuco) cinco léguas no litoral e dez para o interior. Pela costa, a sesmaria começava em Santo Antônio do Meirim e terminava na enseada da Pajussara. Pelos fundos, a ela pertencia a Lagoa do Norte ou Mundaú.
4 – Diogo Soares da Cunha	Obteve uma sesmaria de cinco léguas de litoral, de Pajussara ao porto do Francês, com sete léguas de fundo, segundo o foral de 5 de agosto de 1591. Residiu a partir de 1596 no povoado cujo nome foi dado de Magdalena, dilatando-se em propriedades agrícolas, estendeu-se pela margem da lagoa do sul, ou Manguaba.
5 – Antonio de Moura Castro	Couberam as terras que, pelo litoral, vão do porto do Frances ao Picão, em Coruripe. Dessa sesmaria saíram a Vila do Poxim e a cidade de Coruripe.
6 – Belchior Alvares Camello	1º alcaide-mór de Penedo, parece terem pertencido às terras restantes, pela costa do Picão à foz do São Francisco.
7 – D. Felipa de Moura	Foram doadas em 1612 pelo segundo donatário quatro léguas a oeste do São Francisco, ao norte da foz do Pianguy. Pertenceram-lhes também as terras marginais do rio de São Miguel.
8 – Antonio Barbalho Feio	Deram-se cinco léguas do engenho São Miguel aos campos de Inhauns. Fundou o engenho, hoje Sinimbu, dando origem a atual cidade de São Miguel dos Campos.
9 – Várias Colonos	Os famosos campos dos Arrozais de Inhauns – os mais ricos pastos de todo o Brasil – estendiam-se por dez léguas do território, cortados ao meio pelo rio São Miguel.
10 – João da Rocha Vicente	Uma sesmaria fronteira as terras que haviam pertencido a Jeronymo de Albuquerque. Foram-lhe dadas nove léguas do território, no sertão.
11- Leonardo Pereira da Cunha	Uma sesmaria de légua e meia na margem do São Francisco.
12 – Fernão de Vaz Freire	Em 1614 duas ilhas – Perecoba e Genipapo e mais duas léguas em quadra na margem do São Francisco.

Fonte: COSTA, Craveiro. **História das Alagoas:** resumo didactico. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo; Maceió: SERGASA, [1929] 1983. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

nos separar de Pernambuco, como prêmio de nossa fidelidade à sua política imperial e pelas boas condições econômicas”.

Em fins do século XIX, foi possível constatar um contingente populacional superior ao de várias províncias, um significativo número de freguesia e uma economia que literalmente se enraizava nas terras alagoanas, ou seja, a economia baseada na cultura da cana. A tabela 5 (Alagoas: população por freguesia – 1870) mostra como estavam distribuídas as freguesias e a população em Alagoas.

Tabela 5 – Alagoas: população por freguesia – 1870

Freguesias	População Livre	População Escrava	Total
Maceió	10.486	1.632	12.118
Jaraguá	3.303	368	3.671
São Miguel	10.139	2.190	12.329
Pilar	8.458	1.348	9.806
Pão de Açúcar	8.645	407	9.052
Norte (Santa Luzia)	7.194	1.919	9.113
Anadia	12.394	1.296	13.691
Traipu	11.857	729	12.586
Sat'Ana	8.421	316	3.737
Porto de Pedras	5.252	1.008	6.260
Camaragibe	18.681	2.472	21.153
Água Branca	5.282	338	5.620
Quebrangulo	9.944	847	10.791
Penedo	14.093	1.443	15.536
Atalaia	22.609	1.882	24.491
São Bento de Maragogi	8.757	1.869	10.626
Colégio	12.781	494	13.275
Murici	10.852	961	11.813
Mata Grande	4.335	277	4.612
Piaçabuçu	3.252	304	3.556
Pioca (Ipioca)	8.674	2.068	10.742
Porto Calvo	13.422	2.014	15.436
Assembleia	19.631	1.082	20.713
Limoeiro	8.983	855	9.838
Coruripe	7.752	934	8.686
Palmeira dos Índios	13.614	3.411	17.022
Imperatriz	29.277	1.340	30.616
Alagoas	8.449	977	9.426
Total	306.537	34.781	341.318

Fonte: TENÓRIO, Douglas Apprato. **Visão Geral da Província das Alagoas no Segundo Reinado.** In. *Capitalismo e Ferrovias no Brasil*. Curitiba: HD Livros, 1996.

O açúcar tem papel de destaque na economia do estado alagoano, na sua história e em todo o seu processo de evolução, que segundo Diégues Jr. (1944, p. 10), “é através do açúcar, pela edificação dos engenhos, que se vai alargando o povoamento. Iniciado em Pôrto Calvo o aparecimento de engenhos vai descendo e atinge também Alagoa do Sul, sempre à procura dos vales férteis”. Essa importância dada ao açúcar é proveniente de sua formação histórica. Tornou-se a atividade mais lucrativa, criando núcleos de populações onde a cultura se instalava. Foi também

responsável pela criação da indústria alagoana, a indústria canavieira, ocupando ainda hoje um posto importante no cenário nacional no que diz respeito à produção da cana de açúcar. Logo, “para o conhecimento do homem alagoano, da sua sociedade colonial, imperial ou republicana, não se deve em nenhum momento ignorar a presença do açúcar” (TENÓRIO, 1996, p. 75).

O cultivo do algodão foi o segundo tipo de produto de grande valor na economia do estado, perdurando assim durante muito tempo. Seu início é datado de fins do século XVIII, atingindo números consideráveis na produção no século seguinte, quando da sua emancipação. Segundo Lima (1965, p. 242-243), esse produto “teve também nos primórdios de nossa colonização uma atividade acentuada, facilitando o povoamento do interior alagoano, com as plantações que ajudaram as fazendas de gado a se fixarem na zona sertaneja”.

O algodão juntamente com o açúcar foram os responsáveis pelo domínio da economia alagoana quase em sua totalidade. Foi tão difundindo em Alagoas que chegou a ultrapassar o açúcar em determinados períodos, de maneira que “o açúcar estava relegado a segundo plano. O algodão atingia, então, a fase áurea; alcançava preços compensadores. Mais do que compensadores” (DIÉGUES JR., 2006, p. 119).

Entretanto, os índices que o algodão estava atingindo, não foram suficientes para ocupar o status de primeiro colocado do açúcar, ficando economicamente sempre em segundo lugar, “crescia a produção do açúcar, registrando o porto de Maceió, índices ascendentes de movimento. O açúcar continuava a liderar a produção, sempre seguido do algodão” (TENÓRIO, 1996, p. 76).

Se de um lado, a cana-de-açúcar e os engenhos⁴⁶ foram responsáveis pela economia e o povoamento do litoral e zona da Mata – aí se encontra “uma diminuição no número de propriedades rurais e a área total dos estabelecimentos, bem como em sua área cultivada” (SANT’ANA, 1970, p. 201) –, o algodão foi de certa forma o responsável pela expansão, povoamento e formação da economia do interior, que juntamente com a pecuária colocaram em movimento Agreste e Sertão.

⁴⁶ A fundação dos engenhos desde cedo constituíram a base e a condição indispensáveis do povoamento destas terras (DUARTE, 1974). Segundo Diégues Jr. (2006), o território alagoano conheceu os mais variados tipos de fábricas de açúcar, desde os engenhos d’água até os movidos a trapiches, estes movidos a bois. Então, “o engenho de açúcar como unidade econômica era um conjunto de exploração monocultura-latifundiária, com sua mão de obra baseada no trabalho escravo. Este quadro econômico refletia-se na organização da sociedade aí nascida” (DIÉGUES JR., 2012, p. 48).

Além da cana de açúcar e do algodão, conforme aponta Tenório (1996, p. 77), porém, “com a importância pouco significativa no contexto exportador, mas de grande importância na economia interna, estavam o feijão, o milho, o fumo, o arroz, a mandioca e o coco, alguns cambiados com outras províncias”. Fora esses produtos, “também teve sua importância nos primeiros tempos de Alagoas a pecuária, possuindo o território excelentes pastagens nos campos conhecidos como Campos e Inhauns, hoje Município de Anadia” (DIÉGUES JR., 1944, p. 11-12).

A comercialização dos produtos alagoanos num primeiro momento se fazia mediante as exportações para Recife e, posteriormente, direcionadas para o estrangeiro⁴⁷, esse deslocamento da produção para outro estado não permitia um maior crescimento do comércio interno. Outros fatores explicam o atraso em relação ao seu desenvolvimento agrícola, “a deficiência de estradas que trouxessem os produtos do interior para os portos de embarque, a escassez da navegação marítima e, algumas vezes, a inferioridade do produto alagoano” (DIÉGUES JR., 2006, p. 133). Percorrendo pelos escritos de Sant’Ana (1970), é possível perceber que,

Alagoas encravada entre dois grandes centros comerciais que a comprimiam – Pernambuco e Bahia –, através dos quais exportava parte da sua produção de açúcar e algodão, desde cedo a nova Capitania, logo depois Província, começara a exportar aqueles e outros produtos diretamente para os portos estrangeiros (SANT’ANA, 1970, p. 27).

Com o porto de Jaraguá, foi possível fazer esse comércio diretamente com o exterior, destaca-se a participação do comércio inglês em terras alagoanas, que mantinham o controle no que se referia aos produtos manufaturados importados. Nota-se que,

De longa data esse comercio inglês se vinha exercendo na Província das Alagoas. Assim, acredito que ainda na fase de Comarca, ele existisse nas Alagoas, pois, no Recife, era forte o comercio por parte dos ingleses e possivelmente deviam manter aqui filiais de suas firmas (DUARTE, 1974, p. 30).

Excetuando a capital Maceió, às demais cidades alagoanas permaneceram durante muitas décadas como simples aglomerações que emergiram através das funções desempenhadas pelos engenhos e usinas. Ainda hoje, muitas cidades apresentam-se como simples centros sem grande representatividade, com uma

⁴⁷ De acordo com Lima (1965, p. 316) “esta nossa atividade tem projetado Alagoas no cenário internacional como exportador de algodão e açúcar; outros produtos nossos não saem diretamente do Estado, e passam a outros vizinhos”.

economia e um comércio pouco variado e dinâmico, estas localizadas na zona predominantemente dominada pela economia baseada na agro-indústria do açúcar⁴⁸. Seguindo por este caminho, o desenvolvimento de Alagoas está centrado na “evolução industrial, começada, praticamente, desde a instalação dos engenhos de açúcar e sua posterior substituição pelas usinas; êste surto incrementou-se, ainda mais, com o aperfeiçoamento de nossa indústria têxtil” (LIMA, 1965, p. 179).

Para além da indústria têxtil e açucareira, está também a indústria voltada para produção de óleos vegetais,

Outras indústrias surgem e se desenvolvem no Estado, podendo apontar-se ainda o beneficiamento e transformação de produtos agrícolas, a de laticínios que vem tomando grande incremento nos últimos anos, a de cerâmica com a produção de artefatos de barro, telhas e tijolos, a de sabão, a de mobiliário com a produção de móveis de madeira e vime, etc. (DIÉGUES JR., 1944, p. 14).

O contrário pode ser encontrado em cidades localizadas no Sertão e no Agreste, que apesar de possuírem cidades mais jovens, têm mostrado uma maior diversidade graças à divisão da terra, uma forte atividade agrícola com a policultura dominante e uma gama de pequenos centros locais que, diferente dos localizados na Mata e Litoral, são bastante dinâmicos. Assim, percebe-se que uma das particularidades da vida urbana de Alagoas, conforme relata Corrêa (1992, p. 93), “diz respeito à diversidade na distribuição espacial das cidades. De um lado, temos, nas zonas litorâneas e da mata, um grande número de pequenas cidades, e de outro, nas zonas agreste e sertão, um número maior de cidades importantes”.

Não se deve esquecer o papel dos transportes na vida urbana de Alagoas e na sua evolução, de tal modo, que em cada época um tipo de transporte foi responsável pelo desenvolvimento de funções importantes, colocando cidades em

⁴⁸ A primeira usina em terras alagoanas de que se têm notícias, foi a usina Brasileiro fundada em 1890 por Barão Wandesmet. Entretanto, o início da indústria em Alagoas, data de antes da introdução da usina de açúcar. Sua gênese está atrelada a indústria têxtil, com a fundação da fábrica de tecidos “Companhia União Mercantil” e Fernão Velho, criada a partir da iniciativa de José Antônio de Mendonça Barão de Jaraguá (DIÉGUES JR., 1944). As usinas passaram a produzir cada vez mais açúcar, chegando a ultrapassar a produção proveniente dos engenhos, sendo “em 1922, – ano em que a produção de açúcar das usinas alagoanas ultrapassou a dos engenhos – aqui existiam 13 usinas: Apolinário, Bom Jesus, Brasileiro, Leão, Esperança, Pau Amarelo, Pindoba, Rio Branco, Santo Antônio, São Simeão, Serra Grande, Sinimbu e Uruba” (SANT’ANA, 1970, p. 195). Vale também chamar atenção para a primeira usina funcionando a partir do sistema de cooperativismo. De acordo com Diégues Jr., (2006, p. 160), “começou a funcionar em janeiro de 1946 a usina Caeté, a primeira fábrica de açúcar, pelo sistema cooperativista, inaugurada não apenas no Brasil, mas em toda a América do Sul”. Sendo esta considerada em 2012 a 265ª empresa dentre as 1000 empresas do rankin das maiores do Brasil, com uma receita líquida (em R\$ milhões) de 1.516,0, seguida da Usina Coruripe (açúcar e álcool em 307ª – 1.320,7 de receita líquida) e da indústria Sococo em 829ª (produção de alimentos) com receita de 393,7 (VALOR 1000, 2013).

evidência de acordo com suas características e localidades. Diégues Jr. (1944), mostra que Alagoas,

Conta com as facilidades de sua navegação marítima e fluvial, esta em alguns rios; e dispõe também de uma rede de viação férrea e de uma rede rodoviária, que lhe permitem mais fácil intercâmbio com os Estados vizinhos, para não referir apenas às comunicações intermunicipais (DIÉGUES JR., 1944, p. 15).

O transporte veio modificar a vida urbana em Alagoas, destaca-se aqui a cidade de Arapiraca, que graças em parte a presença das ferrovias e, posteriormente, as rodovias foi ganhando impulso e se desenvolvendo, pois, por esta época a exportação do fumo produzido em Arapiraca tinha nas estradas de rodagem uma grande aliada. Em suas extensões as vias de transportes mobilizaram, impulsionaram e deram uma dinâmica maior a economia, ao comércio e ao crescimento de Arapiraca, das cidades do Agreste e do estado como um todo.

Mediante o exposto até o presente, vê-se que o desenvolvimento alagoano e sua respectiva economia devem-se em sua maior parte ao papel desempenhado pelo açúcar, “criador dessa sociedade, cujos traços característicos se fixam em derredor da vida econômica determinada pela agricultura da cana e indústria do açúcar” (DIÉGUES JR., 2012, p. 50). Contudo, não se deve esquecer outras culturas – algodão, fumo, mandioca e diversos cereais etc. – e a própria atividade cultural, que foram de fundamental importância em determinados momentos da história econômica de Alagoas e que se revelaram, nos vários setores da sociedade.

O estado de Alagoas, por volta da década de 1940, apresentava uma divisão do território em quatro grandes zonas fisiográficas segundo Diégues Jr., “Marítima, Mata, Sanfranciscana e Sertaneja”, conforme observado no quadro 8 (Alagoas: Zonas Fisiográficas do estado – 1940), diferente da divisão proposta por Andrade (1998) em “Mata e Litoral, Agreste, Sertão e Meio Norte”. Pode-se destacar a zona fisiográfica Sertaneja, maior em extensão com 9.581 km², com sete municípios, onde a cidade de Arapiraca estava inserida. Atualmente localiza-se na Microrregião⁴⁹ do

⁴⁹ De acordo com a Constituição Federal Brasileira/CFB de 1988, Capítulo III (Dos Estados Federados) art. 25, §3º, Microrregião é um conjunto de Municípios limítrofes: “Os Estados poderão, mediante lei complementar, instituir regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões, constituídas por agrupamentos de Municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum”. Para o IBGE (DGEO/DITER. 1990) “a organização do espaço microrregional foi identificada, também, pela vida de relações ao nível local, isto é, pela interação entre as áreas de produção e locais de beneficiamento e pela possibilidade de atender às populações, através do comércio de varejo ou atacado ou dos setores sociais básicos. Assim, a estrutura da produção para a identificação das microrregiões é considerada em sentido

Agreste de Arapiraca, a mais importante cidade do interior e a segunda maior do estado. Em meados da década de 1940, Arapiraca ainda não apresentava os índices que contribuíram para alcançar o patamar que tem hoje. Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema eram as cidades mais importantes economicamente.

Quadro 8 – Alagoas: Zonas Fisiográficas do estado – 1940

Zonas Fisiográficas	Municípios	Extensão (km²)
Marítima	Coruripe, Maceió, Maragogi, Marechal Deodoro, Passo de Camaragibe, Piaçabuçu, Manguaba, Porto de Pedras, Rio Largo, São Luiz do Quitunde e São Miguel dos Campos.	6.361
Mata	Assembleia, Atalaia, Conceição do Paraíba, Colônia-Leopoldina, Murici, Porto Calvo, Quebrangulo, São José da Laje e União dos Palmares.	6.019
Sanfranciscana	Igreja Nova, Pão de Açúcar, Penedo, Marechal Floriano, Porto Real do Colégio e Traipu.	6.610
Sertaneja	Água Branca, Anadia, Arapiraca, Limoeiro de Anadia, Mata Grande, Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema.	9.581

Fonte: DIÉGUES JR., M. **Alagoas e seus municípios**. Maceió: Imprensa Oficial, v. 1, 1944. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Em seu livro “Geografia de Alagoas”, Ivan Fernandes Lima (1965), apresenta uma nova proposta acerca da divisão do estado em zonas fisiográficas e uma divisão regional do estado. Assim, como também mostra a divisão feita por Craveiro Costa em 1931 e a proposta do Conselho Nacional de Geografia – CNG, que teve como base a proposta de Costa (1931). Para este, Alagoas estava dividida em Litoral, Mata, Sertão e São Francisco. Enquanto que para o CNG, a divisão era um pouco mais ampliada: Litoral, Mata, Sertaneja, Serrana, Sertão São Francisco e Baixo São Francisco. Nota-se que nenhuma dessas duas apresentava uma divisão que colocasse o Agreste como sendo uma zona fisiográfica única, mas sim, atrelada a outras zonas.

Para Lima (1965), Alagoas divide-se regionalmente em Oriental – Norte, Centro e Sul – e Região Ocidental, conforme pode ser visto através da imagem 2 (Alagoas: Divisão regional – 1965) reproduzida do livro “Geografia de Alagoas”. Na sequência, Lima apresenta seis zonas fisiográficas que podem ser vistas a partir do quadro 9 (Alagoas: Zonas Fisiográficas – 1965).

totalizante, constituindo-se pela produção propriamente dita, distribuição, troca e consumo, incluindo atividades urbanas e rurais. Dessa forma, ela expressa a organização do espaço a nível micro ou local”.

Imagem 2 – Alagoas: Divisão regional – 1965

Fonte: LIMA, Ivan Fernandes. **Geografia de Alagoas**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1965. (Coleção Didática do Brasil. Série Normal, v. 14).

Atualmente, Alagoas, o segundo menor estado da Federação Brasileira⁵⁰, possui uma população contabilizada, segundo dados do IBGE (2014), em 3.321.730 habitantes distribuídos pelos seus 27.774,993 km², perfazendo os seus 102 municípios e uma densidade demográfica de 112,33 hab/km².

Em relação à Mesorregião do Agreste Alagoano, destaca-se a Microrregião de Arapiraca, segunda Microrregião do estado, atrás somente da Microrregião de Maceió, tendo como principal cidade a que leva o seu respectivo nome. É formada por Arapiraca, Campo Grande, Coité do Noia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Taquarana.

Os 102 municípios alagoanos formam as três Mesorregiões⁵¹ e as treze Microrregiões Alagoanas: *Leste Alagoano* (Microrregião do Litoral Norte Alagoano,

⁵⁰ Nilo Bernardes (1967, p. 77) ao tratar do território alagoano, sua posição e sua respectiva colonização, aponta que por se tratar de um “território relativamente pequeno [...] não dá margem a uma variedade muito grande de esquemas na seleção de áreas prováveis para a colonização. O fator posição, a determinação do local de instalação de cada núcleo apresenta então uma variação modesta, compatível com a pequena proporção do espaço considerado”.

⁵¹ “Entende-se por Mesorregião, uma área individualizada em uma Unidade da Federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante e, a rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial. Estas três dimensões possibilitam que o espaço delimitado como mesorregião tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que ali se formou. Criadas pelo IBGE, são utilizadas apenas para fins estatísticos. Não se constituem em entidades político-administrativas autônomas” IBGE (DGeo/DITER. 1990).

Maceió, Mata Alagoana, Penedo, São Miguel dos Campos, Serrana dos Quilombos), *Agreste Alagoano* (Microrregião de Arapiraca, Palmeira dos Índios e Traipu) e *Sertão Alagoano* (Microrregião de Batalha, Sertão do São Francisco, Santana do Ipanema e Serrana do Sertão Alagoano).

Quadro 9 – Alagoas: Zonas Fisiográficas – 1965

Zona Fisiográfica	Municípios	Características
Litoral da Mata	Barra de Santo Antônio, Barra de São Miguel, Coqueiro Seco, Coruripe, Japaratinga, Maceió, Maragogi, Marechal Deodoro, Passo de Camaragibe, Pilar, Porto de Pedras, Roteiro, São L. do Quitunde, Santa Luzia do Norte, São Miguel dos Milagres, São Miguel dos Campos, Satuba.	Uma de suas fronteiras com o oceano e a maior extensão territorial na Mata; caracterizou-se pela ocupação humana colonial com os comerciantes de pau-brasil, os engenhos de açúcar e as cidades fundo-de-estúrio.
Zona da Mata	Atalaia, Boca da Mata, Cajueiro, Campo Alegre, Capela, Chã Preta, Colônia Leopoldina, Flecheiras, Ibateguara, Joaquim Gomes, Jacuípe, Jundiá, Junqueiro, Mar Vermelho, Matriz de Camaragibe, Messias, Murici, Novo Lino, Pindoba, Porto Calvo, Rio Largo, São José da Lage, São Sebastião, Santana do Mundaú, União dos Palmares, Viçosa.	Mais importante zona por causa da industrialização que a caracteriza com as usinas de açúcar e fábricas de tecidos de algodão.
Zona do Agreste	Parte úmida: Anadia, Belém, Limoeiro de Anadia, Maribondo, Paulo Jacinto, Quebrângulo, Tanque D'Árca, Taquarana. Parte sub-úmida: Arapiraca, Campo Grande, Coité do Nóia, Craíbas, Feira Grande, Igaci, Girau do Ponciano, Lagoa da Cana, Palmerias dos Índios.	Faixa de transição entre a Mata e o Sertão no sentido norte-sul; pode ser dividido em Agreste da Mata ou úmido e Agreste do Sertão ou sub-úmido; a agricultura e a pecuária têm condições de grande desenvolvimento e as propriedades multiplicam-se, caracterizando os minifúndios, apesar de existir alguns latifúndios na parte úmida.
Zona do Sertão	Água Branca, Batalha, Cacimbinhas, Canapí, Carneiros, Dois Riachos, Inhapí, Jacaré dos Homens, Jaramataia, Major Izidoro, Maravilha, Minador do Negão, Mata Grande, Monteirópolis, Olho d'Água das Flores, Olivença, Ouro Branco, Palestina, Poço das Trincheiras, Santana do Ipanema, São José da Tapera, São Marcos.	Zona das caatingas, onde a evaporação concorre com os índices pluviométricos; os rios secam durante a maior parte do ano; intensa atividade humana, apesar das secas; intensidade da agricultura e pecuária;
Zona do Sertão do São Francisco	Belo Monte, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Olho d'Água Grande, Pão de Açúcar, Piranhas, São Brás, Traipu.	A agricultura vai se desenvolvendo rotineiramente o que vem, com a criação, conservar as cidades tradicionais, já decadentes, e as recém criadas, estacionárias; a influência das rodovias tem desenvolvido um pouco os trabalhos rurais.
Zona do Baixo São Francisco e Delta	Igreja Nova, Penedo, Porto Real do Colégio, Feliz Deserto, Piaçabuçu.	A lavoura do arroz como o seu lugar nas áreas inundáveis, e, a pecuária domina os espaços mais elevados, mas se transfere nas fases de estio às partes mais baixas, aproveitando os pastos ainda úmidos.

Fonte: LIMA, Ivan Fernandes. **Geografia de Alagoas**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1965. (Coleção Didática do Brasil. Série Normal, v. 14). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Nos dias atuais, percebe-se que a economia alagoana ainda sofre, por exemplo, com a presença de uma forte concentração de renda e uma monocultura que se alastra pelo litoral e zona da mata, chegando às extremidades do Agreste, “seu império domina, absorve, dirige, sujeita as populações” (DIÉGUES JR., 2012, p. 158); diferença salarial, falta de incentivo ao pequeno produtor e/ou comerciantes e empresários. Em relação a economia do Estado alagoano, Carvalho (2012, p.11) mostra que o mesmo “possui um reduzido parque industrial, uma agricultura com alguns setores dinâmicos e uma rede de comércio e serviços baseada na economia informal, pouco desenvolvida, e, por isso, incapaz de gerar mais empregos”.

Em estudos feitos recentemente sobre Alagoas, é possível constatar conforme Carvalho (2012), que a estrutura fundiária do estado ainda se encontra concentrada nas mãos de poucos. Isso reflete o atraso encontrado em grande parte do setor rural do Estado. De acordo com o mesmo autor, Alagoas apresenta 101 mil estabelecimentos fundiários, equivalente a mais de 80% do total, com menos de 10 hectares, ocupando apenas 11% de toda a terra agrícola. Aqueles estabelecimentos com mais de 100 mil hectares, são representados pelas 197 maiores propriedades, ou seja, 0,1% do total de estabelecimentos, que por sua vez ocupam 27% das terras agricultáveis do Estado. Logo, é visível que,

O mundo rural alagoano é marcado pela estrutura fundiária problemática, refletindo a concentração das melhores terras em poucos e grandes estabelecimentos, e por um modelo agrícola que revela a centralização da produção em poucas atividades, como a pecuária e a cana-de-açúcar, ocupando menos de um quinto da área com as atividades de todas as demais lavouras (CARVALHO, 2012, p. 21).

Alagoas, graças a investimentos na área social⁵², tem apresentado melhoria em seu crescimento. Investimentos, principalmente federais, têm contribuído para dinamizar os vários setores da economia e aumentar consideravelmente o consumo da população. Assim, uma aliança entre ampliação do crédito popular e dos recursos públicos, permitiu que,

Alagoas obtivesse médias positivas no consumo de varejo, acima das nordestinas e brasileira, ativando o setor de serviços, criando mais empregos formais, provando que o principal problema regional

⁵² “Esses investimentos têm características extraordinárias e positivas. São massivos, capilarizados, chegam às famílias mais pobres e nas localidades mais distantes. São eles que movimentam parte considerável do comércio local e dinamizam a produção da economia popular. O pequeno comércio e as feiras de bairro da capital e as do interior do Estado têm suas dinâmicas determinadas, em grande parte, por essa renda social” (CARVALHO, 2012, p. 87).

é encontrar formas de distribuir renda, ampliar o mercado consumidor, gerando dinâmica que permita a criação e a atuação de novas empresas (CARVALHO, 2012, p. 99).

Diante dessa realidade, observa-se que a população emprega sua força de trabalho nas mais variadas formas de atividades encontradas, seja no CI da economia urbana, seja no CS (neste caso em menor proporção). Assim, a força de trabalho é o fator principal, e se dá de forma bastante diversificada envolvendo, homens, mulheres, idosos e crianças, tanto no processo de produção, como no de comercialização, o que faz perceber que “todo esforço para obter capital se traduz, afinal, em absorção de mão-de-obra, porque é pela aplicação do fator trabalho que se cria o fator capital” (RANGEL, 1990, p. 103).

Não cabe aqui fazer uma análise detalhada do atual estágio da economia alagoana. Entretanto, sempre que necessário volta-se-á para suas características como forma de entender o que está acontecendo economicamente em cidades interioranas, principalmente agrestinas, como é o caso da cidade de Arapiraca. Dessa forma, é possível justificar a fragilidade da economia alagoana a partir da dependência que o estado sempre teve das atividades agroindustriais, impossibilitando assim, uma maior diversificação do processo industrial e um fraco comércio e serviços em grande parte de suas cidades, exceção feita a Arapiraca, que tem sua força nos dias atuais centrada nesses setores. De forma geral, “o setor de serviços (incluindo comércio e administração pública) é o grande motor da economia” (CARVALHO, 2012, p. 17).

2.2. Relatos sobre a gênese da economia Sergipana

As dinâmicas, particularmente no interior dos estados nordestinos, consolidadas mediante a grande heterogeneidade existente, surgem de forma mais sólidas nas várias cidades agrestinas. Para tanto, será analisada neste tópico a gênese econômica e seus desdobramentos dentro do estado sergipano.

Sergipe – que pertencia a Capitania da Bahia⁵³ – entre os séculos XVI e XVII não contava com um contingente populacional de tamanho expressivo. Nesta época, estava presente um tipo de atividade econômica que era comum aos estados nordestinos, pecuária extensiva e lavoura de subsistência, por exemplo. Sua vida econômica “repousava, sobretudo, na agricultura de produtos tropicais, cana-de-açúcar e algodão, realizada nos vales dos rios Japarutuba, Continguiba-Sergipe e Vaza-Barris, na zona da mata” (DINIZ, 1969, p. 106).

Nas proximidades desses rios surgiram cidades de destaques, responsáveis pelas exportações e importações de produtos necessários a elas: Laranjeiras, Maruim, Riachuelo, Itaporanga D’Ajuda, São Cristóvão e Estância. Essas cidades “não conseguiriam suportar a concorrência com o comércio de Aracaju, facilmente abastecido por navios que atracavam diretamente no cais e passaram a um papel de ‘relais’. Começa, então, para a nova capital a sua ‘função’ comercial” (DINIZ, 1969, p. 107). Entretanto, elas passaram um bom tempo como centros comerciais, visto que Aracaju não agiu de forma geral sobre toda a zona da Mata.

Sendo considerada uma área que servia de complemento a lavoura canavieira de sua Capitania, Sergipe contava na primeira metade do século XVII com cerca de “quatrocentos currais distribuídos por toda a extensão do seu território e oito engenhos de fabricação de açúcar” (SUBRINHO, 1987, p. 12). É bom lembrar que esses engenhos eram pequenos e com pouca capacidade de acumulação, mas que conseguiu superar os problemas e continuar resistindo.

No século XIX (1885) Sergipe recebia seu primeiro engenho central, chegando em 1917 com 544 usinas, com apenas 4 completas, “posteriormente,

⁵³ Segundo Mendonça (2014, p. 31), “como pertencíamos à Capitania da Bahia, São Cristóvão, historicamente sendo a quarta cidade mais antiga do Brasil, era chamada de Sergipe, única freguesia da capitania criada em 1613”. Sergipe só veio se tornar independente na segunda década do século XIX: “por decreto de 8 de julho de 1820, Sergipe foi elevado à categoria de capitania, completamente independente do governo da Bahia, medida que se efetivará apenas em 3 de março de 1823” (SUBRINHO, 1987, p. 12).

cresceu o número de usinas, embora grande parte sejam médias e pequenas usinas. Neste Estado, aliás, a usina tomou uma feição diferente, baseando-se principalmente em tipos médios e pequenos” (DIÉGUES JR., 2012, p. 153).

Reflexo do que se passava no Nordeste, a respeito da economia, verifica-se que todo tipo de movimento voltado a fatores produtivos, tinha a finalidade de produzir de acordo com a demanda pelo açúcar, trazendo prejuízos para outros tipos de atividades. Em segundo plano estava presente à produção algodoeira, que de forma direta ou indireta era atividade econômica mais fortemente adaptada ao sertão-agreste do que a Zona da Mata, onde a cana de açúcar se alastrava tomando conta de toda a faixa do litoral sergipano. No que se refere a economia sergipana Subrinho (1987, p. 6), aponta que “em meados do século XIX se estruturou sob a forma de um complexo econômico mercantil escravista [...] a partir da expansão da cultura canavieira, que processava apôs a segunda metade do século XVIII”.

Pernambuco e Bahia eram de longe os grandes produtores da região Nordeste, ocupando em primeiro plano o quantitativo de exportação do produto, seja para o mercado nacional, como também no que se refere às exportações. Sergipe fica meio que às margens, tanto que sua produção era direcionada para Bahia e depois sim, exportada para outros mercados⁵⁴. Isso perdura até meados dos anos de 1862, quando o estado passa a exportar diretamente para o exterior.

Com o aumento das exportações no mercado nacional, tinha-se o estado do Rio de Janeiro⁵⁵ como o seu principal destino – era grande centro consumidor de seus tecidos, ficando com cerca de 35% de um volume de 841 toneladas de tecidos, o que leva a assertiva de que além de grande mercado consumidor do açúcar, a indústria têxtil também tinha grande importância para este estado (NASCIMENTO, 1994) – que juntamente com outros assumiram papel importante no que concerne os produtores sergipanos, a partir dos fins do século XIX (SUBRINHO, 1987).

Quando do declínio de Salvador em relação às exportações sergipanas, teria início o surgimento das primeiras casas exportadoras. Cita-se a Schram & Cia

⁵⁴ Segundo Subrinho (1987, p. 51), no que se refere aos transportes dessa época, o mesmo afirma que “o porto de Aracaju travaria árdua luta para se firmar como porto exportador, dada a proximidade da grande praça comercial de Salvador, que inibia os contatos diretos de Sergipe com os mercados europeus”.

⁵⁵ “No ano de 1900 cerca de 62% do açúcar sergipano é exportado para o mercado nacional, e já em 1903, não há exportação para o exterior, sendo o Rio de Janeiro seu principal mercado” (SUBRINHO, 1987, p. 87). Segundo Nascimento (1994, p. 30), Rio de Janeiro no ano de 1930 “absorvia 52,9% de todo o açúcar saído de Sergipe pelo porto de Aracaju. Os Estados do Sul (PR, SC e RS) ficaram com 27,9% e São Paulo com apenas 5,8%”.

(principal casa exportadora) fundada em 1836 em Maroin, que passou a assumir importante papel nos fins do século XIX e começo do XX. Esse início de novo século, mais precisamente a partir dos anos de 1930, a economia sergipana partiu,

De uma base produtiva precária (agricultura predominantemente de subsistência e uma frágil estrutura industrial) e de uma situação em geral marcada em seu interior pela debilidade das relações capitalistas, dificilmente poderia esperar-se que pudesse ser significativa sua contribuição à vida econômica do País (NASCIMENTO, 1994, p. 6-7).

O algodão foi tido inicialmente como uma cultura dos pobres, não recebendo as atenções oficiais cabíveis e, os proprietários de terras arrendavam para camponeses que pretendiam fazer o seu cultivo. O algodão era consorciado com outros produtos como o milho e o feijão, deve-se ao fato de que os maiores interesses dos grandes proprietários estavam ligados não à lavoura algodoeira, e sim, à formação de pastagens para a criação do gado. Com o crescimento de sua produção, passou então a rivalizar diretamente com o açúcar, mas,

Ao contrário do açúcar, que durante todo o século XIX alternou períodos de crescimento das exportações, com períodos de retração, o algodão em Sergipe, passou por um único forte surto exportador, na década de 1860, seguindo-se forte retração, que jamais se recuperaria, frustrando as esperanças da classe dirigente sergipana de que as exportações algodoeiras retirariam a economia provincial da forte dependência do comportamento das exportações açucareiras (SUBRINHO, 1987, p. 34-35).

O segundo produto de maior destaque passou a ser considerado produto de grande valor para o estado – há época Província – e a atividade mais valorizada, diga-se de passagem. Com essa valorização do produto, um número muito grande de comerciantes passou a se dedicar a esse tipo de atividade, deslocando-se para várias cidades espalhadas no interior do estado, a exemplo de Itabaiana.

Esse tipo de lavoura ganhou muito destaque no interior, sendo essencial na economia das cidades agrestinas e sertanejas. Criou certa renda para seus moradores e proporcionou o cultivo de outros tipos de produtos, de tal maneira que “nos limites do agreste com a zona da mata propriamente canavieira, duas outras culturas, o algodão e o café, se introduziram e lutaram pelo espaço já ocupado pelas mais tradicionais” (ALMEIDA, 1984, p. 199). De acordo com Diniz (1969, p. 123), “um outro caso provável de organização da produção agrícola, por parte de Aracaju, é a presença de uma área horticultora próxima à cidade e, principalmente, nos

“brejos” do município de Itabaiana, já situado no agreste”. A mandioca, o coco e a laranja, fazem parte dos produtos cultivados, não podendo deixar de serem citados.

Nem o açúcar nem o algodão, poderiam retirar a Província de certo atraso econômico sem um sistema de transporte eficaz. Era preciso transportar esses produtos da forma mais rápida, barata e segura. Logo, a criação de condições para uma maior negociação com o comércio exterior é um dos meios para alavancar a economia da então província. Essas condições eram não somente para a comercialização com o mercado de consumidores externos, como também no que concernem as negociações internas. Para tal, a criação da Associação Sergipense⁵⁶ e a criação de uma empresa de navegação para organizar o transporte no interior foram essenciais. Assim, pode-se dizer que,

A expansão da influência do comércio atacadista de Aracaju se tenha iniciado a partir de 1950, com as melhores condições das estradas sergipanas, que tornavam mais fácil a comunicação das cidades do centro de Alagoas com Aracaju do que com Maceió. Por outro lado, as vantagens oferecidas pelas casas atacadistas de Aracaju, tanto em preço, prazo de entrega e viajantes, estimulavam esse crescimento (DINIZ, 1969, p. 120).

No início do século XX a ferrovia começa a ganhar espaço, interligando a capital a outras tantas cidades sergipanas, possibilitando a expansão de Aracaju e sua respectiva área de influência. Em relação à rede de circulação rodoviária, só aos poucos é que começou a se estruturar. Nos anos de 1930 é o começo mais consolidado das estradas, que foi fortalecida na década seguinte, dada a entrada em grande proporção do automóvel, “o grande desenvolvimento do comércio de Aracaju e as facilidades de transporte rodoviário conseguem, então, projetar a capital como centro de serviços mais adequado para o sul do Estado” (DINIZ, 1969, p. 110).

Com uma circulação que aumentava, tinha como consequência o surgimento de novos centros, passando a atrair funções já presentes na capital. Itabaiana no interior do estado de Sergipe passou a ser grande representante, transformando-se em um centro na sub-região em que estava localizada. Para Carvalho (2010, p. 62), “o destaque no segmento de transportes em Sergipe perdurou no Governo de Manoel Dantas (1927-1930), com início da construção da rodovia que ligaria Aracaju à Itabaiana e no governo de Leandro Maciel (1955-1959) com sua conclusão”.

⁵⁶ “A Associação Sergipense nasce, então, do desejo dos senhores de engenho de Sergipe de comerciarem diretamente com os centros importantes da Europa, e sua existência permitiu que os veleiros procedentes de lá, aportassem com segurança em Aracaju, já que seu porto estaca fora de rotas das empresas estrangeiras de navegação a vapor” (SUBRINHO, 1987, p. 52).

Diante dessas observações, pode-se perceber que Sergipe, primeiro viu sua produção crescer no sentido de abastecer localmente suas fábricas para posteriormente direcionar seus produtos a outros mercados. Isso é visível mediante a inexistência nesse período de empresas grandes que fizessem a comercialização de seus produtos – como o próprio algodão. Para Nascimento (1994),

No plano econômico assiste-se à derrocada do modelo de crescimento primário-exportador, no interior do qual se plasmaram economias com identidades próprias e comportamento desigual em virtude do maior ou menor alcance que logravam no exterior os produtos básicos das econômicas (NASCIMENTO, 1994, p. 1).

Num primeiro momento, por volta da década de 1950, Sergipe apresentava uma divisão em zonas fisiográficas: Litoral, Central, Baixo São Francisco, Sertão do São Francisco e Oeste, como podem ser visto mediante a imagem 3 (Sergipe: Zonas Fisiográficas – 1950). A Zona Fisiográfica do Oeste, hoje Microrregião de Itabaiana, correspondia a uma área de 8.958 km² e abrangia 11 municípios (Campo de Brito, Frei Paulo, Itabaiana, Itabaianinha, Lagarto, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Riachão do Dantas, Ribeirópolis, Simão Dias e Tobias Barreto).

O município de Itabaiana já se destacava em relação aos demais dentro da Zona Fisiográfica do Oeste, apresentava uma diversificação bastante grande em relação a lavoura, já exportava para diversas cidades e para estados vizinhos, o que só fez aumentar e transformar a cidade na mais importante do interior sergipano. Não menos importante estavam as Zonas Fisiográficas do Litoral com 15 municípios, Central com 9 municípios, Baixo São Francisco com 3 municípios e o Sertão do São Francisco com 4 municípios, conforme pode ser visto a partir do quadro 10 (Sergipe: divisão em Zonas Fisiográficas – 1950).

Em cada uma dessas zonas uma cidade ganhava destaque por sua importância e influência sobre as outras. Na Zona Central, destacava-se o município de Capela, no Baixo São Francisco e no Sertão do São Francisco, sobressaíam, respectivamente, os municípios de Propriá e Aquidabã. Na Zona do Litoral, a capital Aracaju⁵⁷, hoje pertencente à Microrregião de Aracaju e que por sua vez pertence à Mesorregião do Leste Sergipano, ganhava destaque por ser um centro comercial e

⁵⁷ Segundo Corrêa (1965, p. 47), “a própria origem da cidade liga-se à necessidade de ter-se um porto marítimo para escoar a produção regional, como ocorreu com Recife e Maceió. Outra característica de Aracaju que é repetida em outras cidades nordestinas se relaciona ao fato de um porto usurpar a posição de uma antiga cidade outrora mais importante, fato ocorrido entre Recife e Olinda e entre Maceió e Marechal Deodoro”.

que dava vida a outras áreas econômicas. Porém, a capital não teve um passado com grande destaque, quando comparada com outras capitais do Nordeste brasileiro. Ao tempo em que também não teve grande projeção regional,

A particularidade de Aracaju é, no entanto, o seu tardio desenvolvimento como porto e cidade. Estando localizada numa região que não foi muito favorecida pela economia açucareira do período colonial, a cidade só surgiu após a segunda metade do século passado, quando aquela parte do litoral nordestino foi valorizada devido à maior demanda externa de açúcar (CORRÊA, 1965, p. 47).

Imagem 3 – Sergipe: Zonas Fisiográficas – 1950

Fonte: SAMPAIO, M. G. V. **Estudos de desenvolvimento regional:** Sergipe. Rio de Janeiro: CAPES, 1959.

Quadro 10 – Sergipe: divisão em Zonas Fisiográficas – 1950

Zonas	Nº de Municípios	Área km²	Municípios	População	Produção
Litoral	15	5.898	Aracaju, Arauá, Buquim, Cotinguiba, Cristinápolis, Estância, Indiaroba, Itaporanga da Ajuda, Japarutuba, Japoatã, Parapitinga, Salgado, Santa Luzia do Itanhi, Santo Amaro das Brotas e S. Cristóvão.	220.787 habitantes	Zona do coco – 93% do valor da safra. 24% da produção agrícola.
Central	9	1.683	Capela, Carmópolis, Divina Pastora, Laranjeiras, Maruim, Muribeca, Riachuelo, Rosário do Catete e Siriri.	77.712 habitantes	Zona da cana – 77% do valor da safra. 21% da produção agrícola
Baixo S. Francisco	3	651	Darcilena (Atual Cedro de São João), Neópolis e Propriá.	39.257 habitantes	Zona do arroz – 49% do valor da colheita. 6% da produção agrícola.
Sertão S. Francisco	4	4.837	Aquidabã, Canhola, Gararu e Porto da Folha.	49.810 habitantes	3% da produção agrícola.
Oeste	11	8.958	C. de Brito, Frei Paulo, Itabaiana, Itabaianinha, Lagarto, Nossa Sra. da Glória, Nossa Sra. das Dores, Riachão do Dantas, Ribeirópolis, Simão Dias e Tobias Barreto.	256.795 habitantes	Zona da mandioca – 83% do valor da safra. 46% do valor da produção agrícola
Estado	42	22.027	-	644.361 habitantes	100% produção agrícola.

Fonte: SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. **Estudos de desenvolvimento regional:** Sergipe. Rio de Janeiro: CAPES, 1959. **Elaboração:** FIRMINO, P. C. S.

Observa-se que Sergipe era de forma direta ou indireta, área periférica do estado baiano, servindo-o com seus produtos, e estes servindo aos interesses externos ao país. Como dito anteriormente, sua Emancipação Política deu-se em 8 de julho de 1820 a partir da assinatura do decreto por D. João VI, afirmando emancipar a Capitania de Sergipe Del Rei, dando-lhe um governo independente.

Por esta época a economia sergipana estava centrada na cana de açúcar assim como Alagoas, de tal forma que no século XIX estava estruturado seu complexo econômico mercantil escravista,

A expansão açucareira a partir do século XVIII, em Sergipe, foi provavelmente viabilizada pelos adiantamentos que as casas comerciais sediadas em Salvador faziam aos senhores de engenho. A proximidade geográfica e a unidade política de Sergipe e Bahia podem ter reforçado este relacionamento econômico (SUBRINHO, 1987, p. 58).

Era um período no qual a cultura canavieira se fazia a partir de instrumentos rudimentares, ausente qualquer forma diferenciada de preparação do solo, plantação e colheita da cana, mas que não representava a realidade de todas as cidades e sub-regiões sergipanas. Outro tipo de atividade desenvolvida foi à criação de gado que se constituiu numa atividade econômica de cunho bastante expressivo, uma vez que ela surge como uma alternativa para a economia do estado, já que ela residia nos itens açúcar e tecidos de algodão (NASCIMENTO, 1994).

Esse deslocamento para o interior fez surgir vilas e povoados nos caminhos traçados pelo gado ao serem deslocados da Bahia para o estado de Pernambuco, colocando em movimento esse interior e atraindo assim, vários comerciantes que de forma direta ou indireta contribuíram para o desenvolvimento de centros urbanos e algumas cidades existentes hoje em Sergipe.

Depois de um breve relato sobre os produtos que marcaram o início da economia sergipana, cabe de forma geral apresentar alguns dados sobre Sergipe. Menor estado da Federação brasileira possui uma população de 2.219.574 habitantes, segundo dados do IBGE (2014), distribuídos pelos seus 75 municípios, constituídos por uma área de 21.915,116 km², resultando numa densidade demográfica de 101,28 hab/km².

Sergipe faz divisa com o estado de Alagoas ao Norte, Bahia ao Sul e a Oeste. Toda a sua parte Leste é banhada pelo Oceano Atlântico. Diniz (1991) destaca que,

Na fachada atlântica do Nordeste meridional, Sergipe apresenta características que o diferenciam dos demais Estados nordestinos. A existência de uma rede urbana primaz, a exiguidade do território e sua forma facilitam uma melhor administração do espaço, fato aliado por uma pequena população e baixa incidência de secas (DINIZ, 1991, p. 02).

Sergipe apresenta-se hoje dividido em três Mesorregiões – Mesorregião do Leste Sergipano, Mesorregião do Agreste Sergipano e Mesorregião do Sertão Sergipano –, das quais se destaca a Mesorregião do Agreste Sergipano, formada por dezoito municípios que, por sua vez, compõem quatro Microrregiões: Agreste de Itabaiana, Agreste de Lagarto, Agreste de Nossa Senhora das Dores e Agreste de Tobias Barreto. Dentre as quatro Microrregiões, sobressai, a do Agreste de Itabaiana, composta por sete municípios – Itabaiana, Areia Branca, Campo do Brito, São Domingos, Malhador, Moita Bonita e Mancambira – dando ênfase ao município de Itabaiana.

Então, a partir das bases econômicas de Sergipe e de suas características gerais, se faz necessário buscar as especificidades encontradas na cidade de Itabaiana, que desde antes de sua emancipação, já no século XIX, mantinha relações comerciais de destaque com cidades e estados vizinhos. Graças não somente as atividades agrícolas desenvolvidas em seu território, mas, principalmente, a feira livre, que nascerá há muito tempo devido a feira de gado, que movimentava seu pequeno comércio durante os dias de realização da mesma, colocando-a em posição de destaque frente as outras.

CAPÍTULO 3

**Gênese econômica em dois centros regionais do Interior: o caso de
Arapiraca/AL e Itabaiana/SE**

3.1. Arapiraca e a gênese econômica da Capital Agrestina do Fumo

Cabe aqui fazer uma análise da gênese econômica de Arapiraca e seus desdobramentos, atentando para as influências que a cidade sofreu a partir das atividades econômicas alagoanas. Arapiraca em fins do século XIX já demonstrava ter boas relações comerciais com povoados próximos e com a cidade a qual pertencia, Limoeiro de Anadia, que por sua vez, foi desmembrada de Anadia e esta de Marechal Deodoro, como exposto no quadro 11 (Alagoas: Evolução municipal até década de 1920).

Quadro 11 – Alagoas: Evolução municipal até década de 1920

Marechal Deodoro (1636) – Ex-Alagoas	Atalaia (1764)	União dos Palmares (1831) – Ex-União	Murici (1872)	
			São José da Laje (1876)	
		Assembleia (1831) – Ex-Viçosa	Quebrangulo (1872)	
		Palmeira dos Índios (1835)		
		Conceição do Paraíba (1882) – Ex-Capela		
	Anadia (1801)	Limoeiro de Anadia (1882) Ex-Limoeiro	Arapiraca (1926)⁵⁸	
	Maceió (1815)			
	Rio Largo (1830)			
	São Miguel dos Campos (1832)			
	Manguaba (1857) – Ex-Pilar			
	Coruripe (1866)			
Porto Calvo (1636)	Porto de Pedras (1815)	Passo de Camaragibe (1852)		São Luiz do Quitunde (1879)
	Maragogi (1875)			
	Colônia Leopoldina (1901) – Ex-Leopoldina			
Penedo (1636)	Traipu (1835)	Mata Grande (1837)	Pão de Açúcar (1854)	Marechal Floriano (1887) – Ex-Piranhas
			Água Branca (1875)	
		Santana do Ipanema (1875)		
	Porto Real do Colégio (1876)			
	Piaçabuçu (1882)			
	Igreja Nova (1890)			

Fonte: DIÉGUES JR., M. **Alagoas e seus municípios**. Maceió: Imprensa Oficial, v. 1, 1944.

⁵⁸ A referida data de 1926 é a que consta no texto escrito pelo autor. Porém, o ano oficial é 1924.

Percebe-se, que antes mesmo de sua emancipação política, no ano de 1924⁵⁹, as atividades agrícolas apoiadas na feira livre – que começava a se manifestar como atividade comercial na cidade desde fins do século XIX, por volta de 1884 – contribuíram para colocar a cidade no patamar que se encontra atualmente. Para Lima (1955, p. 229), “na verdade, sua própria emancipação política, relativamente recente, reflete o aumento de sua expressão econômica, acelerada pela especialização da vida agrícola que aí se operou”.

A cidade de Arapiraca⁶⁰, localizada privilegiadamente no centro do estado (Mapa 2 – Arapiraca/AL: Localização do município e da capital Maceió), na Microrregião Agreste, numa faixa de planalto, onde domina uma típica vegetação agrestina, como a árvore que dá origem ao seu nome, dista cerca de 130 quilômetros da capital Maceió. Hoje, possui uma população de 229.329 habitantes (IBGE - 2014)⁶¹ e uma área de 356,179 km², perfazendo uma densidade populacional de 643,85 hab/km².

Arapiraca não se desenvolveu em função da cultura canavieira, mas, mediante a cultura do fumo⁶², ganhando considerável impulso na segunda metade

⁵⁹ De acordo com Firmino (2011, p. 40), “os relatos históricos acerca do nascimento da cidade de Arapiraca têm grande parte de suas informações centradas em depoimentos orais de moradores, tornando-os de certa forma informações lendárias, já que não se tem um estudo aprofundado sobre suas verdadeiras origens, a exemplo de quem realmente foram os primeiros habitantes destas terras”. Entretanto, oficialmente pode-se dizer que foi através da Lei n.º 1.009 sancionada, tornando Arapiraca independente, assinada pelo governador de Alagoas, Fernandes Lima, no dia 30 de maio do mesmo ano, com a festa de posse da emancipação política ocorrendo somente no dia 30 de outubro 1924. Todavia, desde 1848 a partir da chegada de Manoel André, aos poucos a cidade era ocupada por parentes do mesmo, destacando o Coronel Esperidião Rodrigues, seu sobrinho, que chegou nestas terras no ano de 1880, que foi o líder na campanha pela emancipação da cidade (ROMÃO, 2008). Segundo Diégues Jr. (1944, p. 28), “foi elevada à cidade pelo decreto n. 2 340, de 14 de fevereiro de 1938. Por decreto n. 2.422, de 26 de outubro de 1938, perdeu o distrito de São Braz que foi incorporado a Traipú, e recebeu o de Lagoa da Canoa, desanexado de Traipú”.

⁶⁰ “É palavra de origem indígena: *ara*, *imbira*, árvore, e *aca*, cabeça – árvore redonda, árvore onde moram araras, ou, ainda, segundo outros, *ara*, periquito, *peya*, visitar, *aca* ramo – galho que o periquito visita” (DIÉGUES JR., 1944, p. 28). Conforme relata o historiador Zezito Guedes (1999, p. 19), “a palavra Arapiraca tem origens indígenas e, por analogia, significa: ‘ramo que arara visita’. Entretanto, à luz da ciência, trata-se de uma árvore da família das Leguminosas Mimosáceas – Piptadênia (Piteolobim), uma espécie de angico branco muito comum no Agreste e no Sertão e que o povo, a sua maneira, denomina de Arapiraca”.

⁶¹ Estimativa Populacional da Cidade de Arapiraca no ano de 2014, segundo o IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=270030&search=alagoas|arapiraca>. Acessado em 26 de janeiro de 2015, às 17h40min.

⁶² Foram os irmãos Lino e Né de Paula Magalhães, filhos de Chico de Magalhães que deram impulso a cultura fumageira em Arapiraca, depois de terem assimilado os segredos dessa cultura através de seu pai. Foi Magalhães pai o fumicultor, que começou fazendo a colheita do fumo sozinho – cerca de duas tarefas e meia, por volta de 1923 – passando a cultivar em 1929 aproximadamente cinco tarefas, mas com ajuda da família, atingindo dez tarefas em 1930, precisando assim de trabalhadores para o cultivo do fumo (GUEDES, 1999).

do século XX entre os produtos, que segundo Lima (1965, p. 243), “cultiva-se precariamente por toda a Alagoas, mas é no Agreste a sua maior densidade, tendo como centro principal Arapiraca”. Assim, da mesma forma como outras cidades interioranas, Arapiraca teve a influência de uma atividade agrícola mais diversificada e da própria feira livre, que já começava a ocupar espaço na vida econômica da cidade, tomando proporções cada vez maiores, como é possível observar a partir da fotos 1 (Arapiraca/AL: Vista parcial da feira realizada na Praça Manoel André – s/d) e da foto 2 (Arapiraca/AL: Antiga feira livre na Rua Domingos Correia – s/d).

Mapa 2 – Arapiraca/AL: Localização do município e da capital Maceió

Foto 1 – Arapiraca/AL: Vista parcial da feira livre realizada na Praça Manoel André – s/d

Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.htm> - Acessado em 2 de novembro de 2013 às 14h21min.

Foto 2 – Arapiraca/AL: Antiga feira livre na Rua Domingos Correia – s/d

Fonte: www.cma.al.gov.br – Acessado em 14 de setembro de 2013 às 16h15min.

As características da sub-região Agreste proporcionavam e proporcionam aos seus moradores, o desenvolvimento de uma gama de práticas econômicas que não é possível em lugares como a Zona da Mata e Litoral, devido a forte presença da indústria canavieira e a concentração de terras. Para Diégues Jr. (2012),

Esta absorção de terras, terras e mais terras para saciar a fome das moendas das usinas reflete-se sobre toda a agricultura, fazendo desaparecer as pequenas culturas, pois nos latifúndios monocultores, não há espaço para pequenos sítios. Este processo observou-se, e observa-se, na região açucareira do Nordeste, dominada pelas grandes usinas (DIÉGUES JR., 2012, p. 152).

Pensar no uso mais diversificado da terra e sua respectiva divisão, leva ao entendimento e percepção da particularidade de Arapiraca e de outras cidades agrestinas e sertanejas⁶³, como é o caso de Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema, que passaram a “exercer forte influência no Agreste e Sertão, respectivamente, e Arapiraca a se tornar o centro da importante área fumageira que comanda” (CORRÊA, 1992, p. 97). Ainda em relação a Arapiraca, pode-se dizer que,

Desenvolvida de fazenda de gado e lugar de comunicação com o São Francisco teve o seu renascimento de outro modo, com as mais compactas plantações de fumo de todo o Nordeste brasileiro. Ali dominam as pequenas propriedades, a desenvolverem um tipo de “plantação jardinada”; cada quintal, sítio ou pequena fazenda, nos bordos da cidade, é um ou mais “curral de fumo” (LIMA, 1965, p. 216-217).

A cultura do fumo a partir a década de 1940 foi responsável por impulsionar de vez a economia arapiraquense⁶⁴, sendo um grande centro e por que não dizer o maior centro fumicultor do Nordeste entre as décadas de 1940 até 1970 (GUEDES, 1999). As fotos 3 e 4 (Arapiraca/AL: Plantação de fumo e “bolas” de fumo, respectivamente – s/d) mostram um campo de plantação dessa cultura e o produto final, estocados nos galpões de fumo após passar por todas as etapas.

⁶³ No que se refere ao número de propriedades de acordo com a presença ou não de usinas, Diégues Jr. (2012, p. 96), mostra que “Murici, com quatro usinas, possui 428 propriedades; Atalaia, com quatro usinas, 337; Passo do Camaragibe, com duas usinas, 144; Rio Largo, com duas usinas, uma das quais posterior a 1950, sendo a outra justamente de maior rendimento técnico do Estado, apresenta o menor número de propriedades: apenas 120; Porto Calvo, com uma usina, 171 propriedades. Somente três municípios onde há usinas apresentam grande número de propriedades. São eles: União do Palmares, com 6.594; São José da Laje, com 3.004; e Viçosa, com 2.858, sendo de notar que, neste último município, uma das usinas é organizada pelo sistema de cooperativista. Os municípios sem usinas e não açucareiros apresentam sempre grande número de propriedades: 4.400 em Santana do Ipanema; 3587 em Traipu; 3.491 em Palmeira dos Índios; 3.184 em Arapiraca”.

⁶⁴ Pensando nesse impulso da economia de Arapiraca mediante a rápida aceitação da cultura do fumo, Lima (1955, p. 232) apresenta alguns dados referentes ao aumento da produção na cidade: “em 1920, quando Arapiraca era ainda distrito de Limoeiro, todo o município de Limoeiro produzia 48 ton. de fumo. Em 1940, só o município de Arapiraca, já emancipado, produzia 20 ton. de fumo em fôlha e 257 ton. de ‘fumo de corda’. Em 1948, segundo dados oficiais do Min. Da Agricultura, a cultura do fumo era feita em 2.700 ha, com produção estimada em 2.000 ton. Isso representa uma produção média de 25 arrobas por tarefas, o que nos parece um pouco exagerado. De qualquer modo, exprime um aumento brutal em oito anos”.

Fotos 3 e 4 – Arapiraca/AL: plantação de fumo e “bolas” de fumo, respectivamente – s/d

Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.htm> - Acessado em 2 de novembro de 2013 às 14h24min e 28 de janeiro de 2015 às 12h00min, respectivamente.

Entretanto, antes desse patamar, a cidade conheceu outros tipos de atividades – a exemplo da feira livre – que foram responsáveis pelo crescimento por qual a cidade vinha passando. Pode-se dizer que sua gênese econômica está centrada na feira, ao mesmo tempo em que se desenvolviam atividades agrícolas diversificadas, não somente pela sua zona rural como nas proximidades da zona urbana, fato que ainda é possível constatar na cidade.

O feirante que começou a desenvolver a economia de Arapiraca teve como ponto inicial, não a feira nos moldes atuais, mas sim, árvores no centro do povoado, onde açougueiros penduravam a carne para a venda. Relata Guedes (1999) que,

No comércio, existiam diversos Umbuzeiros ao longo do Quadro [nome de uma rua à época] e uma velha Tamarineira, em frene à loja de José Lúcio da Silva, em cuja sombra nasceu a feira e onde os trabalhadores Vicente Flôr, João Higino, Belo, Joca da Serra, Pedro Alexandre, André Marchante e outros, penduravam a carne para vender (GUEDES, 1999, p. 23).

Foi a partir daí que diversos outros produtos começaram a ser negociados. Ao tempo em que se tem o surgimento de casas ao redor do que viria constituir a tradicional feira livre de Arapiraca, que contribuiu para o nascimento do comércio fixo. Conforme Guedes (1999, p. 285), “a feira livre foi através do tempo, acompanhando passo a passo o desenvolvimento de Arapiraca, pois cresciam ao mesmo tempo a produção agrícola, a feira e as atividades comerciais”.

A feira livre foi então acompanhando a evolução da cidade, adaptando-se aos eventos que iam surgindo. Quando do surgimento das primeiras lojas, a feira teve que se adaptar a estas que começavam a emergir em Arapiraca⁶⁵. A primeira loja de que se tem notícia – advinda de comerciantes de fora, atraídos pelo comércio que surgia – foi estabelecida por volta de 1925, por “Zé Moço”, comerciante de Palmeira dos Índios (GUEDES, 1999). Assim, afirma-se que as lojas foram as primeiras a competirem com a feira, levando a assertiva que, “a primeira concorrência às feiras (mas a troca tira proveito disso) foi a das lojas” (BRAUDEL, 1998, p. 45).

Produtos diversos e muitos destes cultivados na própria cidade, mais especificamente na zona rural, eram comercializados nas feiras semanais, como o fumo e a mandioca, sendo esta o produto principal do comércio durante muito tempo, destacando também o milho e o feijão⁶⁶. Nota-se que,

Mesmo dentro do município o cultivo do feijão, do milho, do algodão e da mandioca ainda é observado, mas, afastado o núcleo de produção de fumo, que tem seu centro em volta da cidade. Geralmente esses outros cultivo são feitos em trechos do município de relevo um pouco mais acidentado, onde os afloramentos do embasamento rochoso são mais frequentes (LIMA, 1955, p. 232).

A mandioca veio ser substituída pelo fumo, que se alastrava por todos os recantos da cidade, bem como por cidades vizinhas – como a cidade de Lagoa da Canoa, desmembrada de Arapiraca –, “completa este aspecto agrícola a horticultura, que se pratica no Estado, sempre nas fazendas e sítios e nas áreas das cidades, além de legumes [etc.]” (LIMA, 1965, p. 249). Arapiraca passou a ser conhecida como a “*Capital do Fumo*” após a consolidação dessa cultura em suas terras.

Em consonância com esse surto fumicultor, instalou-se empresas como a Exportadora Garrido – dando maior dinamismo tanto no que se refere à exportação do produto, como na circulação de pessoas e informações⁶⁷ – e a Cia Souza Cruz

⁶⁵ As primeiras lojas que surgiram foram “com efeito, as oficinas (se assim pode dizer) dos padeiros, açougueiros, sapateiros, tamanqueiros, ferreiros, alfaiates e outros artesões varejistas” (BRAUDEL, 1998, p. 46).

⁶⁶ Poucos anos após sua emancipação, “em 1926, os principais produtos da região eram: feijão, mandioca, milho, algodão e um pouco de fumo, com alguns agricultores plantando até duas tarefas e meia auxiliados pela família. Mas, era a mandioca que predominava no município [...]” (GUEDES, 1999, p. 36).

⁶⁷ A partir de então, foi constatado um aumento não somente no quantitativo geral, como também um aumento da população da zona urbana, porém, não ultrapassando ainda a zona rural: em 1960 contava com um contingente de 53.483 habitantes, sendo 21.149 na zona urbana e 23.334 na zona rural; em 1970 eram 94.287 habitantes, dos quais 46.549 na zona urbana e 47.738 na zona rural (dados do Diagnóstico do Plano Diretor Municipal de Arapiraca - 2005); já em 2010 eram 214.067

que “começa a estabelecer na zona visando a fabricação de cigarros e se propõe comprar o fumo em fôlha de ‘primeira capa’ a de 8 a 10 crs. o quilo” (LIMA, 1955, p. 238-239). Observa-se a presença de formas capitalistas adentrando e dominando a agricultura nascente, orientando-a a especialização do produto e sua elaboração.

A construção da ferrovia em Arapiraca, teve suas obras iniciadas no ano de 1947, (como é possível constatar na imagem 4 – Alagoas: Evolução da rede ferroviária – século XIX – XX), com conclusão em 1951, 70 anos após a construção do eixo que ligava Piranhas a Delmiro Gouveia, que por sua vez, data do ano de 1881. A ferrovia veio, de forma direta ou indireta, proporcionar mudanças significativas na vida de relações com cidades vizinhas e outros estados, da mesma forma que refletia nas relações existentes internamente, sendo um marco muito importante para o progresso por qual a cidade vinha passando.

Arapiraca começa a ter nos transportes um aliado chave no seu processo de desenvolvimento. Contudo, essa não era, exclusivamente, a materialidade que contribuía para a cidade alcançar patamares maiores. Outras engenharias, também fizeram parte de um conjunto, que aos poucos começavam a se instalar no território arapiraquense. Neste sentido, destacam-se, a implantação das rodovias Estadual e Federal a partir da década de 1950 (Imagem 5 – Alagoas: Rodovias principais – 1960), que passou a interligar Arapiraca à capital Maceió e à Palmeira dos Índios, beneficiando a exportação de fumo que era feita por caminhões através de estradas precárias. Logo, o desenvolvimento de Arapiraca pelas rodovias “é sobretudo proporcionado pelo caminhão, que nos últimos vinte anos, incentivou a construção e melhoria das rodagens alagoanas e já se tornou superior ao comércio marítimo” (LIMA, 1965, p. 321).

Imagem 4 – Alagoas: Evolução da rede ferroviária – século XIX – XX

Fonte: CORRÊA, R. L. A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. **Geografia, espaço e memória.** São Paulo: Terra Livre, nº 10, janeiro-julho, pp. 93/116, 1992.

Então, todo o crescimento que a “jovem” Arapiraca começava apresentar no interior, teve apoio em eventos como a chegada da ferrovia – esta teve sua importância para a cidade num certo período, porém, não tão quanto teve para outras localizadas na sub-região da Mata e no Litoral, conhecidas como cidades “pontas de trilhos” (CORRÊA, 1992, p. 106) – da estrada de rodagem – fundamental no transporte do fumo – e da intensa cultura fumageira.

O cultivo do fumo, apoiado nas estradas de rodagem e na própria ferrovia, contribuíram para ampliação e consolidação do comércio arapiraquense, dando uma nova cara a cidade que nas primeiras décadas de existência era apenas mais uma cidade que surgia no interior alagoano. Esses eventos foram essenciais para aumentar consideravelmente a feira livre, não só em importância como em extensão territorial, passando a concentrar, por volta da década de 1980, a maior feira livre do estado de Alagoas, “concentração que provoca o desenvolvimento do comércio e de pequenas indústrias de bens de consumo” (ANDRADE, 1970b, p. 119). Sendo a feira responsável, direta ou indiretamente, pelo desenvolvimento econômico que a cidade vinha apresentando desde fins do século XIX.

Foto 5 – Palmeira dos Índios/AL: Feira livre na Praça da Independência – 1968

Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.htm>. Acessado em novembro de 2013.

Hoje, Arapiraca apresenta-se como o maior centro regional de concentração de comércio e de serviços do Agreste, sem falar da produção de hortaliças e algumas frutas, com destaque para a produção de abacaxi no Povoado Poção, que exporta para várias cidades alagoanas, inclusive para a própria capital. Assim, segundo Carvalho (2012), dos municípios alagoanos que se destacam e apresentam desempenho superior aos demais, são,

Considerados polos mesorregionais, os que têm maior população e melhor infraestrutura hospitalar, serviços, comércio, abrigando unidades industriais. Como exemplo, temos Arapiraca, Palmeira dos Índios, Penedo, Delmiro Gouveia e São Miguel dos Campos (CARVALHO, 2012, p. 28).

Paralelamente a importante função comercial e de serviço apresentada por Arapiraca, está o desempenho da indústria no desenvolvimento de sua economia, mesmo em Arapiraca, a atividade industrial estando em processo de implantação e consolidação.

3.2. Gênese do desenvolvimento econômico no interior sergipano: a cidade de Itabaiana em evidência

O município de Itabaiana⁶⁸ localizado na Microrregião do Agreste de Itabaiana (Mapa 3 – Itabaiana/SE: Localização do município e da capital Aracaju), Mesorregião do Agreste Sergipano, possui uma área de “336,6 km², constituindo 1,54% do território sergipano. A cidade dista 56 km da capital, Aracaju, através da rodovia BR-235” (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 11), com uma população de 92.732 habitantes (IBGE, 2014)⁶⁹. Limita-se com os municípios de Ribeirópolis, Campo de Brito, Itaporanga d’Ajuda, Frei Paulo, Macambira, Areia Branca, Malhador e Moita Bonita.

Mapa 3 – Itabaiana/SE: Localização do município e da capital Aracaju

⁶⁸ “O vocábulo Itabaiana tem origem na expressão indígena It’aba’u’one que quer dizer, ‘serra morada dos homens de onde vem as águas’” (BISPO, 2013, p. 57).

⁶⁹ Estimativa Populacional da Cidade de Itabaiana no ano de 2014, segundo o IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280290&search=sergipe|itabaiana>. Acessado em 26 de janeiro de 2015, às 18h12min.

Relatos históricos sobre a origem de Itabaiana datam do século XVI, mais exatamente a partir de 1º de janeiro de 1590. Essa data refere-se também a conquista e nascimento de Sergipe, chamado Sergipe d'El-Rei. Sergipe foi dividido tendo a parte central destinada a Ayres da Rocha Peixoto⁷⁰, aonde viria mais tarde surgir a cidade de Itabaiana – “que pertencia à freguesia de São Cristóvão, denominada de Nossa Senhora da Vitória” (MENDONÇA, 2014, p. 31).

A área referida foi dividida em várias sesmarias no decorrer dos anos. Elas foram distribuídas entre os colonos para que de fato a conquista das terras sergipanas fosse efetivada (Quadro 12 – Itabaiana/SE: Relação dos Colonos – Século XVI a XVIII). Neste mesmo século, ‘Caatinga de Ayres da Rocha’ é elevada à categoria de distrito, para em seguida torna-se vila (1665), chegando em 1675, no dia 9 de julho a criação da “segunda freguesia em solo sergipano, cuja denominação foi Santo Antônio e Almas de Itabaiana, tendo suas terras desmembradas das de São Cristóvão, em 30 de outubro de 1675” (MENDONÇA, 2014, p. 31), quando é oficialmente considerada Vila. É a partir de então que começa de fato o povoamento das terras que futuramente levaria o nome de Itabaiana. Assim,

Fruto da colonização é que, no século XVII, surge o primeiro aglomerado humano em Itabaiana, formador do arraial de Santo Antônio, numa região fértil, vizinha aos rios Lomba e Jacarecica, sementes principais do êxito que tiveram os colonos na conquista empreendida para colonizar e povoar as terras de Itabaiana. A região do arraial de Santo Antônio oferecia condições maiores ao colono, haja vista o terreno ser mais propício para a criação do gado e plantio (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE, s/d, p. 11).

Em princípios do século XVIII, findando-se a colonização, passa então a ser denominada de Igreja Velha, ao tempo em que são desbravadas novas terras e, conseqüentemente, aumentando o povoamento e a ocupação de novos territórios. Este século marca a consolidação da cidade como vila, para chegar no século XIX à condição de cidade, dada sua Emancipação Política em 28 de agosto de 1888. Autores como Mendonça (2014, p. 34) vão apresentar datas não oficiais, mas, que são consideradas como emancipação: “para uns [...] a emancipação teria ocorrido com a criação da paróquia, ou seja, 30 de outubro de 1675. Para outros, a data é 20 de outubro de 1697, quando a povoação se eleva à condição de Vila”.

⁷⁰ Ayres da Rocha recebeu estas terras em forma de prêmio por ter participado junto com Cristóvão de Barros no momento da conquista efetiva de Sergipe, dando a região o nome de “Caatinga de Ayres da Rocha”, permanecendo até meados do século XVII (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE, 1997).

A história econômica de Itabaiana data quase que concomitantemente com o nascimento de Sergipe, meados dos anos de 1599 e 1600. Logo após a conquista do atual estado sergipano e a distribuição de suas sesmarias, a criação de gado vem marcar um primeiro momento de sua vida econômica. Era, portanto, um enorme ‘curral de gado’, tanto que esse momento foi marcado pelo ciclo econômico de Sergipe conhecido como Ciclo do Gado, tendo na cidade de Itabaiana uma área propícia para sua criação, destacando-se por “ser uma área circundada por serras, portanto de fácil controle da criação; e estar a meio caminho entre os canaviais pernambucanos e a capital colonial, Salvador” (BISPO, 2013, p. 67).

Quadro 12 – Itabaiana/SE: Relação dos Colonos – Século XVI a XVIII

Século XVI			
Colono	Ano	Colono	Ano
Ayres da Rocha Peixoto	1590	Manuel da Fonseca	1600
Século XVII			
Colono	Ano	Colono	Ano
Companhia dos Padres de Jesus	1601	Pero de Novaes Sampaio	1602
Gaspar Pontes	1601	Duarte Muniz Barreto	1602
Francisco da Silveira	1601	Jorge Barreto	1602
João Guergo	1601	Felipe da Costa	1603
Manoel Tomé de Andrade	1601	Melchior Velho	1603
Francisco Borges	1601	Desembargador Cristóvão de Burgos, Pedro Garcia Pimentel, Capitão Manuel do Couto Dessa, Jeronimo da Costa Raborda e Antônio Rodrigues	1669
Gonçalo Francisco	1601		
Século XVIII			
Colono	Ano	Colono	Ano
Capitão Francisco de Almeida Cabral	1726	Antônio José da Costa	1778
Capitão Manuel Nunes Coelho	1731	Francisco Curvello de Barros	1779
Capitão Antônio Martins Fontes	1732	Francisco Pereira de Jesus	1793
Antônio Tavares de Meneses	1735	José Maria da Silva	1793
Sargento Mor José Correia de Araújo	1748	Capitão João Barbosa de Madureira	1800
Tenente João Paes de Azevedo	1765		

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE. **Fonte bibliográfica sobre a história de Itabaiana.** In. I Encontro Cultural de Itabaiana: Secretaria Municipal de Educação, Itabaiana/SE, s/d. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

A criação de gado, primeira atividade comercial da cidade, permaneceu sólida até 1665, quando é praticamente extinta devido à expulsão dos curraleiros⁷¹ (arrendatários), deixando, assim, de ser o principal centro de criação de gado, mas, escrevendo um capítulo muito importante na história de Itabaiana até os dias atuais.

⁷¹ “O curraleiro era um vaqueiro meeiro, trabalhava sozinho, no máximo com ajuda da família para repartir o lucro. Sem remuneração fixa, portanto, e ainda a obrigação de obter lucro e principalmente dar lucro ao seu senhor. Vivia de trabalhar criando gado pra dividir o lucro com o dono legal da terra que, às vezes sequer sabia onde ela estava, pois nunca tinha vindo aqui” (BISPO, 2013, p. 67).

Esta atividade deixou como herança, a feira de gado⁷², que sofreu modificações ao longo dos séculos, transformando-se nas feiras como se têm atualmente.

No que diz respeito ao papel dos curraleiros, esses foram os responsáveis pela construção de um dos marcos históricos da cidade, a Igreja Velha entre 1619-1637 (hoje é a Matriz de Santo Antônio e Almas o marco principal da religiosidade: Imagem 6 – Itabaiana/SE: Igreja Matriz – 1910), encontrando-se atualmente somente as ruínas,

Estas ruínas representam o que há de mais antigo sobre o primeiro ciclo econômico brasileiro conhecido como Ciclo do Gado. A ermida foi levantada pelos vaqueiros entre 1620 e 1637, e foi registrada em mapa holandês de 1642. Serviu como igreja até mesmo depois de construída a Matriz de Santo Antônio e Almas onde hoje se encontra, 1763. Depois caiu em desuso, hoje só restando às ruínas. Nenhum prédio do início do ciclo do gado sobreviveu, exceto ela (BISPO, 2013, p. 42).

Imagem 6 – Itabaiana/SE: Igreja Matriz – 1910

Fonte: CARVALHO, V. S.; SANTOS, R. B. **Álbum de Itabaiana:** nas lentes de Miguel Teixeira da Cunha, João Teixeira Lobo e Percílio da Costa Andrade. Aracaju, Infographics, 2013.

⁷² “A feira de Itabaiana teve origem provavelmente, em área próxima da ‘Igreja Velha’, na fazenda de Ayres da Rocha Peixoto, propriedade do Padre Sebastião Pedroso de Góis, que se tornara local de reunião [...]. Com a transferência da igreja matriz de ‘Vila Velha’ para o centro da ‘Caatinga’ de Ayres da Rocha fora estabelecido o espaço da atual cidade de Itabaiana. Após a construção da igreja Matriz de Santo Antônio e Almas começa a haver um fluxo migratório dos povoados, inclusive da Vila Velha para frente da nova igreja, onde se firma o comércio de hortifrutigranjeiros. Sendo assim, o presente aglomerado elevado à condição de vila em 1678, cresceu em decorrência do movimento de agricultores e criadores de gado que se tornavam feirantes ao promoverem a troca de seus produtos e o abastecimento da vila” (CARVALHO, 2010, p. 123).

Num segundo momento, viria se destacar a busca pela mina de prata (1665-1700) existente nas serras de Itabaiana, conhecida nos mais diversos lugares, sendo difundidas informações sobre suas origens em Portugal, Espanha e Holanda, convergindo para essas terras vários colonos que tinham conhecimento dessa lenda. A existência ou não das tão faladas minas acelerou a colonização. Não se sabe ao certo se realmente havia prata e ouro como era difundido. Na verdade a prata, de fato tornou-se mais uma lenda, não contribuindo, Itabaiana, pela busca da mesma. Entretanto, a cidade ficou conhecida como 'terra do ouro', não somente por essa parte de sua história, mas também, pela forte comercialização de joias, bijuterias e outros produtos feitos a partir do ouro. Sendo ainda hoje um comércio bastante forte na cidade, visto a partir da grande quantidade de joalherias na cidade.

A plantação da cana de açúcar e o cultivo do algodão marcaram uma nova fase na vida econômica de Itabaiana. O cultivo da cana de açúcar dá-se intensamente a partir da segunda metade do século XVIII, tendo nesse período, o começo do desenvolvimento da indústria canavieira em Sergipe,

Desde o início do processo de industrialização restringida e do correspondente entrelaçamento comercial das regiões brasileiras, o que animou e deu sentido à inserção de Sergipe na dinâmica do mercado nacional esteve representado pela agroindústria açucareira e pelas atividades têxteis - seus dois, de longe, mais importantes itens de pauta estadual de exportações (NASCIMENTO, 1994, p. 8).

Da mesma forma como ocorre no estado alagoano, em relação ao quantitativo de propriedades nas áreas canavieiras, também acontece em Sergipe. Os municípios que possuem usinas apresentam reduzido número de propriedades, enquanto aqueles sem usinas estão muito à frente nesse quantitativo de propriedades. Neste caso, observam-se na primeira metade do século XX, os seguintes números para o estado sergipano,

Os municípios sem usinas, como é o caso de Itabaiana, com 5.146 propriedades; Lagarto, com 5.861; Simão Dias, com 2.748; Nossa Senhora das Dores, com 2.689; e Itabaianinha, com 2.074, contrastam com aquelas em que há usinas. Laranjeiras, com onze usinas, possui apenas 243 propriedades; Rosário do Catete, com nove usinas, 373; Riachuelo, com sete usinas, 520; Divina Pastora, com seis usinas, 216; Maruim, com três, 62 (DIÉGUES, JR., 2012, p. 96).

Com a fase canavieira entre os anos de 1750 e 1874 e a expansão da indústria açucareira, Itabaiana torna-se um grande centro produtor, principalmente

na parte baixa, que hoje corresponde à cidade de Areia Branca. Posteriormente, Itabaiana perde parte de seu território para outros municípios: Riachuelo, Laranjeiras e Itaporanga, ficando restrita no interior da serra, ao mesmo tempo em que termina sua fase de produção de açúcar.

O quadro 13 (Itabaiana/SE: Perca de território para outros municípios e/ou emancipações – Período de 1874 a 1963) apresenta de forma resumida os territórios que Itabaiana perdeu para outros municípios e/ou porque se emanciparam.

Quadro 13 – Itabaiana/SE: Perca de território para outros municípios e/ou emancipações – Período de 1874 a 1963

Ano	Territórios Emancipados
1874	Perde a área produtora canavieira de seu território
1886	Região Oeste é transformada em freguesia
1890	Criação da Vila de São Paulo de Itabaiana
1912	Perde a parte que hoje corresponde ao povoado Campo do Brito (os povoados Macambira, Pedra Mole e Pinhão)
1920	Vila de São Paulo de Itabaiana é elevada à condição de cidade
1933	É criado o município de Ribeirópolis, perdendo todo o noroeste (hoje município de Nossa Senhora Aparecida)
1938	Vila de São Paulo passa a ser Chamada de Frei Paulo
1953	Carira se emancipa de Frei Paulo
1963	Emancipação de Moita Bonita

Fonte: MENDONÇA, C. **A Itabaiana grande:** Euclides e Manoel Teles. Aracaju/SE: Info Graphics, 2014. 342p.

O algodão fez parte das atividades econômicas desenvolvidas em Itabaiana, tornando-se um grande centro de produção. Inicialmente essa atividade era muito lucrativa e de boa comercialização devido aos altos preços, custando 5 ou 6 vezes mais que o açúcar. Esse tipo de cultura contribuiu no desenvolvimento da cidade, sobressaindo-se economicamente e impulsionando o seu comércio.

O algodão trouxe consigo uma ocupação e criação de povoados que não se tinha anteriormente e uma melhoria no que concerne as infraestruturas, o que a colocou em posição de destaque, elevando-a a categoria de cidade. Entretanto, essa atividade começou a declinar a partir da década de 1930, pois, não estava tendo bons resultados como outrora, chegando no ano 1970 como período de última safra do algodão. Assim, segundo Melo (1980, p. 337), dentro das atividades econômicas, “cada vez menos participa a lavoura algodoeira, os produtos agrícolas de mais ampla disseminação no espaço sub-regional, do mesmo jeito que em outros segmentos estaduais do Agreste Nordestino, são o feijão e o milho”.

Paralelamente, ao cultivo do algodão, outros produtos agrícolas sobressaíam na economia de Itabaiana, de maneira que ainda fazem parte das atividades

econômicas, uns mais intensos do que outros, “particularmente a de citricultura centrada em Buquim, a de fumicultura de Lagarto e a de policultura da região de Itabaiana” (MELO, 1980, p. 338).

A cidade se firma como produtora, distribuidora e consumidora de produtos agrícolas. Para Carvalho (2010, p. 61), a comercialização e a produção voltadas para as atividades agropecuárias “contribuiu para a dinamização de outros setores produtivos, como o comércio de secos e molhados, com trabalhadores fixos e ambulantes, assim como o desenvolvimento do setor de serviços”.

Itabaiana, com o passar das décadas, tornou-se importante centro de comercialização e distribuição de vários produtos, com destaque para os agrícolas. Com o aumento na produção e sua distribuição, a cidade passou a ver sua feira semanal ganhar proporções cada vez maiores. A imagem 7 (Itabaiana/SE: Largo da Feira (Largo Santo Antônio) – 1930) mostra o local de realização da feira nos anos de 1930, quando não tinha uma localidade fixa. Somente na década de 1940, a feira passa a ter local definitivo (Largo Santo Antônio), já que antes ela sofria mudanças devido a questões políticas.

Imagem 7 – Itabaiana/SE: Largo da Feira (Largo Santo Antônio) – 1930

Fonte: CARVALHO, V. S.; SANTOS, R. B. *Álbum de Itabaiana*: nas lentes de Miguel Teixeira da Cunha, João Teixeira Lobo e Percílio da Costa Andrade. Aracaju, Infographics, 2013.

Nos anos de 1986 a inauguração de duas barragens, que beneficiava o sistema de irrigação, foi essencial para uma produção em escala cada vez maior de

hortifrutigranjeiros, refletindo na grandiosidade que é hoje a atividade na cidade. Segundo Bispo (2013, p. 34) “o município é forte produtor de hortaliças, graças à irrigação, destacando-se os perímetros irrigados dos projetos Jacarecica I e Ribeira, e o Açude da Macela, o pioneiro”. Em relação a estes projetos,

Itabaiana tem diversificado sua produção, como também tem sediado espaços de armazenamento, e o estado tem obtido auto-suficiência na maior parte dos produtos olerícolas consumidos, uma vez que, estas deram possibilidades de implantação de sistemas de irrigação, a difusão de insumos modernos e pacotes tecnológicos (SANTOS, 2009, p. 168).

A batata doce⁷³, por exemplo, ganha destaque graças a grande produção e qualidade. Sua exportação vai além do Sudeste e Sul do país, chega a ultrapassar as fronteiras nacionais, atingindo até a Argentina⁷⁴. Itabaiana torna-se a maior produtora de batata doce do estado e figura entre os principais produtores do Nordeste. Para Sampaio (1959),

Nas áreas de Itabaiana e de Lagarto, de lavoura diversificada, o Fomento Agrícola vem conseguindo êxito no sentido de que os pequenos agricultores façam mais uso de adubos. Nestas áreas do oeste o estêrco de curral está sendo abandonado enquanto são empregados em maior escala a torta de cacau, rica em potássio e fósforo, e a torta de mamona, rica em nitrogênio. A torta de cacau é mais empregada em Itabaiana, onde se acha bem desenvolvida a horticultura, e a torta de mamona é mais utilizada em Lagarto, onde domina a cultura do fumo (SAMPAIO, 1959, p. 54).

A maior parte do que é produzido em Itabaiana, destina-se a comercialização na própria cidade, com uma produção vinda do Baixo São Francisco e outros estados. Essa comercialização é feita em grosso principalmente na quinta-feira, nas proximidades da área onde é realizada a feira-livre e no mercado⁷⁵ (a cidade ainda

⁷³ “Em Sergipe sua produção ocorre principalmente no município de Itabaiana, tendo sido expandida para outros municípios como Moita Bonita, Malhador, Ribeirópolis e Campo do Brito [...]. Sua comercialização atinge mercados externos, quando é comercializada para outros países, por ação do intermediário; apresenta fluxos alternados com todas as regiões do país; e tem mercado permanente, entre os municípios sergipanos e de estados vizinhos” (SANTANA *apud* CARVALHO, 2010, p. 52).

⁷⁴ “Hoje nós somos um grande centro distribuidor, de qualquer forma isso se dá graças ao sistema local, que é primariamente o responsável por agregar tudo isso, além obviamente que o pessoal ganhou muito dinheiro com isso, o empresariado que trabalha no setor não ficou no mercado itabaianense, tem Itabaiana como centro de convergência e daqui difunde para o mercado brasileiro, especialmente as quatro capitais mais próximas e em caso de produtos típicos, específicos no caso da bata vai até a Argentina e o Chile” (Informação verbal fornecida por José de Almeida Bispo em Itabaiana/SE em 2013).

⁷⁵ O mercado de hortifrutigranjeiros (centro de distribuição para vários municípios e estados) e a feira livre (que espalha-se por mais ou menos 20 mil metros quadrados) ganham destaque ao se tratar de comércio nessa cidade (CARVALHO, 2010).

não possui uma CEASA) e em seguida são distribuídas para Maceió, Recife, Salvador, Aracaju e outras cidades de Sergipe e de outros estados. Segundo Carvalho (2010), o mercado de Itabaiana é o maior mercado atacadista no que se refere à comercialização de hortifrutigranjeiros no estado e que desde a década de 1920 já movimentava a pequena cidade de Itabaiana (Imagem 8 – Itabaiana/SE: Mercado Municipal na Praça da Matriz – 1920).

Até meados dos anos de 1960 o setor primário, atrelado a variadas formas de comercialização, foi quem impulsionou a dinâmica e colocou Itabaiana em evidência, passando a ocupar lugar de destaque não somente no interior sergipano como em todo o estado. Logo, “Itabaiana é, dentro do contexto sócio-econômico do Estado, uma área de destaque. Esta situação é produto da capacidade comercial que este sempre obteve, desde sua formação” (SANTOS, 2009, p. 167).

Imagem 8 – Itabaiana/SE: Mercado Municipal na Praça da Matriz – 1920

Fonte: CARVALHO, V. S.; SANTOS, R. B. **Álbum de Itabaiana:** nas lentes de Miguel Teixeira da Cunha, João Teixeira Lobo e Percílio da Costa Andrade. Aracaju, Infographics, 2013.

O setor secundário começa a ganhar espaço na cidade a partir do decênio de 1960. Atrelado a este setor está o terciário, que surpreende pela parcela significativa que representa na economia da cidade. Comércio e serviços são responsáveis por cerca de 75% (RAIS, 2012) dos estabelecimentos presentes na Microrregião do Agreste de Itabaiana. Assim, reflete no potencial e na grandiosidade do comércio itabaianense, considerado o maior do interior de Sergipe. Para Almeida (2013) “o

povo de Itabaiana, o povo agrestino, é muito trabalhador, inteligente e já nasce com o ‘tino’ (dom) do comércio” (Informação Verbal)⁷⁶.

Mediante o exposto, nota-se que a partir da década de 1960 com a exportação dos produtos locais, o comércio começou a se fortalecer e se estruturar ganhando novos rumos, constituindo-se num importante centro comercial para o agreste sergipano e região. Contudo, o que sobressai é a importância da feira no seu desenvolvimento econômico. Desde 1888 a feira já era realizada e considerada um evento de grande porte para a economia da cidade, aos sábados ocorre com maior intensidade e às quartas-feiras em menor proporção. Diz Andrade que,

Ao lado de pequenos e médios estabelecimentos comerciais, aparecem as feiras como ponto de encontro entre o meio rural e o urbano; essas feiras se realizam em um determinado dia da semana, quase sempre aos sábados ou domingos, e nelas os comerciantes da cidade oferecem produtos industrializados ou artesanais – roupas feitas, utensílios domésticos, calçados, tecidos, utensílios agrícolas, etc. –, ao mesmo tempo em que os agricultores e criadores vendem os produtos de que dispõem – animais vivos, carne, cereais, rapadura, frutas, ervas medicinais, couros e peles, etc. (ANDRADE, 1974, p.135).

Neste caminhar, pode-se dizer que a gênese do desenvolvimento econômico de Itabaiana, está atrelada ao papel desempenhado pela tradicional feira livre, principal evento realizado hoje na cidade, que por vezes está relacionada fortemente com a feira de gado. O conhecimento da feira torna-se fundamento relevante na análise das mudanças, evoluções e transformações da economia e da própria cidade. Portanto, evidenciar a feira livre é entender o dinamismo apresentado pela cidade, manifestando-se como atividade comercial.

⁷⁶ Informação fornecida por Maria Iramí de Almeida em Itabaiana/SE em 2013.

CAPÍTULO 4

As feiras livres em tempos de contemporaneidade e os circuitos da economia urbana

4.1. O significado da feira livre e os circuitos da economia urbana em Arapiraca

Nos dias atuais, em pleno período de globalização⁷⁷, fica evidente que há um aumento significativo nos usos do território, com destaque para aqueles seletivamente escolhidos, onde “a competição pelos melhores pedaços do planeta passa a ser, no período da globalização, uma das estratégias das corporações transnacionais, sejam elas do ramo industrial, comercial, de serviço ou financeiro” (CONTEL, 2009, p. 126), gerando de forma direta ou indireta uma competitividade sem tamanho que acaba destruindo solidariedades existentes, frequentemente horizontais, e em contrapartida, impondo uma solidariedade vertical,

Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente (SANTOS, [1996] 2008, p. 284).

No caso específico do Brasil, tem-se um território em que algumas partes seletivamente escolhidas são preparadas para se relacionar e/ou mesmo competir mundialmente, seguindo normas que são impostas verticalmente, transformando os territórios nacionais em espaços nacionais de uma economia internacional (SANTOS; SILVERA, 2010), isso porque certas firmas transnacionais utilizam os sistemas modernos nacionais mais e melhor, do que a sociedade nacional. Tal situação faz com que os mercados nacionais abram suas fronteiras facilitando a entrada de empresas multinacionais, diminuindo a soberania e deixando os territórios à mercê da gestão das grandes empresas que dispõe de tecnologias de ponta. Logo, parece que as fronteiras começam a “perder a materialidade, pois o capitalismo se desenvolve destruindo fronteiras entre os estados e ultrapassando obstáculos através do seu processo de mundialização” (BORGES 1994, p. 27).

O que se vê nos dias atuais, diante das características do atual período histórico é uma abertura das fronteiras para todo e qualquer tipo de mercadorias,

⁷⁷ Guiando-se pelo pensamento de Benno Werlen (2000) existem dois tipos de sociedades, as regionais tradicionais e as globalizadas da modernidade tardia. Em relação a esta segunda, é possível afirmar que o tipo ideal de suas formas de vida são: rotinas cotidianas mantêm a segurança ontológica; culturas, formas de vida e estilos de vida globalmente observáveis; produção e trabalho valorizado determinam as posições sociais; sistemas abstratos (dinheiro, escrita e sistemas peritos) permitem mediar relações sociais a enormes distâncias; sistemas de comunicação de alcance mundial; e aldeia global como contexto de experiências anônimo.

enquanto tem-se um fechamento das mesmas para os homens. A solidariedade vertical vem beneficiar os principais atores desse período, desde o setor industrial até o financeiro⁷⁸. Aquele capitalismo primeiro, o industrial⁷⁹, passou a ser ocupado aos poucos pelo capitalismo financeiro, que nos dizeres de Rangel (1981) estava em processo de mudança (na época da terceira dualidade, com o 3º Kondratieff em sua “fase b” com a grande depressão mundial), vindo a ser bastante evidente nos dias de hoje, graças a uma união do capital industrial com o capital bancário⁸⁰. Assim, para Lênin ([1917] 2010, p. 46) “o século XX assinala, pois, o ponto de transformação do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro”, e o mesmo ainda afirma que é “o capital que se encontra à disposição dos bancos e que os industriais utilizam” (2010, p. 47).

Tanto o industrial como o financeiro, são capitalismos que fazem parte integrante do CS da economia urbana, este “composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores – é o resultado direto das modernizações que atingem o território” (MONTENEGRO, 2006, p. 10), marcando fortemente as derradeiras décadas do século passado e esse início de século XXI.

O circuito referido tem uma organização financeira complexa, que “apoiada nos atuais sistemas técnicos e na propaganda, permite a expansão social e territorial dos seus mercados, evitando capacidades ociosas e invadindo os mercados tradicionalmente pertencentes ao circuito inferior” (SILVEIRA, 2009, p. 65). Baseando-se nas características dos circuitos, vê-se que o período presente tem tido repercussões diversas e quiçá profundas nos diversos países ditos subdesenvolvidos. Para Santos (1977a),

Pela primeira vez na história desses países, variáveis elaboradas no exterior têm uma difusão geral sobre toda ou sobre a maior parte do território e afetam todos os habitantes, embora em diferentes níveis. A difusão da informação e de novas formas de consumo constituem dois dos maiores elementos da explicação geográfica (SANTOS, 1977a, p. 36).

⁷⁸ São vários os setores nos quais está presente o CS da economia urbana, “gabinetes de auditoria, escritórios de contabilidade e de advocacia, serviços de informática, agências de informação, sociedades de comunicação, bancos, institutos de planejamento econômico, entre outros” (BERNARDES, 2010, p. 421).

⁷⁹ Este tipo de capitalismo e o capitalismo comercial “estão intimamente ligados e a predominância de um ou de outro depende unicamente das condições do ambiente” (LÊNIN, 1982, p. 88).

⁸⁰ Para Labasse (1974, p. 66), “l’organisation du territoire par les banques centrales a eu une grande influence sur la information des systèmes spatiaux mis au point par les réseaux bancaires au XIX et au début du XX siècle”.

Paralelamente aos setores do CS, têm-se as feiras livres⁸¹ que desempenham papéis de destaques como atividade econômica, abrangendo em sua maioria, uma população de poder aquisitivo baixo, mediante sua inserção no CI da economia urbana, este “formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região” (SANTOS, [1979] 2008, p. 22).

Além do CS e do CI, tem-se o circuito superior marginal, compreendendo,

Por sua vez, uma certa porção do circuito superior; embora apresente características que o aproximam de ambos os circuitos. Ou seja, o circuito superior marginal tanto incorpora fatores atrelados à modernização como apresenta elementos advindos do circuito inferior” (MONTENEGRO, 2006, p. 11).

Esses circuitos fazem parte das dinâmicas que envolvem a divisão do trabalho, esta “impõe a introdução de ‘serviços’, como transportes e comércio que, mesmo quando não fazem crescer a renda efetiva da sociedade, são indispensáveis à produção nas condições de divisão social do trabalho” (RANGEL, 2012c, p. 103).

O quadro 14 (os dois circuitos da economia urbana: Características gerais) apresenta algumas das características desses dois circuitos, mostrando que o CI pode ser visto facilmente através da realização da feira livre.

Quadro 14 – Os dois circuitos da economia urbana: Características gerais

Circuito	Surgimento	Técnicas	Sistemas de Objetos	Crédito	Preços	Mão de Obra
Superior	Diretamente da modernidade	Capital intensivo	Modernos	Bancário (formal)	Fixo (em geral)	Contrato formal ou terceirizado
Inferior	Indiretamente da modernidade	Trabalho intensivo	Tradicionais	Fiado em geral	Pechincha /Regatear	Familiar (em geral)
Circuito	Elementos de Articulação	Lucro	Progressão	Acumulação de Capital	Potencial	Org.
Superior	Procura fora da cidade e sua região	Longo prazo	Org. burocrática e/ou governamental	Indispensável as suas atividades	Imitativo	Sofisticada
Inferior	Encontra na cidade e sua região	Curto prazo	Sem org. burocrática e/ou governamental	Não é de interesse primordial	Criativo	Baixo grau

Fonte: SANTOS ([1979] 2008 e [1996] 2008) e Montenegro (2006). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

⁸¹ Vale lembrar que as feiras livres nordestinas, assim como algumas cidades e povoações, tiveram suas raízes nas criações de gado, “dêste modo, inúmeras cidades do interior tiveram sua origem em primitivas feiras” (SOUZA, 1946, p. 109).

No que se refere ao setor econômico, este está sempre se adaptando aos usos da modernização, tentando extinguir todo e qualquer tipo de gostos tidos como “tradicionais” ou “atrasados”, isso porque “as economias, culturas e sociedades subsequentes da modernidade tardia não são mais encaixadas temporal e espacialmente” (WERLEN, 2000, p. 15). Neste patamar, alguns pontos espalhados pelo território⁸² tornam-se funcionais a concentração de certas produções atreladas às atividades cada vez mais modernas, que por sua vez, são segundo (SANTOS, [1979] 2008, p. 35) “criações do sistema tecnológico, são comandadas pela força da grande indústria, representada essencialmente pelas firmas multinacionais e seus suportes, tais como as formas modernas de difusão de informações”.

É evidente que o CI está sendo invadido cada vez mais pelas atividades pertencentes ao CS, desde comércio, serviços modernos, as diversas atividades bancárias e tantas outras, levando aqueles que integram o CI a uma adaptação mediante a forte presença do superior, “que lhes impõe uma série de normatizações além de uma concorrência fortemente desigual que, por sua vez, os obriga, muitas vezes, ou a terceirizar suas atividades ou a abandoná-las” (MONTENEGRO, 2006, p. 49). Afirma-se que o diferencial principal entre as atividades do superior e do inferior, baseia-se principalmente nas diferenciações de tecnologia e organização,

Simplificando, pode-se afirmar que o fluxo do sistema superior está composto de negócios bancários, comércio de exportação e indústria de exportação, indústria urbana moderna, comércio moderno, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. O sistema inferior está essencialmente constituído por formas de fabricação de “capital não intensivo”, por serviços não modernos, geralmente abastecidos pelo nível de venda a varejo e pelo comércio em pequena escala e não-moderno (SANTOS, 1977a, p. 38:39).

A cidade de Arapiraca localizada no interior do Nordeste brasileiro, exemplo de cidade tipicamente agrestina⁸³, apresenta um espaço muito rico e heterogêneo, afirmando-se “como um polo regional, e amplia a sua estrutura tanto pelas demandas locais, como pelas demandas de todo o agreste e sertão alagoano” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2012, p. 29). A economia de Arapiraca foi impulsionada mediante a força e a capacidade do seu povo, atrelada

⁸² “O território apresenta duas características no mundo do presente, constituindo-se por pares dialéticos: densidade e rarefação, fluidez e viscosidade” (SOUZA, 2002, p. 2). Para entender esses pares dialéticos ver também Santos e Silveira (2010).

⁸³ Em relação a heterogeneidade apresentada no Agreste, Melo (1962, p. 27) afirma que “a diversificação da região agrestina em suas condições naturais reflete-se nos sistemas agrários existentes não apenas quanto ao sistema de uso da terra mas também quanto à estrutura agrária”.

às características naturais encontradas em suas terras. Ao tempo em que a cidade ia firmando raiz e expandindo-se, atraía novos moradores, comerciantes, bem como trabalhava na abertura de novas ruas proporcionando outras vias de acesso à cidade que se formava⁸⁴.

Desde o início de sua formação, Arapiraca apresentava facilidade no que se referia a ligação entre litoral e sertão, o que contribuiu significativamente na atuação e no desempenho do seu setor econômico, já que servia também como lugar de troca de produtos advindos tanto do litoral rumando o sertão, como do sertão ao litoral. Isto foi facilitado com a construção de rodovias por volta da década de 1950. Essas rodovias vêm representar um papel de destaque, visto que as estradas sempre tiveram importância, desde o deslocar de pessoas a mercadorias. Assim, como afirma o historiador Braudel (1998, p. 31), as trocas comerciais também foram facilitadas “conforme a natureza das mercadorias oferecidas, conforme as distâncias, a facilidade ou dificuldade dos acessos e dos transportes, conforme a geografia da produção assim como do consumo”.

A feira tornou-se uma forma de comércio importante para as cidades nordestinas. A feira dá uma maior dinâmica à cidade no dia de sua realização – aí “uma multidão diversificada e ansiosa se acotovela periodicamente [...], da continuidade desses encontros forma-se um todo consistente e eletivo, onde sedimentos de civilização se esboçam e adquirem nítidos perfis” (LEITE, 1956, p. 155) – seja em relação às atividades econômicas, sociais e/ou mesmo culturais. Compartilhando da visão de Mott apud Dantas (2007) a feira,

É vista primordialmente como um lugar ou sítio geográfico – na praça de mercado – com atribuições sociais, econômicas, culturais, políticas onde certo número de compradores e vendedores se reúnem com a finalidade de trocar ou vender e comprar bens e mercadorias (MOTT *apud* DANTAS, 2007, p. 26).

Pode-se dizer que a gênese da economia arapiraquense, em grande parte está atrelada às funções exercidas pelas feiras, que por sinal variam ao longo do tempo em relação ao seu contexto comercial, tendo períodos prósperos e períodos de maior lentidão. A feira em Arapiraca, criada por iniciativa de Esperidião Rodrigues

⁸⁴ Quando de sua emancipação, a cidade tinha apenas umas poucas ruas, existiam por essa época, segundo o historiador Zezito Guedes (1999, p. 25), “o Quadro – atual praça Manoel André, a rua Nova – hoje praça Deputado Marques da Silva, a rua Pinga Fogo – atual rua Aníbal Lima, início da Rua Boca da Caixa e que, depois, passou a ser denominada rua 15 de Novembro e início da Rua do Cedro – atual Av. Rio Branco”.

da Silva, surge em fins do século XIX, como forma de comercialização e consumo dos mais variados tipos de produtos existentes naquela época, com destaque para os produtos advindos da zona rural. Daí em diante, a feira foi evoluindo, mantendo até o presente momento suas características primeiras, ao tempo em que proporcionou a criação de diversas casas comerciais⁸⁵.

O comércio que surgia tinha como predomínio, quase que total, a comercialização de produtos artesanais e/ou agrícolas, eram peles, cereais, algodão, lenha (vendidos não somente na feira como num armazém que surgiu em 1928), farinha de mandioca (por essa época era o seu principal produto e dava impulso ao comércio⁸⁶), milho, tecidos entre outros. Vale lembrar que essa diversificação deve-se a forte presença de áreas de agricultura de subsistência e a existência de uma forte policultura, graças a maior desconcentração de terras e o seu uso mais diversificado. Essas são características não só de Arapiraca como das outras cidades agrestinas, logo, “temos no agreste um conjunto de combinações agrícolas a formar variado mosaico de tipos de uso da terra, caracterizados todos eles por um traço constante, o regime de policultura” (MELO, 1962, p. 20-21).

A variedade de produtos que era possível encontrar na feira e no comércio que começava a “engatinhar”, foi com o passar das décadas aumentando, alguns produtos mais, outros menos, uns substituindo outros como produto principal, assim como uns passaram a conviver com outros impulsionando a dinâmica das cidades. No caso específico do Agreste Alagoano – “ao contrário do que ocorre na zona canavieira, não existe superconcentração de terras, ressalvados os casos excepcionais” (MELO, 1962, P. 27) – encontra-se uma gama de produtos, desde o tradicional fumo até as hortaliças que estão com sua produção em destaque claro na cidade de Arapiraca.

Assim, a Gerência Regional do Agreste⁸⁷ da EMATER/AL, Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas, tem na cidade de Arapiraca – juntamente com os demais municípios da Microrregião de Arapiraca e de

⁸⁵ Arapiraca já apresentava uma gama de lojas espalhadas pelo seu pequeno comércio: na Rua do Quadro existiam comerciantes com lojas de tecidos, armazéns, padaria, cartório, miudezas, bodega etc. (GUEDES, 1999).

⁸⁶ Guedes (1999, p. 199), relata que Arapiraca “nessa época, vivia fastígio da cultura da mandioca. Era a chamada fase de ouro, tanto para os produtores, como para os armazenistas e atravessadores”.

⁸⁷ Os municípios são os seguintes: Arapiraca, Campo Alegre, Campo Grande, Coité do Nóia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, Olho d'Água Grande, Taquarana e Traipu.

Traipu, mais a cidade de Campo Alegre, pertencente à Mesorregião do Leste Alagoano – área de atuação, voltada para a produção rural no Agreste. Logo, verifica-se que esses municípios apresentam certas semelhanças na medida em que estão mais próximos uns dos outros,

Isto é, maior homogeneidade; por outro lado, áreas geográficas contíguas realizam entre si, muito provavelmente, relações de troca mais intensas e melhor hierarquizadas; provavelmente, ainda, dispõem de melhores condições para desenvolver ações conjuntas porque os seus objetivos e interesses hão-de ser mais próximos e a utilização comum de meios mais viável e eficaz (LOPES, 2001, p. 30).

Segundo o IBGE (2010), os municípios que compõe a região do Agreste da EMATER/AL, possuem aproximadamente 72 mil hectares de área explorada por culturas temporárias, sendo estas bastantes diversificadas, reflexo do que se passa na maior parte da região Nordeste, principalmente adentrando rumo ao interior nordestino, onde teve início com a cultura da cana no litoral, ainda há época da colonização, integrando posteriormente outras culturas como “o cacau, o fumo, o algodão, ao lado dos produtos alimentícios como o arroz, a banana, o feijão, a mandioca e o milho” (ANDRADE, 1993, p. 18).

A tabela 6 (Região Agreste da EMATER/AL: Culturas temporárias (área cultivada) – 2010) e o gráfico 11 (Região Agreste da EMATER/AL: Culturas temporárias (área explorada e percentual) – 2010) apresentam alguns dos produtos principais cultivados atualmente no interior alagoano. Claro que além dos produtos apresentados no referido gráfico, existem outros, porém, não atingindo o grau de importância que estes têm no quantitativo geral.

Do total de área cultivada, destaca-se a cidade de Campo Alegre, que tem a maior área ocupada. Contudo, o que domina é a monocultura da cana-de-açúcar (16.400 ha, representando 76,1%) com uma grande diferença na produção, colheita e industrialização dos produtos a partir dessa matéria-prima, ao tempo em que a cidade não está inserida no Agreste Alagoano, levando-a a possuir certas características da sub-região da Mata, visto que, pertence à Mesorregião do Leste Alagoano⁸⁸.

⁸⁸ De acordo com Melo (1962, p. 10), nessa faixa de terras que se estende daí até o litoral “a agricultura canavieira constitui a forma dominante de uso do solo e aproveitamento de recursos. Em consequência, é a agro-indústria açucareira a grande responsável pela organização do espaço produtivo, pela estrutura econômica, pela estrutura repartição do efetivo humano e pelas condições sociais existentes na região”.

Segundo o gráfico 12 (Região Agreste da EMATER/AL: Cana-de-açúcar (área cultivada e percentual) – 2010) é possível ver que logo atrás de Campo Alegre vem a cidade de Limoeiro de Anadia com 20,9% da produção, ou seja, 4500 ha, enquanto Arapiraca tem apenas 1,6% (350 ha) dessa produção. Excetuando Campo Alegre, a cidade de Arapiraca passa a assumir o posto de maior produtora de culturas temporárias, com aproximadamente 13.000 ha. A cidade possui uma diversificação exuberante, abrangendo todas as culturas aqui citadas, desde o abacaxi até a tradição da cultura do fumo e da mandioca. Esta sempre esteve entre as mais cultivadas em Arapiraca, ora estando em primeiro lugar, ora ficando em segundo ou terceiro lugar no ranking dos produtos de maiores destaques. A mandioca “tomou um novo impulso com o aumento das áreas cultivadas e elevação do padrão tecnológico dos cultivos e do processamento de raízes, para a produção de Farinha e para o fabrico de outros produtos como bolos, broas, pães, etc.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2014, p. 10). O gráfico 13 (Região Agreste da EMATER/AL: Mandioca (área cultivada e percentual) – 2010) mostra o percentual e a área cultivada de mandioca nos municípios da referida região.

Posteriormente a mandioca, o que sobressaiu foi o fumo⁸⁹, produto que durante muitas décadas ocupou lugar privilegiado e foi responsável por impulsionar a dinâmica e economia de Arapiraca e região, de maneira a perceber que “o crescimento econômico surge assim associado à evolução da especialização interna e da divisão interna do trabalho, embora não sejam de excluir como insignificantes modificações na procura externa” (LOPES, 2001, p. 292). Hoje o fumo não possui a importância de outrora, ocupando apenas uma área de 9.541 ha, segundo dados do IBGE (2010). A Capital Agrestina do Fumo ainda continua sendo Arapiraca, com 32,5% do total de produção, correspondendo a 3.100 ha, seguida de Craíbas e Lagoa da Canoa com 18,9% cada uma de acordo com o exposto no gráfico 14 (Região Agreste da EMATER/AL: Fumo (área cultivada e percentual) – 2010).

O fumo foi essencial para o crescimento da feira livre e da cidade⁹⁰, da mesma forma como a feira foi fundamental no processo de comercialização do fumo. Certamente, o fator principal do desenvolvimento econômico foi dessa relação entre

⁸⁹ Andrade (1993, p. 19), mostrava que “o fumo, uma cultura tradicional do Recôncavo Baiano, é hoje muito cultivado em Alagoas, onde em torno da cidade de Arapiraca, se desenvolve numa área ampla e contínua. Alagoas é o principal produtor de fumo do Nordeste, embora sua produção seja pequena, se comparada com a dos grandes produtores do Sul como Santa Catarina”.

⁹⁰ “Em 1945 a produção de fumo tomou grande impulso, a feira livre e o comércio aumentaram consideravelmente seus espaços” (GUEDES, 1999, p. 285).

a cultura fumageira e a tradicional feira livre, o que leva a assertiva de que para “um estudo sobre o desenvolvimento econômico deve procurar constar, em primeiro lugar, se há um processo de desenvolvimento em marcha ou se, ao contrário, a economia está estagnada” (RANGEL, 2012c, p. 40). A foto 6 (Arapiraca/AL: Comercialização de fumo na feira livre – 2013) mostra que a comercialização do fumo na feira ainda está presente, mesmo que seja em menor proporção.

Tabela 6 – Região Agreste da EMATER/AL: Culturas temporárias (área cultivada) – 2010

Município	Hectares	Área Cultivada (ha.)							
		Abacaxi	Algodão	Batata doce	Cana-de-açúcar	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho
Arapiraca	12.760	90	90	80	350	4.050	3.100	4.100	900
Campo Alegre	16.480	-	-	-	16.400	35	-	45	-
Campo Grande	521	-	-	5	-	161	30	160	165
Coité do Nóia	1.745	14	20	-	-	800	191	220	500
Craibas	4.550	-	50	-	-	1.050	1.800	250	1.400
Feira Grande	3.580	-	50	700	-	480	1.200	650	500
Girau do Ponciano	8.654	-	00	4	-	1.850	1.200	2.500	3.000
Lagoa da Canoa	3.425	-	50	-	-	900	1.800	375	300
Limoeiro de Anadia	4.893	18	-	5	4.500	90	120	100	60
Olho d'Água Grande	683	-	-	-	-	230	-	180	273
Taquarana	8.285	15	-	90	300	2.900	80	2.500	2.400
Traipu	6.240	-	20	-	-	2.500	20	500	3.100
TOTAL	71.816	137	480	884	21.550	15.046	9.541	11.580	12.598

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 11 – Região Agreste da EMATER/AL: Culturas temporárias (área e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 12 – Região Agreste da EMATER/AL: Cana-de-açúcar (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 13 – Região Agreste da EMATER/AL: Mandioca (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 14 – Região Agreste da EMATER/AL: Fumo (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Foto 6 – Arapiraca/AL: Comercialização de fumo na feira livre – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado segunda-feira, 14 de janeiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 10h11min.

Assim como o fumo, o algodão teve seus períodos de reinado. Hoje, essa cultura não tem tanta área cultivada na região, alcançando cerca de 480 ha, com sua maior parte concentrada nos municípios de Arapiraca, Girau do Ponciano e Traipu, não necessariamente nessa ordem. A partir do gráfico 15 (Região Agreste da EMATER/AL: Algodão (área cultivada e percentual) – 2010) vê-se que Traipu é a cidade que domina a produção de algodão nessa região, com um cultivo de 120 ha, perfazendo 25%. Em segundo e terceiro lugar estão Girau do Ponciano (100 ha e 20,8%) e Arapiraca (90 ha e 18,8%).

Arapiraca sobressai quase que entre todos os produtos cultivados nessa região. Em segundo lugar alternam os demais municípios de acordo com o tipo de produto. Além dos já mencionados, pode citar o feijão, a batata-doce, o milho e o abacaxi. Este último com 66% da produção concentrada em Arapiraca, seguida de Coité do Nória, Limoeiro de Anadia e Taquarana, com 14%, 13% e 11% respectivamente. Nos dizeres de Melo (1980),

A principal área produtora de abacaxi coincide, em parte, com a região do fumo, sendo constituída principalmente pelos municípios de Limoeiro de Anadia, Anadia, Arapiraca e Taquarana, como se sabe, de lavoura especializada, com seu processo produtivo peculiar, onde o uso da adubação se torna indispensável (MELO, 1980, p. 276).

Em Arapiraca, o povoado Poção tem lugar principal, com cultura de suma importância para os moradores, ocupando uma grande mão de obra, já que dispensa quase que totalmente o uso intensivo de máquinas, mas, não deixando de empregar produtos químicos que integram a agricultura moderna e científica. Assim, para entender os usos desse território, é preciso encara-lo como sendo,

Um conjunto de equipamentos, de instituições, práticas e normas, que conjuntamente movem e são movidas pela sociedade, a agricultura científica, moderna e globalizada acaba por atribuir aos agricultores a velha condição de servos de gleba. É atender a tais imperativos ou sair (SANTOS, 2008, p. 89).

Outro produto que merece destaque é a batata-doce, com sua produção quase que totalmente dominada pelo município de Feira Grande com 79%. Arapiraca aparece em terceiro lugar com 9%, ou seja, 80 ha da produção, pois, Taquarana tem uma representação de 10,2% o que a coloca em segundo lugar no cultivo dessa raiz, conforme pode ser visto no gráfico 16 (Região Agreste da EMATER/AL: Abacaxi (área cultivada e percentual) – 2010) e no gráfico 17 (Região Agreste da EMATER/AL: Batata-doce (área cultivada e percentual) – 2010).

Gráfico 15 – Região Agreste da EMATER/AL: Algodão (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 16 – Região Agreste da EMATER/AL: Abacaxi (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 17 – Região Agreste da EMATER/AL: Batata-doce (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

No que se refere ao feijão, Arapiraca foi e ainda é uma grande produtora. É o município que tem a maior área cultivada de feijão, representando aproximadamente 27%. Cidades como Taquarana, Girau do Ponciano e Traipu aparecem logo em

seguida. A produção em Taquarana representa 19,3%, Girau do Ponciano 12,3% e Traipu têm 16,6% dessa área cultivada, o restante está distribuído nos outros municípios conforme o gráfico 18 (Região Agreste da EMATER/AL: Feijão (área cultivada e percentual) – 2010).

Em relação ao milho o destaque não é o mesmo. Os maiores produtores são Traipu, Girau do Ponciano Taquarana e Craíbas, com 26%, 24%, 19% e 11%, respectivamente. Arapiraca ocupa a 5ª posição, com 7% da produção o que significa um cultivo de 900 ha de milho, seguida de Coité do Nória, Feira Grande, Lagoa da Canoa, Olho d'Água e Campo Grande, com 4%, 4%, 2%, 2% e 1% nessa ordem, por último tem-se Limoeiro de Anadia que não atinge nem 1% da área cultivada, como visto no gráfico 19 (Região Agreste da EMATER/AL: Milho (área cultivada e percentual) – 2010).

Entre um e outro tipo de cultura, surgem recentemente com muita força, principalmente em Arapiraca, as hortaliças, que passam a ter um aumento significativo em suas produções. De acordo com o Arranjo Produtivo Local/APL horticultura da região Agreste, Arapiraca é a cidade que possui o maior número de comunidades rurais que se destinam a produção de horticulturas. Ao percorrer as áreas rurais da cidade, é possível notar a presença de muitas áreas onde estão sendo cultivadas variedades de hortaliças, inclusive nas proximidades das casas dos produtores, levando a assertiva de que esse tipo de atividade é em sua maioria familiar. As fotos 7 e 8 (Batingas-Arapiraca/AL – Zona Rural (plantação de hortaliças) – 2009) mostram o cultivo de hortaliças que integra o cinturão verde da cidade.

Diante desse breve relato sobre os principais produtos cultivados no Agreste nos anos recentes, observa-se que Arapiraca continua a comandar a maioria da produção desses produtos – com exceção de alguns como a cana – onde além de servir de subsistência para as famílias, grande parte da produção destina-se a comercialização, seja na própria feira livre ou não. Para Carvalho (2012),

A agricultura familiar, por sua característica policultora, é responsável por mais da metade da produção pecuária; e por quase toda a horticultura e floricultura. Por isso, sua produção é a garantia da segurança alimentar, atendendo ao mercado interno e evitando importações; abre espaços para a agroindustrialização (derivados do leite, milho, coco, mandioca, etc.) e possibilita exportações (fumo, flores, etc.) (CARVALHO, 2012, p. 22).

Gráfico 18 – Região Agreste da EMATER/AL: Feijão (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Gráfico 19 – Região Agreste da EMATER/AL: Milho (área cultivada e percentual) – 2010

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Fotos 7 e 8 – Batingas-Arapiraca/AL – Zona Rural (plantação de hortaliças) – 2009

Fonte: Crédito: FIRMINO, P. C. S. Arquivo particular. Fotos tiradas sexta-feira, 5 de junho de 2009.

Então, a entrada desses produtos no comércio da cidade veio a contribuir para aumentar sua área de influência e o seu papel no cenário econômico do

estado, atraindo certos tipos de serviços para o seu centro urbano, bem como o surgimento de pequenas empresas e indústrias⁹¹. Assim, a estrutura econômica, de acordo com Lopes (2001), passa por algumas fases sucessivas,

I) economia de subsistência; II) especialização nas actividades primárias provavelmente acompanhada de melhoria no sistema de transportes; III) aumento da importância das actividades secundárias; IV) maior diversificação da indústria com interdependência crescente no sector e economia de escala; V) desenvolvimento dominante dos serviços (LOPES, 2001, p. 292-293).

Com o passar dos anos foram adentrando diversos outros produtos – além dos agrícolas – no comércio de Arapiraca, a exemplo dos industrializados que chegaram com força, tanto no comércio dito “formal”, como na feira livre, evento típico do CI da economia urbana. Isso fazendo com que a feira viesse se adaptar a realidade do atual período histórico – apesar do CI se encontrar meio que subordinado ao superior, “é ele que vai oferecer as mais variadas ocupações e, por conseguinte, a própria possibilidade de sobrevivência a uma importante parcela da população urbana” (MONTENEGRO, 2006, p. 166).

Assim, nota-se que há sempre uma adaptação dos diversos atores (feirante, por exemplo) que participam da feira às imposições daqueles que comandam o espaço da comercialização, entretanto, permanece sempre o essencial da feira livre: a dinamicidade de suas cidades e regiões através de sua realização, relações existentes entre as pessoas que a fazem acontecer, assim como uma maior interação entre a zona urbana e a zona rural, criando um ir e vir que faz movimentar a cidade e toda sua região, com um frenesi maior que o de costume, fortalecendo a relação de complementariedade entre ela e o comércio a sua volta.

Neste sentido, a feira tem a força de oferecer uma variedade em relação aos produtos comercializados, permitindo a população local e circunvizinha a terem um maior direito de escolha na hora da compra, venda e/ou troca. Para Azevedo (2011),

As feiras de produtos locais estão a contribuir para a criação de uma nova inteligência colectiva, divulgando produções, costumes e

⁹¹ Ao tratar do fenómeno industrial em cidades interioranas do Nordeste brasileiro, nota-se uma semelhança com o processo industrial em Portugal. Foi possível fazer tal constatação a partir da realização de um estágio de pesquisa realizado com a Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior/BEPE, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, que tinha como objetivo fazer uma análise do desenvolvimento regional do interior sul de Portugal com a sub-região Agreste nordestina. Dentre tais semelhanças Lautensach e Ribeiro (1991, p. 1185) apontam que “parte da actividade industrial exerce-se em pequenos estabelecimentos ou oficinas quase familiares”.

dialectos, originando o despertar dos territórios e das identidades (re)descobertas e requalificadas. Funcionando como manifestação da cultura popular, de promoção e divulgação do artesanato, gastronomia, folclore e produtos locais de qualidade, redescobrem-se e reconstroem-se os recursos locais, através da mobilidade colectiva [...], procurando a valorização dos lugares, das gentes e das produções, criando novos alicerces para um novo projecto de desenvolvimento territorial (AZEVEDO, 2011, p. 132).

As feiras chegam a dividir espaço com um número cada vez maior de grandes empresas, firmas e instituições, cada uma com seus próprios objetivos. Compartilhando da ideia de Santos ([1996] 2008, p. 283), se torna um lugar vivido por todos, chamando-o de “espaço banal, espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações”.

A feira livre de Arapiraca passou a se destacar não somente a nível local, ganhou grande importância como atividade econômica da cidade e da sub-região Agreste, ultrapassando até os limites estaduais. De maior feira do estado passou a ser considerada no ano de 1985 a maior feira do Nordeste brasileiro, e, que desde 1970 “já era verdadeiro complexo e representava o poderio econômico regional juntamente com a produção fumageira e o comércio local” (GUEDES, 1999, p. 286). Diga-se então, que a feira não é um evento novo presente na cidade e sim historicizado, de tal maneira que,

Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem. Pelo menos vão sobrevivendo e, em dias fixos, ante nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros (BRAUDEL, 1998 p. 14).

Com a expansão que a feira vinha tomando, atingiu uma proporção a qual a cidade não estava preparada, ocasionando segundo as autoridades municipais “transtornos” para muitos negociantes, tais como, dificultando o trânsito de pedestre e transportes, sujando as ruas, impedindo a visualização do comércio fixo entre outros. Então, o poder municipal tomou a decisão de fazer algumas mudanças, dentre elas, o deslocamento da feira. Essa mudança poderia trazer sérias consequências para o comércio arapiraquense, principalmente para aqueles que sobrevivem e vivem da feira livre, pois, sendo “Arapiraca como cidade Polo Regional, a feira livre não é só de Arapiraca, mas de todo o Agreste Alagoano” (GUEDES, 1999, p. 287).

No ano de 2003, a histórica feira livre de Arapiraca, que estava ocupando 25 ruas no centro da cidade, foi então transferida para uma região mais afastada, nas proximidades de um dos bairros mais pobres e carentes (Manoel Teles). Comparando-se com o que apresenta Braudel (1998, p. 22), percebe-se que,

Incapazes de caber nos antigos espaços que lhes eram reservados, transbordam para as ruas vizinhas, que se tornam cada uma delas uma espécie de mercado especializado: peixe, legumes, criação, etc. [...]. As autoridades constroem então, para desimpedir as ruas, grandes edifícios ao redor de amplos pátios. São, portanto, mercados confinados, mas a céu aberto, alguns especializados, principalmente de atacado, outros mais diversificados (BRAUDEL, 1998, p. 22).

A feira de Arapiraca passou a ter uma nova cara – como a distribuição das barracas de acordo com o tipo de mercadoria – enfraquecendo-a, segundo relatos dos próprios feirantes, como foi possível constatar mediante sua realização nos dias de hoje. Porém, continua a empregar um grande número de pessoas⁹² que retiram dela seu sustento, já que a feira faz parte da identidade cultural do povo agrestino (ROMÃO, 2008), além de continuar com grande importância na economia da cidade,

A feira, como um espaço de interação, faz parte da História e da identidade de Arapiraca, com a qual a cidade cresceu e se fortaleceu. No entanto, gerava problemáticas urbanas e, no início do século XXI, passou por reordenamentos que resultaram no enfraquecimento da sua integridade (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2012, p. 27).

Segundo as autoridades municipais, a mudança de local da feira beneficiaria os feirantes, visitantes, compradores e os diversos comerciantes que fazem parte desse evento, por usufruírem de um espaço mais amplo. No entanto, o que se observou foi um enfraquecimento, visto que, é preciso um maior deslocamento até a feira, necessitando de um transporte para o trajeto a ser feito com suas compras até chegar num ponto de ônibus (meio de transporte mais utilizado), além de constantes assaltos, conforme relatado por feirantes no trabalho de campo.

Acredita-se que a mudança, é reflexo das imposições dos atores que comandam o comércio da cidade: as grandes redes de supermercado⁹³, lojas,

⁹² Segundo dados da Associação dos Empresários de Feiras Livres de Arapiraca/ASSEFAR, criada em 20 de janeiro de 2005, o número de associados é de 1.731. Entretanto, existem aproximadamente 3.800 pessoas que dependem direta ou indiretamente da feira e que dela retiram seu sustento, “tais números comprovam a importância não só cultural, mas também econômica da Feira Livre em nosso município” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2015a, p. 1).

⁹³ “Os supermercados são, hoje, elos fundamentais nas cadeias de distribuição e produção, pois participam das diversas instâncias, criando marcas, agindo como oligopsonios em algumas

restaurantes etc. Após essa transformação, nota-se a presença de uma feira que está sempre sofrendo mudança, não por completo, mas, deslocando feirantes de uma rua para outra, e estas ruas sempre mais afastadas.

Os transportes usados por aqueles que frequentam a feira é mais um elemento a ser considerado na dinâmica da feira e da economia da cidade. Além, dos gastos semanal ou quinzenal, o cliente ainda tem que desembolsar um valor para o deslocamento de casa para a feira e desta para casa. O gasto e o tipo de transporte utilizado pelos clientes devem ser levados em conta na hora de fazer a relação entre os gastos e a renda familiar daqueles que têm na feira livre seu principal espaço para compras e vendas.

Sendo assim, a partir do trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca, o qual contou com a colaboração de 40 pessoas que estavam realizando suas compras semanais, foi possível identificar os principais tipos de transportes, os valores gastos e o quantitativo de clientes, como os que estão representados na tabela 7 (Arapiraca/AL – Gastos e tipos de transportes usados pelos clientes da feira livre – 2015).

Tabela 7 – Arapiraca/AL – Gastos e tipos de transportes usados pelos clientes da feira livre – 2015

Gasto com Transporte	Nº de Clientes	Tipo de Transporte	Nº de Clientes
Até R\$ 5,00	10	Moto-táxi e/ou Moto	4
Entre R\$ 5,00 e 10,00	12	Ônibus	12
Entre R\$ 10,00 e 20,00	2	Van	7
Acima de R\$ 20,00	1	Bicicleta	2
Não Gasta	14	Carro	1
Não Informado	1	Caminhão e Caminhonete	2
-	-	Não Usa	12

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015.

Nota-se que aqueles clientes que não gastam com transporte na hora do deslocamento (35%), são justamente os moradores das proximidades da própria feira, aqueles que moram na zona urbana da cidade, representados pelo uso de bicicleta e por aqueles que não usam transportes. Os outros 65,5% utilizam algum tipo de transporte, seja a van, a moto entre outros, que pagam algum valor para fazer esse deslocamento. Apenas 1 entrevistado (2,5%) utiliza o próprio carro para ir à feira, não informando o valor gasto nesse trajeto.

É possível encontrar na feira livre uma diversidade de atividades e ocupações, uma vez que a exigência aí é apenas a força de vontade de trabalhar, pois, “a energia (diríamos a força de trabalho) de cada indivíduo é uma mercadoria” (BRAUDEL, 1998, p. 36), de forma que para sua realização é necessário um número crescente de pessoas, desde o intermediário, o caminhoneiro, o carregador de bancas, o carregador de fretes, o próprio feirante entre outros.

Neste sentido, pode-se dizer conforme Montenegro (2006, p. 36), que aí se tem “os variados ‘tipos’ de trabalho que compõem o universo do circuito inferior, tanto na forma de micro e pequenas empresas como na forma de trabalhadores autônomos, vêm renovando e diversificando suas estratégias no período atual”. Como é de praxe no CI, o emprego na feira também não é permanente, hoje o feirante pode estar trabalhando, amanhã já não está mais; o salário também não é fixo, muitas vezes é o diálogo que o define.

No que diz respeito aos intermediários, estes desempenham papel de significativa importância nas relações entre os diversos atores da feira. É possível encontrar diversos tipos de intermediários: a) uns são apenas intermediários, compram produtos no campo, na indústria e no comércio, para revender aos feirantes que chegam de diversas localidades; b) outros são intermediários e feirantes, compram os produtos para revender diretamente na feira como feirante⁹⁴ e para entregar a outros feirantes e comerciantes locais; c) e outro tipo de intermediário, é aquele que compra a outros intermediários, fazendo a revenda em retalho no mercadão para os feirantes. Assim, vê-se que através dos intermediários “e através do crédito, o atacadista fornece um grande número de produtos para os níveis inferiores do comércio e atividades manufatureiras, como para uma grande cadeia de consumidores” (SANTOS, 1977a, p. 39).

A maioria das compras e vendas, entre intermediários e feirantes, acontece nos dias que antecedem as feiras, às quartas-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras, principalmente. O feirante é então levando a comprar somente o essencial, para revender no dia de realização da feira que o mesmo frequenta, de modo que, não estoque a mercadoria, pois, pode não mais servir para ser comercializada em outra

⁹⁴ “Observa-se número significativo de feirantes que compram produtos agrícolas (produzidos em outras regiões) numa central atacadista regional e os revendem na feira (ao invés de produzi-los)” (SÁ, 2011, p. 42).

feira, ou mesmo, ser “obrigado a vender a preços muito baixos, para poder saldar, ao menos em parte, suas dívidas” (SANTOS, [1979] 2008, p. 250).

Diante dessas informações sobre a gênese econômica de Arapiraca apoiada na feira livre, é notória a evolução do comércio mediante as influências desse evento de cunho importantíssimo para o povo arapiraquense e alagoano. A feira possibilitou um aumento nas trocas⁹⁵, distribuição acelerada de diversos produtos, fixação de uma população que aumentava, surgimento de lojas e, conseqüentemente, a solidificação do comércio de Arapiraca, que contribuiu significativamente no desenvolvimento econômico e na intensificação de pequenos comerciantes e empresários que saíam do campo e/ou da feira, com desejo de abrirem seus estabelecimentos próprios.

Analisando o que observou Gaspar (1993) num estudo sobre a área de influência de Évora no interior de Portugal, constatou-se

Um elevado potencial de desenvolvimento, que lhe é conferido pelas acessibilidades, pela base industrial de que já disfruta, por um tecido empresarial denso, diversificado e empreendedor, pela capacidade de amortecimento em épocas de crise, que lhe advém da articulação Agricultura-Indústria no quadro das economias familiares (GASPAR, 1993, p. 75).

Assim, fazendo relação com Arapiraca é possível identificar algumas dessas características no que concerne a gênese e o seu desenvolvimento econômico.

⁹⁵ Dicken (2010, p. 408) apresenta que “sem o desenvolvimento paralelo de sistemas de troca baseada em dinheiro e crédito, não aconteceria o desenvolvimento das economias além das formas organizacionais mais primitivas e das escalas mais geograficamente restritas”.

4.2. Feira livre e sua influência na economia de Itabaiana

A cidade de Itabaiana, graças a uma série de fatores, tanto naturais quanto históricos, tem demonstrado nos últimos anos um crescimento bastante expressivo, porém, não é um crescimento que surgiu de forma homogênea na cidade como um todo, nem em todas as cidades de forma geral. De acordo com Perroux (1978, p. 100), ele “manifesta-se com intensidades variáveis, em pontos ou pólos de crescimento; propaga-se, segundo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia”.

As transformações por quais passaram os ciclos econômicos de Itabaiana são fatores que têm impulsionado seu crescimento, reflexo de um “Município onde a propriedade da terra é bem dividida, possibilitando o desenvolvimento da policultura e a existência de uma importante atividade comercial” (ANDRADE, 1979, p. 107). Portanto, no que diz respeito ao seu crescimento, Varge (1998, p. 285) mostra que “é importante conhecer as tendências do passado em termos econômicos, sociais e demográficos, para poderem ser estabelecidos hipóteses de crescimento minimamente plausíveis”.

Hoje, pode-se dizer que o mercado interno é abastecido por uma produção da agricultura local – com destaque para a produção de hortifrútis – com uma parte sendo destinada à exportação, importando para seu mercado produtos inexistentes ou pouco produzidos na cidade. Levando a perceber que,

As mercadorias se deslocam através das regiões de tal modo que a região dotada do artigo menos escasso vende seus bens para outra região a um preço que incorpore mais insumo real (custo) do que um bem de preço igual que se desloque na direção oposta (WALLERSTEIN, 2001, p. 29-30).

Como exemplo de produto produzido e exportado tem-se a batata-doce que segundo Carvalho (2010) sai

Da microrregião de Itabaiana para o Rio Grande do Sul (RS), Argentina, Paraguai e França e na importação de frutas, como ameixa, maçã, pêra, kiwi e uva e, de alho e outros produtos típicos de sua região, que por vezes são adquiridos na CEAGESP (SP) (CARVALHO, 2010, p. 108).

Atrelado à agricultura estão os dois setores da economia que mais movimentam a cidade – serviços e comércio⁹⁶. A partir do gráfico 20 (Microrregião de Itabaiana/SE: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012) é possível notar que os serviços e o comércio juntos, possuem 75% desse total, o equivalente a 399 e 756 estabelecimentos, respectivamente, enquanto, que a indústria vem logo em seguida com 13% (197 estabelecimentos), agropecuária e construção civil com 7% e 5% nessa ordem (118 e 72 estabelecimentos). Isso mostra que a diversificação encontrada no comércio de Itabaiana tem contribuído nesse aumento em relação ao comércio e serviço no interior sergipano, o que vem fortalecer, consequentemente, a economia da própria cidade.

Gráfico 20 – Microrregião de Itabaiana/SE: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento MES. Ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 17h41min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Itabaiana serve a uma determinada área de abrangência, atraindo para si diversas funções, que por sua vez são vistas como fatores de desenvolvimento, refletindo na organização do seu espaço. De acordo com Lopes (2001, p. 4) “as localizações, que acontecem no espaço, condicionam o desenvolvimento e este é condicionado pelas localizações, isto é, pelas características espaciais”. Itabaiana como cidade interiorana vem mostrar que “a dinamização das zonas periféricas

⁹⁶ Não somente na cidade de Itabaiana como em praticamente todas as cidades localizadas no Agreste, com destaque para as maiores dentro dos seus estados, têm um comércio bem representativo. Num estudo feito sobre Campina Grande/PB, Elias, Soares e Sposito (2013, p. 97), mostram que “atualmente, o setor comercial apresenta uma importância significativa na estrutura e na dinâmica econômica da cidade. Responde por mais de 45% dos estabelecimentos e quase 25% da mão de obra empregada”.

torna-se assim num elemento essencial de desenvolvimento regional, mas também de desenvolvimento urbano” (CARMO, 2006, p. 71).

Pensar no comércio de Itabaiana é pensar no papel desempenhado pela feira livre nos dias atuais, bem como analisar as contribuições da feira ao longo da história econômica e os seus desdobramentos em outros setores da economia. Sabe-se que ela tem significativa importância para a cidade desde antes de sua emancipação política no século XIX. A feira nasce basicamente com o estado sergipano e com Itabaiana, já que foi povoada, assim como quase todo o Agreste, em função da criação do gado⁹⁷, do cultivo do algodão e outros cereais. A feira de gado é a manifestação mais importante no processo de comercialização e que de certa forma foi a gênese da feira livre de diversas cidades e, conseqüentemente, do seu respectivo desenvolvimento econômico. Para Lopes (2001),

A forma como se organizam espacialmente as actividades e os recursos mais susceptíveis de mobilidade face aos caracterizados por maior grau de localização – isto é, a organização espacial – vai condicionar naturalmente o desenvolvimento económico, porque por um lado cria mobilidade e acesso e, por outro, maiores oportunidades para uma conveniente utilização dos recursos humanos (LOPES, 2001, p. 18-19).

Dispondo de menos concentração no que diz respeito à estrutura fundiária, sendo esta constituída por vários tipos de estabelecimentos agrícolas, “estando a área ocupada pelos estabelecimentos divididos entre os tipos *grande* (macrofúndios), *médio*, *pequeno* e *muito pequeno* (minifúndios)” (MELO, 1962, p. 27), reflexo das características da sub-região Agreste,

Região que mais cedo dirigiu a sua produção ao mercado interno. É possível o fortalecimento da agricultura Agrestina, através do desenvolvimento de culturas de legumes, de frutas, de flores, etc., que têm no mercado regional uma grande aceitação. Acresce que os excedentes, não consumidos na região nordestina, podem ser facilmente enviados para os grandes centros do Sudeste e do Sul do País (ANDRADE, 1979, p. 121).

A feira livre tornou-se tão importante que atingiu grandes proporções, com raio de abrangência bastante significativo no centro da cidade⁹⁸ e que pode ser visto

⁹⁷ Souza (1946, p. 110) chamava atenção para diversas cidades do Nordeste que se tornaram o que são hoje, importantes e movimentadas no interior dos seus estados, “graças as feiras de gado como Quizadá e Baturité no Ceará, Itabaiana e Campina Grande na Paraíba, a tradicional Feira de Sant’Ana na Bahia, o maior centro de comércio de gado do Nordeste brasileiro, e inúmeras outras”.

⁹⁸ “A área de ocupação da feira se estende por aproximadamente 5 km² no centro comercial da cidade, abrangendo os largos comerciais, Mercado de Hortifrutigranjeiros e ruas adjacentes como,

Neste sentido, mediante o trabalho de campo realizado na cidade, que abrangeu um quantitativo de 30 entrevistados, constatou-se que a procedência dos consumidores que frequentam a feira livre de Itabaiana é em sua maioria da própria cidade, não deixando de atrair uma clientela diversa de cidades outras do estado sergipano e até da própria capital. As demais cidades citadas pelos clientes, em relação à procedência são Ribeirópolis, Terra Vermelha, Queimada, Torre, Canindé de São Francisco, Aracaju e Riachuelo. De acordo com Carvalho e Costa (2012, p. 138), “o fluxo de pessoas originadas de municípios circunvizinhos, assim como de outras localidades nos dias de feira principalmente (quartas-feiras e sábados), é uma amostra da centralidade de Itabaiana sobre a região”.

Foto 9 – Itabaiana/SE: Ocupação do espaço pela feira livre no centro – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado sábado, 16 de fevereiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 09h42min.

Componente fundamental em sua economia, a feira principal realizada aos sábados – “representando para ela seu dia de maior fluxo econômico, do qual o comércio nas atividades do circuito de fluxos inferiores formais existentes lucrava com seu funcionamento” (CARNEIRO; PINTO, 2014, p. 67) – cria um ir e vir de comerciantes e diversos outros atores, movimentando a cidade como um todo, tendo uma relação de complementariedade entre a feira e o comércio a sua volta, sendo que “é justamente nos dias de feira que se observa o maior fluxo da população de

cidades vizinhas para os centros de zona, dinamizando o comércio e utilizando os serviços médico-odontológicos das cidades” (DINIZ, 1969, p. 137), para citar apenas um tipo de serviço.

A referida população além de ir à feira, também busca utilizar-se dos serviços prestados e do comércio diversificado da cidade, procura serviços bancários e de saúde, fazer compras em lojas, passeio, visitar familiares entre outros exemplos. De acordo com França *apud* Carvalho (2010), Itabaiana,

Nos últimos trinta anos, intensificou suas atividades econômicas, com destaque para a diversificação de funções comerciais e instalação de pequenos estabelecimentos industriais. O comércio de autopeças e de moto peças se fortaleceu, alcançando áreas distantes. Os serviços de saúde e de educação também se expandiram, atraindo pessoas de outros municípios e aumentando sua centralidade, que extrapola aquela da feira, tão tradicional em Sergipe (FRANÇA *apud* CARVALHO, 2010, p. 77).

Devido o contingente de moradores que se deslocam de municípios e estados vizinhos, bem como de todos os bairros de Itabaiana, a feira tem proporcionado uma maior dinamicidade e um melhor desenvolvimento econômico e regional, mas, para isso “há que avaliar igualmente a capacidade de organização e iniciativa, o empenhamento no progresso da própria terra, a convergência ou os conflitos de interesses entre os vários agentes e entidades locais/regionais envolvidos, etc.” (GASPAR, 1994, p. 29).

Com o aumento e a variedade que o comércio ia conquistando e a intensificação da prestação de serviços, começou a atrair um contingente populacional cada vez maior, que usufrui de toda a diversificação encontrada na cidade, de forma a desempenhar papel de suma importância na vida regional. Melo (1980) aponta que,

Sendo a cidade um nódulo de localização de atividades terciárias, o seu crescimento está sempre condicionado aos estímulos exercidos pela demanda de serviços. E essa demanda é sempre muito maior nas regiões de predominância das atividades de lavoura do que naquelas onde prevalecem as atividades pastoris (MELO, 1980, p. 375).

O comércio de cada cidade interiorana começa então a fixar raízes através das feiras e sua evolução, surgindo dezenas e centenas de comerciantes, bem como influenciando no desenvolvimento de vários povoados que posteriormente tornaram-se cidades de grande expressividade para suas regiões, mas, com características

diferentes de acordo com o lugar, o que faz perceber que “dentro de cada sub-região as feiras tomam aspectos diferentes” (GASPAR, 1986, p. 33).

Em Itabaiana, a feira não tem trazido prejuízo ao comércio local. Muito pelo contrário, a feira e o comércio se complementam. Este último ganhando mais força mediante os investimentos e políticas implementadas pelo Prefeito Euclides Paes Mendonça¹⁰⁰, por volta de 1950, que também foi responsável pela instituição da feira as quartas, mostrando o quão importante é economicamente para a cidade.

Muitas iniciativas contribuíram para a distribuição dos mais variados gêneros alimentícios, o intenso fluxo de pessoas de localidades diversas e o surgimento de pequenos comerciantes, empresários e industriais. Estes com espírito de iniciativa e com os poucos capitais investidos inicialmente nos empreendimentos, em sua maioria modestos, foram segundo o geógrafo Mamigonian (1976) os responsáveis pela criação dos seus próprios negócios, vindo a contribuir com o desenvolvimento econômico da cidade e região.

Na última década do século passado, Itabaiana já representava no estado de Sergipe a mais importante cidade e centro urbano do interior – conforme Corrêa (1996, p. 51), “considera-se que a cidade central ‘serve’ à sua área de mercado, sendo vista mesmo como fator de desenvolvimento e idealizam-se novos arranjos estruturais e espaciais [...]” – ganhando destaque na produção de hortaliças, cereais e grãos e algumas verduras. Outros como vestuário tem sua origem em cidades pernambucanas, principalmente Caruaru e Toritama. De acordo com a realização do trabalho de campo, o quadro 15 (Itabaiana/SE: Principais produtos comercializados na feira e suas origens – 2015) apresenta os principais produtos encontrados na feira, bem como suas origens, já o gráfico 21 (Feira de Itabaiana/SE: Quantitativo e porcentagem de feirantes e tipos de produtos comercializados – 2015) mostra a relação entre porcentagem e quantitativo de feirantes e os tipos de produtos.

Tem-se uma variedade de produtos agrícolas, manufaturados, além de industrializados, espalhados por várias ruas do centro, expostos nas centenas de barracas, nas carroças de mão, num caixote de madeira ou mesmo colocados sobre

¹⁰⁰ Dentre às medidas tomadas pelo então prefeito de Itabaiana para movimentar e dar impulso ao comércio pode citar a criação de “armazéns atacadistas, revendedoras de veículos da Volkswagen e da Chevrolet, constrói postos de gasolina, além de agregar a revenda de peças e acessórios, como também institui a feira no dia de quarta, visando suprir a fragilidade da comercialização de produtos de primeira necessidade durante a semana” (CARVALHO; COSTA, 2009, p. 4).

lonas e plásticos no chão, como observado nas fotos 10 e 11 (Itabaiana/SE: Utilização de diversos materiais para exposição de produtos na feira – 2013 e 2015).

Para o Geógrafo português Jorge Gaspar (1986, p. 72), a feira “é uma festa e as gentes gostam de feirar: discutir, apalpar, voltar às costas se o preço não convém. A feira dá uma liberdade e um à-vontade que não existem na loja”. Verifica-se que por entre as ruas onde acontecem as feiras, está presente um fervilhado de pessoas diversas, cada uma com características próprias, construindo seu próprio “mundo”, vivendo cada pedaço da feira de forma intensa, por vezes ela “é o ruído, o alarido, a música, a alegria popular, o mundo de pernas para o ar, a desordem, por vezes o tumulto” (BRAUDEL, 1998, p. 67).

Quadro 15 – Itabaiana/SE: Principais produtos comercializados na feira e suas origens – 2015

Produtos Comercializados	Nº de Feirantes	Origem dos Produtos
Vestuário, calçados, bijuterias e outros produtos industrializados.	24 feirantes	Zona Urbana de Itabaiana, Itabaianinha, Aracaju, Tobias Barreto/SE, Caruaru, Toritama e Recife/PE, Feira de Santana/BA, Arapiraca/AL, Nova Serrana/MG e São Paulo/SP
Serviços de alimentação, laticínios, biscoitos, bolos e afins.	2 feirantes	Zona Urbana e Rural de Itabaiana/SE, AL
Frutas, verduras, hortaliças e tubérculos.	12 feirantes	Zona Rural de Itabaiana, Cacorobó, Pedrinhas/SE, Juazeiro/BA, PE, PR RS, Argentina, Chile e Minas Gerais
Cereais, grãos, condimentos e produto alimentício industrializado.	1 feirantes	Zona Urbana e Rural de Itabaiana/SE, Bahia e SP
Ferragens, artefatos de couro e arreios em geral e fumo	4 feirantes	Zona Urbana de Itabaiana, Aracaju, Tobias Barreto, Lagarto, Carrapicho, Neópolis/SE, Cachueirinha e Caruaru/PE, e São Paulo/SP
Peixes e carnes	2 feirantes	Zona Rural de Itabaiana, Aracaju/SE
Artesanato e produtos de casa: cozinha, cama, mesa e banho	3 feirantes	Tobias Barreto/SE, PE
CD's, DVD's e eletrônicos gerais	2 feirantes	Zona Urbana de Itabaiana e Aracaju/SE, Caruaru/PE e Feira de Santana/BA

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Gráfico 21 – Feira de Itabaiana/SE: Quantitativo e porcentagem de feirantes e tipos de produtos comercializados – 2015

Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Fotos 10 e 11 – Itabaiana/SE: Utilização de diversos materiais para exposição de produtos na feira – 2013 e 2015

Fonte: Trabalho de campo realizado sábado, 16 de fevereiro de 2013 e sábado, 21 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 11h53min e 09h44min, respectivamente.

Para ir além de significações culturais, é preciso encarar a realidade da feira como um evento econômico bastante relevante na dinâmica de suas cidades. Segundo Sá (2011),

É preciso olhar para a feira e para seus feirantes como também sendo membros da ordem mundial contemporânea e não apenas como representações folclóricas de um regionalismo nordestino – que, obviamente, tem seu papel em termos de representação indenitária e histórica de um povo, mas que não nos faz substantivamente diferentes em termos dos dramas de povos de outros países, situados na geopolítica mundial em condição periférica similar à nossa, também vivem (SÁ, 2011, p. 33).

Associados a feira, têm-se eventos outros de natureza diversa, que vieram contribuir para mudanças em suas estruturas, imprimindo novos ritmos em sua economia, de maneira a influenciar não só seu município como outros da Micro e Mesorregião do Agreste onde está inserida, dinamizando as áreas ao seu entorno. Segundo Carvalho (2010),

O estado de Sergipe, com a localização de seus principais mercados agrícolas tem apresentado dinâmica de comercialização. Essa dinâmica centraliza-se principalmente em Aracaju e Itabaiana. A primeira exercendo função de comércio varejista, em virtude da concentração de população e renda. A segunda, em função da consolidação do mercado como centros de atração e de distribuição de produtos agrícolas (CARVALHO, 2010, p. 56).

Itabaiana apresenta uma grande dinamicidade no que se refere à comercialização de produtos advindos da agricultura local, possibilitando uma maior relação entre a zona rural e zona urbana, de forma a promover “um maior equilíbrio entre as regiões e eliminar progressivamente as diferenças entre a cidade e o campo” (LOPES, 2001, p. 288). Por ser produtora de uma gama de produtos – com destaque para as hortaliças e algumas verduras –, faz essa comercialização no mercado público da cidade, o maior do estado em hortifrútis, de forma a exportar o excedente¹⁰¹ de sua produção para cidades e estados vizinhos, bem como para outras regiões e até mesmo países, como já foi citado anteriormente. Comercializam-se também no mercadão central produtos ausentes na cidade, estes chegam através dos caminhoneiros que percorrem longos caminhos, fazendo os produtos circularem de fora de Itabaiana para dentro e vice-versa.

Itabaiana se destaca entre as principais cidades, por apresentar uma maior concentração de atividades comerciais e uma forte presença do comércio atacadista (ver mapa 5 – Itabaiana/SE: Área de atuação dos atacadistas no centro – 2010)

¹⁰¹ Esse excedente é resultado do trabalho do produtor que de certa forma se torna independente, tendo a possibilidade de adquiri-lo além da quantidade que pode vir satisfazer suas necessidades básicas (LÉNIN, 1982, p. 114).

Mapa 5 – Itabaiana/SE: Área de atuação dos atacadistas no centro – 2010

Fonte: CARVALHO, D. M, de. **Comercialização de hortifrutigranjeiros em Itabaiana/SE.** 2010, 229f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, através do Núcleo de Pós- Graduação em Geografia (NPGE), São Cristóvão, 2010.

Em relação ao crescimento do comércio de hortifrutigranjeiros, Carvalho (2010, p. 138), mostra que esse comércio “atacadista de Itabaiana tem contribuído para o fortalecimento do comércio varejista informal e auxiliado na proliferação de extensas redes de distribuição de hortifrutigranjeiros”, o que também tem possibilitando novos tipos de relações de trabalho. Daí Montenegro (2006, p. 52), mostrar que “a divisão do trabalho de uma nação, vista através dos circuitos, nos revela assim como o território é usado, como este compreende o resultado de uma superposição de divisões de trabalho”.

É na feira, em meio a uma multidão de pessoas, bancas, carroceiros e produtos, que se encontra uma multiplicidade de serviços – desde os serviços de alimentação até o de transporte, desde os moto-táxis aos carroceiros (ver fotos 12 (Feira de Itabaiana/SE: Serviços de alimentação – 2013), 13 e 14 (Feira de Itabaiana/SE: Serviço de transporte (carroceiros e moto-táxis) – 2013 e 2015)) – e o surgimento do pequeno comércio, de caráter muitas vezes local e familiar, onde,

O matuto, desprovido de conhecimentos especializados, tem maravilhoso poder de intuição, revelando-se um espírito inventivo disposto; e as "feiras" são mostruários permanentes que rivalizam na variedade dos aspectos, cada qual oferecendo provas das diferentes atividades exercidas pelo homem nordestino no aproveitamento, embora restrito, das riquezas da terra pela fôrça do espírito (LEITE, 1956, p. 155).

Foto 12 – Feira de Itabaiana/SE: Serviços de alimentação – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado sábado, 16 de fevereiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto x tirada às 11h56min.

Fotos 13 e 14 – Feira de Itabaiana/SE: Serviço de transporte (carroceiros e moto-táxis) – 2013 e 2015

Fonte: Trabalho de campo realizado sábado, 16 de fevereiro de 2013 e sábado, 21 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto 22 tirada às 11h56min e foto 23 tirada às 09h56min, respectivamente.

Em se tratando de comércio dentro do CI, tem-se a presença maciça de pessoas em pequenas atividades, já que não é necessário um somatório muito grande de capital para se investir e nem ter experiências, a não ser aquela passada de pai para filho, fortalecendo a presença do trabalho familiar com a presença de “um irmão, um filho, uma prima, o cônjuge, uma nora, que geralmente tem a preferência quando se precisa de mão de obra” (SÁ, 2011, p. 57).

Como já foi relatado, Itabaiana apresenta um forte comércio apoiado na feira livre, esta por sua vez apoiada numa produção agrícola advinda em sua maioria da zona rural, com um cultivo bastante diversificado graças à figura do agricultor e do caminhoneiro, que transporta produtos de outras partes do Brasil. Observa-se na cidade a presença de comerciantes que saíram da zona rural, trabalhando na roça, para montarem pequenos armazéns destinados à venda no atacado e varejo em dias de feiras e que hoje são destaques no comércio itabaianense – é o caso da Família Peixoto, no ramo de Supermercados.

Com as idas dos caminhoneiros para outros estados nordestinos e regiões brasileiras, com produtos cultivados pelos agricultores itabaianenses e retornando com outros produtos, impulsionou o surgimento de indústrias e vários serviços, a maioria relacionados com o transporte (ver foto 15 (Itabaiana/SE: Serviços relacionados com o transporte (peças e acessórios) – 2013) e foto 16 (Itabaiana/SE: Serviços relacionados com o transporte (oficinas de caminhões) – 2015)), oficinas, pintura, parte automotiva, fabricação de peças etc.

Portanto, à medida que a feira foi crescendo e ocupando seu espaço na economia da cidade, foram surgindo um comércio mais variado, serviços de dimensões diversas e uma pequena indústria, destinando parte de suas produções para serem comercializadas na feira (atacado e varejo) e/ou nos dias de feiras, já que tem uma maior movimentação e atração de compradores de diversas partes.

Foto 15 – Itabaiana/SE: Serviços relacionados com o transporte (peças e acessórios) – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado sábado, 14 de dezembro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 11h06min.

Foto 16 – Itabaiana/SE: Serviços relacionados com o transporte (oficinas de caminhões) – 2015

Fonte: Trabalho de campo realizado segunda-feira, 16 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 17h27min.

CAPÍTULO 5

Feirantes e Fregueses: dois atores de destaque nas tradicionais feiras livres de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE

5.1. A propósito das negociações dos feirantes em suas tradicionais feiras livres

Para comprovar a importância econômica que as feiras têm atualmente foi necessário realizar um trabalho de campo na principal feira do interior do Estado de Alagoas e Sergipe. Na tradicional feira livre de Arapiraca foram aplicadas 70 entrevistas (44 mulheres e 26 homens), o que corresponde, aproximadamente, 7% dos feirantes cadastrados¹⁰² pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviço/SEMICS¹⁰³ de Arapiraca. Na feira livre da cidade de Itabaiana foram aplicadas 50 entrevistas (41 mulheres e 9 homens), o equivalente aproximadamente 10% dos feirantes cadastrados pela Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal/SFPM de Itabaiana¹⁰⁴. Apesar de Arapiraca possuir um maior número de feirantes, Itabaiana tem uma feira mais rica, apresentando uma maior diversidade e uma maior importância para o comércio e economia da mesma.

Percebe-se que a maioria dos feirantes entrevistados são do sexo feminino, não somente por esta amostragem, mas também, pelo que se observou ao percorrer as ruas onde são realizadas as feiras. O questionário aplicado aos feirantes foi o mesmo nas duas, assim como sua ordem. Mediante as perguntas feitas de caráter geral, a respeito dos dados dos feirantes foi possível constatar o seguinte:

A. Arapiraca – Grau de Escolaridade: 14 analfabetos, 22 primário, 13 fundamental, 11 médio, nenhum superior e 10 não informados; **Faixa Etária:** até 20 anos (2), de 21 a 40 anos (31), de 41 a 60 anos (32), acima de 60 anos (5). A média de idade ficou em torno de 43,58 anos; **Estado Civil:** 13 solteiros, 49 casados, 4 divorciados e 4 viúvos; **Origem:** Arapiraca (51), Feira

¹⁰² Atualmente a feira livre de Arapiraca tem capacidade para comportar até 2.030 pontos para os feirantes. Entretanto, conta com 1.800 bancas oficiais disponíveis, das quais 1.732 bancas estão ocupadas (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2015a). Este número de bancas não corresponde ao número de feirantes, pois, existem feirantes que possuem, uma, duas, três, quatro e às vezes até mais de quatro bancas cadastradas em seu nome ou do conjugue. Logo, o valor de 7% de entrevistados do total de feirantes pode oscilar para mais, já que o cálculo foi feito mediante o total de bancas e a média de bancas dos entrevistados, que ficou na cifra de 1,54 bancas por feirantes.

¹⁰³ De acordo com o § 3º do artigo 2º do Decreto nº 2.025, de julho de 2006, que dispõe sobre a instalação, funcionamento e fiscalização das feiras-livres e dá outras providências, “caberá à SEMICS regular o funcionamento das feiras, em locais previamente autorizados pela SEDUMA, dias de funcionamento e o número de bancas por produto que cada feira-livre comportará e conceder o licenciamento aos feirantes, em conformidade com deliberação da Comissão de Administração da Feira” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2006).

¹⁰⁴ Levando-se em consideração que existem cerca de 950 pontos oficiais cadastrados pela SFPM e que a média de bancas por feirantes, de acordo com o trabalho de campo, foi de 1,84 bancas por feirantes, verifica-se que a quantidade de feirantes está estipulada em mais ou menos 516,30. Assim, as 50 entrevistas aplicadas correspondem a 9,68% desse total de feirantes.

Grande/AL (4), Palmeira dos Índios/AL (3), Major Izidoro/AL (1), Taquarana/AL (1).

B. Itabaiana – *Grau de Escolaridade*: 6 analfabetos, 15 primário, 13 fundamental, 8 médio, 2 superior e 6 não informados; *Faixa Etária*: até 20 anos (5), de 21 a 40 anos (19), de 41 a 60 anos (21), acima de 60 anos (5). A média de idade ficou em torno de 42 anos; *Estado Civil*: 11 solteiros, 32 casados, 3 divorciados e 4 viúvos; *Origem*: Itabaiana (40), Campo do Brito/SE (3), Ribeirópolis/SE (2), Moita Bonita, Propriá, Lagarto e Aparecida em Sergipe 1 feirante cada cidade e Batalha/AL 1 feirante.

Diante destas informações, os feirantes de Arapiraca, no que se refere ao grau de escolaridade estão inseridos em sua maioria entre analfabetos (20%), primário (31,43%) e fundamental (18,57%). Nenhum dos entrevistados respondeu possuir o ensino superior e outros 14,29% não responderam qual o grau de escolaridade que possuíam. Apenas 15,71% possuem o ensino médio, o grau mais elevado de escolaridade verificado entre os feirantes de Arapiraca. No município de Itabaiana, do total de feirantes, 68% estão inseridos num grau de escolaridade que alcança no máximo o fundamental, apenas 16% conseguiram terminar o ensino médio, 4% desses feirantes possuem o ensino superior – mas, preferem continuar trabalhando na feira – e outros 12% não informaram seu grau de escolaridade.

Percebe-se que o feirante, na maior parte dos casos, não tem um grau de estudo suficiente para ocupar outras profissões que exigem alta qualificação e um grau de escolaridade maior, já que de um modo geral, como mostra Sá (2011, p. 55) “os feirantes são trabalhadores não necessariamente qualificados, com formação escolar também não necessariamente completa, afinal, não é fundamental ter escolaridade para ‘se dar bem’ na feira”. Assim, o conhecimento sobre a escolaridade dos feirantes é de grande relevância, para que se possa analisar a importância da feira na geração de emprego dentro do CI. Logo, no referido circuito “é empregado uma grande quantidade de trabalhadores e de trabalho manual, de pessoas com faixas etárias variadas e que percebem baixa remuneração (quando na condição de trabalhador assalariado)” (CARNEIRO; PEREIRA, 2014, p. 84).

Os feirantes de forma geral têm idade bastante diferenciadas, desde as crianças que ajudam os pais, até os idosos que não abandonam essa ocupação. A maior parte dos feirantes em Arapiraca estão inseridos na faixa etária de 41 a 60

anos (45,72%), seguidos daqueles que têm entre 21 a 40 anos (44,28%). Os outros 10% dos feirantes estão numa faixa abaixo dos 20 anos de idade (2,86%) e acima dos 60 anos (7,14%), comprovando que independe da idade para negociar na feira livre, observando também, que 70% desses feirantes são casados, tendo que manter suas famílias com o trabalho na feira.

Em Itabaiana predomina o feirante que está na faixa de idade entre 21 a 60 anos (80% dos feirantes), ou seja, aqueles que têm responsabilidades pelo sustento da família¹⁰⁵, mas, não deixam de usar a força de trabalho dos filhos e/ou dos pais, estes podendo ou não serem aposentados, pois, “todo esforço para obter capital se traduz, afinal, em absorção de mão-de-obra, porque é pela aplicação do fator trabalho que se cria o fator capital” (RANGEL, 1990, p. 103). Em relação aos outros feirantes entrevistados têm-se 10% com até 20 anos e 10% acima de 60 anos, sendo possível encontrar feirante com 89 anos de idade em plena atividade. Na verdade, não se tem idade para começar nem para parar de trabalhar nas feiras livres nordestinas. A idade não é um empecilho para os feirantes, pelo contrário, é justamente a força de trabalho que conta, seja o mais novo ou o mais velho.

Em Arapiraca constatou-se a presença de feirantes que trabalham na feira há mais de 40 anos, bem como aqueles que estão há apenas 1 ano ou menos. Somente 1 dos 70 entrevistados está há mais de 40 anos trabalhando como feirante, 6 estão numa faixa entre 31 a 40 anos, 15 feirantes estão na faixa de 21 a 30 anos, outros 15 entre 11 a 20 anos e 33 feirantes numa faixa que vai até 10 anos trabalhando como feirante na cidade de Arapiraca.

No que diz respeito ao tempo de trabalho como feirante em Itabaiana, 50% estão nessa ocupação há 10 anos ou menos e 50% trabalham como feirante a mais de 10 anos, podendo encontrar pessoas que já têm 48 anos de feira. O quadro 16 (Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Tempo de trabalho dos feirantes – 2015) mostra a quantidade de feirantes por tempo de trabalho segundo as análises obtidas através das entrevistas nas duas cidades.

Os feirantes que comercializam nessas duas cidades não são necessariamente originários das mesmas, nem são somente das zonas rurais de suas cidades. Grande parte são moradores da zona urbana, eles chegam também

¹⁰⁵ Nota-se que 64% dos feirantes são casados, 14% são divorciados e/ou viúvos e apenas 22% são solteiros, o que leva a assertiva de que 78% retiram da feira o seu sustento e de sua família, já que são casados, viúvos e ou divorciados.

de cidades vizinhas e de outros estados. Na feira de Arapiraca 72,85% são da própria cidade, enquanto, os outros 27,15% têm origem nas cidades de Feira Grande, Palmeira dos Índios, Major Izidoro e Taquarana. Dos feirantes entrevistados em Itabaiana, 36 são da zona urbana e 14 da zona rural. Em relação a origem dos feirantes, 80% são de Itabaiana, seja zona urbana ou rural, 18% são de outras cidade de Sergipe e 2% de Alagoas.

Quadro 16 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Tempo de trabalho dos feirantes – 2015

Tempo de Trabalho	Arapiraca	Itabaiana
	Entrevistados	Entrevistados
Até 10 anos	33 feirantes	25 feirantes
De 11 a 20 anos	15 feirantes	9 feirantes
De 21 a 30 anos	15 feirantes	9 feirantes
De 31 a 40 anos	6 feirantes	5 feirantes
Acima de 40 anos	1 feirante	2 feirante

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015 e na feira livre de Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Os feirantes com mais tempo de trabalho, com mais experiência no ato de compra e venda, são aqueles que possuem uma freguesia que pode ser considerada fixa, sendo conquistada com o passar dos anos e da confiança que um foi tendo para com o outro, passando a comprar os mesmos produtos ao mesmo feirante. Assim, 52 dos feirantes entrevistados na feira de Arapiraca, responderam que possuem fregueses fixos, enquanto, apenas 18 disseram não possuir fregueses fixos, o que equivale a 74,29% e 25,71% respectivamente. Em Itabaiana, 74% possuem fregueses fixos, enquanto, apenas 26% vendem sem se preocuparem em manter os mesmos, não possuindo freguês que seja fiel e que toda ou quase toda semana o procure para adquirir algum produto. Os feirantes que possuem uma freguesia fixa são, na maioria, aqueles que comercializam frutas, verduras e hortaliças, enquanto, os que não possuem clientes fixos comercializam, por exemplo, vestuário e eletrônicos.

A partir do momento em que há essa confiança entre o vendedor e o comprador, cria-se um laço entre os dois, aumentando o diálogo, as brincadeiras, as formas de negociações etc., praticando-se estratégias de comercializações únicas, que não é possível encontrar numa grande rede de supermercado. Em relação às formas de negociações na feira livre, nota-se que o pagamento muitas vezes pode

ser parcelado ou a crédito¹⁰⁶, o negócio é feito na hora, o preço pré-estabelecido pode ser mudado mediante a “pechincha¹⁰⁷” entre feirante e freguês. Nas observações de Carneiro e Pinto (2014) é possível perceber que,

Mesmo nas atuais condições de globalização, em que o consumo voraz provocou certas mudanças negativas nas relações socioespaciais e culturais das pessoas, inclusive afetando de forma direta e indireta, a própria feira como manifestação de existência, ela, ainda, é um lugar de aproximação, entre o feirante e o consumidor e destes entre si. Nela, estão contidas interações humanas mediadas pela linguagem e que através da ação comunicativa, tenta-se estabelecer um acordo entre os atores sociais presentes no seu interior (CARNEIRO; PINTO, 2014, p. 30).

É um momento em que o cliente/freguês torna-se também comerciante a partir do momento em que rebate os valores dado pelo feirante, é o ato da negociação, e se o cliente fica satisfeito, conseqüentemente, vai repetir a compra e “torna-se habitual na feira e na terra. Manter ou melhorar a qualidade é algo que os comerciantes locais sabem que é essencial para se continuar a realizar a feira, dado que o público é cada vez mais exigente” (AZEVEDO, 2011, p. 134). Assim, o feirante gera diferentes formas de negociações com seus clientes, ao tempo em que também têm formas variadas de negociações para com os seus revendedores, fortalecendo esses laços à medida que o tempo vai passando e esse se torna um feirante regular.

A maioria dos feirantes fazem as compras dos produtos para revenda à vista, não porque seja uma imposição daqueles que vedem a mercadoria, mas, por uma preferência dos mesmos, pois, evitam acumular dívidas. Porém, não significa a inexistência do fiado (tipo de crédito dito “informal”) e de outras formas de pagamento, como cartão de crédito, promissórias, duplicatas entre outras, levando a uma coexistência dos dois circuitos da economia urbana na feira livre, tendo assim, “a utilização de circuitos menos modernos de distribuição e seu apelo a formas mais simples, como o crédito informal e o fiado, que não desaparece completamente porque os pobres não param de crescer” (SILVEIRA, 2009, p. 67).

As mercadorias adquiridas pelos feirantes chegam aos mesmos de várias formas. De acordo com as respostas dos entrevistados na feira de Itabaiana, 54%

¹⁰⁶ “O crédito aqui é de outra natureza, com uma larga porcentagem de crédito pessoal direto, indispensável para o trabalho das pessoas sem possibilidades de acumular” (SANTOS, [1979] 2008, p. 44).

¹⁰⁷ “A pechincha, quer dizer, a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior [...] a pechincha só é possível no plano de uma atividade econômica de pequena escala” (SANTOS, [1979] 2008, p. 250).

afirmaram comprar de intermediários, 34% compram diretamente do produtor, 6% compram de intermediário e do próprio produtor, outros 6% compram direto do produtor e também produz seus próprios produtos. Nenhum entrevistado respondeu ser somente o produtor de suas mercadorias.

Da mesma forma que os feirantes preferem comprar seus produtos à vista, também optam por venderem à vista, assim como os fregueses preferem pagar em dinheiro “vivo”, “símbolo do sistema econômico é, na feira livre, sempre material, em estado puro” (CARNEIRO; PEREIRA, 2014, p. 86). As formas de compra e vendas são fortalecidas e variadas, além de à vista, elas vão do simples “fiado” até o uso dos aparelhos eletrônicos, como a máquina de cartão, conforme apresentado no quadro 17 (Itabaiana/SE: Tipos de compra, formas de compra e venda pelos feirantes – 2015).

As formas de pagamento variam de acordo com a origem do produto e o seu respectivo vendedor. O fiado, o uso do cartão ou o pagamento à vista entre outras, são formas utilizadas pelos diversos agentes que fazem a feira acontecer, onde o feirante, o freguês e todos os atores que trabalham nos bastidores da feira utilizam uma dessas formas. Então,

Quanto ao modo de pagamento, certos bens e produtos podem ser comprados fiado, com a utilização de crédito pessoal e direto, enquanto outros exigem pagamento à vista ou, se o comprador pode se permitir, a assinatura de promissórias, o que significa a obrigação de desembolsar o dinheiro em data fixa (SANTOS, [1979] 2008, p. 77).

Quadro 17 – Itabaiana/SE: Tipos de compra, formas de compra e venda pelos feirantes – 2015

Tipos de Compras	Quantidade	Forma de Compra	Quantidade	Forma de Venda	Quantidade
Intermediário	27 feirantes	À vista	26 feirantes	À vista	23 feirantes
Direto no produtor	17 feirante	Fiado	5 feirantes	Fiado	23 feirantes
Próprio produtor	0 feirantes	À vista, fiado, cartão de crédito, consignação, cheque e promissória	18 feirantes	À vista, fiado e cartão de crédito	4 feirante
Direto do produtor e intermediário	3 feirantes	Não informado	1 feirantes	-	-

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Os feirantes que trabalham na feira de Arapiraca adquirem seus produtos através de intermediários (41 feirantes), seguidos daqueles que compram

diretamente do produtor (19 feirantes). Além desses dois, existem aqueles que produzem os próprios produtos, outros compram através de intermediário e do produtor, assim como aqueles que além de produzirem, adquirem suas mercadorias diretamente do produtor. Sendo assim, as formas de compra e venda podem variar muito nas mais diversas feiras, no caso de Arapiraca foi possível constatar, através do trabalho de campo os dados que estão expostos no quadro 18 (Arapiraca/AL: Tipos de compras, formas de compra e venda pelos feirantes – 2015).

Quadro 18 – Arapiraca/AL: Tipos de compras, formas de compra e venda pelos feirantes – 2015

Tipos de Compras	Quantidade	Forma de Compra	Quantidade	Forma de Venda	Quantidade
Intermediário	41 feirantes	À vista	40 feirantes	À vista	50 feirantes
Direto no produtor	19 feirante	Fiado	11 feirantes	Fiado	19 feirantes
Próprio produtor	3 feirantes	À vista e fiado	11 feirantes	À vista e cartão de crédito	1 feirante
Direto do produtor e intermediário	4 feirantes	Cartão de crédito e/ou débito	2 feirantes	-	-
Próprio produtor e direto do produtor	3 feirantes	À vista, duplicata, promissória e boleto	5 feirantes	-	-
-	-	Fiado e cartão de crédito	1 feirante	-	-

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015.

Diante das várias formas de pagamentos, seja na compra ou na venda, é possível observar a presença cada vez mais marcante de aparelhos eletrônicos espalhados nas feiras livres pelo interior nordestino, desde a simples e velha calculadora até as máquinas de cartões de crédito. A presença de aparelhos eletrônicos está relacionada com o período chamado de meio técnico-científico informacional, que é a cara geográfica da globalização. Para Souza (1994, p. 46) “quase sempre a globalização é entendida, pelos mais leigos, como a resultante do progresso, quase sempre confundido com o desenvolvimento técnico e científico. Sempre como um processo que traz altos benefícios à humanidade”. Entretanto, ela é usada como arma pelos atores hegemônicos para imporem suas verdades e como suporte para perpetuação dos próprios interesses, articulando uma base política a uma base técnica, colocando sua produção à escala mundial, sendo comandada pelo mercado concentrando-se em lugares seletivamente escolhidos mundo afora.

Levando-se em consideração a forte presença nos dias atuais da técnica, da ciência e sem sombra de dúvida da informação, Arapiraca e Itabaiana, mais precisamente suas feiras, não ficariam de fora dos objetos desse novo meio, que

“diferencia-se pela carga maior ou menor de ciência, tecnologia e informação, segundo regiões e lugares: o artifício tende a sobrepor-se à natureza e a substituí-la” (SANTOS, [1994] 2008, p. 69). Esse meio ainda não atingiu as negociações de todos os feirantes de forma geral.

Em Arapiraca, todos os entrevistados responderam possuir pelo menos um aparelho eletrônico, neste caso o celular, mas, nem todos usavam para as suas negociações – apenas 11 utilizam seus celulares para tais fins. Foi possível encontrar a utilização de balança eletrônica (4), notebook (1) e máquina de moer (1), outros 6 feirantes usavam celular, calculadora e/ou balança eletrônica e apenas 1 não informou se usava algum aparelho eletrônico.

Apesar do CS ser mais estruturado e bem mais organizado que o CI, ele não tem independência apesar de sua autonomia. Assim, em Arapiraca é possível perceber a forte presença do CS por entre as atividades do CI, pois, seus atores necessitam ampliar seus lucros e para isso “seus agentes precisam vender produtos e serviços, aí incluídos os de natureza financeira, aos mais pobres” (SILVEIRA, 2009, p. 66). Como exemplo, pode-se citar o uso de máquinas de cartão de crédito (bandeira Master e Visa) e os serviços de telefonia móvel que aparece de forma bem explícita (tim, claro, vivo e oi), conforme as fotos 17 e 18 (Arapiraca/AL: presença do circuito superior da economia urbana no mercado público – 2013).

Fotos 17 e 18 – Arapiraca/AL: presença do circuito superior da economia urbana no mercado público – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado segunda-feira, 14 de janeiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 10h52min.

Em Itabaiana, 60% não utilizam nenhum tipo de aparelho eletrônico, nem mesmo o uso do celular, o que corresponde a 30 feirantes, outros 20 afirmaram usar pelo menos 1 tipo de aparelho eletrônico em suas negociações, 26% (13 feirantes) usam somente o celular, 6% (3 feirantes) fazem uso na própria feira livre da máquina de cartão de crédito, 4% (2 feirantes) fazem uso da balança eletrônica e outros 4% (2 feirantes) usam celular e calculadora.

Na feira de Arapiraca encontra-se uma gama de produtos, com uma diversificação bastante expressiva, advindos tanto da zona rural e urbana da cidade, como de outras cidades alagoanas e outros estados, tanto do Nordeste como de outras regiões, haja vista que “a procedência desses produtos está sujeita não só as características físicas e econômicas dos mesmos, como também, as exigências do mercado consumidor” (GUIMARÃES, 1969, p. 09).

Os produtos como hortaliças têm origem em sua maioria na zona rural, e quando não, sua origem está relacionada com a zona rural de outras cidades. Produtos como vestuário e calçados, por exemplo, são quase todos adquiridos em Caruaru, Santa Cruz e Toritama – PE. Verduras e Frutas chegam de várias cidades e estados, Petrolina/PE, Juazeiro/BA, Itabaiana/SE, bem como da própria cidade de Arapiraca. O quadro 19 (Arapiraca/AL: Principais produtos comercializados na feira e suas origens – 2015) apresenta de acordo com as respostas dos feirantes, produtos comercializados e suas origens. O gráfico 22 (Feira de Arapiraca/AL: Quantitativo e porcentagem de feirantes e os tipos de produtos comercializados – 2015) apresenta o quantitativo e porcentagem de feirantes e tipos de produtos.

Quadro 19 – Arapiraca/AL: Principais produtos comercializados na feira e suas origens – 2015

Produtos Comercializados	Nº de Feirantes	Origem dos Produtos
Vestuário, calçados, bijuterias e outros produtos industrializados.	25 feirantes	Caruaru, Santa Cruz e Toritama/PE, São Paulo/SP, Fortaleza/CE, PB.
Serviços de alimentação, laticínios, biscoitos, bolos e afins.	6 feirantes	Zona Rural e Urbana de Arapiraca, Batalha e Major Izidoro/AL, L. de São José e Água Bela/PE, Glória e Gararu/SE.
Frutas, verduras, hortaliças e tubérculos.	12 feirantes	Zona Rural de Arapiraca e Feira Grande/AL, Petrolina, Caruaru e Garanhuns/PE, Itabaiana/SE, Salvador e Juazeiro/BA, MG.
Cereais, grãos, condimentos, produtos alimentícios e industrializados.	9 feirantes	Zona Rural e Urbana de Arapiraca, Maceió, Lagoa da Canoa e Dois Riachos/AL, PR, SC, GO, PE, SP, BA.
Ferragens, artefatos de couro e arreios em geral.	6 feirantes	Zona Urbana de Arapiraca, Palmeira dos Índios e Delmiro Gouveia/AL, Caruaru/PE, MG, SC e SP.
Peixes e carnes.	5 feirantes	Zona Urbana de Arapiraca, Teotônio Vilela e Craibas/AL, Xingó/BA.
Artesanato e produtos de casa: cozinha, cama, mesa e banho.	6 feirantes	Zona Urbana de Arapiraca/AL, Caruaru/PE, Fortaleza/CE e SE.
CD's, DVD's e eletrônicos gerais.	1 feirante	Caruaru e Recife/PE.

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015.

Gráfico 22 – Feira de Arapiraca/AL: Quantitativo e porcentagem de feirantes e os tipos de produtos comercializados – 2015

Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015.

Isto posto, observa-se que nos dias atuais a variedade de mercadorias comercializadas nas feiras é impressionante. Coexistem os produtos “tradicionais” – produtos que vão desde os derivados do leite, como o queijo e a manteiga

produzidos no Sertão e vendidos não somente na feira de Arapiraca; os ovos e a galinha de capoeira criada de forma mais tradicional pelo sertanejo e pelo próprio agrestino; frutas típicas, verduras e hortaliças cultivadas na própria região, além de outros produtos frescos que chegam diariamente, tendo mais intensidade nos dias que antecedem a feira; bem como o artesanato e tantos outros produtos típicos – e os produtos tidos como “modernos” – aparelhos de DVDs, pendrives, notebooks, celulares, eletroeletrônicos – que na maioria das vezes são comercializados na “feira da troca”¹⁰⁸, sejam eles originais ou “piratas”¹⁰⁹, esses últimos na verdade são criações ou imitações de uma população que busca meios de sobrevivência¹¹⁰ e acesso a produtos que não fazem parte do seu cotidiano.

As fotos seguintes são uma sequência de imagens do que é possível encontrar nos dias de realização da feira livre. Na foto 19, Arapiraca/AL: comercialização de grãos e produtos industrializados – 2013, percebe-se que o feirante vende produtos da forma tradicional, em sacos e por quilo, pesando na hora, bem como produtos industrializados, como o cuscuz que vem da Indústria Coringa da própria cidade. Já nas fotos 20 e 21, Feira de Arapiraca/AL: comercialização de produtos “piratas” e artesanato – 2013, tem-se produtos diversos.

¹⁰⁸ A conhecida feira da troca em Arapiraca é uma feira onde se negociam diversos produtos, principalmente, produtos duráveis. É uma feira onde se podem comprar certos produtos a preço bem abaixo do mercado, sendo estes novos ou usados, porém, em sua maioria não se tem nota fiscal nem se sabe a procedência do produto, podendo este ser roubado ou não.

¹⁰⁹ Leia-se “flexibilidade tropical”, termo este usado por Santos ([1994] 2008).

¹¹⁰ “No circuito inferior, a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação ou simplesmente não há essa preocupação. Trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna” (SANTOS, [1979] 2008, p. 46).

Foto 19 – Arapiraca/AL: comercialização de grãos e produtos industrializados – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado segunda-feira, 14 de janeiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 10h36min.

Fotos 20 e 21 – Feira de Arapiraca/AL: comercialização de produtos “piratas” e artesanato – 2013

Fonte: Trabalho de campo realizado segunda-feira, 14 de janeiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 11h30min.

Sendo Itabaiana o maior centro produtor e distribuidor de hortifrutigranjeiros do estado, conta com uma diversificação expressiva dos produtos aí comercializados. Essa importância deve-se não somente aos produtos que chegam advindos de praticamente todas as regiões brasileiras e de alguns outros países – neste caso Argentina e Chile – como também pela produção na própria cidade, que

tem aumentado graças a construção de três importantes barragens na cidade: Açude da Marcela, Jacarecica I e Porção da Ribeira.

Um ator com papel de destaque na circulação desses produtos é o caminhoneiro, que em Itabaiana tem significativa importância, sendo ela conhecida como capital do caminhão. Logo, verifica-se que estão presentes na feira não somente feirantes e compradores têm-se a presença maciça dos caminhoneiros, dos industriais e grandes empresários da região que compram e vendem na feira e no comércio a sua volta. Estão também presentes representantes de empresas telefônicas, máquinas de cartão de crédito (fotos 22 e 23 – Feira livre de Itabaiana/SE: O uso de cartão de crédito/débito – 2015), bem como um agente relevante na compra e venda de produtos – os intermediários.

Fotos 22 e 23 – Feira livre de Itabaiana/SE: O uso de cartão de crédito/débito – 2015

Fonte: Trabalho de campo quarta-feira, 18 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 15h25min e 16h25min, respectivamente.

Cada um dos atores presentes na feira tem seu papel na constituição do presente evento. O uso do território pela feira livre, através dos seus diversos atores é peça chave para entender os circuitos da economia urbana presentes na cidade. A cada feira os feirantes almejam o lucro máximo, mas não apenas para a acumulação. Eles visam também o necessário para a compra de novas mercadorias para novas vendas bem como para o sustento de si e de suas famílias.

Quando não se obtém o lucro necessário, a busca por empréstimo é imprescindível. Muitos chegam a atingir saldos devedores, o que os levam às vezes a buscarem algum tipo de empréstimo, seja bancário, com amigos e/ou até mesmo com agiotas. Dentre os feirantes de Arapiraca, 13 responderam que já fizeram algum

tipo de empréstimo para pagarem os produtos comercializados, 56 nunca fizeram empréstimo para esse fim e apenas 1 não informou se já fez ou não empréstimo.

No caso dos feirantes de Itabaiana, 18 disseram já terem feito algum tipo de empréstimo bancário para saldar dívidas acumuladas, principalmente das mercadorias comercializadas, representando assim, 36% dos feirantes, enquanto os outros 32 feirantes, 64% responderam que nunca fizeram empréstimos e que quitam suas dívidas de forma diversa, mas, não recorrendo ao crédito bancário. O crédito formal (que vem contrapor o crédito informal) tem tido um aumento significativo nos últimos anos, não somente a nível nacional como também na escala local do território, onde grande parte desse aumento deve-se, segundo aponta Contel (2009, p. 128), “em função do aparecimento de novos objetos técnicos que aumentam o alcance social e espacial desses serviços, podemos dizer que foi incrementada sensivelmente a capilaridade da concessão de crédito no território brasileiro”.

Todavia, os feirantes agem de forma que não necessitem buscar apoio a créditos formais (crédito bancário, por exemplo), a não ser em última instância¹¹¹, pois, o crédito informal concedido a partir da confiança juntamente com a pechincha torna-se a base para a comercialização na feira livre, pois, Braudel (1998, p. 72), afirma que “em todo o caso, um fato é certo: as feiras desenvolveram o crédito. Não há feira que não termine com uma sessão de ‘pagamentos’”.

Ao serem interrogados sobre o lucro obtido ao fim de cada feira, percebe-se que 44% dos feirantes de Itabaiana, ou seja, 22 feirantes têm uma margem de lucro que varia até R\$ 100,00. Os outros 56% dos feirantes estão na faixa acima desse valor, dividindo-se da seguinte forma: 40% (20 feirantes) retiram no fim da feira um lucro que varia de R\$ 100,00 a 250,00; 12% (6 feirantes) estão na faixa de R\$ 250,00 a 500,00; e 4% (2 feirantes) afirmaram ultrapassar os R\$ 500,00 de lucro (ver gráfico 23 – Itabaiana/SE: Margem de lucro dos feirantes – 2015).

Em Arapiraca 37 feirantes responderam que ao término da feira conseguem um lucro na margem de até R\$ 100,00 livre de impostos, transportes, mercadorias, alimentação, trabalhadores etc. Outros 28 feirantes disseram conseguir um lucro que varia de R\$ 100,00 a 250,00, outros 4 feirantes têm um lucro na faixa de R\$ 250,00

¹¹¹ De acordo com Santos ([1979] 2008, p. 238), “os comerciantes do circuito inferior, assim como os pequenos agricultores, consideram perigoso recorrer ao crédito bancário, o qual representa para eles uma ameaça de desaparecimento, se não puderem pagar suas promissórias”.

a 500,00 e apenas 1 feirante afirmou que sua margem de lucro chega a ultrapassar os R\$ 500,00 (ver gráfico 24 – Arapiraca/AL: Margem de lucro dos feirantes – 2015).

Nota-se que mais de 50% dos feirantes entrevistados estão na faixa de até R\$ 100,00, o que não quer dizer um valor exato, podendo oscilar para muito menos, como foi relatado por feirantes que chegaram a afirmar que às vezes não conseguem nem o suficiente para quitar as dívidas das mercadorias compradas. Esses na maioria são feirantes que trabalham com frutas, verduras e hortaliças. Os que conseguem uma margem maior de lucro são aqueles que comercializam carnes, cereais e grãos e produtos industrializados de forma geral.

Gráfico 23 – Itabaiana/SE: Margem de lucro dos feirantes – 2015

Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Gráfico 24 – Arapiraca/AL: Margem de lucro dos feirantes – 2015

Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015.

O trabalho na feira permite ao feirante com o passar dos anos adquirir uma freguesia fixa, (já que se fixa num determinado local onde o seu freguês sempre o encontrará) assim como empregar outras pessoas, sejam familiares ou não. O local fixado para o feirante é denominado de ponto, onde se instala com sua/s respectiva/s banca/s. Na feira livre de Arapiraca é possível verificar que 77,14% possuem ponto próprio, 14,28% alugado e apenas 8,57% possuem o ponto cedido por outro feirante¹¹². Em relação aos pontos dos feirantes em Itabaiana, 92% dos entrevistados responderam que seus pontos são próprios, pagando somente os impostos pelo uso do chão a Prefeitura Municipal. Nenhum dos entrevistados possui ponto alugado e outros 8% foram cedidos por outros feirantes a estes que estão ocupando atualmente o ponto na feira.

A feira nos dias atuais, também tem a função de empregar um número muito grande de pessoas que não tem outra opção, encontrando nela uma forma de sobrevivência, sendo “hoje, mais do que nunca, um lugar onde milhares de batalhadores nordestinos lutam por subsistência ou mesmo pelo sonho de uma vida melhor” (SÁ, 2011, p. 40). Muitos encontram um espaço para mostrarem certas habilidades direcionadas ao comércio e assim tirar o máximo de proveito e conhecimento para se estabelecerem como pequeno comerciante e, posteriormente, se destacarem como os grandes comerciantes locais¹¹³. É o caso de muitos exemplos espalhados pelo Nordeste brasileiro, fortalecendo os setores do comércio e dos serviços através de uma economia local e regional, de tal maneira que,

Os agentes económicos (consumidores ou empresas) têm tanto mais tendência para gastar o seu dinheiro na região quanto mais facilmente aí encontrarem os bens e serviços de que precisam. Além disso, têm tanto mais tendência a gastar o seu dinheiro no local quanto mais distantes estiverem as regiões onde poderiam deslocar-se para adquirir esses bens (POLÊSE, 1998, p. 144).

¹¹² De acordo com o decreto nº 2.025, de julho de 2006, que dispõe sobre a instalação, funcionamento e fiscalização das feiras-livres e dá outras providências, é proibido ao feirante, Art. 22, VIII – vender, alugar ou ceder a qualquer título, total ou parcialmente, permanente ou temporariamente, seu direito de participação de feira. Entretanto, constatou-se que os feirantes não seguem à risca essas normas estabelecidas pelo referido decreto, da mesma forma, que o poder municipal também não cumpre com os deveres que lhes cabem (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2006).

¹¹³ “O pequeno empresário que está a começar precisa de capital. Se não o encontrar através das vias informais (os primeiros fundos provêm muitas vezes da poupança pessoal, de pais ou de amigos), terá de ir ao mercado. Dirigir-se-á aos bancos e também a instituições de investimento ou de empréstimo comercial” (POLÊSE, 1998, p. 225).

Além dos próprios feirantes donos das bancas, outras pessoas trabalham para esses. Alguns possuem um, dois ou mais trabalhadores e, outros não possuem nenhum. Fazendo um levantamento do número de pessoas que eram empregadas pelos feirantes de Arapiraca, sem contar com o próprio entrevistado, chegou-se à conclusão que a média é de cerca de 1,15 trabalhadores, dos quais 1,1 empregados/ocupados eram familiares, fazendo perceber que na maioria das vezes o trabalho na feira é feito praticamente pelo chefe de família e seus agregados, o que leva a se ter uma tradição, passando suas experiências para os filhos. Por um lado, nota-se que,

As atividades é passada de pai para filho e que determinadas barracas já se encontram na segunda geração de feirantes, por outro, é fato que a feira recebe inúmeras pessoas que, sem emprego, vêm nela uma acessível atividade econômica de subsistência (SÁ, 2011, p. 55).

Na feira de Itabaiana, o número de pessoas empregadas pelos feirantes foi de 1,68 trabalhadores. Desse número, 1,12 são familiares e apenas 0,56 não são da família.

Uma prática que é corriqueira no CI e que na feira livre não foge a regra, é que “em casa o trabalho pode se prolongar por longos horários” (SANTOS, [1979] 2008, p. 217). Os feirantes não trabalham somente no horário da realização da feira, para eles o trabalho começa um dia ou dois antes do dia da feira e prolonga-se até mesmo no dia posterior a mesma. Seu tempo de trabalho como feirante abrange desde as compras das mercadorias até a organização do que sobrou e/ou dos materiais de trabalho. É preciso fazer a seleção dos produtos que já estão estragados no meio dos outros, fazer pesagem, empacotar para vender sem necessidade de balança, preparar comidas – no caso dos serviços de alimentação –, embalar as roupas e sapatos, comprar a carne e o peixe fresco – se não são os próprios produtores – entre outros.

Trabalhar como feirante requer fazer um malabarismo entre o tempo de trabalho e de lazer, entre o valor gasto com mercadorias, impostos, transportes e o seu lucro – quando este é possível de se obter. Em média os feirantes arapiraquenses trabalham 11 horas por dia, desde o momento de preparação das mercadorias e sua venda, até o desmontar da banca e a volta para casa. Restando 13 horas que o mesmo pode utilizar para dormir, conviver com a família e/ou mesmo trabalhar em outra ocupação, bem como ir em busca de mais produtos para serem negociados em outras feiras e assim sucessivamente. Como a feira de Itabaiana – a

feira de sábado – prolonga-se por mais tempo, conseqüentemente, o tempo de trabalho dos feirantes também aumenta, ficando em torno de 13 horas e 28 minutos. Esse tempo diz respeito a todas as etapas que envolvem a feira (principal ocupação da maioria dos entrevistados).

No que concerne a outras ocupações, 21 feirantes de Arapiraca responderam que nos dias que não trabalham como feirantes se ocupam com outros trabalhos, de forma a complementarem a renda da família e/ou na fabricação ou produção dos produtos a serem comercializados na feira. Desses 21 feirantes, 10 trabalham na agricultura, 7 têm um pequeno comércio em casa, 1 trabalha como diarista, 1 como ajudante de pedreiro, 1 na confecção de seus produtos e 1 como vendedor porta a porta. Os outros 49 disseram que só trabalham como feirante, indo de feira em feira espalhadas nos bairros de Arapiraca e por várias cidades de Alagoas. Não quer dizer que aqueles outros 21 feirantes também não frequentem outras feiras.

No caso específico dos feirantes de Arapiraca, 59 afirmaram frequentar outras feiras além da tradicional feira de Arapiraca e 11 feirantes frequentam somente a feira livre de Arapiraca que ocorre às segundas-feiras. Dentre as outras feiras frequentadas pelos feirantes arapiraquenses, estão: Feiras de Bairros de Arapiraca, Taquarana, Batalha, Feira Grande, Igreja Nova, Teotônio Vilela, Lagoa da Canoa, Boca da Mata, Palmeira dos Índios, Craibas, Coruripe, Campo Alegre, Campo Grande, Maribondo, Igaci, Atalaia, Limoeiro de Anadia, Penedo, Girau do Ponciano, Junqueiro, Folha Miúda, São Sebastião, Palestina, Marechal Deodoro, São Miguel dos Campos e Barra de São Miguel, todas no estado de Alagoas.

Dos 50 feirantes entrevistados em Itabaiana, 14% têm outro tipo de ocupação e 86% têm na feira o único meio de sobrevivência, mas, que tentam a partir de seus conhecimentos criarem seus próprios negócios, como os que já têm outras ocupações: carpinteiro, costureira, artesã, fabricação de doces e também no cultivo de atividades agrícolas. Dos feirantes que trabalham somente com feira, 26 deles frequentam outras feiras em Sergipe e em outros estados, o que equivale a 52%, os 48% restantes, 24 feirantes, frequentam somente a feira de Itabaiana, seja a de quarta-feira ou a tradicional feira do sábado. As feiras fora de Itabaiana que são frequentadas pelos outros feirantes, estão presentes nas cidades de Tobias Barreto, Areia Branca, Lagarto, Campo do Brito, Carira, Ribeirópolis, Buquim, Aracaju, Capela, Malhador, Nossa Senhora das Dores e Quidabã, ambas no estado de

Sergipe, e outras encontram-se em cidades baianas que fazem divisa com Sergipe e são mais próximas de Itabaiana.

Trilhando por este caminho, observa-se que a realização das feiras dá possibilidade ao feirante de deslocar-se de cidade em cidade com suas mercadorias, tendo aí uma maior mobilidade. Busca-se um maior rendimento e um melhor resultado ao fim de cada feira, mediante a comercialização de seus produtos, beneficiando o vendedor e o comprador. Nesta perspectiva, “em função dos tipos de atividades que se desenvolvem no espaço da feira, ela atrai para si uma população para consumir e vender, bem como para desenvolver atividades voltadas para a prestação de serviços” (DANTAS, 2007, p. 33).

Neste contexto, as feiras realizadas normalmente em dias e localidades fixas, tornam-se um espetáculo a céu aberto, ocupando um espaço onde encontram-se pessoas de todas as raças, crenças e religiões. Arapiraca constitui-se em importante centro regional, desenvolvendo papel importante para sua respectiva Mesorregião. Além da tradicional feira livre realizada todas às segundas-feiras, outras foram surgindo em vários bairros da cidade, com dias alternativos ao da feira principal, como a feira da fumageira ou da troca, realiza todo domingo no Bairro Primavera, feira do Bairro Brasília realizada as quintas entre outras conforme podem ser vistas no quadro 20 – Arapiraca/AL: Feiras livres de bairro e a feira tradicional – 2015.

Haja vista, que em suas grandes extensões, às feiras manifestam-se como atividade comercial, de forma que a área do comércio “foi se estirando pelas ruas Aníbal Lima, 15 de Novembro, Domingos Rodrigues e Praça Bom Conselho, enquanto que a feira livre foi ocupando aos poucos as ruas centrais” (GUEDES, 1999, p. 286). Convergem para elas produtos dos mais variados, visitantes, vendedores, compradores de diversos bairros e cidades circunvizinhas (não importando a condição financeira) e artistas populares, tornando-se num espaço vivido por todos, é o mão na mão, olho no olho, é o negócio feito instantaneamente,

Aqui, é uma preta que com seu chapéu de palha, pito à boca, espera o freguês para seus doces; acolá, um homem expõe objetos de indústria caseira: esteiras, cêstos; outro, mais adiante, vende roupas e chapéus de couro, luvas, chibata e tudo se amontoa numa pitoresca desordem” (SOUZA, 1946, p. 110).

Os feirantes de Arapiraca foram interrogados sobre o motivo de ainda frequentarem essa feira. 11 responderam que frequentam porque gostam, 12 por ter virado tradição de família, 29 não têm outra opção, 7 ao mesmo tempo que gostam,

também afirmam ser tradição na família, 5 além de ser tradição na família não tem outra opção e 6 disseram que eram outros motivos, mas não especificaram.

Quadro 20 – Arapiraca/AL: Feiras livres de bairro e a feira tradicional – 2015

Feira	Bairro	Dia	Nº de Bancas	Ruas Ocupadas
Tradicional	Centro e Baixão	Segunda-feira	1.800	Miguel C. Amorim, Santos Drummond, M. Pereira, Benvinda Leão, Pedro Leão, Teodorico Costa, Padre Cicero, José Lopes, Tiradentes, Maurício A. Tavares e Rua do Sol
Primavera	Primavera	Domingo	571	31 de Março, Engenheiro Camilo Collier, Sargento Benevides, Olinda e Braz Vieira
Fumageira	Primavera	Todos os dias	30	Sargento Benevides (2 galpões da prefeitura)
Jardim Tropical	Jardim Tropical	Domingo	20	Adão Henrique
Senador Teotônio Vilela	Senador Teotônio Vilela	Domingo	150	São Paulo, N. S. Das Dores, São Geraldo e Samaritana
Baixão	Baixão	Domingo	130	Miguel Correia Amorim e Santos Drummond
Jardim Esperança	Jardim Esperança	Domingo	40	Praça Maria das Dores Carvalho
Canafístula	Canafístula	Domingo	20	Lúcio Vital
Feira do Atacado	Centro	Quarta e Quinta-feira	42	Estacionamento do Mercado Público
Brasília	Brasília	Quinta-feira	350	Senador Rui Palmeira, Firmino Leite e Domingos Barbosa
Itapoã	Itapoã	Sábado	155	Nossa Senhora da Salette e N.S. Do 'O'

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Informações sobre a feira.** In Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços/SEMICS. Arapiraca, 2015b. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Em Itabaiana 28 feirantes disseram que não têm outra opção; porque gostam e porque virou tradição de família, foram 10 e 9 feirantes, respectivamente. Outros feirantes ainda responderam que frequentam a feira porque gostam e é tradição de família (1) e outros mesmo gostando não têm outro meio de sobrevivência (2). Assim, 56% dos feirantes não tem outra opção, 20% gostam de trabalhar como feirante, 18% já trazem consigo uma cultura de família nesse tipo de trabalho, 4% não tem outra opção, mas gostam do trabalho e preferem a feira a trabalhar como empregado no comércio e 2% responderam que além de gostarem, também já é uma tradição. Percebe-se que grande parte dos feirantes ainda cultivam uma tradição familiar e ao mesmo tempo gostam do que fazem, tirando dela sua sobrevivência, outra parte já teria saído da feira se tivessem outra opção.

No que diz respeito aos gastos, o que mais incomoda o feirante, além é claro do preço dos produtos, são os altos impostos cobrados por feira pela Prefeitura de Arapiraca e o gasto com transporte, já que nos últimos meses o preço do

combustível teve um aumento considerável. Em média o feirante gasta R\$ 21,41 de impostos municipais, estes referem-se tanto à banca como ao chão que utilizam. Mesmo com os altos impostos e os locais que cada um ocupa na feira, apenas 9 disseram considerar a localização de sua banca ruim, enquanto 58 consideram a localização boa ou regular e apenas 3 consideram a localização excelente. Já os gastos com transporte para o deslocamento do feirante de casa a feira e desta de volta a sua residência, fica em torno de R\$ 26,71, seja em relação ao combustível, frete, passagem etc.

Independentemente do tipo de transporte utilizado pelo feirante, todos necessitam de algum meio para o deslocamento com seus produtos, o que levou a constatar que ao mesmo tempo em que o automóvel é o mais usado pelos feirantes, outros transportes mais arcaicos também disputam espaço, a exemplo da carroça de burro e o próprio carro de mão, podendo ser visto a partir das fotos 24 e 25 – Arapiraca/AL: Uso do carro de mão e caminhões no transporte de mercadorias – 2013 e 2015. A distribuição dos feirantes de acordo com o transporte utilizado ficou da seguinte forma: carro (36 feirantes), carro de mão (12 feirantes), caminhão (7 feirantes), caminhonete (6 feirantes), carroça de burro (3 feirantes), ônibus (2 feirantes), moto (2 feirantes) e van (2 feirantes).

Enquanto a média que o feirante de Arapiraca paga a municipalidade é de R\$ 21,41, o feirante de Itabaiana paga R\$ 7,74, desse total. Desembolsam somente um valor de R\$ 2,00 pela utilização do chão, outros pagam a mais dependendo do tamanho do espaço ocupado pelo mesmo na feira. Há também os gastos com as bancas, esse varia de feirante para feirante, pois, a prefeitura não disponibiliza bancas, o que por um lado é melhor, visto que cada um leva sua própria banca ou pagam um valor bem abaixo daquele pago em Arapiraca, para que o carregador de banca possa montar a sua respectiva banca. A maioria, 70% dos feirantes, consideram sua localização boa ou excelente, totalizando 35 dos feirantes entrevistados (30 responderam que a localização é boa e outros 5 excelente), 14 feirantes consideram regular e apenas 1 feirante disse que sua localização era ruim.

Em relação aos gastos com transportes, o feirante de Itabaiana paga um valor a mais que os de Arapiraca. A média do feirante itabaianense é de R\$ 29,62, enquanto, o de Arapiraca paga em média R\$ 26,71. O transporte mais usado pelo feirante de Itabaiana é a carroça de burro (21 feirantes), seguido do carro (13 feirantes), mercedinha (6 feirantes), carro de mão (5 feirantes), moto (2 feirantes),

caminhonete (2 feirantes) e micro-ônibus (1 feirante). Portanto, 52% utilizam um tipo de transporte que é dos mais antigos presentes na feira livre, a carroça de burro e o carro de mão (ver fotos 26 e 27 – Itabaiana/SE: Uso de animais e carro de mão no transporte de mercadorias – 2015).

Fotos 24 e 25 – Arapiraca/AL: Uso do carro de mão e caminhões no transporte de mercadorias – 2013 e 2015

Fonte: Trabalho de campo realizado segunda-feira, 14 de janeiro de 2013 e sexta-feira, 6 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 10h50min e 09h:19min, respectivamente.

Fotos 26 e 27 – Itabaiana/SE: Uso de animais e carro de mão no transporte de mercadorias – 2015

Fonte: Trabalho de campo quarta-feira, 18 de março 2015 e quinta-feira, 19 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 16h21min e 10h56min respectivamente.

Existem na feira livre de Arapiraca alguns problemas que poderiam ser amenizados, contribuindo para uma melhor relação entre o feirante, freguês e agentes de fiscalização. Constata-se que dentre os maiores problemas relatados pelos feirantes, o que sai na frente são as medidas tomadas pelo poder municipal. Segundo os feirantes, houve um aumento de cerca de 100% no valor cobrado de imposto pelo uso do chão e da banca na feira, o que seria revertido para melhoria na estrutura das suas respectivas bancas, porém, nada disso foi feito. As bancas de

ferro estão enferrujadas, as lonas que cobrem as bancas estão rasgadas, o que prejudica a mercadoria devido à exposição ao sol e a chuva.

Outros problemas relatados podem ser citados, como falta de organização, que é de responsabilidade dos fiscais da prefeitura; mudança com frequência de parte da feira para locais cada vez mais afastados do centro e das áreas de maior movimento; bancas insuficientes para todos os feirantes; roubos e até ameaça de morte, deixando um ar de insegurança; proibição da venda de certos produtos fora da banca¹¹⁴, como nas carroças de mão, por exemplo; perda de mercadorias, quando a feira não é boa; concorrência com lojas e grandes redes de supermercados; pouco espaço, já que a feira ocupa somente as áreas limitadas pela prefeitura, não deixando avançar para outras ruas; falta de banheiro público; transporte cada vez mais caro no deslocamento da mercadoria; alagamento em época de chuva; sujeira acumulada durante o fim de semana em caçambas colocadas nas ruas onde acontece a feira; e outras exigências da prefeitura impedindo que a feira continue a ser realmente o que sempre foi, uma verdadeira feira livre.

Os maiores problemas encontrados para se trabalhar como feirante na cidade de Itabaiana, conforme relato dos mesmos, são: falta de fiscalização, mercadoria cara, roubo e violência, concorrência com loja e supermercados, pouco espaço, alagamento em época de chuva, altos impostos (apesar de esses serem menores que Arapiraca), desorganização de bancas, carroças de mão tráfegando pelo meio da feira, transporte e acordar cedo.

Apesar de todos esses problemas, os feirantes que vivem de feira, consideram a mesma de suma importância – *“sendo a feira de Itabaiana a maior e mais conhecida de Sergipe, ela traz altos benefícios para o interior sergipano. O desenvolvimento e economia da cidade hoje deve-se a essa feira”* (Informação Verbal)¹¹⁵. Para muitos ela é uma tradição na cidade, para outros serve como forma de sustentar a família.

Na verdade várias respostas foram obtidas de acordo com relatos dos feirantes. Segundo a feirante Lúcia,

¹¹⁴ No caso de Arapiraca essa proibição está descrita no Art. 24, inciso IV do Decreto nº 2.025, 05 de julho de 2006: “colocar ou expor mercadorias fora dos limites da área, boxe ou loja, exceto cabides de mostruário, que não pode exceder trinta centímetros” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2006).

¹¹⁵ Informação fornecida pela feirante Geane dos Santos em Itabaiana/SE em 2015.

A feira é importante para o trabalho e independência do feirante. Agente vende o que quer. Se hoje não estou tendo lucro e sem retorno nas vendas dos produtos que vendo, amanhã posso substituir ou juntar outros produtos que estejam sendo mais procurados. O preço e a variedade dos produtos ofertados atraem uma grande clientela que movimenta a economia e o comércio de Itabaiana, além de agregar todo tipo de pessoa, principalmente o mais 'fraco' (Informação Verbal) ¹¹⁶.

No geral, os feirantes consideram a feira como o melhor espaço para a comercialização, para venda e compra de produtos por parte daqueles que têm uma menor renda, já que os preços costumam ser melhores; espaço para diversas pessoas negociarem, gerando ocupação e renda; variedade na forma de negociação; produtos frescos e de melhor qualidade, como aqueles que vêm diretamente do produtor rural da cidade; atrai pessoas de várias cidades e até de outros estados – *“a feira é relevante para o trabalhador não só de Arapiraca como de várias cidades do estado de Alagoas. Ela contribui nas negociações saindo na frente dos supermercados devido as formas variadas de negociar”* (Informação Verbal) ¹¹⁷.

Ainda no que se refere a importância da feira para cidade e região, vê-se que ela contribui na economia, movimentando o comércio e na arrecadação de impostos pela prefeitura – *“a feira é economicamente mais importante para a Prefeitura Municipal, pois a prefeitura arrecada impostas, entra muito dinheiro, porém, os feirantes não tem retorno do mesmo”* (Informação Verbal) ¹¹⁸; independe de patrão; além é claro como distração e encontro com amigos, familiares e conhecidos, tornando-se numa manifestação cultural, sendo tradicionalmente conhecida em toda a região.

¹¹⁶ Informação fornecida pela feirante Lúcia em Itabaiana/SE em 2015.

¹¹⁷ Informação fornecida pela feirante Marinalva em Arapiraca/AL em 2015.

¹¹⁸ Informação fornecida pela feirante Célia Regina em Arapiraca/AL em 2015.

5.2. *Freguês: um ator chave nas negociações nas feiras livres*

Entender a gênese do desenvolvimento econômico de Arapiraca e Itabaiana¹¹⁹ requer, além de analisar as feiras e formas de negociações dos feirantes, traçar um perfil dos fregueses que contribuem para perpetuação desse fenômeno, desde idade, escolaridade, procedência, produtos comprados com mais frequência, formas de pagamento desses produtos, entre outras informações que foram possíveis de se obter mediante as entrevistas aplicadas com os mesmos nas duas feiras analisadas. Assim, contribuindo para “desvendar as dinâmicas que perpassam o circuito inferior no período atual, buscando revelar a vinculação do individual, do local, ao universal, ao global” (MONTENEGRO, 2006, p. 17).

Foram feitas 40 entrevistas em Arapiraca e 30 na cidade de Itabaiana. Esse número não se refere a uma porcentagem do total dos que frequentam as feiras, mesmo porque não se tem nenhum dado oficial sobre o quantitativo de pessoas que chegam a frequentá-las por dia. O número de entrevistas foi suficiente para responder os questionamentos e indagações acerca do tema pesquisado. O perfil dos fregueses das duas cidades foi traçado com base nas respostas dadas pelos mesmos. As perguntas de caráter gerais teve como resultado os seguintes dados:

- A. Arapiraca** – Sexo: 11 masculinos e 29 femininos; faixa etária: até 20 anos (nenhum freguês), de 21 a 40 anos (14), de 41 a 60 anos (21) e acima de 60 anos (5); escolaridade: analfabetos (12), primário (12), fundamental (6), médio (6), superior (1) e não informado (3); estado civil: Solteiro (7), casado (28), divorciado (nenhum) e viúvo (5); procedência: 29 de Arapiraca, 3 de Lagoa da Canoa, 2 de Feira Grande e 1 de Coité do Nóia, C. Grande, Penedo, Jaramataia, Tanque D’arca e G. do Ponciano.
- B. Itabaiana** – sexo: 4 masculinos e 26 femininos; faixa etária: até 20 anos (1), de 21 a 40 anos (8), de 41 a 60 anos (17) e acima de 60 anos (4); escolaridade: analfabetos (5), primário (12), fundamental (6), médio (3) e superior (4); estado civil: solteiro (9), casado (20) e divorciado (1); procedência: 23 de Itabaiana e 1 de Ribeirópolis, Terra Vermelha, Queimada, Torre, Canindé de S. Francisco, Aracaju e Riachuelo.

¹¹⁹ Para Montenegro (2006, p. 18), “nenhum lugar pode ser explicado por ele próprio; daí nossa preocupação com processos que atravessam não só o lugar, mas também a formação socioespacial e o mundo no período atual”.

Diante dessas informações fica evidente que os fregueses em sua maioria são do sexo feminino, com uma representação em Arapiraca na cifra de 72,5%, mostrando que o ato de fazer e ir às compras ainda está muito atrelado a mulher e apenas 27,5% foram do sexo masculino. Em Itabaiana esse número foi mais elevado, 86,22% do sexo feminino e 13,88% do sexo masculino.

Além dessa constatação, pode-se perceber que aqueles que frequentam a feira livre de Arapiraca estão representados em sua grande maioria por aqueles que já têm uma certa idade, 65% dos fregueses estão inseridos na faixa de idade que vai dos 41 anos de idade acima, podendo encontrar freguês com até 92 anos de idade; 35% dos clientes são aqueles que estão entre 21 a 40 anos. Nenhum dos entrevistados tinha menos de 21 anos, o que tem levado a uma média de 47,9 anos de idade dos fregueses que frequentam sua feira livre.

Dos 100% dos fregueses entrevistados em Itabaiana, 70% estão numa faixa de idade de 41 anos acima, desse total 13,33% têm 60 anos ou mais e 56,67% estão numa faixa de 41 a 60 anos. Os outros 30% estão distribuídos entre aqueles com até 20 anos (3,33%) e os que têm entre 21 e 40 anos (26,67%), chegando ao resultado de 46,57 anos de idade a média dos fregueses da feira de Itabaiana.

A procedência dos respectivos fregueses é bastante diversa, sendo a maior parte, das próprias cidades em análises. 72,5% são procedentes de Arapiraca e 27,5% têm procedências de outras cidades alagoanas, quase metade tem origem na zona rural (47,5%), e os provenientes da zona urbana representam 52,5% dos entrevistados. No caso de Itabaiana, 76,66% são fregueses do próprio município. Do total de entrevistados, 63,33% são da zona urbana e os 36,67% são da zona rural, sejam da cidade de Itabaiana ou das cidades outras de onde vem os seus fregueses. Assim, Carneiro e Pinto (2014, p. 57), demonstram que “por ser a feira uma manifestação humana de comércio ao ar livre, situada no espaço público, é visitada por pessoas tanto do campo quanto da cidade [e claro que de outras cidades e estados]”.

Já no que concerne ao grau de escolaridade, a maior parte dos fregueses da feira de Arapiraca não atinge nem o ensino médio (75% dos fregueses). Em Itabaiana 16,66% são analfabetos, 40% têm apenas o ensino primário, 20% o ensino fundamental (estes três representando 76,66% do total), 10% possuem o ensino médio e 13,34% atingiram o superior (completo ou cursando).

Os fregueses vão às compras na feira sempre em busca pelos produtos mais frescos, pelos melhores preços e pela liberdade de escolher quaisquer produtos sem pressão de vendedor, nem serem inibidos pelas roupas ou jeito de se portarem. Perguntados sobre os motivos principais que os levam a frequentarem a feira, obteve-se diversas respostas, conforme o exposto no quadro 21 (Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Motivos principais que levam os feirantes a irem a feira livre – 2015).

Quadro 21 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Motivos principais que levam os feirantes a irem a feira livre – 2015

Motivo	Arapiraca Nº de Freguês	Itabaiana Nº de Freguês
Gosto	8	13
Preço	9	1
Produto	7	0
Pechincha	1	2
Gosto, preço, produto e pechincha ao mesmo tempo	9	6
Outros motivos	6	8

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015 e em Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Em relação aos produtos comprados na feira, pode-se perceber que são inúmeros os tipos de produtos adquiridos, entretanto, sempre têm aqueles que são comprados com mais frequência e/ou mesmo comprados pela maioria dos fregueses. Dentre os produtos listados em uma das perguntas no questionário do trabalho de campo, frutas e verduras foram os principais produtos apontados pelos entrevistados como aqueles que sempre estão na lista de compras e que são de melhor qualidade, mesmo se comparados com os dos supermercados. Dessa forma, Guimarães (1969, p. 16) mostra que “as feiras são consideradas pela população como o meio mais barato e acessível de adquirir gêneros alimentícios”.

No que diz respeito à qualidade do produto, nenhum entrevistado em Arapiraca classificou o produto como de péssima qualidade ou mesmo ruim. A maioria, 92,5% classificou os produtos como bom (55%), regular (37,5%) e outros 7,5% consideraram os produtos encontrados na feira de excelente qualidade. No caso de Itabaiana, a maioria dos produtos comprados por seus consumidores são considerados de boa qualidade (83,33%), seguido de excelente qualidade com 10% e somente 6,67% consideraram o produto regular. Nenhum dos entrevistados considerou a qualidade do produto como ruim.

Para além dos produtos tradicionalmente encontrados na feira, outros produtos passaram a fazer parte desse evento, porém, muitas das pessoas que frequentam as feiras não percebem as mudanças por quais elas veem passando. Neste sentido, essas pessoas foram interrogadas sobre os tipos de produtos encontrados na feira atualmente que antes não era possível encontrar. Muitos não souberam ou não perceberam a existência de novos produtos na feira, principalmente aqueles que têm menos tempo que frequentam a mesma. Como respostas obteve-se o seguinte: Arapiraca – algumas frutas, produtos orgânicos, eletrodomésticos, produtos de marcas internacionais, CD's, DVD's e remédio de raiz de pau; Itabaiana – algumas frutas, CD's, DVD's e aparelhos eletrônicos.

Existe um limite em relação aos gastos desses que frequentam as feiras, que por sua vez, direcionam a maior parte dos gastos para os produtos alimentícios. A margem é relativa, uns gastam mais, outros menos, tudo depende da quantidade de pessoas por família, da renda de cada família, bem como se este mora na zona rural ou urbana. Quanto mais longe do centro, mais produtos são adquiridos na feira, pelo menos o suficiente por oito ou quinze dias.

Assim, 72,5% dos entrevistados na feira de Arapiraca responderam que gastam até R\$ 100,00 por feira, 20% estão numa faixa entre R\$ 100,00 e 150,00 e 7,5% têm um poder de compra maior que R\$ 150,00 por feira. Pode-se dizer que o valor gasto na feira tem relação com a renda familiar de cada um. Esses fregueses juntamente com os feirantes fazem parte diretamente do CI da economia urbana, que por sua vez “vem se consolidando enquanto abrigo e fornecedor de renda para grande parte da população, ao mesmo passo em que se afirma como uma manifestação da pobreza estrutural no país” (MONTENEGRO, 2006, p. 31).

Aqueles fregueses que ganham até 1 salário mínimo estão representados por 72,5%; 20% têm um renda que varia de 1 a 2 salários e 7,5% ganham entre 3 e 4 salários, essas porcentagens, concidentemente são iguais as porcentagens que os fregueses desembolsam na hora de fazerem suas compras, ou seja, quem ganha mais gasta um valor também a mais.

Constatou-se em Itabaiana que a quantidade daqueles que ganham até 1 salário é menor que em Arapiraca, totalizam 46,66%. A porcentagem maior diz respeito aqueles que ganham entre 1 e 4 salários, sendo 36,66% na faixa entre 1 e 2 salários e 13,34% entre 3 e 4 salários. Foi possível encontrar aqueles que ganham acima de 5 salários mínimos, mesmo que em menor proporção, apenas 3,33%.

Diferente dos fregueses de Arapiraca, os itabaianenses desembolsam um valor a mais nas compras realizadas na feira. Não que o valor do produto seja mais caro, mas, pelo motivo de comprarem na feira a maioria dos produtos de que necessitam. Apenas 10% dos entrevistados gastam um valor de até R\$ 50,00 e 40% estão numa margem de gasto que varia entre R\$ 50,00 e 100,00. Tem-se aí uma porcentagem de 50% dos entrevistados, 22,5% a menos que os de Arapiraca. Os outros 50% estão distribuídos entre aqueles que gastam de R\$ 100,00 a 150,00 (36,66%) e aqueles que estão acima dos R\$ 150,00 em compras (13,34%).

Percebe-se que a feira em Itabaiana tem uma maior influência na vida do seu povo (os fregueses da zona urbana e rural utilizam-se da feira em sua totalidade) e região, mesmo com o comércio em constante crescimento. Os itabaianenses não abrem mão de ir à feira e aí investirem parte de sua renda familiar na obtenção de produtos essenciais ao seu dia a dia e de sua família, levando-os a terem uma maior proximidade com a feira. Esta é para eles um evento de cunho fundamental, visto que, sua realização acontece dois dias por semana; nos outros dias são comercializados diversos produtos tanto em atacado como a varejo, que chegam através dos caminhoneiros no mercado central da cidade, criando facilidades na hora de fazerem suas compras.

Em se tratando de transporte, os principais meios usados no deslocamento dos fregueses em Itabaiana, assim como os valores gastos, estão representados na tabela 8 (Itabaiana/SE: Gastos e tipos de transportes usados pelos fregueses – 2015).

Tabela 8 – Itabaiana/SE: Gastos e tipos de transportes usados pelos fregueses – 2015

Gasto com Transporte	Nº de Clientes	Tipo de Transporte	Nº de Clientes
Até R\$ 5,00	12	Moto-táxi e/ou Moto	12
Entre R\$ 5,00 e 10,00	10	Ônibus	4
Entre R\$ 10,00 e 20,00	0	Van	3
Acima de R\$ 20,00	1	Bicicleta	0
Não Gasta	7	Carro	2
Não Informado	0	Caminhão e Caminhonete	2
-	-	Não Usa	7

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

Aqueles que não gastam com transporte, ou seja, aqueles que moram nas proximidades da feira, são também os que não usam transporte para esse deslocamento, representados por 23,33% dos entrevistados. Aqueles que gastam

com transportes, têm no moto-táxi ou na moto seu principal meio de locomoção¹²⁰ – o que mostra a febre de moto na cidade, onde 54% da frota de veículos é constituída por motonetas e motocicletas (ver gráfico 25 (Itabaiana/SE: Frota municipal de veículos – 2014) e as fotos 28 e 29 (Itabaiana/SE: “Febre” de motos – 2013 e 2015)). 40% utilizam motos, seguidos do ônibus (13,33%) e da van (10%). Carro, caminhão e caminhonete representam 13,34%.

Ainda em relação aos gastos, os fregueses arapiraquenses preferem, em sua maioria, fazer os pagamentos sempre à vista, num total de 90% dos entrevistados. Entretanto, existem aqueles que sempre que possível, compram à vista e fiado, são os outros 10% dos entrevistados. Daí,

As atividades do circuito inferior estão simultaneamente baseadas no crédito e no dinheiro líquido. Mas, neste caso, o crédito é de natureza diferente, com uma larga porcentagem de crédito pessoal direto, indispensável para o trabalho das pessoas que não têm possibilidade de acumular dinheiro (SANTOS, 1997a, p. 43-44).

Independente da forma de pagamento, muitos têm uma relação boa com os seus respectivos feirantes, levando-os a comprar no mesmo vendedor. 35% dos fregueses mantêm fidelidade na hora das compras, os outros 65% preferem comprar em diversos feirantes, mesmo sendo um produto que compra com frequência. Dentre os principais motivos que os levam a comprarem sempre no mesmo feirante estão: melhor preço e qualidade (37,5%), feirante antigo e praticidade (12,5%), costume (10%), variação dos produtos e formas de pagamento (7,5), pechincha, amizade e confiança (7,5) e 25% dos entrevistados não informaram tais motivos.

Na feira de Itabaiana, 83,33% dos entrevistados fazem suas compras e pagam sempre à vista, mas quando necessário deixam pendente para serem quitadas na outra feira, caracterizando o fiado. Os outros 16,67% responderam que compram sempre à vista em uns feirantes e fiado em outros. Nota-se que apenas 30% dos entrevistados compram no mesmo feirante e 70% mudam suas escolhas.

Levando-se em consideração a presença das grandes redes de supermercados e das diversas lojas espalhadas pelo centro e uma consequente diminuição da feira livre de Arapiraca, partiu-se para uma análise de como esses

¹²⁰ “A motocicleta é um dos maiores símbolos do transporte particular em Itabaiana, sendo também um dos mais tradicionais. Das mais de 17 mil unidades registradas no município, mais de 800 destinam-se aos serviços de moto-táxi que cresceu a partir do final da década de 1990” (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 95).

clientes estavam vendo a chegada dessas redes, se eles fazem uso das mesmas e o que elas têm de vantagem ou não para a feira e os próprios consumidores.

Gráfico 25 – Itabaiana/SE: Frota municipal de veículos – 2014

Fonte: M. das Cidades, Departamento Nacional de Trânsito - DENATRAN - 2014. In. <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=280290&idtema=139&se arch=sergipe|itabaiana|frota-2014>

Fotos 28 e 29 – Itabaiana/SE: “Febre” de motos – 2013 e 2015

Fonte: Trabalho de campo sábado, 16 de fevereiro de 2013 e terça-feira, 17 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 13h16min e 09h29min, respectivamente.

Constatou-se em Arapiraca que 85% dos entrevistados frequentam pelo menos uma das várias redes de supermercados existentes na cidade (ver fotos 30 e 31 – Arapiraca/AL: Redes de supermercados – GBarbosa e Atacadão – 2014) e apenas 15% responderam que não. Dentre os que frequentam esses

supermercados, apenas 2 não informaram o nome do mesmo. O resultado obtido dos outros entrevistados de acordo com o supermercado ficou da seguinte forma: a) aqueles que frequentam apenas um supermercado: Unicompra (6), 15 de Novembro (3), GBarbosa (2) e Bella Compra (1); b) aqueles que frequentam mais de um supermercado: Unicompra, São Luiz, Jomart, e Atacadão (8), Jomart e Atacadão (3), São Luiz, Rolim e Ki Barato (3), Unicompra, GBarbosa e Unipreço (2), Todo Dia, Super Senna e Bella Compra (2) e G Barbosa, Max Atacado e 15 de Novembro (2).

Em Itabaiana, mesmo diante da grandiosidade da feira, constatou-se que 86,6% frequentam pelo menos uma das redes de supermercados, com destaque para os Supermercados da Família Peixoto (fotos 32 e 33 – Itabaiana/SE: Supermercados da Família Peixoto – 2013). Dos que responderam frequentar tais supermercados, apontaram o Messias Peixoto como o mais frequentado (20%), seguido do Nunes Peixoto com 13,33%, Daniel Peixoto com 6,66% e GBarbosa com 3,33% (Foto 34 – Itabaiana/SE: Supermercado GBarbosa – 2013). Aqueles que frequentam mais de um supermercado ficaram subdivididos da seguinte forma: pelo menos 1 dos supermercados Peixoto (16,66%); GBarbosa e os Peixoto (26,62%).

A partir das repostas dos entrevistados, observou-se que muitos vão à feira e também ao supermercado, não somente pelo fato da inexistência de certos produtos de que necessitam, mas, deve-se também à praticidade que estes oferecem. Dentre os tipos de produtos ausentes na feira, os entrevistados deram como exemplo: condimentos em geral, frios, iogurtes, enlatados, refrigerantes diversos, produtos de limpeza, de higiene e beleza, produtos eletrônicos com garantia, produtos industrializados, cereais diversos, alguns alimentos, leite e sorvetes, coalho líquido, biscoitos industrializados e chocolates, alguns peixes e comidas prontas.

Na verdade, grande parte desses produtos apontados pelos entrevistados, também podem ser encontrados na feira, pois, de acordo com Silveira (2009, p. 66), “o circuito inferior, que se desenvolve onde o meio construído está mais degradado, pode oferecer produtos mais simples, essenciais ou supérfluos, criativos ou imitativos a uma população que não tem acesso aos produtos da economia superior” porém, alguns com marcas menos conhecidas e/ou ausentes quaisquer marcas. Nesse mundo da globalização tem-se um número muito grande de produtos de consumo impostos pela grande mídia e que são substituídos por outros numa velocidade impressionante. São produtos que na maioria das vezes estão relacionados com propagandas. São “imagens e versões sobre a globalização e

suas implicações diversas na sociedade e no território, as quais são fortemente ideologizadas, norteadas e condicionadas pelos valores do mercado justificando e legitimando-a” (BAGGIO, 2002, p. 71).

Levando-se em consideração a relação feira e as grandes redes, vê-se que “a feira livre muda seu sentido e a sua tradição, com o surgimento das grandes lojas e das redes de supermercados, que se instalaram [...], a feira resiste aos padrões do consumo voraz regidos pelas transformações da sociedade global no espaço” (CARNEIRO; PINTO, 2014, p. 71). Sendo assim, tentando trazer à tona a importância da feira livre frente aos supermercados, os entrevistados foram interrogados sobre os prejuízos ou não que os supermercados têm trazidos para a feira. De todos os fregueses, 29 responderam que os supermercados não têm trazidos prejuízos as feiras, pois, compra-se neles o que não se encontra na feira; ela acontece somente uma vez na semana; cada um tem funções diferentes; cada um escolhe o melhor preço e onde quer comprar; um complementa o outro; a variedade existente na feira faz com que ela sai na frente; tem espaço para todos, logo, a feira pode tranquilamente acontecer sem sentir tais prejuízos.

Por outro lado, 11 entrevistados responderam que os supermercados têm prejudicado a realização da feira. Dentre os principais motivos desse prejuízo pode-se destacar, o fato de que o dinheiro investido nos supermercados deixam de ir para o sustento familiar dos feirantes (mesmo empregando um número muito grande de pessoas) e em sua maioria vão para fora do estado e ou mesmo do país; o uso dos mais variados tipos de cartões de créditos, levando o cliente a comprar sem dinheiro.

Em Itabaiana 10 entrevistados responderam que os grandes supermercados têm trazido prejuízo a realização da feira livre, representando 33,3%. Os outros 20 entrevistados (66,7%) afirmaram que não existe nenhum tipo de prejuízo para a feira. Aqueles que responderam que há prejuízo para a feira apontaram os seguintes motivos como os causadores dos prejuízos: uso de diversos cartões; produtos e preços diferenciados (promocionais), fazendo o feirante baixar muito o preço da sua mercadoria; vende-se tudo que tem na feira; clientes que compram por mês no supermercado. Em contrapartida, os que consideram que os supermercados não trazem prejuízo a feira, apontaram o seguinte: cada um escolhe o melhor preço e onde quer comprar; um complementa o outro; quem tem prejudicado a feira são os outros comerciantes incomodados com a ocupação dos espaços pela feira.

Fotos 30 e 31 – Arapiraca/AL: Redes de supermercados – GBarbosa e Atacadão – 2014

Fonte: Trabalho de campo terça-feira, 21 de janeiro de 2014 e terça-feira, 28 de janeiro de 2014. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 15h48min e 15h49min, respectivamente.

Fotos 32 e 33 – Itabaiana/SE: Supermercados da Família Peixoto – 2013

Fonte: Trabalho de campo segunda-feira, 23 de dezembro de 2013 e sábado, 16 de fevereiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 09h41min e 11h40min, respectivamente.

Foto 34 – Itabaiana/SE: Supermercado GBarbosa – 2013

Fonte: Trabalho de campo sábado, 16 de fevereiro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 12h08min.

A maior parte dos entrevistados consideram que na feira os produtos apresentam preços melhores que nessas grandes redes de supermercados. No geral, 75% responderam que os preços são melhores na feira, 10% disseram que no supermercado é mais barato e 15% consideraram que alguns produtos são mais baratos na feira e outros nos supermercados. Dentre os tipos de produtos considerados mais baratos na feira livre, foram elencados: feijão, farinha, arroz, frutas, verduras, queijo, carne e peixe.

O preço dos produtos na feira foi considerado pelos itabaianenses, 70% dos entrevistados, melhores que nos supermercados. Como exemplos de produtos melhores e mais baratos na feira foram citados: frutas, verduras, carne, tubérculos e hortaliças. Os demais entrevistados consideraram que alguns produtos são melhores na feira e outros no supermercado (13,4%), outros apontaram os dois como tendo basicamente o mesmo preço (6,6%) e somente 10% consideraram os preços no supermercado mais barato.

Pode-se dizer que a feira é importante para o povo e para a economia da cidade e região, seja em Arapiraca, Itabaiana ou em outras cidades nordestinas. O quadro 22 (Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Respostas dos feirantes sobre as feiras e a importância das mesmas para suas cidades – 2015) traz algumas das respostas dadas pelos fregueses ao serem questionados sobre as feiras e sua importância para as cidades estudadas e suas respectivas regiões.

Quadro 22 – Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: Respostas dos feirantes sobre as feiras e a importância das mesmas para suas cidades – 2015¹²¹

1. <i>“A feira livre de Arapiraca é importante não somente para a cidade, ela traz benefício a toda a região, pois ajuda no sustento das famílias dos feirantes e tem produtos mais baratos, levando os consumidores a gastar menos” (Maria Alves, 52 anos);</i> 2. <i>“Com a realização da feira livre de Arapiraca se tem uma maior movimentação do dinheiro que gastamos e um maior movimento de pessoas nos bancos e lojas da cidade” (Francisco Pereira, 67 anos);</i> 3. <i>“A feira de Itabaiana tem grande importância para a cidade e região pelo preço dos produtos, pela qualidade das frutas e verduras e também porque é nela que os pobres compram e vende” (Josistina, 50 anos);</i> 4. <i>“O emprego que se encontra na feira é o grande destaque para a economia. O preço e a possibilidade de pechinchar atraindo mais consumidores e eleva a movimentação do comércio” (Antônio José, 59 anos).</i>

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados obtidos no trabalho de campo realizado na feira livre de Arapiraca nos dias 2 e 23 de março de 2015 e em Itabaiana nos dias 18 e 21 de março de 2015.

¹²¹ Informações obtidas dos fregueses/consumidores no trabalho de campo em Arapiraca/AL e Itabaiana/SE em 2015.

Por fim, cabe destacar que a maioria dos entrevistados informou que além de irem ao centro da cidade para frequentarem a feira, vão usufruir de outros serviços disponíveis aí, que são ausentes em seus bairros e ou cidades. Entre os principais motivos que os levam a fazerem esse descolamento até o centro estão: compras em lojas, serviços bancários e de saúde, trabalho, passeio, procurar por emprego, cartório, ida ao shopping etc.

CAPÍTULO 6

**Notas sobre a organização espacial das principais atividades econômicas nos
dois centros regionais em análise**

6.1. Apontamentos acerca das principais funções em Arapiraca/AL e Itabaiana/SE

6.1.1. Algumas considerações sobre as funções na Capital Agrestina do Fumo

A cidade de Arapiraca, uma das que mais cresce dentre os 102 municípios alagoanos, tem um comércio variado e heterogêneo. Veio ganhando força após sua Emancipação Política em 1924, alcançando patamares maiores com a comercialização do fumo, junto com os demais produtos manufaturados e agrícolas já cultivados em seu território e comercializados, principalmente, em dias de feira. Décadas após a emancipação, passou a ser um centro geográfico de destaque no interior do estado, continuando a interligar o litoral ao interior e o norte ao sul, abastecendo a própria cidade e circunvizinhança, presenciando uma intensificação maior das funções as quais passava a exercer.

Arapiraca possui uma grande quantidade de minifúndios e uma variedade ímpar nas culturas produzidas nestas terras: o fumo que ainda é produzido (mesmo que em menor escala), a mandioca (tradicional na cultura do povo nordestino), o abacaxi (com destaque para o povoado Poção), as hortaliças (Arapiraca é referência nesse tipo de cultivo e é responsável por 80% do abastecimento do Estado¹²² e fonte de renda para grande parte da população rural) e diversas outras como milho, inhame, feijão etc. Nesse sentido, percebe-se que,

No meio rural, tem destaque a fruticultura irrigada e a produção de alface, coentro, couve e cebolinha. O cinturão verde de Arapiraca é responsável por 90% do abastecimento de Maceió. Há ainda plantação de fumo, em menor quantidade que outrora. Tem havido a expansão da lavoura de mandioca. A avicultura e a pecuária contribuem com a produção de leite, de carne, de ovos que têm destinos certos para a comercialização. A agricultura continua tendo uma forte influência na economia local, mas outros setores cresceram e ganham cada dia mais destaques, tais como o setor de serviços e também o comércio (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2012, p. 86).

Atualmente, além de ser destaque na agricultura, possui comércio de grande porte se considerado a partir das cidades nordestinas, excetuando as capitais estaduais, mas, em alguns casos chega a competir diretamente com tais. O gráfico

¹²² Dado obtido em PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Perfil Arapiraca/AL**. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços. 2009.

26 (Microrregião de Arapiraca/AL: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012) apresenta a porcentagem de estabelecimentos da Microrregião de Arapiraca.

Gráfico 26 – Microrregião de Arapiraca/AL: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento MES., ano de 2012. Acesso em 12 de março de 2014 às 17h41min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Os dados de 2012 comprovam a importância do setor de comércio e de serviços em Arapiraca e região. Se for feita comparações com o gráfico 27 Alagoas: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012, percebe-se que na microrregião referida o setor de comércio alcançou 62%, seguido de serviços com 25% e da indústria com 8%, enquanto que no estado o setor de comércio atingiu 48%, seguido do de serviços com 35% (acima da Microrregião de Arapiraca) e da indústria com 7%, abaixo da microrregião.

Gráfico 27 – Alagoas: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012

Fonte: Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento Id, ano de 2012. Acessado em 10 de março de 2014 às 16h35min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

O comércio arapiraquense tem para sua região e estado, as mesmas funções e importância que as cidades de Campina Grande, Caruaru, Feira de Santana, Itabaiana e tantas outras cidades agrestinas têm para suas regiões e estados. A influência regional e até nacional se verifica mediante produtos (tanto rural como industrializados) que são destinados a cidades e estados outros (sejam do Nordeste ou para às demais regiões brasileiras). O mapa 6 (Arapiraca/AL: Capital Regional C e Região de Influência – 2007) mostra a influência da capital Maceió, da cidade de Arapiraca e de outras cidades (Porto Calvo, União dos Palmares, São Miguel dos Campos, Palmeira dos Índios, Penedo, Batalha, Olho D'água das Flores, Pão de Açúcar, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia) que chegam a ter influência dentro do estado de Alagoas. Nota-se que Arapiraca, enquanto Capital Regional C¹²³, tem um raio de influência bastante expressivo, atingindo todo centro e interior do estado.

Mapa 6 – Arapiraca/AL: Capital Regional C e Região de Influência – 2007

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Regiões de Influência das Cidades/REGIC 2007.** Rio de Janeiro, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2008. 201p. Acessado em www.ibge.gov.br às 15h34min aos dias 11 de setembro de 2015.

¹²³ Capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, tendo área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de município. Apresenta medianas de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos segundo o REGIC (2007).

No comércio, principalmente na zona urbana, merece destaque o grande número e variedade de estabelecimentos voltados à alimentação¹²⁴ (supermercados, lanchonetes, restaurantes entre outros) e vestuário (lojas de roupas masculina, feminina, infanto-juvenil, confecções, tecidos etc.). É forte também o comércio voltado para construção, eletrodomésticos, revendedoras de veículos, farmácias e tantos outros estabelecimentos comerciais, a exemplo do Grupo Ricardo Barreto/COAGRO: produtos agropecuários; Luna Avícola: aves e ovos; Carajás: materiais de construção e mais recentemente a presença do primeiro shopping no interior (Pátio Arapiraca Garden Shopping). Exemplo desse amplo comércio arapiraquense pode ser visto mediante a imagem 9 – Arapiraca/AL: Estabelecimentos comerciais e Garden Shopping – 2013 e 2015

Imagem 9 – Arapiraca/AL: Estabelecimentos comerciais e Garden Shopping – 2013 e 2015

Fonte: Crédito: FIRMINO, P. C. F. Arquivo particular do autor.

¹²⁴ Destacam-se as grandes cadeias de supermercados presentes em Arapiraca que competem com os mercadinhos e mercearias. São elas: o GBarbosa, Maxxi Atacado (Grupo Walmart), Atacadão (Carrefour), Rede Unicompra. Também sobressaem as distribuidoras de alimentos (Líder Distribuidora, S Pessoa, Dinâmica, Andrade, Mervil e ASA Branca) e as indústrias (Vinagre Camarão, Grupo Coringa, Doces Popular e Trigo e Cia).

Mediante informações obtidas através da Prefeitura Municipal de Arapiraca/AL (2013b), “a atividade comercial, especialmente o comércio varejista, é um dos setores mais importantes da cidade devido à grande diversidade de artigos e mercadorias que oferece, o município conta com 5.656 empresas nesta área”. A maioria dessas mais de cinco mil empresas está inserida entre micro e pequenas, graças, sobretudo, ao espírito empreendedor de seu povo. Empresas que têm ganhado mercado e assumido posto de destaque, com diversificação na produção e criação nas várias formas de competir, contribuindo para que a cidade continue a ser o maior polo comercial no interior alagoano.

Ao falar na cidade Capital Agrestina do Fumo não se deve esquecer os serviços que fazem parte integrante das funções desempenhadas pela mesma. Arapiraca tem cadeira cativa em toda a região no que concerne aos serviços, são 3.504 empresas prestadoras de serviços (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2013a). Este setor é muito diversificado, contando com a forte presença dos ramos de saúde e educação, finanças e indústrias etc.

Os serviços educacionais no município arapiraquense têm apresentado crescimento e se destacado como centro educacional. Está presente não somente o nível fundamental e médio, como o médio técnico e o superior, além é claro dos diversos cursos profissionalizantes em diversas áreas e os cursos de línguas. Esses serviços veem contribuir significativamente no desenvolvimento, aumentando e fortalecendo as perspectivas de futuro da população e da circunvizinhança, de modo que Arapiraca vem representar grande centro de educação no Agreste de Alagoas.

O ensino fundamental está presente em 86 estabelecimentos de ensino, sendo 57 de responsabilidade do poder municipal¹²⁵ (incluindo as escolas de tempo integral, que em 2012 foram registradas 10 escolas), 8 do poder estadual (estas escolas coordenadas pela 5ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação, com sede em Arapiraca, coordenando diversas outras escolas de várias cidades agrestinas) e 21 do poder privado. O ensino médio não tem nenhum estabelecimento que seja de responsabilidade do poder municipal, esse ensino é de responsabilidade do estado, que contabiliza 7 estabelecimentos. Na rede privada de

¹²⁵ Em relação à educação municipal na cidade é possível contabilizar os seguintes números de acordo com a Prefeitura Municipal de Arapiraca/AL (2012): a) alunos matriculados na rede pública municipal (ensino fundamental) – 32.383 alunos; b) frequência de alunos no EJA (Educação de Jovens e Adultos) – 2.985 alunos; c) alunos utilizando transporte escolar – 3.978 alunos; d) crianças beneficiadas pelo Programa Nacional de Merenda Escolar (PNAE) – 32.383 alunos.

ensino também são mais 7 estabelecimentos. Esses dados são possíveis de ver a partir do quadro 23 (Arapiraca/AL: Quantitativo de alunos matriculados segundo o nível escolar – 2010).

Quadro 23 – Arapiraca/AL: Quantitativo de alunos matriculados segundo o nível escolar – 2010

Nível Escolar	Número de Alunos Matriculados
Creche	1.473 estudantes ¹²⁶
Pré-escolar	6.254 estudantes
Alfabetização	2.952 estudantes
Alfabetização de Jovens e Adultos	343 estudantes
Ensino Fundamental	41.256 estudantes
Ensino Médio	11.979 estudantes
Superior de Graduação	5.693 estudantes
Mestrado, Especialização ou Doutorado	464 estudantes
Total	70.414 estudantes

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Plano decenal de Arapiraca:** desenvolvimento territorial sustentável no Agreste alagoano. Secretaria Municipal de Planejamento. Arapiraca, 2012.

Em relação ao ensino superior tinha para o ano de 2011, 12 estabelecimentos de ensino (1 estadual, 2 federais e 9 privados). Dados mais atualizados da Prefeitura Municipal de Arapiraca/AL (2013b) contabilizam 10 o número de instituições privadas de ensino superior, não necessariamente instituições iguais as do ano de 2011. Fazendo um cruzamento entre esses dados, mais outra instituição de ensino contabilizada mediante o trabalho de campo (2014), a Universidade Tiradentes/Unit, constatou-se a presença de 16 estabelecimentos de ensino superior particular e 19 estabelecimentos no geral – públicos e particulares.

O ensino superior em Arapiraca está bastante diversificado. Possui um grande quantitativo de universidades, tanto pública quanto privada, ofertando curso superior que abrange da licenciatura ao bacharelado, cursos de especialização em várias áreas e também curso de mestrado. Dentre as universidades públicas destaca-se o Campus I da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL, que em sua maioria possui cursos voltados para licenciatura; a Universidade Federal de Alagoas/UFAL, que desde o segundo semestre de 2006¹²⁷ está presente na cidade ofertando diversos outros cursos; e também o Instituto Federal de Alagoas/IFAL. Segundo Silva (2015), as Instituições de Ensino Superior/IES presentes no território

¹²⁶ Em 2012 o número de crianças matriculadas na rede de creches (23 ao todo, sendo 8 na zona rural e 15 na zona urbana) era de 2.395.

¹²⁷ “2006 seria o ano mais emblemático na história da educação superior em Arapiraca nesse novo milênio. Primeiro, por assinalar a extensão da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, com a implantação de doze cursos de natureza pública. Segundo, pela criação da primeira Universidade pública estadual no interior do estado, com a transformação da FUNESA em Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)” (SILVA, 2015, p. 93).

de Arapiraca são as que estão expostas no quadro 24 (Arapiraca/AL: Relação das IES, polos de ensino e estrutura – 2011).

Quadro 24 – Arapiraca/AL: Relação das IES, polos de ensino e estrutura – 2011

Instituição	Natureza	Modalidade	Estrutura Física
CEAP	Privado	Distância	Em parceria com a Faculdade CESAMA
CENFAP	Privado	Distância	-
Centro de Ensino Superior Arcanjo Michael de Arapiraca - CESAMA	Privado	Presencial	Sede própria
Centro de Estudo Superior de Maceió – CESMAC	Privado	Presencial	Em parceria com o Colégio Bom Conselho
Faculdade São Luiz de França	Privado	Distância	Em parceria com o Imagi Cursos
Faculdade de Ensino Regional Alternativo – FERA	Privado	Presencial	Sede própria, mas em parceria com o Colégio Alternativa
Faculdade de Tecnologia e Ciência - FTC	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Santa Barbara
Faculdade Integrada de Patos-FIP	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio São Francisco
Fatec Internacional	Privado	Distância	Sede própria
Faculdade Interativa - COC	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Rosa Mística
Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER	Privado	Distância	Sede própria
Faculdade São Tomás de Aquino – FACESTA	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Ideal
Faculdade Integrada Tiradentes – FITS	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Êxito
Grupo EADCOM	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Premium
Instituto de Ensino Superior Santa Cecília – IESC	Privado	Presencial	Sede própria, mas em parceria com o Colégio Santa Cecília
Instituto de Educação de Superior do Brasil – IESB	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Hugo Lima
LFG Cursos	Privado	Distância	Em parceria com o Mini Shopping
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL	Público	Presencial	Sede própria, mas em parceria com o Colégio Costa Rego
Universidade Federal de Alagoas – UFAL	Público	Presencial	Sede própria
Universidade Luterana do Brasil – ULBRA	Privado	Distância	Sede própria
Universidade Norte do Paraná – UNOPAR	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Santa Afra
Universidade Paulista - UNIP	Privado	Distância	Em parceria com o Colégio Alternativa

Fonte: SILVA, S. dos S. **Usos do território e expansão do ensino superior em Arapiraca – Alagoas.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – Curso de Geografia, Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2015.

Esses estabelecimentos de ensino (particulares e/ou públicos), seja fundamental, médio, técnico e/ou superior, têm contribuído significativamente na formação da população não só de Arapiraca, como de todo o interior alagoano, região Agreste e Sertão, e também de outros estados (principalmente para cursarem

o ensino superior e/ou técnico). Assim, pode-se afirmar segundo a Prefeitura Municipal de Arapiraca (2012, p. 60), que “a implantação e fortalecimento das instituições de ensino superior em Arapiraca contribuem para o desenvolvimento local como também vêm beneficiando todo o agreste e o sertão alagoano”.

O serviço de saúde conta com uma diversidade de hospitais, clínicas etc. Concentra o maior atendimento médico do interior, abrangendo de simples consultas a diversos procedimentos cirúrgicos, para tal, conta com a Unidade de Emergência do Agreste/UEA. Outros estabelecimentos podem ser citados: Casa de Saúde e Maternidade Afra Barbosa, Casa de Saúde e Maternidade N. Sra. de Fátima, Sociedade Beneficente N. Sra. do Ó, Hospital Santa Maria, Hospital Chama, Hospital Regional de Arapiraca e Hospital São Lucas.

Arapiraca, “constitui-se em sede de um polo estadual de assistência em saúde para cerca de 67 município do Estado de Alagoas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2012, p. 74), é também referência na prestação de serviços ambulatoriais e hospitalar, atendendo 46 municípios de acordo com o Plano Diretor de Regionalização, com 4.546.469 procedimentos ambulatoriais e 30.929 internações na rede hospitalar.

Além do atendimento prestado pelo Sistema Único de Saúde/SUS, encontra-se atendimentos nos Postos de Saúde da Família/PSF, atendendo diretamente nas comunidades. Dados da Prefeitura Municipal de Arapiraca/AL (2013b) mostram que a cidade possui 53 Estratégias de Saúde da Família/ESF e 6 Programas de Agente Comunitário de Saúde/PACS, 35 Unidades Básicas de Saúde, 9 Unidades de Referência, 1 Centro de Diagnóstico, 1 Centro de Medicina Física e Reabilitação/CEMFRA, 1 Centro de Testagem e Aconselhamento/CTA, 1 Centro de Atenção Psicossocial/CAPS, 1 Centro de Referência de Saúde do Trabalhador/CEREST, 1 Centro de Controle de Zoonoses, Farmácias Populares, Banco de Leite Humano, Laboratório Municipal, Central de Abastecimento Farmacêutica/CAF, Ambulatório de Feridas, Centro de Referência Integrado de Arapiraca/CRIA.

A rede bancária no território de Arapiraca é composta por uma gama de agências bancárias, tanto públicas quanto privadas¹²⁸, com influência em várias

¹²⁸ Para Santos ([1959] 2012, p. 88) “o banco pode ser considerado como uma verdadeira atividade ‘conservadora’, destinada quase exclusivamente ao puro e simples comércio do dinheiro. Isso explica seu enorme poder”.

idades do interior do estado, visto que, grande parte dessas cidades não possuem agências bancárias de todos os bancos que estão instalados em Alagoas¹²⁹, alguns se concentram em Arapiraca e todos os outros presentes em Alagoas têm pelo menos uma agência em Maceió.

Essa concentração de agências bancárias mostra que a centralidade exercida por Arapiraca, também é reflexo da instalação desses fixos em território arapiraquense. Os bancos presentes são o BB, Banco do Nordeste do Brasil/BNB, a CEF (em 2013 era “considerada o maior banco público da América Latina, sobretudo no seguimento das políticas públicas voltadas ao financiamento de programas de desenvolvimento” (MEDEIROS, 2013, p. 79)), HSBC, Banco Itaú/BI, Banco Bradesco/B BRADESCO e Banco Santander/BS. Também estão presentes casas lotéricas, que pertencem à CEF, e o banco postal – os correios. A tabela 9 (Arapiraca/AL e Alagoas: Agências por instituições financeira – 2015) apresenta o quantitativo de bancos em Alagoas e Arapiraca.

Tabela 9 – Arapiraca/AL e Alagoas: Agências por instituições financeira – 2015

Bancos	Nº de agências em Alagoas	Nº de Cidades com agências	Nº de agências em Arapiraca
Banco do Brasil S.A.	70	52	2
Caixa Econômica Federal	48	27	4
Banco Bradesco S.A.	46	36	2
Banco do Nordeste do Brasil S.A.	15	13	1
Itaú Unibanco BM S.A.	11	2	1
Banco Santander (Brasil) S.A.	7	2	1
HSBC Bank Brasil S.A.	3	2	1
Banco Daycoval S.A.	1	1	-
Banco Industrial e Comercial S.A.	1	1	-
Banco Intermedium S.A.	1	1	-
Banco Safra S.A.	1	1	-

Fonte: BACEN em janeiro de 2015. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.; SANTOS, F. B.

¹²⁹ Segundo Medeiros, (2013, p. 73) em 2013 a estrutura bancária de Alagoas estava “composta por doze instituições financeiras [Banco Bradesco S. A., Banco Daycoval S. A., Banco do Brasil S. A., Banco do Nordeste do Brasil S. A., Banco Industrial e Comercial S. A., Banco PSA Finance Brasil S. A., Banco Rural S. A., Banco Safra S. A., Banco Santander Brasil S. A., Caixa Econômica Federal, HSBC Bank Brasil S. A., e Itaú Unibanco S. A.] que atuam a partir dos fixos geográficos tradicionais (agências bancárias, Postos de Atendimento Avançado (PAA’s) e Postos de Atendimento Bancário (PAB’s))”. Desse quantitativo dois já não estão presentes em território alagoano, o Banco PSA Finance Brasil S. A. e o Banco Rural S. A., porém, outro passou a funcionar em Alagoas, o Banco Intermedium S. A.

O desenvolvimento econômico de Arapiraca é impulsionado também pelo setor industrial que tem tido crescimento nas últimas décadas¹³⁰, o que é visível também em Alagoas, conforme pode ser visto na tabela 10 (Alagoas: Quantitativo de empregados por setor – 1995 a 2013) e no gráfico 28 (Alagoas: Evolução do emprego por setor – 1995 a 2013), onde nota-se um aumento no número de trabalhadores quase que por completo em todos os setores, porém, no setor industrial teve uma queda entre 2010 e 2013, no setor de serviços a leve queda entre 1995 a 2000 foi compensada nos anos seguintes, assim como a administração pública, já o setor ‘agropecuária, extração vegetal, caça e pesca’ teve aumento de 1995 a 2000, mas com queda nos anos posteriores.

Tabela 10 – Alagoas: Quantitativo de empregados por setor – 1995 a 2013

Setor - IBGE	Ano				
	1995	2000	2005	2010	2013
Extrativa Mineral	347	483	560	782	1.020
Ind. de Transformação	63.585	61.113	95.978	105.087	92.847
Const. Civil	5.739	10.159	12.689	27.986	33.240
Comércio	24.023	32.159	47.063	73.322	89.749
Serviços	56.849	55.622	69.446	101.442	122.441
Adm. Pública	100.751	89.879	126.999	147.926	155.142
Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca	16.192	19.971	10.668	9.829	9.575
Total	267.486	269.386	363.403	466.374	504.014

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm Acessado em 09 de maio de 2015 às 12h43min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 28 – Alagoas: Evolução do emprego por setor – 1995 a 2013

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm Acessado em 09 de maio de 2015 às 12h43min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

¹³⁰ Esse crescimento também é visto no Nordeste, o que leva a Araújo (1984, p. 73) na década de 80, afirmar que “o esperado dinamismo industrial de fato ocorreu nos últimos vinte anos. As atividades industriais experimentaram rápida expansão, com o produto do setor industrial crescendo a taxas médias em torno dos 9% anuais”.

A chegada de novas indústrias e a permanência das já existentes é fruto dos investimentos realizados em infraestruturas, de forma a segurar tais indústrias em território arapiraquense. Não será abordada aqui a questão da função industrial na cidade, visto que os próximos tópicos apresentaram a gênese e o processo industrial de Arapiraca.

Outros serviços a destacar são os relacionados com a comunicação¹³¹, hospedagem e alimentação. De acordo com a Prefeitura Municipal de Arapiraca/AL (2009), a rede hoteleira era composta por 14 estabelecimentos envolvendo hotéis e pousadas¹³². Em relação à alimentação existiam inúmeros estabelecimentos entre restaurantes, lanchonetes, bares, botecos¹³³ etc. Por fim vale destacar que em 2010 foram contabilizados pelo IBGE, em relação ao número de empregos formais na cidade, os dados seguintes: comércio com 10.858 e o setor de serviços com 5.292. Esse número veio representar na época 60,4% dos empregos formais na cidade.

6.1.2. Evidenciando as funções principais na Capital Nacional do Caminhão

O ato de negociar nas terras serranas de Itabaiana está enraizado praticamente desde quando do surgimento do próprio estado de Sergipe. A cidade em fins do século XVI e início do século XVII já demonstrava ser capaz de se desenvolver economicamente e tinha como via para um futuro promissor a criação do gado e sua respectiva feira. Ao longo dos anos a prata e o ouro tornaram-se elementos de maiores destaques, passou-se então uma busca intensa por eles

¹³¹ Pode citar também a “Empresa de Correios e Telégrafos que mantém agências locais, que por sua vez atendem aos bairros e povoados. Os meios de comunicações locais estão presentes por meio de duas rádios AMs e três FM’s; três retransmissoras de TV e dois jornais impressos, e ainda há a presença de boletins e blogs on-line” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2012, p. 90).

¹³² São os seguintes: “Hotel Plaza, Hotel San Sebastian, Hotel Brasil, Hotel Real, Hotel Divan, Hotel Joia, Hotel Nacional, Hotel Pequeno Príncipe, Hotel Monte Carlo, Hotel Insinuante, Hotel Sol Nascente, Hotel Santa Maria, Pousada Girassol e Hotel Pousada Talismã”.

¹³³ Alguns exemplos podem ser citados: a) Restaurantes – Espaço 2000, Potyguar, Labareda’s Grill, O Inchuí, O Coringão, Rodocenter, Favorito’s, Zé Baixinho, Divan, Spettu’s Grill, Mariah Grill, Rodízio Gaúcho, Self Service AABB, Bar e Restaurante do Caranguejo, Restaurante do Luiz, Chona Fast Food, Luaro Sertão Comida Regional, Restaurante e Choparia Maceió LTDA e Sabor Nordestino Comida Caseira; b) Bares – Bar do Caldinho, Mosaico’s PUB, Bar do Pangola, Bebeketo, Bar do NÉ, Divino Shopp; c) Pizzarias – Divina Massa, Espaço’s Pizza, MilGraus Pizza, Mascaro Pizza, Flamboyant, Peça Pizza, Sabor Carioca e Pizzaria Dom Peponi.

(apesar de não ter sido encontrado ouro em Itabaiana, a mesma ficou conhecida durante muito tempo como terra do ouro¹³⁴).

O cultivo da cana e do algodão em períodos anteriores eram quem sobressaíam, hoje ganha destaque com forte produção de frutas, verduras e hortaliças, um comércio bastante amplo e variado (visto pela quantidade de lojas e prestação de serviços), bem como as indústrias que estão se solidificando, atrelado a importância exercida pela feira, que atrai compradores, comerciantes, visitantes e investidores, contribuindo a cada ano para que a cidade se desenvolva economicamente.

A posição geográfica¹³⁵ ocupada pela cidade¹³⁶ é um dos fatores, porém, não o determinante, que tem contribuído no seu desenvolvimento. Contando com uma mão de obra disposta para o trabalho, uma população que tem tido um aumento em suas rendas (graças ao desenvolvimento da agricultura, do comércio, da indústria e porque não dizer da própria pecuária) e as várias facilidades trazidas pelos transportes de cargas, que é significativamente importante, têm favorecido a grande variedade de produtos com boa qualidade e facilidade de negociação no comércio.

Antes de a cidade alcançar o atual patamar, com variedade nas diversas funções existentes em seu comércio, o que se tinha eram armazéns de secos e molhados. Segundo o IBGE (1944), nos inícios da década de 1940, os 219 estabelecimentos comerciais de Itabaiana estavam distribuído da seguinte forma,

Manuel Francisco Teles, largo Santo Antônio, 11 (ferragens, miudezas, tecidos e molhados); Antônio Teixeira, largo Santo Antônio, 34 (tecidos e chapéus); Irineu Pereira de Andrade, rua 13 de maio, 45 (ferragens, miudezas e drogas); Antônio Vasconcelos, largo Santo Antônio, 4 (armarinho e miudezas); Antônio Dutra de Almeida, rua General Siqueira, 92 (ferragens e armas de fogo); Abílio Andrade, largo Santo Antônio, 1 (tecido em geral) e José dos Santos Queiroz, largo Santo Antônio, 32 (tecidos e chapéus)" (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE, 1944, p. 118-119).

¹³⁴ Segundo a Prefeitura Municipal de Itabaiana (s/d), "era imensa a cobiça. As minas de Itabaiana, conhecidas em Portugal, Espanha e Holanda, uma das preocupações da Coroa, despertava constantes interesses através de correspondências (...). As minas de prata e ouro influíram como um dos fatores na colonização de Itabaiana e de nosso território".

¹³⁵ "As áreas mais dotadas de recursos naturais, ou que ocupam geograficamente uma posição privilegiada (litoral, boa acessibilidade ao porto etc.), ou mesmo as que historicamente foram pioneiras no desenvolvimento de um povoamento, encontram-se com vantagens comparativas em relação às demais regiões, para um processo de desenvolvimento industrial" (KOM, 1994, p. 174).

¹³⁶ Existe na cidade de Itabaiana, na Praça Fausto Cardoso, um monumento de concreto chamado ponto geodésico, que representa o ponto central de Sergipe, "ou seja, Itabaiana localiza-se ao centro do estado sendo um município com diversas vias de acesso em todos os sentidos" (GUIA PERFIL DO COMÉRCIO, 2015 p. 20).

Posteriormente foram surgindo outros armazéns, bodegas e várias outras casas comerciais, desdobrando-se nos grandes supermercados, lojas e diversos estabelecimentos espalhados pela cidade. É possível destacar a presença de grandes redes de supermercados com origens em Itabaiana e hoje são referências nacionais, uma dessas é o Gbarbosa, que pertencia a Euclides Paes Mendonça.

Pode-se dizer que o comércio itabaianense começou a se expandir com a presença cada vez mais maciça de caminhoneiros na cidade. As viagens que estes faziam entre a cidade e outros estados e regiões do Brasil deram a possibilidade de ter acesso a outras mercadorias, sendo estas postas no mercado e vendidas a preços mais acessíveis. É de mais ou menos 1956 os relatos de que os caminhões já existiam em grande número¹³⁷ fazendo essas viagens ao Sudeste e Sul do país.

O comércio de Itabaiana é tido como o maior do interior sergipano, contando com mais de cinco mil empresas dos mais variados ramos e preços bastante diversificados, essas empresas geram aproximadamente 11 mil empregos diretos, ainda existem no comércio da cidade, 1839 estabelecimentos comerciais, incluindo os ramos indústrias e os diversos tipos de serviços (GUIA PERFIL DO COMÉRCIO, 2015). O gráfico 20 mostrou que quase 50% dos estabelecimentos presentes na Microrregião de Itabaiana referem-se ao setor de comércio e outros 39% compreendem os serviços e indústria. Neste caso a Microrregião apresenta 2% a menos se comparado com o estado de Sergipe, porém, 9% a mais no que concerne ao comércio, que pode ser visto a partir do gráfico 29 – Sergipe: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012.

¹³⁷ Nos anos de 1942 os veículos existentes em Itabaiana foram contabilizados em: “automóveis, 5; auto caminhões, 8; ônibus (marinettes), 3; carros de boi, 93; carros de duas rodas, 4; e bicicletas, 3” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE, 1944, p. 118).

Gráfico 29 – Sergipe: Porcentagem de estabelecimentos Grande Setor – 2012

Fonte: <http://www.mte.gov.br>. RAIS Estabelecimento Id, ano de 2012. Acessado em 10 de março de 2014 às 16h35min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Alguns exemplos de segmentos comerciais presentes no comércio de Itabaiana são os de moda íntima, acessórios, roupas femininas e masculinas, moda bebê, brinquedos e presentes, perfumaria, beleza, alimentação (restaurantes, supermercados, bares, lanchonetes etc.), óticas, lojas de móveis, sapatarias, lojas de serviços de construção civil (pisos, revestimentos, louças, material elétricos, hidráulicos, gesso, granito, cerâmica etc.) atreladas aos profissionais da área (engenheiros, arquitetos e pedreiros), clínicas de saúde e laboratórios, concessionárias de automóveis, transportes entre tantos outros (Imagem 10 – Itabaiana/SE: Variedade do comércio – 2015).

Imagem 10 – Itabaiana/SE: Variedade do comércio – 2015

Fonte: Crédito: FIRMINO, P. C. S. Arquivo particular do autor.

De acordo com o Guia Perfil do Comércio (2015), existem na cidade aproximadamente 197 estabelecimentos direcionados ao setor de transporte, seja moto, carro ou caminhão¹³⁸. Dentre os ramos citados no parágrafo anterior, merece maior atenção o de caminhões, que,

Devido a crescente atividade caminhoneira em Itabaiana, o setor especializou-se, emprega e oferece serviços como: fabricação de carrocerias, assistência técnica e mecânica, chaparia, lanternagem, alimentação e balanceamento, pinturas e diversos serviços do ramo (MENDONÇA, 2012, p. 31).

Estão presentes na cidade, inúmeras lojas relacionadas com esse meio de transporte. Lojas que abrangem desde peças e diversos acessórios até lojas de revenda de caminhões novos e usados¹³⁹, bem como fabricação e venda de

¹³⁸ No referido guia foram contabilizados em 26 o número de oficinas, 7 de marcenaria, 14 madeireira, 1 indústria de carrocerias, 1 fábrica de molas, 12 fábricas de carrocerias e dezenas de lojas de peças e acessórios.

¹³⁹ “A cidade conta com aproximadamente 20 empresas, que concentram principalmente na revenda de caminhões, motocicletas ou de veículos seminovos” (CARVALHO; COSTA, 2009, p. 7).

carrocerias, levando a assertiva de que “a cidade possui a maior proporção destes veículos por pessoa do país, como também a maior concentração de autopeças e acessórios do nordeste” (GUIA PERFIL DO COMÉRCIO, 2015, p. 50).

Além do grande comércio voltado aos transportes, tanto para caminhões quanto para as motos, destaca-se também, a comercialização de roupas e de joias. Em relação às lojas de roupas, Itabaiana torna-se referência, presente em seu comércio, vestuário que chega de grandes centros, principalmente, dos principais centros do país, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e de outros centros como as cidades de Caruaru e Toritama em Pernambuco¹⁴⁰.

O comércio de joias é outro destaque, sejam apenas bijuterias ou aquelas feitas de ouro¹⁴¹ puro, onde os preços são melhores até se comparados com o da capital, são produtos variados e acessíveis, que por vezes, têm estimulado o surgimento de indústrias voltadas para o ramo de joalheria. Dentro do comércio itabaianense de joias, pode-se citar as joalherias “A Pérola Joias”, “A Novidade”, “Brilho de Ouro”, “O Garimpo” e diversas outras¹⁴², mostrando que “a movimentação do mercado de joias, semi joias e similares é bastante intensa e aumenta muito nos dias de feira” (GUIA PERFIL DO COMÉRCIO, 2015, p. 49).

O ramo alimentício em Itabaiana, no caso específico dos supermercados, torna-se um ‘ingrediente’ fundamental na economia da cidade. Itabaiana é berço de três grandes redes de supermercado: GBarbosa¹⁴³, que em 2012 chegou a ocupar a 49ª posição entre as 1000 maiores empresas do Brasil (VALOR 1000, 2013); o grupo Paes Mendonça (hoje está distribuída entre o grupo Pão de Açúcar, Carrefour); e o Bompreço, que não é mais da família, porém, a marca (criada por Pedro Paes Mendonça) é a mesma e os prédios onde estão localizados ainda são de seu filho, João Carlos Paes Mendonça. Eles eram de uma região que pertencia a

¹⁴⁰ Juntamente com Santa Cruz do Capibaribe e outros 10 municípios da região, Caruaru e Toritama compõem o Polo de Confecções do Agreste, um dos maiores do Brasil, estimando-se uma movimentação de cerca de R\$ 2 bilhões por ano.

¹⁴¹ “O ouro comercializado em nosso município se origina do Sul e Sudeste do país, especificadamente do Rio Grande do Sul e São Paulo” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE, s/d, p. 28). Para Santos (2013) o comércio de ouro em Itabaiana com os seus mais de 100 anos, tem suas origens nas décadas de 10 e 20, em pequenos comércios com seus famosos ourives, que compravam ouro quase em estado original de Minas Gerais e o trabalhava a mando e formatação ao gosto do cliente.

¹⁴² Além das já citadas, conta ainda com a presença das seguintes joalherias: Adga Semi Joias, Brilhante Joias, Diamante Joias, Diniz & Diniz Folhados e Acessórios, DK Folhados, Eletrojoias, JM Semi Joias, Kamila Joias, Karib Joias, Leal Joias, MD Joias, Melline Semi Joias, Pérola Comercial de Joias e Relógios, Portela Joias, SGA Joias, WS Joias e Relógios e Zafira Joias.

¹⁴³ O setor de atividade do GBarbosa é o de comércio varejista, registrando uma receita líquida (em R\$ milhões) de 8.401.2 (VALOR 1000, 2013).

Itabaiana, um povoado chamado Serra do Machado que hoje faz parte de Ribeirópolis. Para Mendonça (2012, p. 16), “a nossa tradição comercial é tão grande que as três maiores redes de supermercados do Nordeste foram criadas pelos Itabaianenses: Pedro Paes Mendonça, Mamede Paes Mendonça e Gentil Barbosa”.

Mediante os três exemplos acima fica evidente a força e a disposição do povo de Itabaiana para se dedicarem ao comércio. Seguindo nesse caminho, tem-se nos dias presentes outra família que também merece destaque nesse ramo varejista, são “Os Peixoto”, e pela proporção que estes começam a ganhar, tudo indica que se tornará uma grande rede não somente no estado como em todo o Nordeste, e porque não ousar em dizer do Brasil. A história econômica dessa Família tem sua gênese no ano de 1980, quando da criação de um armazém fundado pelo conhecido “Miguelzinho” (tio dos irmãos Peixoto), que começando a trabalhar e se desenvolver vai ganhando espaço no comércio da cidade. Com a necessidade de contratar uma mão de obra para trabalhar em seu armazém, resolve empregar dois de seus sobrinhos¹⁴⁴, que após adquirirem certa experiência trabalhando junto com seu tio, resolvem abrir negócio próprio, criando então, uma pequena bodega, próximo ao cemitério Santo Antônio na Av. Dr. Luiz Magalhães (via de acesso para quem vai ou vem de Aracaju pela BR-235).

Antes mesmo de trabalharem no armazém, esses irmãos trabalhavam na feira livre, voltando para esta, mesmo depois de terem passado pela experiência do comércio fixo. Entretanto, como já tinham travados vários conhecimentos com muitos representantes, optaram por seguirem negociando com compra e venda de produtos em local que não necessitasse ter um deslocamento todos os dias como é o caso da feira livre. Sendo assim, alugaram uma garagem em condições precárias para darem início ao que mais tarde seriam os Supermercados Peixoto. Em 1983 surge o primeiro mercadinho, que segundo José de Almeida Bispo¹⁴⁵ “isso se deve em parte a um atendimento formidável, ainda hoje quase todos são assim, são comerciantes finos, pessoas que nasceram para o comércio e vivem do comércio”.

Em 1990 com o negócio meio que já consolidado, começaram a se separar. Motivos, em sua maioria, familiares e para evitar quaisquer tipos de brigas e

¹⁴⁴ Saídos da área rural de Itabaiana, mais precisamente, da área de Cajueiro, povoado da cidade, cresceram com o apoio do tio. Foram aos poucos comprando cargas e sobrecargas de caminhoneiros e revendendo em seu pequeno comércio, este por sua vez ia se agigantando. Posteriormente cada um dos irmãos (Josias Peixoto, Pedro Peixoto, Nunes Peixoto e Messias Peixoto) conseguiram se estabelecer e terem seus próprios negócios.

¹⁴⁵ Informação verbal fornecida por José de Almeida Bispo em Itabaiana/SE em 2013.

desentendimentos, decidiram que a melhor opção era cada um seguir com seu próprio negócio. Porém, nos momentos em que é preciso tomar decisões acerca dos supermercados, juntam-se e buscam entrarem em consenso sobre vários assuntos, entre eles a compra de mercadorias, por isso têm preços melhores.

Os supermercados da rede Peixoto são: Messias Peixoto, Irmãos Peixoto, Nunes Peixoto e Supermercado Peixoto¹⁴⁶. De acordo com uma pesquisa feita pela Revista Itabaiana (2015) em relação a alguns produtos (açúcar, arroz, feijão, óleo, sal e farinha) comercializados nos principais supermercados de Itabaiana, pode-se constatar que o melhor preço ficou com o Supermercado Irmãos Peixoto, com a média de R\$ 12,20 seguido do Messias Peixoto (R\$ 12,44), Supermercado Peixoto (R\$ 12,75), Nunes Peixoto (R\$ 13,80) e por último o Gbarbosa (R\$ 14, 24).

Além dos supermercados, começaram em 2014 a construção de um grande empreendimento na área da Vila Olímpia de Itabaiana, próximo a Polícia Rodoviária Federal na chegada da cidade. Verifica-se que talvez essas iniciativas sejam inspiração do que aconteceu com os Paes Mendonças. Têm-se ainda as pequenas lojas em outros ramos que pertencem direta ou indiretamente a esta família.

Assim como os Peixoto, existem várias outras, a exemplo da Família de Eliseu Oliveira (eletrodoméstico e movelaria) com a rede Guanabara, marca conhecida em todo o estado, com lojas em Aracaju, Itabaiana, Buquim, Tobias Barreto, sendo que a loja de Itabaiana pertence a Conceição, que por sua vez é proprietária da loja Lindolar (construção) e Lindobaby (infantil). Assim como ela, o filho e os irmãos possuem lojas em Itabaiana, Aracaju, Laranjeiras, Buquim, Estância e Tobias Barreto; cita-se também a Casa Barbosa e Ciamar (roupas) e a Credmóveis, que é referência em móveis (3 lojas em Itabaiana e uma em Aracaju).

Itabaiana tem uma representação bastante forte no estado de Sergipe o mapa 7 (Itabaiana/SE: Centro Sub-regional B e a Região de Influência de Aracaju/SE – 2007) apresenta a região de influência de Aracaju e mais timidamente outras cidades, a exemplo de Lagarto, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora da

¹⁴⁶ Existe dentro de Itabaiana uma grande quantidade de supermercados, mercadinhos e mercearias. Além dos Peixoto e do já conhecido GBarbosa, têm-se também Supermercado e Panificação Hollywood, Supermercado e Panificação Lincoln, Supermercado Resende, Supermercado Santana, Supermercado Souza, Supermercado Ubaldo, Supermercado União e mais 31 estabelecimentos entre mercadinhos, mercearias e panificações, segundo o Guia Perfil do Comércio (2015).

Glória, Propriá, Estância, Neópolis e Itabaiana como Centro Sub-regional B¹⁴⁷, chegando a influenciar a capital), apresentando funções de cunho bastante importante que a coloca em destaque como centro comercial e distribuidor de bens e serviços, convergindo para ela uma população em busca de tais serviços.

Mapa 7 – Itabaiana/SE: Centro Sub-regional B e a Região de Influência de Aracaju/SE – 2007

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Regiões de Influência das Cidades/REGIC 2007.** Rio de Janeiro, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2008. 201p. Acessado em www.ibge.gov.br às 15h34min aos dias 11 de setembro de 2015.

¹⁴⁷ Esse tipo de centro tem área de atuação mais reduzida, e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais. Apresenta medianas de 71 mil habitantes e 71 relacionamentos (REGIC, 2007).

Acredita-se que os serviços de saúde são os mais procurados, seguido pelo educacional, sendo possível estender seu raio de influência para a capital Aracaju, assim como para o Sertão do estado, suas cidades circunvizinhas como Malhador e Campo de Brito, por exemplo, e também outros estados, de onde pessoas chegam para adquirir produtos de seu comércio e certos tipos de serviços aí encontrados. Assim,

O município de Itabaiana destaca-se como um importante recorte territorial dentro do estado de Sergipe, pois como organização do espaço, o território responde, em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas da sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam (SANTOS, 2009, p. 170).

O serviço de saúde no interior sergipano tem a cidade de Itabaiana como referência. O atendimento não é restrito apenas a população local, ela está disponível também àqueles que chegam da circunvizinhança. A oferta de consultas e procedimentos é destaque em várias especialidades, desde odontológica até nutricional. As especialidades estão tanto inseridas nos estabelecimentos públicos, quanto privados.

Segundo dados da Secretaria de Saúde de Itabaiana, no ano de 2010 a cidade contava com um Hospital Regional e uma Unidade de Base do Serviço Móvel de Urgência (SAMU), 29 estabelecimentos assistenciais de saúde (15 estabelecimentos de referência das equipes de saúde da família, 10 postos de saúde de pequeno porte e 4 unidades de referência da atenção especializada) e conta com 17 Equipes de Saúde da Família (ESF) e com o Programa de Assistência Comunitária de Saúde (PACS). Além desses estabelecimentos de saúde, pode-se citar algumas unidades privadas e/ou filantrópicas, como o Hospital e Maternidade São José e as dezenas de clínicas com especialidades diversas.

Em relação ao quantitativo de pessoas empregadas em 2010 no setor de saúde (lotados na Secretaria de Saúde) de acordo com o grau de escolaridade, eram 96 profissionais com o nível elementar (1 eletricista, 26 guardas municipais/vigilantes, 1 jardineiro, 66 serventes, 2 pedreiros); 433 profissionais com o nível médio (186 agentes comunitários de saúde, 28 agentes de endemias, 13 agentes de serviço de saúde, 2 almoxarifes, 4 atendentes de farmácia, 40 atendentes/recepcionistas, 47 auxiliares administrativos, 57 auxiliares/técnicos de enfermagem, 14 auxiliares/técnicos de enfermagem ESF, 13 auxiliares de

odontologia, 2 monitores social em saúde, 23 motoristas, 2 técnicos de laboratório e 2 telefonistas); 108 profissionais de nível superior (4 clínicos geral, 5 ginecologistas/obstetras, 3 médicos pediatria, 17 médicos generalistas/ESF, 6 assistentes social, 2 biomédico, 1 contador, 9 enfermeiros/ambulatório, 18 enfermeiros/ESF, 2 educadores físicos em saúde, 4 farmacêuticos, 5 fisioterapeutas, 10 cirurgiões dentista/ambulatório, 7 cirurgiões dentista/ESF-SB, 11 psicólogo, 1 nutricionista, 1 terapeuta ocupacional e 1 veterinário); e por fim tem-se 17 médicos de atenção especializada (2 auditores, 2 oftalmologistas, 4 psiquiatra e 1 cardiologista, cirurgião geral, cirurgião dental buco maxilo facial, mastologista, ortopedista, otorrino, pneumologista, ultrasonografista e urologista).

Percebe-se que houve um aumento no número do pessoal empregado entre os anos de 2008 e 2010. No primeiro caso houve um aumento de 22 profissionais, no segundo o aumento foi de 85 profissionais, no terceiro caso tem-se 31 profissionais a mais e no último o aumento foi de 3 profissionais. Esse aumento se dá quase que de forma geral no setor público, uma vez que tem crescido nas últimas duas décadas, porém, com uma leve queda entre 2010 e 2013. Neste caso não foi considerado um período de 5 anos como nos anteriores, o que ocorre também com 'agropecuária, extração vegetal, caça e pesca'. Os outros setores (com exceção dos serviços que teve uma queda entre 1995 e 2000) da economia vêm apresentando crescimento, o que pode ser constatado mediante a tabela 11 (Sergipe: Quantitativo de empregados por setor – 1995 a 2013) e o gráfico 30 (Sergipe: Evolução do emprego por setor – 1995 a 2013).

Tabela 11 – Sergipe: Quantitativo de empregados por setor – 1995 a 2013

Setor – IBGE	Ano				
	1995	2000	2005	2010	2013
Extrativa Mineral	923	1.287	2.054	4.600	4.604
Ind. de Transformação	18.512	22.323	31.273	41.477	47.161
Const. Civil	8.779	11.031	13.484	28.713	29.872
Comércio	23.032	29.163	39.496	56.221	65.494
Serviços	65.909	52.720	66.401	100.189	124.256
Adm. Pública	48.612	79.133	112.806	118.554	115.982
Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca	5.760	7.373	7.568	13.730	12.421
Total	171.527	203.030	273.082	363.484	399.790

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm Acessado em 09 de maio de 2015 às 12h49min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Gráfico 30 – Sergipe: Evolução do emprego por setor – 1995 a 2013

Fonte: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm Acessado em 09 de maio de 2015 às 12h49min. Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Em relação à educação em Itabaiana é possível encontrar ensino municipal, estadual, federal e particular. Essas por sua vez abrangem desde o ensino infantil e EJA, até o ensino superior. Segundo dados obtidos na Secretaria Municipal de Educação de Itabaiana, constatou-se que no ano de 2011, a rede municipal de ensino da cidade tinha um total de 9.785 alunos matriculados entre o ensino infantil (2.002), fundamental (6.929), EJA (785) e especial (69), totalizando 37,44% dos alunos matriculados; a rede estadual vem logo em seguida com 9.650 alunos matriculados (36,92%), dos quais 5.722 estão no fundamental, 2.466 no ensino médio, 1.405 no EJA e 57 alunos na educação especial; a rede particular conta com 25,64% dos alunos, ou seja, 6.701, onde 3.864 estão no ensino fundamental, 1.591 no infantil, 1.001 no médio, 189 no EJA e 56 na educação especial.

Para além do ensino básico, seja público ou particular, tem-se o ensino superior, onde a cidade conta com a presença Federal e particular – a Universidade Federal de Sergipe/UFS, a Universidade Tiradentes/Unit, assim como a “Universidade Paulista à distância (UNIP); Faculdade de Tecnologia e Ciência – Ensino à Distância (FTC/EAD); Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)” (CARVALHO; COSTA, 2009, p. 9).

O Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho da UFS localiza-se no antigo Centro de Atenção Integral à Criança/CAIC em Itabaiana, contando com dez cursos de Graduação e cursos de Pós-Graduação e mestrado profissional nas áreas de

matemática e letras. A Unit está localizada na Rua José Paulo Santana no bairro Sítio Porto, possuindo sete cursos de graduação, cinco tecnológicos e uma pós-graduação em Projeto Social.

Para além dos serviços de saúde e educação outros estão presentes e ganham destaque. Segundo o Guia Perfil do Comércio 2015, a cidade conta com 1 banco postal (correios), 2 casas lotéricas, 5 bancos (BB, B BRADESCO, Banco do Estado de Sergipe/BANESE¹⁴⁸, BNB e CEF, conforme a imagem 11 – Itabaiana/SE: Fixos bancários presentes no território – 2015), 3 hotéis (Danúbio, Continental e Skalla), 8 pousadas (Bandeirola, Sheik, Holiwood, N. Sra. da Conceição, Santana, Líder e Serra), 6 restaurantes (Messias, Med, Hollywood, Natural, O Point do Patola, o Terraço), diversos outros serviços públicos (Municipal, Estadual e Federal) e vários serviços relacionados com transportes, contabilidade, administração, advocacia, alimentação e tantos outros.

Imagem 11 – Itabaiana/SE: Fixos bancários presentes no território – 2015

Fonte: Crédito: FIRMINO, P. C. S. Arquivo particular do autor.

¹⁴⁸ De acordo com a revista Valor 1000 (2013, p. 228), em 2012 o BANESE ficou em 1º lugar entre os 20 principais bancos com melhor rentabilidade operacional, sem a equivalência patrimonial, entre os pequenos e médios (Balanço consolidado ou combinado – inclui a participação minoritária no patrimônio líquido). O BANESE assim como os demais bancos de caráter regionais “têm importância fundamental para as economias periféricas, já que eles têm maiores impactos positivos tanto financeiros quanto reais, na própria região” (AMADO, 2006, p. 152).

Não se pode deixar de mencionar aqui os serviços industriais, já que a cidade é referência nesse segmento. Em Itabaiana as indústrias apresentam em sua maioria, pequeno e médio porte, com uma produção dos mais variados objetos, abrangendo desde a fabricação de lentes de óculos e painéis de alumínio, até as famosas carrocerias para caminhões e os diversos objetos fabricados pelas suas conhecidas cerâmicas¹⁴⁹ – segundo a classificação do Guia Perfil do Comércio (2015) existem 68 estabelecimentos industriais que fazem divulgação no referido guia (6 carrocerias, 16 cerâmica, 12 fábricas, 13 indústrias, 14 madeireira e 7 marcenaria). Essas indústrias agregam um valor ímpar no desenvolvimento econômico de Itabaiana.

Segundo dados obtidos na sede do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE, em Itabaiana foram registrados no dia 13 de dezembro de 2013, o quantitativo de 1.026 empresas criadas a partir do empreendedorismo individual, que é o Microempreendedor Individual – MEI, definido como aquele que trabalha por conta própria ou em um pequeno negócio informal e que fatura no máximo R\$ 60 mil reais por ano e que trabalhe sozinho ou que tenha uma pessoa trabalhando consigo. Seguindo essas normas, Itabaiana fica atrás somente da capital Aracaju, com um quantitativo de 11.010 empresas, de Nossa Senhora do Socorro com 2.120 empresas e São Cristóvão com 1.102 empresas.

Itabaiana também conta um trabalho manual bastante conhecido, diga-se o trabalho de beneficiamento de castanha de caju. O Povoado Carrilho na zona rural da cidade é referência neste tipo de trabalho, fazendo parte da ‘Rota das Castanhas’ juntamente com os povoados, Taboca e Dendezeiro. Para a população a castanha é uma forma de sustento (exporta cerca de 10 mil kg de castanha torrada toda semana), empregando boa parte da população local, o que leva “ao trabalho ser feito na maioria das vezes nas próprias casas ou em espaços próprios” (GUIA PERFIL DO COMÉRCIO, 2015, p. 26).

¹⁴⁹ Andrade (1974, p. 117), faz referência a cerâmica como sendo de grande importância, “não só na confecção de tijolos e telhas, largamente utilizados pela indústria de construção civil, como também na fabricação de louças de barro largamente utilizadas por uma população que não foi atingida, em consequência de seu baixo nível de vida, pelos artefatos de alumínio”.

6.2. As iniciativas locais no processo de industrialização no Agreste alagoano e sergipano

Por volta da década de 1950 o Nordeste brasileiro, uma das regiões menos desenvolvidas e com altos índices de pobreza, apresentava uma economia com baixo grau de desenvolvimento, reflexo não somente dos fatores climáticos, como também de uma herança de um passado recente – diga-se o domínio das grandes lavouras agroexportadoras, seus proprietários e detentores de terras – e da fraca industrialização, que estava em ligeiro crescimento na região Sudeste do país.

Em relação à região Sudeste, o geógrafo Mamigonian (2009), aponta que a indústria paulista após os anos de 1930, tornou-se o centro do país, paralelamente à continuidade da inserção do Brasil ao centro do sistema mundial capitalista¹⁵⁰ (EUA etc.), para em seguida começar um desenvolvimento voltado ao comércio da própria região. Enquanto se observava o desenvolvimento dessa parte do Brasil, o restante do território ficava meio que marginalizado. Nesse caso, o Nordeste foi fortemente marcado pelos acontecimentos desse momento da realidade brasileira.

Trilhando por este caminho, Furtado (2009) mostra que o Sudeste se industrializava, enquanto o Nordeste se consolidava como a grande “área problema” do hemisfério ocidental. Essa ideia do Nordeste como região problema tem sido desmentida diante das várias iniciativas de industrialização presentes nos recantos das terras nordestinas, algumas iniciativas locais, surgidas antes da SUDENE e que puderam ser fortalecidas, e outras criadas a partir do surgimento da mesma. Posteriormente, essas iniciativas atreladas ao apoio da SUDENE e outros investimentos na região, desmentiriam as visões errôneas sobre o Nordeste,

Nordeste região problema, Nordeste da seca e da miséria, Nordeste sempre ávido por verbas públicas, verdadeiro *poço sem fundo* em que as tradicionais políticas compensatórias de caráter assistencialista só contribuem para consolidar velhas estruturas sócio-econômicas e políticas perpetuadoras da miséria (ARAÚJO, 1997, p. 13).

Diante do baixo dinamismo industrial apresentado no Nordeste, por exemplo, foi criada em 1959, pelo Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do

¹⁵⁰ Esse sistema faz com que aqueles que mais acumulam capital enfrentem uns aos outros, “exige que os acumuladores realizem os lucros provenientes da atividade econômica, agindo contra os esforços competitivos de outros” (WALLERSTEIN, 2001, p. 55).

Nordeste/GTDN, a SUDENE, órgão responsável por intervir economicamente na região e abrir espaço, principalmente, para uma maior integração no que concerne ao processo industrial nordestino. Era, portanto, o setor de maior preocupação do referido órgão, “é que, por motivos de ordem histórica e geográfica, a frequência de emprêsas marginais é muito mais aí, do que nas demais regiões, tanto na indústria quanto na agricultura” (RANGEL, 1959, p. 429). Foram feitos estudos a respeito da presença ou ausência de indústrias na região, “considerando-as tradicionais, e procurou estimular as empresas viáveis economicamente a modernizarem e ampliarem os seus estabelecimentos” (ANDRADE, 1993, p. 44).

As atividades agrícolas têm perdido espaço tanto no Nordeste como a nível nacional, aumentando por outro lado o papel da indústria, que se tornou importante para o aumento da produção e da economia regional e do país. Passando aos poucos de uma região tradicionalmente produtora de bens não duráveis para uma região que se especializava industrialmente e que começava a produzir bens intermediários, vindo fortalecer o grande potencial presente nas sub-regiões nordestinas, cada uma com suas diversidades.

A indústria no Nordeste brasileiro para poder criar e se firmar com uma base econômica consolidada, teria então que se basear, segundo mostra Araújo (1984), em indústrias de base e indústrias que aproveitassem matérias-primas regionais. Então, seria preciso manter-se forte, de maneira que a atividade industrial garantisse uma autonomia no crescimento da própria região.

Anterior a SUDENE, até meados da década de 1950, o que prevalecia no que diz respeito ao setor industrial, estava direcionado para a indústria têxtil, que passou a se desenvolver nos anos de 1882 onde,

As primeiras fábricas de tecidos que vingaram, que conseguiram sobreviver até os nossos dias surgiram ou no meio rural em pequenos centros urbanos do interior onde os comerciantes compravam o algodão para exportar [...] ou surgiram nos pequenos portos onde o algodão era exportado para a Europa (ANDRADE, 1970a, p. 95).

O nascimento desse tipo de indústria na região, principalmente nas proximidades dos portos, deve-se em parte ao surto algodoeiro e, conseqüentemente, a expansão que o mercado brasileiro de algodão vinha conquistando desde as últimas décadas do século XIX, o que veio permitir “a

expansão do mercado e o desenvolvimento de pequenas fábricas localizadas em várias cidades do Nordeste” (ANDRADE, 1974, p. 116).

Observa-se que a ocupação regional e o seu sistema econômico se fez a partir do açúcar e posteriormente com o algodão¹⁵¹, fazendo com que os principais centros urbanos fossem ligados com outros centros de grandes destaques no interior. Nas áreas mais distantes dos portos e dos grandes centros haviam dificuldades para escoarem suas produções,

Nestes municípios mais distantes, encontramos unidades produtoras voltadas inteiramente para o autoconsumo, vivendo à margem da atividade comercial, e unidades em que a maior porção da produção destina-se ao autoconsumo, mas que comercializa os excedentes da produção agrícola, vendendo-as a comerciantes que os adquirem na própria localidade ou nas feiras realizadas nas vilas e povoações mais próximas (ANDRADE, 1974, p. 133).

Surge juntamente com a indústria têxtil nascente, o beneficiamento de óleos vegetais, com particular destaque para o próprio algodão, do qual eram retirados os caroços para tal fim. A cidade de Campina Grande – PB, era um dos centros que possuíam o maior número de estabelecimentos na produção de óleos, além é claro de se destacar no que se referia à indústria de couros, que é uma tradição na região. Ao seu lado sobressaem, por exemplo, Caruaru/PE e Alagoinhas/BA, cidades que desempenham funções centrais nas suas sub-regiões. Guiando-se por esse caminho, Andrade (1993), aponta que,

O processo de industrialização do Nordeste iniciou-se na segunda metade do século XIX. Ele estava ligado à agricultura da cana-de-açúcar e do algodão, desenvolvendo a implantação de usinas de açúcar e de fábricas de fiação e tecelagem [...]. No início do século XX foram implantadas fábricas de extração do óleo de sementes de algodão, de mamona e de oiticica. As fábricas têxteis foram aperfeiçoadas, beneficiando fibras de outras plantas como a agave e o caroá. Este surto industrial desacelerou-se nos meados do século XX, mas foi reativado após a implantação da Sudene (ANDRADE, 1993, p. 22).

Além da indústria da cana, da têxtil, de beneficiamento de óleos vegetais e a de couros – já que o Nordeste tem forte importância no que diz respeito à pecuária, estão fortemente presentes os curtumes industriais – outras foram surgindo, a

¹⁵¹ Esses dois ramos industriais foram os primeiros a estimular o crescimento econômico não só do mercado externo como do próprio mercado interno que se formava. Dos dois ramos o de maior destaque para o interior nordestino foi justamente o que diz respeito à indústria de tecidos, isso se deve em parte ao fato de que grande parte da “população não tinha condições de adquirir tecidos importados e como decaía a confecção artesanal de tecidos, a produção têxtil nordestina encontrou um mercado expressivo e numerosas fábricas foram implantadas” (ANDRADE, 1993, p. 35).

exemplo, das indústrias ceramistas – que tiveram suas origens nas olarias –, indústrias de fumo espalhadas pelo interior – com destaque para Cruz das Almas/BA, Lagarto/SE e a própria cidade de Arapiraca/AL –, indústrias de calçados e vestuários¹⁵² entre outras.

Com o passar do tempo, a maioria dos centros urbanos, principalmente aqueles que queriam atrair indústrias, foram mudando e criando condições para que indústrias dos mais variados ramos se instalassem e, conseqüentemente, favorecendo a indústria nascente, graças em parte as facilidades que o Nordeste tinha e tem a oferecer, desde a matéria prima, mão de obra, transporte e outras condições favoráveis à consolidação e surgimento de certas indústrias. A indústria nordestina de forma geral foi uma extensão da industrialização do Brasil¹⁵³,

No final dos anos 50, com a integração física do mercado nacional e a concorrência das indústrias do Sudeste do país, as fábricas regionais, obsoletas tecnologicamente, entraram em crise, fechando suas portas ou se “reestruturando” apoiadas no plano de industrialização regional do governo federal por meio da Sudene, criada em 1959 (LIMA, 1997, p. 144).

Com a tardia industrialização nordestina foi observado nos anos posteriores à criação da SUDENE, uma dependência externa dessa industrialização, indo de encontro com a proposta de substituir importações e de manter forte comando pelo empresariado regional e local. Pode-se dizer que grande parte dessa dependência deve-se a baixa modernização tecnológica presente nas poucas indústrias, o que diminui a competitividade da mesma no mercado nacional, que de acordo com Lima (1997, p. 145), “essas fábricas passaram a produzir comprando matérias-primas e maquinarias do Sul e Sudeste, regiões para onde destinavam parte da produção, assim como para o mercado externo”.

Junto com as demais regiões brasileiras, o Nordeste tinha que buscar meios de aumentar sua produção e diminuir suas importações, tendo na indústria o principal responsável, visto que,

¹⁵² É possível notar de acordo com Andrade (1974, p. 120), que “da mesma forma que a indústria de confecções, inicialmente mera atividade artesanal e hoje indústria de grande importância, como uma decorrência do desenvolvimento da indústria têxtil, a indústria de calçados, que tem grande importância na região, desenvolveu-se em consequência da existência de inúmeros curtumes”.

¹⁵³ “No processo de industrialização, a economia do país, no que diz respeito ao emprego de fatores de produção, divide-se em duas partes: a economia natural (combinada e complexa) e, suas formas primárias (ou agrícola) e secundária (ou urbana); a economia de mercado, caracterizada pela divisão social do trabalho, que por sua vez se subdivide em privada e pública. A industrialização implica um fluxo de recursos de produção da economia natural à de mercado. A primeira diminui e a segunda se expande” (RANGEL, 2012c, p. 122).

A substituição implica industrialização, ou seja, intensificação da divisão social do trabalho [que por sua vez é essencial para o desenvolvimento], redistribuição da população entre os setores agricultura, manufatura e serviços, e profundas mudanças tecnológicas em toda a produção (RANGEL, 2012c, p. 87).

Então, seguindo a linha de raciocínio de Rangel, é preciso, pois, encarar o processo industrial como forma de substituir importações e estas como forma de industrializar-se. No entanto, se faz necessário atentar para uma população que está às margens da industrialização, na verdade, vem antes dela, que são as populações agrícolas. É preciso olhar para essa população não como forma de excluí-las do processo industrial, mas antes de tudo de integrá-las, substituindo uma produção individual por uma social. Por um lado é preciso fornecer bens agrícolas em maiores quantidades e de outro lado diminuir a população presente na agricultura, pois existe uma população ociosa que não está contribuindo no aumento da produção agrícola,

Falando de modo sucinto, a “manufatura” e os serviços são novas formas de aplicação de parte do tempo de trabalho da população que antes estava na “agricultura” [...] o que não está clara é a natureza da mudança estrutural que se opera dentro do “setor agrícola” nas condições da industrialização (RANGEL, 2012c, p. 89).

Apesar da atividade agrícola estar sempre à frente da atividade industrial, não se pode negar o seu crescimento nas últimas décadas do século passado e início do século presente, bem como no que se refere à criação de emprego e renda para a população¹⁵⁴. Andrade (1974) aponta que é preciso levar em consideração duas fases de desenvolvimento industrial quando se pretende estudar as atividades industriais da região: uma que ocorreu a partir das duas últimas décadas do século XX e outra mediante a política desenvolvimentista da SUDENE¹⁵⁵.

O Nordeste de fato passou a ser atraente para aqueles que estavam vendo na região uma montoeira de possibilidades de instalarem suas indústrias. Em um primeiro momento, de um lado tinha-se uma vasta mão de obra à disposição, muito

¹⁵⁴ Muitas vezes o baixo grau de emprego nas indústrias com uma mão de obra local, deve-se em parte, a uma baixa qualificação dessa mão de obra, trazendo de fora pessoas especializadas em certos ramos, que são ausentes onde a indústria se instala. “Uma das metas da Sudene foi o desenvolvimento industrial, esperando que a indústria possibilitasse a criação de novos empregos, a fim de reter, na região, a mão-de-obra que vinha migrando de forma muito intensa para o Sudeste e o Sul do país” (ANDRADE, 1993, p. 22).

¹⁵⁵ Para Andrade (1974, p. 127), “se analisarmos os resultados da atuação da SUDENE no setor de industrialização observaremos que ela vem não só contribuir para a instalação de novas indústrias no Nordeste, como também para financiar a ampliação e a modernização das indústrias tradicionais aqui existentes”.

barata, diga-se de passagem, e de outro lado os incentivos fiscais como forma de industrializar a região¹⁵⁶. Segundo Lima (1997),

As grandes cidades do Sul e Sudeste assistem à transferência de plantas industriais para cidades menores do interior, outros estados e regiões, em busca do ‘custo chinês’: mão-de-obra barata, trabalhadores desorganizados, incentivos espaciais e logísticos frente à exportação. Tal processo se verifica sobretudo nos setores industriais, sendo mais visível nos que utilizam largamente trabalho intensivo, mesmo com as inovações tecnológico-organizacionais: o têxtil, o de vestuário e o de calçados (LIMA, 1997, p. 141-142).

De um lado, esse processo de industrializar a região Nordeste apoiado nos objetivos traçados pela SUDENE, foi benéfico no sentido de aumentar a produção de certas mercadorias atenuando importação, criação de possibilidades de empregar mão de obra mais qualificada nos vários setores, criação de cursos universitários e técnicos – muito limitados, o que não atendia a população como um todo –, bem como o surgimento de serviços diversos e de um comércio mais consolidado, gerando assim mais renda para os estados e municípios. Posteriormente, o que se nota é uma intensificação do trabalho, com custos cada vez menores da mão de obra empregada, uma competitividade bastante forte e regras e normas comandadas por um mercado externo.

Por outro lado a industrialização proposta não foi capaz de empregar o contingente de mão de obra sem qualificação, muito menos segurar essa população, impedindo que a mesma migrasse para outras regiões. Neste sentido, era preciso que “ao mesmo tempo em que se estimulava a implantação de indústrias, deveria ter sido difundido o ensino técnico industrial e de serviços para preparar as classes menos favorecidas para o trabalho qualificado” (ANDRADE, 1993, p. 24).

Tomando a industrialização como elemento fundamental para desenvolver a região, tirando-a de um atraso econômico acumulado década após década, é necessário buscar a gênese do processo industrial no Nordeste – excetuando a industrialização canavieira, que tem sufocado quaisquer outras formas de indústrias e produções agrícolas que não seja a cana – com ênfase na sub-região Agreste, mas especificadamente, nas cidades de Arapiraca/AL e Itabaiana/SE.

¹⁵⁶ Segundo Kon (1994, p. 159), “o estabelecimento, em uma região, de disposições legais que podem também influir na macrolocalização da indústria privada apresenta-se sob a forma de isenções ou reduções de impostos locais, incentivos fiscais ou financeiros oferecidos pelo município, códigos de obra, legislação antipoluição, áreas com restrições de gabarito etc., que pesam positiva ou negativamente sobre a escolha da localização da planta”.

Trilhando por este caminho, é preciso ir além dos objetivos proposto pela SUDENE como forma de desenvolver a indústria na região. É preciso trazer à tona as iniciativas locais empresarias, principalmente no interior nordestino, que surgem mediante o espírito de iniciativa do seu povo, com destaque aqui para o agrestino, “pessoas com experiência técnica ou comercial e espírito de iniciativa, contribuíram para a industrialização” (MAMIGONIAN, 1965, p. 70).

As facilidades disponíveis mediante um uso mais diversificado e menos concentração de terras também contribuem para a criação de determinadas indústrias, levando assim, a superar ideias equivocadas pretéritas e entender o que se passa com a economia do Nordeste nos anos recentes. Mamigonian (2009) mostra que,

Ora, Euclides da Cunha desmistificou a imagem do sertanejo nordestino, assim como Gilberto Freyre desmascarou as ideias racistas a respeito do negro e elogiou a miscigenação. Nos últimos tempos os agrestinos tem demonstrado que o imobilismo social que paralisou o nordeste é uma imagem falsa diante da multiplicidade das iniciativas empresariais regionais (MAMIGONIAN, 2009, p. 52).

Os espaços agrestinos constituem espaços mais urbanizados e povoados, onde se encontram os maiores centros populacionais e econômicos do Nordeste (MELO, 1980), com um grande mercado consumidor dos produtos aí produzidos, contribuindo diretamente na evolução econômica e social das cidades localizadas nessa sub-região. O Agreste tem proporcionado variedades no cultivo de produtos alimentares graças a um uso mais diversificado da terra e a força de trabalho em quantidade expressiva, fornecendo para as indústrias existentes matérias-primas diversas como fibras e óleos vegetais em um primeiro momento. Cada Agreste possui particularidades específicas, de modo que nos dizeres de Melo (1980, p. 37) “o espaço agrestino possui peculiaridades que, a partir de sua posição geográfica e de seus quadros econômicos, lhe conferem um papel estratégico altamente relevante em um planejamento regional que se apoie em relações interespaciais”.

O desenvolvimento industrial de Arapiraca e Itabaiana, assim como em parte do interior nordestino, está relacionado com a primeira fase de desenvolvimento industrial do Nordeste, ou seja, dava-se quase que na sua totalidade de forma espontânea e sem nenhum tipo de planejamento. A indústria de tipo local que começa a se desenvolver tem sua gênese baseada fortemente com as iniciativas de pessoas ou grupos locais que conseguiram criar, mesmo que sem um planejamento

consolidado, certas indústrias. São negócios que surgem baseando-se na força de trabalho e em iniciativas que não dependem de capital externo nem de mão de obra especializada e/ou qualificada para dar início a seus projetos pessoais, que se desdobram em negócios expressivos para a cidade e região, logo, “a iniciativa da industrialização, os industriais e os capitais são locais” (MAMIGONIAN, 1965, p. 64).

Nesse primeiro momento surgem indústrias basicamente através dos poucos investimentos pessoais de algumas pessoas que tinham certos conhecimentos e algumas técnicas, que foram adquiridas de formas diversas. Sendo Arapiraca e Itabaiana as cidades que mais se destacam dentro dos seus estados em relação ao crescimento, tendo no processo industrial uma peça chave, onde ao iniciarem, a maioria não possuíam mais que 10 trabalhadores, tendo nos seus quadros de funcionários atualmente 100, 300 e até 1000 trabalhadores.

Assim, estes industriais, empresários e comerciantes que aparecem no interior nordestino, podem ser considerados como um tipo de “capitalista sem capital”, na medida em que os mesmos “tinham espírito de iniciativa mais ou menos desenvolvido, mas quase nenhum recurso financeiro” (MAMIGONIAN, 1965, p. 78).

Além dos poucos recursos financeiros investidos inicialmente por grande parte das iniciativas industriais locais (nos mais diversos custos: salários, impostos, matérias-primas etc.), têm-se aqueles investimentos advindos de empréstimos, sejam com parentes e amigos, como também, a partir de empréstimos bancários¹⁵⁷. Isso veio fortalecer e/ou criar novas indústrias na cidade, reflexo do que se passava em várias cidades nordestinas que, por sua vez, estavam em grande crescimento.

Os bancos disponibilizam empréstimos que contribuem para que os pequenos e iniciantes empresários possam seguir com seus projetos primeiros alavancando de vez suas modestas indústrias, de tal modo que “a quase totalidade das iniciativas dão nascimento, no início, a pequenos estabelecimentos, mesmo se, na origem, o negócio não é exclusivamente familiar” (MAMIGONIAN, 1965, p. 73).

Arapiraca e Itabaiana, antes de suas respectivas emancipações política, possuíam, na feira livre, o seu principal tipo de comércio, movimentando a cidade e toda área ao redor. A feira servia de base para os diversos tipos de negociações, com uma comercialização que já chamava atenção devido à quantidade e variedade

¹⁵⁷ Para Lênin ([1917] 2010, p. 31) “a operação fundamental e inicial que os bancos realizam é a de intermediário nos pagamentos. É assim que eles convertem o capital-dinheiro inativo em capital ativo, isto é, em capital que rende lucro; reúnem toda espécie de rendimentos em dinheiro e colocam-nos à disposição da classe capitalista”.

de produtos, desde os agrícolas, até os produtos artesanais e os ditos industrializados – mesmo passando por um processo mais artesanal – como a farinha de mandioca e tijolos, que abriram espaço para o começo de uma atividade industrial e para o seu desenvolvimento econômico. Neste sentido, Santos ([1959] 2012, p. 90) mostra que “se, todavia, estatisticamente são considerados industriais, é preciso assinalar que, para a maioria, a fabricação é sobretudo artesanal”.

O processo industrial em cada uma das cidades aqui pesquisadas teve apoio nos eventos que estavam marcando os períodos históricos das mesmas. Tanto Arapiraca como Itabaiana, tem a feira livre como um desses eventos, já que alguns industriais saíram delas e foram se dedicar ao ramo industrial, a exemplo de Amintas Góes que criou a Gesso Nordeste em Itabaiana. Outros eventos como a cultura do fumo, a produção diversificada de alguns produtos, o crescimento de caminhões, a expansão da urbanização¹⁵⁸ e, conseqüentemente, o aumento nas construções entre outros, foram e estão sendo importantes para a consolidação da indústria no interior desses estados, sem falar claro do gado que é responsável aí pelo desenvolvimento da indústria do couro no Nordeste (com produtos como alpercatas, chapéus etc.) e outros produtos fabricados a partir do que o gado proporciona, diga-se o queijo, a manteiga, iogurte etc., produzidos, por exemplo, em Batalha e Major Izidoro em Alagoas. Esses exemplos remetem a fazer relação com o que Lênin (1982, p. 173) vinha mostrando, quando afirmava que “as fábricas de queijo e manteiga começaram mesmo a tomar certo aspecto industrial... o leite... é comprado aos proprietários das vizinhanças, ou mesmo aos camponeses. Encontram-se queijarias mantidas por todo um grupo de proprietários”.

Nota-se a “predominância de pessoas que trabalham por conta própria e empresas familiares cujas atividades abrangem principalmente pequenas fábricas, pequeno comércio” (SANTOS, [1978] 2009, p. 59). Quanto a força de trabalho, junta-se a essa afirmativa a proposta de Melo (1980, p. 369), onde afirma-se primeiramente que “o pequeno agricultor proprietário que usa a própria mão-de-obra e a da família sendo, portanto, um participante ao mesmo tempo das categorias dos possuidores de terras e dos grupos que integram a força de trabalho sub-regional”.

¹⁵⁸ Segundo Souza (1971, p. 38), para se ter uma melhor compreensão da urbanização é imprescindível a “análise dos fatores históricos, econômicos, políticos, sociais e outros que permitem o aparecimento e o crescimento das cidades. A urbanização será, portanto, a resultante no espaço (paisagem) da dinâmica e da evolução desses fatores”.

No decorrer dos anos, as indústrias começavam a atingir raios maiores de abrangência “e pouco a pouco, conquistaram as localidades vizinhas, englobando assim uma região cada vez mais vasta” (LÊNIN, 1982, p. 220), ultrapassando os limites locais e, até mesmo, regionais e/ou nacionais, levando as mesmas a investirem em melhorias, seja em mão de obra – formando trabalhadores para determinado trabalho, aumentando o contingente especializado – como em melhoria de máquinas, transportes, produção etc., o que faz crer, segundo Rangel (2012c, p. 124), que “a industrialização supõe, portanto, a incorporação de novos ‘custos de produção’, como os transportes de mercadorias, o comércio e custos de consumo, como educação, saúde, transportes de passageiros, diversão etc.”.

Apesar dessas melhorias, a busca por mão de obra barata é sinônimo de lucro para grandes empresários, ficando claro que “os grandes empresários têm um capital fixo muito maior que os pequenos; entre eles, particularmente, é que se encontram as inovações” (LÊNIN, 1982, p. 257). Verifica-se que,

A abundância de mão-de-obra barata, pouco escolarizada, qualificada ou organizada continua a ser um atrativo mesmo em tempos globalizados. Pode parecer paradoxal que essas características sejam elementos de atração num momento em que os processos de reestruturação têm a qualidade como elemento ideológico básico e se delineia internacionalmente, um perfil de trabalhador caracterizado por alto nível de escolarização e qualificação (LIMA, 1997, p. 143).

À medida que a atividade industrial ia crescendo necessitou-se de um espaço para que recebesse tais indústrias na cidade, que por sua vez chama-se de Distrito Industrial/DI. Em Arapiraca o DI (conhecido também como Núcleo Industrial de Arapiraca/NIA), está localizado entre a Rodovia AL-485 e a AL-115, possuindo uma área de 214.916,38 m², com uma distância de 7km da área central do município. O DI tem servido de sustentação no processo de industrialização que vem avançando, visto mediante indústrias dos mais variados ramos.

As empresas que se instalam no DI ou que se deslocam de outras áreas são beneficiadas com incentivos fiscais, concessão de lotes, apoio técnico e com boa infraestrutura (água, luz, telefonia, transporte etc.). Segundo a Prefeitura Municipal de Arapiraca (2013b), existiam nesse ano 13 indústrias instaladas e funcionando no DI e que contribuem direta na geração de empregos e, conseqüentemente, na economia da cidade. O tabela 12 (Arapiraca/AL: Empresas localizadas no Distrito

Industrial/DI – 2013) apresenta as indústrias localizadas no DI, o que cada uma produz e o quantitativo de empregos gerados por elas.

Existem diversas outras indústrias espalhadas pela cidade, que não tem localização no DI. São indústrias que trabalham com PVC, café e derivados do milho, metalurgia, embalagens plásticas (Araforros: indústria de forros; Grupo Mibasa: mineração; CILEL: pré-moldados; FARPLAST: indústria de embalagens plásticas; Proteica Alimentos LTDA: ração para cães e gatos). Assim,

Com a criação de incentivos para que as empresas viessem a se instalar no Município e a construção do Núcleo Industrial de Arapiraca, a cidade que foi voltada para o campo diversificou sua economia e atualmente beneficia e exporta mercadorias, com destaque para produção de PVC, alimentos e móveis (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2013b, p. 25).

Tabela 12 – Arapiraca/AL: Empresas localizadas no Distrito Industrial/DI – 2013

Empresas	Produção/Atividade	EMPREGOS		
		Diretos	Indiretos	Total
Coca-Cola	Refrigerante em geral, pet e garrafa	123	369	492
SAMPLAS – Indústria e Comércio de Plástico LTDA	Artefatos de plásticos para embalagem	40	120	160
INCOGRAF – Indústria e Comércio de Produtos Gráficos	Formulários, bobina, embalagens e artigos gráficos	40	120	160
ASA BRANCA – Industrial Comercial e Importação LTDA	Industrialização de peixes, crustáceos e moluscos	228	684	912
CONCRENORTE – Concreto do Nordeste LTDA	Fabricação de postes, galpões e pontes	55	169	224
Transportadora Jolivan	Transporte de produtos diversos	60	180	240
MULTISERV Logística	Prestação de serviços em geral	45	135	180
Dinâmica Distribuidora	Produtos diversos	50	130	180
Laticínio Góis	Fabricação de produtos derivados do leite e iogurte	19	57	76
A. J. Costa – Aryane Estofados	Móveis e estofados	60	180	240
Redimix Potiguar	Enchimento de lajes, fundação, piso etc.	60	180	240
MULTISERV Logística (duplicação)	Prestação de serviços em geral	100	300	400
TOTAL DE EMPREGOS		876	2.628	3.504

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Perfil Arapiraca/AL 2.** Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços. 2013b.

Chama atenção para o Polo Moveleiro do Agreste, denominado de Polo de Madeira e Móveis Nascimento Leão, que tem por objetivo,

Fomentar a produção moveleira em todo o Estado. É dotado de infraestrutura e diversos incentivos que beneficiam a todos que compõem a cadeia produtiva da madeira, como marceneiros e proprietários de empresas de pequeno porte, empresas fornecedoras de insumos e matérias-primas. Possui cerca de 96 mil m², dividido

em 45 lotes (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL, 2012, p. 91).

Em Itabaiana o DI está localizado na BR-235 nas proximidades da cidade. De acordo com dados da Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal da cidade, no ano de 2013, existiam 8 empresas em funcionamento com benefícios do governo do Estado (tabela 13 – Itabaiana/SE: Empresas em funcionamento beneficiadas pelo Governo do Estado – 2013), 4 empresas beneficiadas com obras iniciadas (tabela 14 – Itabaiana/SE: Empresas beneficiadas/obras iniciadas – 2013), 5 beneficiadas e obras ainda não iniciadas (tabela 15 – Itabaiana/SE: Empresas beneficiadas/obra não iniciada – 2013) e 14 projetos industriais analisados e em tramitação (tabela 16 – Itabaiana/SE: Projetos industriais analisados e em tramitação – 2013).

Dentre as já instaladas pode-se citar a Costa & Silva (em funcionamento desde 2014), fábricas de painéis e fábricas de joias, neste último caso chama atenção para a cadeia que começa a criar força na cidade, e são empresas totalmente itabaianenses.

Entretanto, vale aqui destacar que além desses distritos existem várias outras indústrias espalhadas na cidade, não sendo possível dizer que a zona industrial dessas cidades está circunscrita apenas no DI e muito menos na zona urbana, isso porque, a presença de indústria na zona rural também é uma realidade, atraindo para essa área uma população que aí se aglomera, agregando-a com o passar do tempo na zona urbana da cidade, como a Cerâmica Higino que em seu início estava localizada na zona rural de Itabaiana, e com a expansão da zona urbana, passou a integrar essa parte da cidade, levando a perceber, de acordo com Mamigonian (1965, p. 136), que “grande parte dos estabelecimentos industriais precedeu a formação de uma verdadeira aglomeração urbana. Ora, isto explica a presença de várias indústrias no centro e na periferia do centro atual”.

Tabela 13 – Itabaiana/SE: Empresas em funcionamento beneficiadas pelo Governo do Estado – 2013

Empresa	Atividade	Mão de Obra Atual	Mão de Obra Projetada	Incentivo
Danko do Nordeste Industrial LTDA	Alimentício	28	28	Fiscal e Locacional
Indústria de Alumínio Serrana LTDA	Artefatos de Alumínio	11	27	Fiscal e Locacional
K3 Distribuidora e Laboratório Óptico LTDA	Artigos Ópticos	17	-	Fiscal e Locacional
Curtume Margem da Serra LTDA	Curtume	70	70	Fiscal e Locacional
GIAL Grupo Industrial de Alimentos LTDA (Vinagre Carícia)	Alimentício	56	56	Fiscal
Serrana Têxtil S/A	Têxtil	3	60	Fiscal
Pedreira São José	Minerais não Metálicos	22	-	Fiscal
Dinâmica Mármore e Granito LTDA	Minerais não Metálicos	9	-	Locacional

Fonte: Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de Itabaiana (2013). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Tabela 14 – Itabaiana/SE: Empresas beneficiadas/obras iniciadas – 2013

Empresa	Atividade	Investimento (R\$ 1.000,00)	Empregos	Incentivo	Ano
Itabaiana Massas Indústria LTDA ME	Alimento	R\$ 782,00	23	Locacional	2010
Braspet Reciclagem LTDA	Reciclagem	R\$ 1.711,00	41	Fiscal e Locacional	2010
Costa & Silva Fabricação de Artefatos de Cimento LTDA	Artefatos de Cimento	R\$ 1.253,00	42	Fiscal e Locacional	2011
Indústria de Agregados Massa Fácil LTDA – ME	Minerais não Metálicos	R\$ 382,00	15	Locacional	2011

Fonte: Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de Itabaiana (2013). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Tabela 15 – Itabaiana/SE: Empresas beneficiadas/obra não iniciada – 2013

Empresa	Atividade	Investimento (R\$ 1.000,00)	Empregos	Incentivo	Ano
São Lucas Carpintaria e Marcenaria LTDA - ME	Fabricação de Esquadrias de Madeira	R\$ 715,00	15	Locacional	2012
Kiara Smi-Joias - ME	Fabricação de Folhados	R\$ 265,00	23	Fiscal e Locacional	2012
LF Indústria e Comércio de Mármore e Granitos LTDA - ME	Produtos de Mármore e Granito	R\$ 569,00	7	Locacional	2012
Indústria de Gesso Gessolar LTDA	Minerais não Metálicos	R\$ 502,00	14	Locacional	2012
Sobral Indústria Comércio e Serviços LTDA	Construção Civil	R\$ 870,00	12	Fiscal e Locacional	2012

Fonte: Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de Itabaiana (2013). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Tabela 16 – Itabaiana/SE: Projetos industriais analisados e em tramitação – 2013

Empresa	Atividade	Investimento (R\$ 1.000,00)	Empregos	Incentivo	Status
Indústria de Embalagens de Papelão Serrano LTDA	Embalagens	R\$ 807,00	15	Locacional	Ok
Indústria e Comércio de Móveis Modelo LTDA	Embalagens de Papelão	R\$ 688,00	6	Locacional	Ok
MW Metalúrgica LTDA	Fabricação de Esquadrias	R\$ 602,00	5	Locacional	Ok
Artefatos de Cimento Venda Nova LTDA	Artefatos de Cimento	R\$ 798,00	10	Locacional	Ok
Lucas e Jesus Santos LTDA	Carpintaria	R\$ 786,00	12	Locacional	Ok
Carrocerias MAX LTDA	Fabricação de Cabines	R\$ 815,00	19	Fiscal e Locacional	Tramitação
Indústria de Molas Aélis Trucks LTDA	Fabricação de Peças e Acessórios	R\$ 725,00	7	Locacional	Ok
LF Indústria de Plásticos LTDA	Embalagens Plástico	R\$ 899,00	6	Fiscal e Locacional	Ok
Itabaiana Folhados LTDA	Fabricação de Bijuterias	R\$ 326,00	24	Locacional	Tramitação
Klesiane Aparecida dos Santos & CIA LTDA	Fabricação de Bijuterias e Artefatos	R\$ 1.215	35	Fiscal e Locacional	Tramitação
Zafira Joias LTDA	Artefatos de Joalheria	R\$ 1.046	16	Locacional	Ok
FT Confeções LTDA	Confeções de Peças de Vestuário	R\$ 905	10	Locacional	Ok
JC Plast Comércio Atacadista de Embalagens LTDA	Fabricação de Papeis e Embalagens	R\$ 353	12	Locacional	Ok
SGA Joias Folheados LTDA	Fabricação de Bijuterias	R\$ 837	17	Locacional	Ok

Fonte: Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de Itabaiana (2013). Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

Diante do exposto, acredita-se que as duas cidades começaram a se tornar área de atração de industriais e comerciantes de várias localidades que enxergam aí um meio de implantarem e desenvolverem seus negócios, uma vez que, à medida que vão obtendo lucro vão reinvestindo nos seus pequenos negócios e/ou em outros (“produzir o máximo em quantidade, segundo a política de reinvestimentos maciços dos lucros em renovação de máquinas [por exemplo]” (MAMIGONIAN, 1965, p. 90)), sejam no mesmo ramo ou em ramos que estejam em expansão na cidade.

Observa-se que o aumento nos lucros deve-se a um mercado consumidor de produtos manufaturados que vem crescendo no interior das principais cidades agrestinas (graças também ao contingente populacional que tem aumentado nas últimas décadas) e que se estendem as demais cidades, não só no estado como

para os demais estados nordestinos e também para outras regiões, valorizando cada vez mais os produtos locais e investindo na produção de acordo com o gosto desses consumidores, além é claro da qualidade que se deve ter para manter-se no mercado e não ser derrubado pelas concorrências vorazes, a maioria advindas de outras regiões e/ou países.

A partir dessas considerações iniciais sobre as iniciativas locais no processo industrial, desde os primeiros tipos de materiais, mão de obra até os recursos financeiros investidos, cabe adentrar numa análise acerca das estruturas dos estabelecimentos industriais trazendo para discussão um estudo sobre as seguintes estruturas: produção mensal/anual e seus consumos, tipos de matéria-prima e sua procedência, os gastos e lucros (questões financeiras), expansão e/ou redução dos estabelecimentos, condições da maquinaria etc.

6.3. Iniciativas locais no processo industrial de Arapiraca

A cidade de Arapiraca desde quando povoado já dialogava e mantinha um bom relacionamento com a sua vizinhança, apoiada em atividades agrícolas, na feira livre e no comércio que estava em formação. Entre as décadas de 1920 e 1940, com a transformação da mandioca em farinha e posteriormente do fumo em folha para fumo de rolo, é que se notam os primeiros indícios da atividade industrial na cidade.

O processo de industrialização de Arapiraca, quase confundido com um trabalho mais artesanal, tem início antes mesmo de se pensar na criação da SUDENE. Por volta de 1920 já existia na cidade diversas casas de farinha¹⁵⁹, que transformavam a mandioca cultivada em farinha, mediante um processo que se dava de forma tradicional e com pouca maquinaria. Nesse período era difícil estabelecer uma distinção entre a pequena indústria nascente e o artesanato,

O artesanato destina-se a atender a um mercado local utilizando um mínimo de maquinaria e de técnica, sendo dirigido por empresários que não têm uma maior informação sobre as técnicas administrativas, empregando geralmente, pequeno número de trabalhadores por estabelecimento – quase sempre menos de cinco (ANDRADE, 1974, p. 116).

Junto com a mandioca existia o cultivo do algodão¹⁶⁰ e outros produtos que passaram a integrar a economia da cidade, atraindo novos investimentos e fábricas, principalmente, depois da forte concentração da cultura fumageira, que intensificou seu cultivo a partir dos anos de 1940, ultrapassando a mandioca e ocupando posto de principal produto cultivado em Arapiraca. Juntamente com Coité do Nóia e Lagoa da Canoa, constituíram a Região Fumageira do Agreste Alagoano. Contudo, a cidade de Arapiraca é a que sobressai, com uma mancha territorial bem significativa,

Segue-se o de Lagoa da Canoa, colocada, a longa distância, em segundo lugar. Os quatro municípios que se seguem são os de Jirau do Ponciano, Feira Grande, São Sebastião e Igaci. Com produções menores, também integram a área em causa os de Taquarana, Limoeiro de Anadia e Coité do Nóia, onde o fumo participa com certa

¹⁵⁹ Andrade (1974, p. 118), mostra que a produção de alimentos “tem importância devido à grande quantidade de ‘casas de farinha’ que beneficiam a mandioca, fornecendo à população rural a farinha e a goma”.

¹⁶⁰ Conforme Andrade (1998, p. 144), “industrialização mais barata e menos urgente que a da cana colocou o beneficiamento do algodão na mão de comerciantes que, com suas bolandeiras, a princípio, e seus descaroçadores depois, estabeleciam-se em cidades, vilas, e povoações, passando a comprar a matéria-prima ao agricultor para vendê-la, após o beneficiamento, aos exportadores”.

expressividade das combinações agrícolas respectivas. (MELO, 1980, p. 274).

Arapiraca, como principal cidade do interior alagoano e segunda cidade de maior importância para o estado, criou o seu distrito industrial, oferecendo subsídios¹⁶¹ às indústrias que tivessem interessadas em se instalarem em terras arapiraquenses. Passou então a sofrer mudanças significativas, de uma indústria surgida mediante um capital e mão de obra local, para a instalação de indústrias de fora, preocupadas apenas em usufruir dos benefícios que lhes foram dados, como matéria prima, mão de obra barata, infraestrutura, energia, transporte etc.

Em relação às observações feitas inicialmente no que concernem as indústrias arapiraquenses, percebe-se uma forte presença da indústria voltada ao ramo alimentício – com sua gênese mediante investimentos locais em força de trabalho, capital, maquinaria etc. Cita-se o Grupo Coringa (alimentos diversos), Trigo e CIA (panificação), Vinagre Camarão (vinagres e molhos) e Popular Alimentos (doces e salgados). Outras além do ramo alimentício podem ser citadas: Araforros (PVC), CILEL (artefatos de concretos), Merconplas (materiais plásticos) etc.

A Indústria Vinagre Camarão pertence ao Grupo Zezinho Galdino, que abrange também a empresa de ônibus Real Arapiraca e a Loja de Informática Mídia. A Vinagre Camarão e as demais são exemplos de indústrias nascidas e desenvolvidas na cidade, que ao longo do tempo contribuíram para o desenvolvimento econômico de Arapiraca. Para alcançar esse patamar, Mamigonian (1965, p. 97) diz que “justamente estas grandes famílias compreenderam muito bem a política financeira que conduz ao desenvolvimento econômico: elas aplicaram cuidadosamente, nos seus negócios, a retenção máxima dos lucros”.

Dentre essas indústrias a mais antiga de que se tem notícia é a Indústria Vinagre Camarão, nascida no ano de 1943 nas proximidades do centro da cidade, hoje localizada na zona rural, no povoado Batingas. Na sequência vem o Grupo Coringa de 1969 (primeira instalação no bairro Primavera) e Popular Alimentos de 1975 (inicialmente no bairro Alto do Cruzeiro), ambas com localização zona urbana de Arapiraca. Atualmente encontram-se instaladas respectivamente no bairro Planalto em Arapiraca e Distrito Industrial da cidade de Limoeiro de Anadia/AL.

¹⁶¹ Para Wallerstein (2001, p. 47), através de diversas taxações “os governos têm sido capazes de reunir grande quantidade de capital, que têm redistribuído para pessoas ou grupos, já grandes detentores de capital, através de subsídios”.

Posteriormente surgiram outras pequenas indústrias, assim, como as já existentes foram crescendo e aumentando seus espaços e sua produção¹⁶², bem como o número de trabalhadores (em relação ao número de pessoas empregadas, juntas Coringa, Merconplas e Popular Alimentos são responsáveis por empregar aproximadamente 1943 pessoas), precisando deslocar-se para áreas maiores.

Chama atenção o fato de várias indústrias estarem localizadas nas proximidades do Centro da cidade, fato decorrente da limitação do perímetro urbano, o que não abrangia as referidas indústrias. Hoje, por estarem presentes na zona urbana acabam muitas não tendo espaço para expandirem suas áreas, levando a um deslocamento para zona rural e/ou mesmo outras cidades, como é o caso da Popular Alimentos que se deslocou para zona rural de Limoeiro de Anadia/AL.

Mediante a realização do trabalho de campo realizado em algumas das principais indústrias de Arapiraca foi possível constatar o grau de importância que elas têm – como indústrias nascidas a partir de iniciativas locais – não somente para a cidade e região como para todo o estado. A seguir alguns exemplos dessas indústrias serão apresentados de acordo com o ano de sua fundação, segundo dados obtidos no campo. É apresentado não somente sua gênese (capital, maquinaria, mão de obra etc.) como sua evolução e organização espacial.

6.3.1. Indústria Vinagre Camarão Alimentos LTDA

A Indústria Vinagre Camarão – ramo alimentício – foi fundada em 1943, na zona urbana de Arapiraca, proximidades do Riacho Piauí no Centro da cidade. No ano de 2002, a empresa passou a fazer parte do Grupo Zezinho Galdino, sendo adquirida mediante investimento de capital próprio que já pertencia ao grupo devido os lucros que iam sendo obtidos com outros estabelecimentos. Os proprietários atuais são totalmente diferentes daqueles que a fundaram.

A indústria é formada por uma sociedade de irmãos, que antes de começarem no ramo industrial trabalhavam na empresa de ônibus Real Arapiraca Viação LTDA, que juntamente com a loja Mídia Informática (no ramo de informática) formam o já

¹⁶² Aumentar a produção é, ao mesmo tempo, de acordo com Rangel (2012b, p. 141), “causa e efeito primários do desenvolvimento econômico [...]. O desenvolvimento econômico tem origem, não no processo de produção [...] mas no processo de distribuição que é efeito estritamente social, porque diz exclusivamente respeito às relações entre os homens”.

referido Grupo Zezinho Galdino, nome dado em homenagem a “Zezinho Galdino”, agricultor responsável por criar a principal empresa de ônibus de Arapiraca¹⁶³.

Vinagre Camarão, em seu início, tinha uma forma de produção mais artesanal, num salão pertencente aos donos que a deram origem, tendo por esta época, a família, como única mão de obra. As máquinas usadas na produção do respectivo produto foram inseridas aos poucos, mesmo não sendo tão modernas, tiveram grande representatividade para o negócio que começava a se formar.

A partir do momento em que a empresa passa para as mãos da Família Galdino, com uma nova administração, a maquinaria passa a ser substituída. Com a introdução de máquinas novas (a maioria são substituídas a cada 5 anos ou sempre que preciso; os constantes reparos são feitos por trabalhadores da própria indústria ou quando necessário, serviços de terceiros) provenientes da região Sul do país, a indústria é repaginada e passa a ter uma nova cara, aumentando ainda mais a sua clientela, com uma produção e um raio de abrangência que foi se expandindo e conquistando mais espaço no mercado, conseqüentemente, aumentando seu lucro.

Considerando o crescimento da cidade e da própria indústria, o espaço em que estava localizada não contemplava mais suas necessidades, levando a nova administração a tomar a decisão de transferi-la. Tal mudança não significava a

¹⁶³ A empresa de ônibus Real Arapiraca Viação LTDA, foi criada em 1983 no povoado Batingas zona rural de Arapiraca, por iniciativa de José Galdino. Por esta época, além de trabalhar com o cultivo de fumo, desde a plantação, colheita, secagem até a venda do produto final (essa venda era feita tanto a compradores certos como outros diretamente na feira livre de Arapiraca), também já fazia o transporte de passageiros nos dias de feira em uma caminhonete. Vendo que o negócio no ramo de transporte estava surtindo efeito, decidiu adquirir um ônibus, este já usado e que pertencia a empresa São Tiago. Neste momento somente ele e mais dois filhos trabalham com esse transporte, fazendo viagens do povoado já referido até o Centro da cidade. Três anos depois, em 1986 comprou mais 4 ônibus de Antônio Julião que também trabalhava com transporte de passageiros. Daí em diante não parou de crescer, hoje é a principal empresa de ônibus da cidade de Arapiraca e região, transportando cerca de 150 mil passageiros mensalmente através de linhas que integram o Centro a várias localidades como os povoados Pau D'Arco, Bananeira, Taboquinha e Vila S. Francisco; os bairros Boa Vista, Cohab, Planalto, Jardim das Paineiras; e os conjuntos Brisa do Lago e UFAL/Agreste. O número de passageiros e a expansão das rotas só não são maiores devido à concorrência (principais concorrentes: Mãe do Salvador, RM Viação, São Judas Tadeu e os Moto-táxis) e a falta de incentivo dos órgãos públicos. A empresa conta atualmente com 110 trabalhadores, dos quais 10 são do sexo feminino, sendo somente 5 pertencente à família. As despesas estão estipuladas mensalmente em mais ou menos R\$ 200 mil reais com os transportes (manutenção, combustível etc.), cerca de R\$ 150 mil reais com salários (cobrador: média de R\$ 1.000 reais; Motorista: média de R\$ 1.500 reais) e aproximadamente R\$ 70 mil reais com impostos (Documento de Arrecadação de Receitas Federais/DARF, Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza/ISS, Fundo de Transporte Urbano/FTU, Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas/ARSAL). Assim, percebe-se que a empresa juntamente com a Indústria Vinagre Camarão e a Mídia Informática compõe o Grupo Zezinho Galdino, que teve suas origens na zona rural com a agricultura, impulsionada através da feira livre, tornando-se num grupo de extrema importância para Arapiraca, uma vez que gera emprego, renda e acesso de transporte público, principalmente para as pessoas de menor poder aquisitivo.

abertura de uma filial, mas sim, a transferência geral da indústria. Sua localização passa a ser em área pertencente à família, num espaço maior em Batingas – zona rural, na Rodovia AL-110, onde também nasceu a empresa de ônibus Real Arapiraca –, contemplando suas necessidades e empregando a população dessa área.

A Indústria Vinagre Camarão trabalha com a fabricação de vinagres e molhos, dos quais necessitam de matérias-primas diversas, desde a pimenta e sal até a água. Essas matérias provêm de Alagoas, Sergipe, São Paulo e Santa Catarina, onde a efetivação, em sua maioria, do pagamento é feita à prazo. A partir da compra de tais matérias-primas, a indústria chega a produzir por mês em torno de 70 mil pacotes entre vinagres e molhos. Produção destinada principalmente para Alagoas, seguida dos estados de Sergipe, Pará e Amapá (mapa 8 – Arapiraca/AL – Indústria Vinagre Camarão: Principais destinos da produção – 2015), onde seus clientes têm flexibilidade no momento da efetivação de seus pagamentos, tanto à vista quanto à prazo (esse prazo é o que caracteriza o CS da economia urbana (cartão de crédito, cheque etc.), diferenciando daquele da feira livre – o fiado).

Mapa 8 – Arapiraca/AL – Indústria Vinagre Camarão: Principais destinos da produção – 2015

Atualmente a indústria conta com 20 trabalhadores, sendo 15 homens e 5 mulheres, dos quais 4 são da própria família, com todos regulamentados e carteiras de trabalho assinadas. Esse quantitativo é o mesmo na maior parte do ano, porém, quando se tem pedidos acima do previsto, ocorre a contratação de novos trabalhadores, mas por tempo determinado. Apesar da maioria dos trabalhadores que compõe seu quadro de funcionários ser dos arredores do povoado onde a indústria está instalada, têm-se alguns funcionários que residem na zona urbana da cidade. O deslocamento casa-trabalho-casa dessa mão de obra – inclusive a mais especializada, que também é da própria cidade – é feito utilizando-se a moto, a bicicleta e os ônibus do Grupo Zezinho Galdino.

A indústria tem um gasto mensal que abrange salários, matérias-primas, impostos municipal, estadual dentre outros. Desembolsa mensalmente cerca de R\$ 16 mil reais com o pagamento de salários dos seus funcionários, sendo o valor equivalente ao mínimo nacional mais hora extra e são repassados aos trabalhadores através da CEF¹⁶⁴. Em relação aos gastos com matéria-prima, impostos e seus respectivos valores, os responsáveis preferiram não conceder tais informações.

Segundo os proprietários, os maiores problemas encontrados para trabalhar no respectivo ramo, especificadamente em relação ao que é produzido, é a concorrência, tendo a Indústria de Vinagres Ostra, localizada em Maceió, como a maior concorrente. Quanto ao grau de importância para a economia da cidade e do estado, citaram a geração de empregos, a oferta de um produto local de boa qualidade, preços mais acessíveis à população e facilidade de serem encontrados, já que estão presentes em todos os mercados do Estado, mesmo a empresa não usando dos meios de comunicações para propaganda de seus produtos.

¹⁶⁴ No que se refere aos valores desembolsados para pagamentos de salários, impostos, matéria-prima entre outros, ocorrerá algumas divergências entre os valores informados pelos entrevistados e aqueles calculados mediante as informações adquiridas, por exemplo, se calcularmos o valor gasto com salários da referida indústria, perceberemos que R\$ 16 mil reais informado pela mesma, pagaria os seus 20 funcionários (levando-se em consideração que o salário mínimo estivesse fechado em R\$ 800 reais), porém, sem hora extra e sem distinção de salários entre todos os funcionários. Neste sentido, todos os valores aqui expostos e seus respectivos cálculos foram feitos de acordo com as informações prestadas mediante o trabalho de campo. Diante disso pode-se refletir no que nos mostra Rossini (2012, p. 10), “é muito difícil levantar informações quanto aos rendimentos das pessoas oriundos do trabalho: ou não informam, ou aumentam, ou diminuem e raramente fornecem o solicitado corretamente. É uma inibição natural do ser humano e muito maior ainda daquele que sente que suas condições são efetivamente precárias”.

6.3.2. *Indústrias Reunidas Coringa LTDA*

Inicialmente a empresa trabalhava somente com a comercialização de fumo, que estava fortemente marcando a economia de toda a região Agreste, onde Arapiraca gozava de bons resultados provenientes da cultura fumageira. José Alexandre dos Santos, de 76 anos, arapiraquense, com grau de escolaridade que não passa do primário e que trabalhava no cultivo de fumo em terras arrendadas foi o responsável pela criação, em 1969, da *José Alexandre dos Santos & CIA LTDA*¹⁶⁵, que negociava com o fumo em rolo e em folha.

Graças ao seu espírito empreendedor e de iniciativa, atrelado aos poucos recursos que tinha na época, comprou em 1975 uma pequena fabriqueta de café e de farinha feita a partir do milho, localizada no bairro Primavera, zona urbana da cidade. Com o passar dos anos, o fundador e atual proprietário passou a investir mais recursos, tanto próprio como aqueles conseguidos através de parcerias com amigos, por exemplo, José Levino e Adelmo de Oliveira Nunes. Isso veio a afirmar mais ainda a garra, a força e o espírito de iniciativa que o agrestino tem para os negócios, pois, de pequena fabriqueta passou a ser a mais importante indústria no ramo alimentício do interior alagoano, que desde 1985, abriga todas as indústrias do grupo em um mesmo complexo, sendo assim, chamado de *Indústrias Reunidas Coringa LTDA*, popularmente conhecida como *Grupo Coringa*.

A primeira máquina usada foi uma forrageira que servia para picar o fumo antes de ser revendido. Essa máquina, e a única durante muitos anos, era da marca Nogueira e foi adaptada por um de seus funcionários (em sua maioria a mão de obra usada era basicamente familiar) para corresponder às necessidades da indústria que começava a se firmar e que continuaria até os dias presentes. Conta atualmente com máquinas seminovas que dão conta das necessidades da indústria, mas sempre que necessário, são adquiridas novas máquinas e antes da possível substituição elas passam por manutenção e consertos, que são feitos tanto pela própria empresa como por serviços especializados de terceiros.

Os negócios ainda continuam nas mãos da família, contando com uma sociedade formada por sete sócios, onde José Alexandre é o Diretor Presidente,

¹⁶⁵ No ano de 1970 devido ao crescimento que a empresa estava tendo, surge a *Fumo Extra Forte* e três anos depois, em 1973, criam a *Incomforte*. Conquistando o mercado neste ramo passaram a investir em outros tipos de indústrias, a exemplo da *Ciplasa* e da *Trigal*. A primeira trabalhando no ramo de embalagens plásticas, voltada, principalmente, às necessidades da empresa; a segunda referente ao transporte de cargas.

com uma participação de mais ou menos 53%¹⁶⁶. A indústria atualmente está localizada em terreno próprio na Rodovia AL-220, km 6 no bairro Planalto, zona urbana de Arapiraca, nas proximidades da zona rural da cidade (foto 35 – Arapiraca/AL: Vista aérea do Grupo Coringa – 2013). Esse novo espaço veio contemplar às necessidades da mesma, que ganhava proporções, não sendo mais possível permanecer no local inicial.

Foto 35 – Arapiraca/AL: Vista aérea do Grupo Coringa – 2013

Fonte: Arquivo particular da Indústrias Reunidas Coringa LTDA (2013).

Para atender a demanda cada vez mais crescente dos produtos produzidos pelo Grupo Coringa, foi instalada uma filial em Luís Eduardo Magalhães no estado da Bahia, fortalecendo e ampliando o raio de abrangência da indústria. Apesar desse aumento, não houve nenhuma compra, nem absorção de empresas concorrentes, mas, vale lembrar que alguns dos sócios do grupo possuem ações em outras empresas, como a “Rádio Novo Nordeste”, uma das mais importantes empresas no que se refere ao elemento comunicacional no Estado de Alagoas.

Dentre os produtos produzidos estão o flocão de fibras de milho e de arroz, café, leite de coco, colorífico, fumo, mingau, néctar de frutas, sucos, flocão recheado

¹⁶⁶ Os demais sócios são: Adelmo de Oliveira Nunes com 36,2%, Marcelino Alexandre José dos Santos com 4,2%, Luis José dos Santos com 3%, Alberto José dos Santos com 2% e José Alexandre Filho com 1,6%.

e plástico. Para poder produzir tais produtos, a indústria necessita de matérias-primas¹⁶⁷ como o milho, o arroz, o café em grão, o fumo etc., em sua maioria provém do estado da Bahia. Para pagar tais matérias-primas, é necessário um valor de aproximadamente R\$ 7 milhões de reais, que é repassado para os fornecedores mediante pagamento feito de formas diversas, dependendo do tipo de matéria-prima e do fornecedor. Têm-se ainda os seguintes gastos mensais: salários e ordenados, aproxima-se de R\$ 1 milhão e 356 mil reais (pagos através do BB e da CEF) e cerca de R\$ 3,3 milhões de reais em impostos (IPI, ICMS, COFINS, PIS, ICMS Substituto).

A indústria tem uma clientela que atende não somente os nove estados do Nordeste, como também, alcança os estados do Norte do país, conforme o mapa 9 – Arapiraca/AL – Grupo Coringa: Principais destinos da produção – 2015. Pode-se dizer que a propaganda feita pela empresa em TV, rádio, jornais, revistas, panfletos e até no uniforme do time de futebol da cidade, o ASA de Arapiraca, contribui para alcançar um número cada vez maior de clientes. Esses clientes fazem seus pagamentos no boleto e depósito, pois, é considerada uma forma segura de fazerem essas transações entre compra e venda. A partir dessas vendas, a empresa tem um faturamento bruto anual de aproximadamente R\$ 241.630.000 milhões de reais referentes à matriz e a filial. Após todos os gastos com matérias-primas, salários, impostos entre outros, é possível obter um lucro mensal que gira em torno de R\$ 7,4 milhões de reais que são repartidos proporcionalmente entre seus sócios.

¹⁶⁷ A quantidade das principais matérias-primas utilizadas mensalmente para a produção dos produtos já referidos está estipulada aproximadamente da seguinte forma: milho em grãos (25.555.700 kg), milho desgerminado (20.280 kg), arroz comum (1.038.280 kg), arroz quebrado (687.000 kg), café em grão cru A rabica (1.815.360 kg) e café em grão cru C onilon (600.000 kg).

Mapa 9 – Arapiraca/AL – Grupo Coringa: Principais destinos da produção – 2015

Levando-se em consideração a grande concorrência nesse ramo, a indústria não trabalha com prestação de serviços a outras empresas. A principal concorrente na área de atuação é a Indústria Maratá de Itaporanga D'Ajuda em Sergipe. Além da concorrência, tem o problema da falta de matéria-prima em determinadas épocas do ano, o que vem a se tornar um dos maiores problemas enfrentados pela indústria. Para os responsáveis, uma das medidas adotadas pelo poder público para amenizar esse e outros problemas, seria a diminuição dos impostos sobre alguns produtos, bem como incentivar a produção local dos produtos de extrema necessidade. Por parte da própria indústria e de alguns fornecedores, poderia citar a estocagem de certos produtos para suprir suas necessidades em épocas de escassez.

Para seus responsáveis o Grupo Coringa tem grande importância para a economia da cidade e do estado, a exemplo da geração de emprego e renda, uma vez que, a mesma emprega um contingente de aproximadamente 1000 trabalhadores entre familiares ou não, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da cidade. Esse número tem um aumento de aproximado 10% dependendo da produção e do quantitativo de matéria-prima.

Tanto a mão de obra mais especializada, quanto aquela de forma geral, são de Arapiraca. A empresa, além de fornecer transporte (ônibus da própria empresa) para o deslocamento dos seus funcionários, proporciona cursos para o aperfeiçoamento e formação da mão de obra não qualificada, através de parcerias com o Sesi/SENAI e SEBRAE, vale ainda lembrar que todos são contratados seguindo as normas das leis trabalhistas.

6.3.3. INAP – Indústria Alimentícia Popular LTDA

A Indústria Alimentícia Popular LTDA, especializada no ramo alimentício (doces principalmente), foi fundada por Sebastião Alves em 1975, em sua residência na Rua São João no bairro Alto do Cruzeiro, zona urbana de Arapiraca. Todo investimento financeiro para poder começar o que viria mais tarde ser a Popular Alimentos, deve-se a um capital próprio, certa quantia que o mesmo possuía e que aos poucos empregava em seu negócio. Juntamente com sua esposa começou produzindo um doce chamado “quebra-queixo” (feito com coco seco e açúcar), vendendo-o em sua própria casa. Aos poucos foram produzindo em quantidade maior, o que contou com o apoio de seus familiares para tal, totalizando 8 trabalhadores, dos quais 6 eram homens e 2 mulheres¹⁶⁸.

Com o aumento nas vendas e nos pedidos decidiu aumentar a produção e fabricar novos doces, levando-os a adquirir outros instrumentos para a produção dos mesmos (a maquinaria usada nesse momento era nova e de tipo artesanal, sendo criada pelos donos de acordo com suas necessidades). Esse aumento levou a transferência da pequena fábrica para uma localidade mais afastada, bairro Arnon de Melo, na AL-220 (foto 36 – Arapiraca/AL: Indústria Alimentícia Popular LTDA – 2014). O risco para os moradores vizinhos que ela estava começando a causar, principalmente, depois de um pequeno acidente em uma das caldeiras, foi também um dos motivos que levou a essa transferência.

Da simples caldeira para preparação dos doces, passa-se ao uso de máquinas modernas, contando em grande parte com um maquinário usado, que tem

¹⁶⁸ Assim como o pai, com quem adquiriram experiências, Expedito Carvalho de 48 anos e José Maria Carvalho de 54 anos, sempre trabalharam nesse ramo. O primeiro ocupa o cargo de diretor de produção e o segundo de diretor comercial, com origens em Garanhuns/PE e Arapiraca/AL, respectivamente, possuindo apenas o ensino médio. Eles são hoje os responsáveis por comandarem o negócio que ainda continua na família.

um tempo de duração que varia entre cinco e dez anos, sendo adquiridas novas máquinas sempre que preciso, quando o conserto não é mais suficiente. Além de a empresa ter setor específico para o conserto de suas máquinas, conta com mão de obra especializada de terceiros, que é empregada também no conserto da frota de transporte da empresa e no auxílio da produção de suas próprias embalagens.

Devido à falta de incentivo por parte da prefeitura municipal da cidade de Arapiraca, a Popular Alimentos desde junho de 2014 começou sua transferência para o DI de Limoeiro de Anadia, localizado no Povoado Pé-Leve. Junta-se a essa falta de incentivo, os benefícios que a Prefeitura passou a disponibilizar para que a mesma se instalasse em seu território. Um desses incentivos foi a doação do terreno, espaço que contempla parcialmente as atividades da mesma, visto que a tendência é aumentar o tamanho, uma vez que a produção tem tido grande crescimento nos últimos anos. Reflexo desse aumento é a abertura de duas filiais da empresa, uma instalada em Garanhuns/PE e outra na cidade de Própria/SE.

Os produtos de maiores destaques, além do “quebra-queixo”, são os doces em lata e em pote, a tradicional paçoca, a bananola, o “nego bom”, o lanche e os salgados (pipoca, molhos e salgadinhos diversos). Para a produção de tais produtos utilizam-se, goiaba, banana, biscoito, leite e milho (em xerém). São matérias-primas provenientes da zona rural de Arapiraca, e outras adquiridas no estado do Ceará. Compra-se e paga à vista, no entanto, as revendas dos produtos aos seus clientes (essa clientela está presente em todos os estados nordestinos – ver mapa 10 – Arapiraca/AL – Popular Alimentos: Principais destinos da produção – 2015) se dão à vista, como também através de cheque e boleto bancário.

Foto 36 – Arapiraca/AL: Indústria Alimentícia Popular LTDA – 2014

Fonte: Trabalho de campo terça-feira, 28 de janeiro de 2014. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 16h02min.

Mapa 10 – Arapiraca/AL – Popular Alimentos: Principais destinos da produção – 2015

A empresa acredita que as propagandas realizadas tanto em rádio quanto na internet, são essenciais para ganhar mais mercado e continuar ocupando seu espaço, mesmo com várias outras empresas concorrentes (que é considerado um dos problemas que direta ou indiretamente atinge a indústria) como a Doceada da Distribuidora Asa Branca de Arapiraca, a Palmeron (empresa a nível nacional

localizada no DI de Belo Jardim em Pernambuco) e a Paçoquinha (empresa de doces e a principal concorrente em relação à paçoca produzida pela Popular Alimentos). Uma das soluções para que a indústria possa superar esse e os demais problemas, segundo seus proprietários, é a presença mais ativa do poder público (com destaque para o estadual), dando maiores incentivos, como por exemplo, capacitação e cursos profissionalizantes (a empresa conta com curso de aperfeiçoamento em parceria com SENAI e SEST/SENAT) para que se tenha um pessoal mais capacitado e mais apto para trabalhar de forma a aumentar a produção e abrir espaço para contratação de mais pessoas.

A indústria Popular Alimentos desempenha papel de suma importância no desenvolvimento econômico de Arapiraca e de Limoeiro de Anadia, pois, além de gerar emprego e renda, contribui no processo de industrialização das duas cidades. Além disso, cria também emprego de forma indireta mediante a venda do seu produto para outras empresas, onde estas embalam com suas marcas e fazem a revenda como se fossem produzidos por elas.

O número de pessoas empregadas pela empresa é de 603 trabalhadores, dos quais 372 são homens e 231 são mulheres, sendo que 100 são da família e/ou familiares. Esse número de trabalhadores tem um aumento em torno de 20% a 30% entre os meses de março e outubro. Toda essa mão de obra possui suas respectivas carteiras de trabalho assinadas, inclusive aquela mão de obra mais especializada que vem da capital, Maceió. A maior parte dos trabalhadores é da cidade de Arapiraca, mesmo a empresa estando em processo de mudança, sendo que o deslocamento até o local de trabalho é feito pelo ônibus da empresa, salvo exceções; outra parte são aqueles advindos da zona rural de Limoeiro de Anadia (uma das imposições da prefeitura foi que a empresa empregasse os moradores dessa região da cidade) e que se utilizam da bicicleta e da moto para chegarem ao trabalho, pois, moram nas proximidades de onde a indústria está instalada.

A estimativa de gastos mensais com salário gira em torno de R\$ 482.400,00, uma vez que a média de salário é de R\$ 800,00, sendo repassado aos trabalhadores através da CEF. Por fim têm-se os gastos com impostos (ISS, PIS, CONFINS), mas que não foram informados os seus valores, segundo os responsáveis por medida de segurança, assim como não foi informado o lucro.

6.3.4. CILEL Comércio e Indústria de Lajes LTDA

Conhecida popularmente como CILEL, ela trabalha com a produção de artefatos e concretos desde o ano de 1976, quando de sua gênese no bairro Cacimbas em Arapiraca. O atual dono e sócio administrador, Evanildo Almeida, de 62 anos, professor, nascido na própria cidade, é um dos fundadores da referida indústria (outro fundador foi um primo que hoje é dono de outra empresa no mesmo ramo). Evanildo e seu primo começaram nesse ramo trabalhando na confecção de blocos e pisos, num espaço em terreno de aproximadamente 24mx30m. Neste momento contaram apenas com os poucos recursos financeiros que os dois conseguiram juntar, sem nenhum tipo de empréstimo nessa primeira fase.

Para a produção dos blocos e pisos eram usadas máquinas seminovas, simples e que passava por um processo mais artesanal. No desenrolar dos trabalhos passaram a contar com maquinaria mais nova fornecida pela empresa Menegoti localizada em São Paulo, sendo, ainda hoje, a mesma empresa que fornecer as máquinas utilizadas pela indústria. Pode-se dizer que em seu início, contava com quatro trabalhadores, totalizando 6 funcionários, incluindo os dois primos fundadores, dando assim, prosseguimento aos trabalhos da recém criada CILEL.

Hoje encontra-se localizada em espaço próprio com um anexo alugado, com área em torno de 19.259,03 m² na Rodovia AL-110, km 68 no bairro Nova Esperança na zona urbana da cidade (foto 37 – Arapiraca/AL: CILEL Comércio e Indústria de Lajes LTDA – 2015). Mesmo ocupando um espaço nessas proporções, é possível afirmar que ainda não é suficiente para contemplar todas as necessidades das atividades desenvolvidas pela empresa, visto que, a demanda por seus produtos continua crescendo. Apesar desse crescimento a empresa ainda não viu a necessidade de abrir filial, nem mesmo comprar ou absorver empresas concorrentes, das quais, a que mais compete diretamente com a CILEL é a Concrenorte e a Redemix (ambas de Arapiraca).

Os principais produtos produzidos atualmente pela CILEL são as estruturas para galpões, pré-moldados, postes, tubos, pisos, concretos usinados, vigas e estacas. A respectiva quantidade mensal de cada um desses produtos está distribuída da seguinte forma: concreto usinado (840 m³), piso (3.600 m²) e placas em geral (2.455 peças). A empresa conta com maquinaria seminova, já que elas têm

uma duração de aproximadamente 25 anos com a manutenção necessária (esta feita por terceiros e prestadores de serviços autônomos).

Os materiais mais utilizados são o cimento, areia, brita, ferro e água. A origem é diversa, chegando da Bahia, Pernambuco e Maceió/AL (ferro); São Miguel dos Campos/AL (cimento); e Arapiraca/AL (brita, areia e água). Mensalmente os gastos da empresa estão estipulados em mais ou menos R\$ 500 mil reais com matéria-prima, valor que é pago através de depósito antecipado (80%), que se refere ao cimento e ao ferro; brita e areia são pagas à prazo com 30 dias (20%). No que se refere aos gastos com salários, estima-se um valor de R\$ 190 mil reais mensais aproximadamente (não utiliza nenhum banco para pagamento), com média de salário em torno de R\$ 1.200 reais. Já com impostos (ISS, ICMS, PIS, COFINS, IRPJ, CSSL) o valor está na cifra de R\$ 75 mil reais.

Para poder atingir uma clientela cada vez maior a empresa realiza propagandas no sentido de divulgação de seus produtos, em rádio, internet e no uniforme do time de futebol ASA de Arapiraca. A CILEL atende basicamente todo o estado de Alagoas (mapa 11 – Arapiraca/AL – CILEL LTDA: Principais destinos da produção – 2015), com produtos de boa qualidade e formas variadas de recebimento dos pagamentos por parte da sua clientela, que vai desde o pagamento à vista, à prazo, cartão de débito e crédito (neste caso o cartão de crédito do Governo Federal) até o uso de cheque, fazendo com que se tenha um lucro mensal que gira em torno de R\$ 75 mil reais.

O quantitativo de trabalhadores na empresa atualmente é de 75, dos quais 65 são homens e 10 mulheres, incluindo 3 da família. Quando os trabalhadores não têm nenhum tipo de conhecimento no ramo ou têm pouca experiência, a própria empresa capacita-os com treinamento interno, mais recentemente conta com Sesi/SENAI para tal capacitação. Os trabalhadores, de forma geral, têm procedência tanto da zona rural e urbana de Arapiraca, quanto das cidades de Coité do Nóia, Taquarana, Limoeiro de Anadia e São Sebastião. Cerca de 95% desses trabalhadores utilizam seus carros e motos para o deslocamento até o local de trabalho e apenas 5% fazem uso de transportes alternativos como o ônibus, vans e bicicletas.

Foto 37 – Arapiraca/AL: CILEL Comércio e Indústria de Lajes LTDA – 2015

Fonte: Trabalho de campo quarta-feira, 12 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 11h31min.

Mapa 11 – Arapiraca/AL – CILEL LTDA: Principais destinos da produção – 2015

Os maiores problemas encontrados para trabalhar no ramo de artefato e concreto, segundo a própria CILEL, está na inadimplência e no custo das matérias-primas além, é claro, da concorrência que tem aumentado muito nos últimos anos. Diante disso, algumas medidas para amenizar tais problemas poderiam ser

tomadas, o incentivo por parte do poder público na capacitação dos trabalhadores, de forma a minimizar os gastos; maior controle de qualidade dos produtos; e cálculo de custo para que a concorrência não queira usar de artimanhas e colocar preços abaixo do de mercado. Assim, contribuindo para que a indústria continue sendo importante no desenvolvimento regional, na geração de emprego e renda, elevando o nome do município não somente no estado de Alagoas.

6.3.5. Biscoitos Trigo e CIA

A Biscoitos Trigo e CIA pertencente ao senhor Joarez Valeriano Cavalcante de 50 anos de idade, natural de Arapiraca e atual diretor presidente da empresa, o qual foi responsável pela criação da mesma na década de 1980, com localização inicial na Rua Santos Dumont, bairro Baixão na zona urbana da cidade. Antes de se dedicar ao próprio negócio, Joarez trabalhava com o pai, Luiz Belarmino Cavalcante, em uma panificadora da família, chamada de “Panificadora São Luiz”. Com a experiência que adquiriu com o passar dos anos e o apoio de sua esposa, resolveu dar início a algo próprio, um estabelecimento que fosse dele e da esposa. Então, com os poucos recursos financeiros que tinha foi investindo numa pequena padaria, trabalhando apenas com atendimento de balcão. Em fins do século XX, no ano de 1999 o mais novo pequeno empresário de Arapiraca consegue um empréstimo de R\$ 35 mil reais do BNB para expandir sua produção e conquistar novos horizontes.

Ainda quando padaria localizada no Baixão, empregava 10 trabalhadores, incluindo os proprietários. Nesse momento o trabalho era feito usando máquinas antigas, eram bastante rústicas, mesmo existindo algumas melhores. As mais usadas eram chamadas de serra istarrete (usadas para selar os pacotes com o uso de velas), que empacotava cerca de 8 pacotes por minuto.

Localiza-se atualmente no bairro Verdes Campos em Arapiraca, espaço próprio que contempla totalmente suas atividades, com área de aproximadamente 10 mil m². Não deixou de lado a antiga panificadora, mantendo-a com movimento de balcão. Com a aquisição de máquinas novas aumentou a produção, atingindo cidades além de Arapiraca. Esse aumento, contou também com uma boa qualidade do produto e as propagandas feitas constantemente nas rádios e na internet, mesmo tendo uma grande concorrência – o maior problema segundo o seu proprietário.

Contando com uma produção de biscoitos e pão de forma, a Trigo e CIA está presente em todas as cidades alagoanas (mapa 12 – Arapiraca/AL – Trigo e CIA: Principais destinos da produção – 2014), com clientela satisfeita com os produtos e as facilidades na hora do pagamento, à vista e à prazo principalmente. Para poder ter um bom produto e manter a clientela, algumas matérias-primas tornam-se essenciais. Assim, o uso de farinha de trigo, margarina e coco são as principais e indispensáveis na produção de seus produtos. Elas são adquiridas na Bahia, Fortaleza/CE, Goiás e em Piaçabuçu/AL (nesse caso o coco de boa qualidade), com fornecedores que aceitam tanto pagamento à vista como à prazo.

Mapa 12 – Arapiraca/AL – Trigo e CIA: Principais destinos da produção – 2014

À medida que aumentou a produção viu-se a necessidade de contratar novos funcionários, contabilizando nos dias atuais 32. Esse número tem um leve aumento sempre que cresce o número de pedidos. A mão de obra empregada, inclusive a mais especializada, provém de Arapiraca, contribuindo, dessa forma, na geração de emprego e renda na cidade, onde a empresa desembolsa mensalmente cerca de R\$ 25.600,00 reais para o pagamento dos seus funcionários, levando-se em consideração que é pago o salário base mais hora extra.

6.3.6. Mercomplas Industrial de Plástico Comércio S.A.

A Mercomplas, sendo a mais nova indústria em Arapiraca dentre as entrevistas, trabalha desde sua fundação em 1991 com a produção de utilidades domésticas (plásticas). Toda parte referente à fabricação continua na mesma localidade desde quando foi fundada, na Rua F. Firmino de Oliveira no bairro Nova Esperança em Arapiraca (foto 38 – Arapiraca/AL: Mercomplas Industrial de Plástico Comércio S.A. – 2015), conta também com a distribuidora Lojão Merconplas e com a Incorporadora Merconplas.

Adelmo de Oliveira de 62 anos, fundador da indústria e atual proprietário, ocupa o cargo de diretor presidente. Antes de voltar-se para esse ramo, Adelmo trabalhava na agricultura com o cultivo do fumo. Posteriormente foi trabalhar no Grupo Coringa, onde adquiriu certa experiência no ramo empresarial, além, é claro, das experiências adquiridas na própria feira livre, onde comercializava parte da produção de fumo que cultivava.

Com o crescimento que o ramo de materiais recicláveis estava tendo em empresas no estado de São Paulo e nas grandes cidades do país, o mesmo comprou essa ideia e em seguida decidiu investir o pouco capital que tinha. Atrilado a esse pouco capital, contou com empréstimo bancário do BNDES para poder abrir a indústria no ramo dos recicláveis. A Merconplas foi assim conquistando mercado e expandindo sua produção, de maneira tal, que passou a concentrar-se em área cada vez maior, encontrando-se hoje numa área própria de aproximadamente 14 mil m², contemplando totalmente suas atividades.

Vale lembrar que antes de se tornar a grande empresa que é hoje, a Merconplas começou com um número de trabalhadores na cifra de 20, dos quais 3 eram mulheres e apenas 2 pertencia diretamente a família – o fundador e sua esposa. Toda produção inicialmente era feita através da aquisição de máquinas novas vindas de São Paulo, da marca de uma empresa Alemã (não foi possível saber a marca). Apesar da grande produção hoje, a maquinaria é usada, não tendo renovação da frota, e sim, manutenção feita pela própria empresa.

Os produtos fabricados são bastante diversos, desde baldes e cestos, até as mais diversas utilidades domésticas. Estima-se que a produção mensal gira em torno de 1 milhão e 200 mil peças, destinadas a todos os estados nordestinos, aos estados do Amapá, Tocantins e Pará no Norte; Goiás e Distrito Federal no Centro-

Oeste; e Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo na região Sudeste, podendo ser visto a partir do mapa 13 – Arapiraca/AL – Merconplas: Principais destinos da produção – 2015. Todos os seus compradores optam por fazer o pagamento da mercadoria adquirida através do cheque e do boleto bancário.

Foto 38 – Arapiraca/AL: Mercomplas Industrial de Plástico Comércio S.A. – 2015

Fonte: Trabalho de campo quarta-feira, 25 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 15h51min.

Mapa 13 – Arapiraca/AL – Merconplas: Principais destinos da produção – 2015

Acredita-se que a empresa não conseguiu expandir ainda mais seu mercado, pelo simples fato de não fazer propaganda dos produtos nos mais variados meios de comunicações, com exceção da internet; devido à concorrência, com destaque para a TopPlast Indústria e Comércio LTDA e a Mil Plastic Indústria e Comércio de Plástico LTDA (ambas em Fortaleza/CE); e também devido a falta de incentivo por parte do poder municipal e estadual, que com a criação de cooperativas poderia contribuir na obtenção de mais matéria-prima, gerando mais empregos e renda para a população da cidade e do estado.

Para a produção dos referidos produtos, a empresa precisa de materiais reciclados (esse material é proveniente de cooperativas e depósitos em Alagoas, Pernambuco, Bahia e Sergipe) e de plásticos virgens (já estes são adquiridos através da Braskem/AL). Todo esse material é tratado e transformado em produtos a serem colocados no mercado, que por sua vez, conta com uma mão de obra expressiva. A quantidade de trabalhadores está na faixa de 340 – 277 homens e 63 mulheres –, desse quantitativo os únicos familiares que trabalham na indústria são os proprietários. Esses trabalhadores são tanto de Arapiraca como de outras cidades da sub-região Agreste, com destaque para Feira Grande e Lagoa da Canoa, porém, todos os trabalhadores passam por um treinamento interno antes do seu ingresso.

Por fim, cabe fazer referência aos gastos da indústria. No que concerne à matéria-prima o valor gasto fica em torno de R\$ 900 mil reais mensais (pagos mediante boleto bancário e à vista); em salário gasta-se R\$ 220 mil reais (salário mínimo mais hora extra), pagos através do B SANTANDER; e por fim têm-se os gastos com impostos (ICMS, PIS, CONFINS, IPI), correspondendo a R\$ 280 mil reais.

6.4. O papel das indústrias locais na economia de Itabaiana

No Agreste Sergipano destacam-se as Microrregiões de Itabaiana e Lagarto, as duas mais ricas do ponto de vista agrícola e, mais recentemente, do ponto de vista dos serviços e comércio, além é claro da indústria, com destaque para aquelas de tipos familiares. Itabaiana se destaca com a policultura¹⁶⁹, assim como Lagarto com o cultivo do fumo e da laranja¹⁷⁰, fruta esta também cultivada em grande escala na Bahia, “estados com tradição na produção dessa fruta nobre, consumida em larga escala nas cidades da região” (ANDRADE; ANDRADE, 1999, p. 98).

Entre os produtos de lavouras permanentes produzidos em Itabaiana, destacam-se principalmente, manga, banana, laranja, coco da baía e maracujá. Em 2010 a produção de manga ficou em 1.672 toneladas, a de banana rendeu 880 toneladas, laranja obteve 405 toneladas, o coco da baía 156 mil frutos e o maracujá 80 toneladas. Em relação a 2005 apenas o maracujá manteve a mesma produção e o coco teve um leve aumento em 6 mil frutos, enquanto os demais tiveram uma queda, nesse ano a produção em toneladas tinha sido de 1824 (manga), 960 (banana) e 450 (laranja), conforme a tabela 17 – Itabaiana/SE: Produção, valor e área plantada de lavouras permanentes – 2005-2010.

Tabela 17 – Itabaiana/SE: Produção, valor e área plantada de lavouras permanentes – 2005-2010

Produto	Produção (ton)			Valor da Produção (R\$)			Área Plantada (hec)		
	2005	2010	Saldo	2005	2010	Saldo	2005	2010	Saldo
Manga	1824	1672	-152	456.000	836.000	380.000	152	152	0
Banana	960	880	-80	576.000	572.000	-4.000	80	80	0
Laranja	450	405	-45	65.000	122.000	57.000	60	60	0
Coco da Baía ¹⁷¹	150	156	6	38.000	86.000	48.000	45	45	0
Maracujá	80	80	0	24.000	46.000	22.000	10	10	0

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE. **Dados socioeconômicos de Itabaiana 2012.** Secretaria de Planejamento e do Desenvolvimento Sustentável (SEPES). Itabaiana, 2012.

¹⁶⁹ Já na década de 1940 a cidade apresentava bons índices em relação a produção agrícola, tanto que em 1942 o volume físico da produção agrícola foi o seguinte: “220 000 quilos de algodão em rama, correspondentes a 78 000 quilos de algodão em pluma e 144 000 quilos de caroços; 170 000 quilos de alho; 45 000 quilos de amendoim; 910 000 quilos de batata doce; 295 000 quilos de batata inglesa; 732 000 quilos de cebola; 520 centos de côcos; 3 983 sacas de 60 quilos de feijão; 9 747 000 quilos de inhame; 24 500 centos de laranjas de qualidade; 3 538 000 quilos de macacheira; 6 933 sacas de 60 quilos de milho em grão e 44 000 toneladas de raízes de mandioca, correspondentes a 264 000 sacas de 60 quilos de farinha e 1 056 000 quilos de tapioca” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE, 1944, p. 117-118).

¹⁷⁰ “Não sendo possível precisar ali até onde cada uma dessas formas de uso da terra é invasora ou invadida, parece certo que elas se interpenetram, a laranja entrando pelas terras do fumo e o fumo entrando pelas terras da laranja” (MELO, 1980, p. 342).

¹⁷¹ Neste caso o quantitativo é em unidades (em mil frutos).

Dentre os produtos produzidos de lavouras temporárias destacam-se a batata-doce, a mandioca, a melancia e o amendoim em casca, ambos tiveram aumento em suas produções, fazendo-se o comparativo entre 2005 e 2010 conforme a tabela 18 – Itabaiana/SE: Produção, valor e área plantada de lavouras temporárias – 2005-2010. Já o tomate, o feijão e o milho tiveram uma queda em suas produções. A diminuição na produção do feijão e do milho pode ser explicada em parte pela diminuição na área plantada. No caso da batata-doce, do amendoim e da melancia houve aumento não só na produção como na área plantada (o tomate também teve aumento na área plantada, porém, não refletiu na sua produção nem no valor da produção em reais), e a mandioca permaneceu com a mesma quantidade de área plantada, mas, obteve aumento na produção.

Tabela 18 – Itabaiana/SE: Produção, valor e área plantada de lavouras temporárias – 2005-2010

Produto	Produção (ton)			Valor da Produção (R\$)			Área Plantada (hec)		
	2005	2010	Saldo	2005	2010	Saldo	2005	2010	Saldo
Batata-doce	19.200	22.000	2800	3.456.000	12.100.000	8.644.000	1600	2000	400
Mandioca	18.150	19.800	1650	1.634.000	3.168.000	1.534.000	1650	1650	0
Melancia	3.990	5.250	1260	599.000	1.155.000	556.000	190	250	60
Tomate	3.240	3.040	-200	2.171.000	1.976.000	-195.000	180	190	10
Feijão	369	223	-146	281.000	408.000	127.000	615	405	-210
Amendoim	195	220	25	234.000	352.000	118.000	150	200	50
Milho	156	85	-71	31.000	35.000	4.000	130	100	-30

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE. **Dados socioeconômicos de Itabaiana 2012.** Secretaria de Planejamento e do Desenvolvimento Sustentável (SEPES). Itabaiana, 2012.

Itabaiana apesar de apresentar aumento nos índices do comércio, serviços e indústria, não tem demonstrado perdas nas atividades agrícolas. É grande produtora e exportadora da produção hortícola, graças a um mercado consumidor favorável e a médias e pequenas propriedades existentes na cidade, levando-a, devido a suas características particulares, a possuir importância destacada no interior sergipano, tanto pela numerosa população que sustenta como pela função que exerce, de cinturão verde de Aracaju (MELO, 1980).

Apesar de Itabaiana ganhar destaque no interior do estado de Sergipe, ela não é o centro urbano de maior importância, mas sim um dos centros de destaques. Ela sobressai, e aí se torna centro principal e referência, no que toca alguns aspectos, como a produção hortícola e a atividade industrial crescente. Itabaiana é a cidade mais importante do estado, no que se refere a indústria ceramista e a carrocerias para caminhões, que têm sua gênese atrelada as formas artesanais no que diz respeito à fabricação dos seus produtos, o que se deve as várias olarias

espalhadas tanto pela zona rural como pela urbana, assim como as pequenas serralharias que deram origem as fábricas de carrocerias, onde “a produção de carrocerias para caminhões é tão antiga quanto a existência dos caminhões com carrocerias em madeira” (BISPO, 2013, p. 36).

É possível afirmar que as fábricas de carrocerias tiveram sua gênese a partir do aumento no número de caminhões na cidade, sendo ela a cidade sergipana que mais tem caminhão proporcionalmente por habitante, de tal modo que,

A presidente da República, Dilma Rousseff sancionou a Lei de número 13.044 que concede ao município de Itabaiana o título de ‘Capital Nacional do Caminhão’. A lei entrou em vigor no dia 20 de novembro de 2014, após a publicação no Diário Oficial da União. A lei visa valorizar simultaneamente, o caminhoneiro, o caminhão e a cidade de Itabaiana (REVISTA ITABAIANA, 2015, p. 17).

As poucas indústrias itabaianenses, nascidas muito modestamente, contavam e ainda contam com uma mão de obra em sua maioria familiar; com técnicas mais artesanais misturadas com técnicas sofisticadas e modernas; com a matéria-prima empregada advinda de povoados da cidade, de cidades próximas e em menor proporção de outros estados e regiões.

As primeiras indústrias de que se têm notícias datam da metade do século XX (neste caso não se inclui as olarias). A primeira surgiu em 1950 – Indústrias Reunidas Fontes LTDA – e ainda mantém-se em pleno funcionamento; a segunda data de 1957 – Fábrica Nossa Senhora da Conceição (a pioneira em carrocerias para caminhões e que pertencia a Antônio Lauro Moura) – mas, foi praticamente extinta, existindo apenas uma serralheria em seu lugar; e uma terceira e que ainda prevalece fortemente na cidade é a Indústria Nova Aurora de Artefatos de Cimento LTDA de 1962. Outras foram surgindo com o passar do tempo: Cerâmica Higino e Cerâmica Mandeme de 1965, Cerâmica Batula de 1983, Carrocerias São Carlos, União e São José, criadas em 1982, 1985 e 1988, respectivamente.

No processo de industrialização a partir da iniciativa local, percebe-se que existe entre os empresários uma solidariedade, tem-se como exemplo o caso da Indústria Ferreira Construções, onde seu fundador, Carlos Ferreira da Silva (65 anos), mesmo tendo aprendido as técnicas desse ramo com o proprietário de outra indústria, também no ramo do concreto, contou com a ajuda do mesmo no momento de abertura, com seus ensinamentos, apesar de hoje serem concorrentes.

No início a produção destinava-se quase que predominantemente para o consumo da própria cidade e região, hoje ela atinge um raio de abrangência que ultrapassa os limites regionais, chegando até a região Sul do Brasil. Seguindo as observações de Mamigonian (1965, p. 73), nota-se que “a quase totalidade das iniciativas dão nascimento, no início, a pequenos estabelecimentos, mesmo se, na origem, o negócio não é exclusivamente familiar”.

A seguir serão apresentadas algumas das principais indústrias itabaianenses e um ator chave, que influenciou diretamente no surgimento de algumas indústrias: o caminhoneiro. Buscou-se focar nos ramos principais e que contribuem significativamente no processo industrial da cidade, destacando aquelas que tiveram sua gênese fortemente atrelada as iniciativas locais, a exemplo dos ramos de construção, ceramista e transporte (as fábricas de carrocerias). Para tanto, serão apresentados além de sua gênese, a produção e o seu destino, mão de obra, matérias-primas usadas e suas procedências, gastos e lucros entre outros pontos que foram julgados necessários para concretizar os objetivos propostos inicialmente.

6.4.1. A influência do caminhoneiro nas iniciativas industriais na Capital Nacional do Caminhão

Levando-se em consideração que a cidade de Itabaiana é tida como a Capital Nacional do Caminhão, o que a fez desenvolver vários tipos de atividades e serviços relacionados com o mesmo, partiu-se para uma análise do papel dos caminhoneiros e dos caminhões na cidade. Por um lado eles têm grande importância na realização da feira livre, por outro eles foram e são fundamentais para as indústrias de carrocerias, o que pode ser visto mediante a quantidade delas espalhadas por toda a cidade, destacando a *Fábrica de Carroceria São Carlos LTDA*, *Madeira e Fábrica de Carrocerias LTDA*, *Fábrica de Carroceria São José LTDA*¹⁷², levando a Mendonça (2012, p. 29), fazer a seguinte indagação: “o que seria das feiras livres, dos supermercados e do comércio em geral se não houvesse o caminhão? Com certeza uma estagnação econômica”.

¹⁷² De acordo com dados do Guia Perfil do Comércio (2015), além dessas três indústrias têm-se a *Madeira e Carroceria União*, *Indústria de Carrocerias Barbosa*, *Fábrica de Carroceria Nossa Senhora da Conceição*, *Fábrica de Carroceria Filho*, *Fábrica de Carrocerias Estrela*, *Carroceria Irmãos Santana* e *Carroceria Estrela*.

No trabalho de campo foram realizadas 20 entrevistas com caminhoneiros que estavam carregando e descarregando mercadorias no mercado central da cidade. Na realização do trabalho de campo não foi possível encontrar nenhuma “caminhoneira”. De todos os entrevistados 12 eram casados e 8 solteiros, com faixa etária entre os 26 e 53 anos de idade. No que concerne ao grau de escolaridade, apenas 3 dos caminhoneiros conseguiram concluir o ensino médio (15% dos entrevistados), enquanto os outros 85% estavam distribuídos entre o fundamental (25%), analfabetos (25%) e com o primário apenas (35%).

Apesar de a maioria ser proveniente de Itabaiana, encontra-se caminhoneiros de outras cidades e até mesmo estados, mostrando a representatividade da cidade no coração do interior sergipano. A procedência dos mesmos ficou representada da seguinte forma: 11 caminhoneiros de Itabaiana, 2 de Campo do Brito, 1 de Moita Bonita, 1 de Pedrinhas, 1 de Nossa Senhora das Dores, 1 de Itabaianinha, 1 de Lagarto e 2 de outros estados (Mata Grande/AL e Feira de Santana/BA).

Essa é uma profissão onde o tempo gasto trabalhando como caminhoneiro é bastante significativo. Muitos começam na juventude seguindo os passos dos pais e raramente deixam essa profissão, construindo sua vida e sustentando suas respectivas famílias através do caminhão e das estradas brasileiras. Percebe-se que da mesma forma que o feirante, o industrial e outros comerciantes passam seus conhecimentos para seus filhos, também acontece com os caminhoneiros,

O homem caminhoneiro dessa terra [...] luta, corre, trabalha e conquista na profissão os meios necessários que ofereça respeito e dignidade a família. Os filhos homens, desde criança já tem inclinação de brincar de caminhoneiros mirins. Uma vez adultos, ou se tornam caminhoneiros ou atuam de uma forma ou de outra no setor (MENDONÇA, 2012, p. 13-14).

Dos entrevistados, 40% estavam trabalhando na profissão num período que varia até 10 anos, são aqueles mais novos, que entraram no ramo mais recentemente. Os outros 60% dos caminhoneiros estão trabalhando a mais de 10 anos: de 11 a 20 anos (30%), de 21 a 30 anos (25%) e acima de 31 anos (5%). Segundo informações coletadas, cada caminhoneiro transporta determinados tipos de mercadorias (quadro 25 – Itabaiana/SE: Origem e destino dos produtos transportados pelos caminhoneiros – 2015), seja para revenda no mercado público, entrega de fretes e/ou mesmo para ele próprio vender nas feiras.

Quadro 25 – Itabaiana/SE: Origem e destino dos produtos transportados pelos caminhoneiros – 2015

Caminhoneiros	Produto	Origem	Destino	Finalidade
Caminhoneiro 1	Verduras	Itabaiana/SE, Chapada Diamantina e Irecê/BA	Simões Dias/SE e Paripiranga/BA	Faz o transporte para feirantes específicos
Caminhoneiro 2	Banana	Canudos/BA	Itabaiana/SE	Revenda: feirantes de Itabaiana, Campo do Brito, Ribeirópolis e Moita Bonita/SE; e Feirantes de Paripiranga e Cícero Dantas/BA
Caminhoneiro 3	Frutas e Verduras	Itabaiana/SE	Conde/BA	Revenda: venda diretamente na feira livre
Caminhoneiro 4	Frutas	Petrolândia/PE	Itabaiana/SE	Faz o transporte para feirantes específicos
Caminhoneiro 5	Frutas, Verduras e Tubérculos	Itabaiana/SE	Acajutiba/BA	Mercadoria comprada para vender diretamente na feira livre
Caminhoneiro 6	Verduras e Grãos	Itabaiana/SE	Paripiranga/BA, Poço Verde, Propriá e Areia em SE	Faz o transporte para feirantes específicos
Caminhoneiro 7	Frutas e Verduras	Itabaiana/SE	Aracaju e Tobias Barreto/SE	Faz o transporte para feirantes específicos
Caminhoneiro 8	Verduras e Tubérculos	Cascavel, Chapada Diamantina/BA e Santa Maria de Jetibá/ES	Itabaiana/SE	Faz o transporte para o “patrão”
Caminhoneiro 9	Tomate	Irecê/BA	Itabaiana/SE	Faz o transporte para atacadistas no mercado de Itabaiana
Caminhoneiro 10	Verduras e Tubérculos	Irecê e Chapada Diamantina/ BA	Itabaiana/SE	Faz o transporte para atacadistas no mercado de Itabaiana
Caminhoneiro 11	Frutas e Verduras	Itabaiana e Pedrinhas/SE	Buquim, Pedrinhas e Itabaiana/SE	Revenda: feirantes de Itabaiana e AL
Caminhoneiro 12	Frutas e Verduras	Itabaiana/SE	N. Sra. da Glória, N. Sra. das Dores e Poço Redondo/SE	Revenda: feirantes de Itabaiana e vende diretamente na feira livre
Caminhoneiro 13	Frios	Itabaiana/SE	Feira de Santana/BA	Faz o transporte para redes de supermercados em Itabaiana
Caminhoneiro 14	Frutas, Verduras e Cereais	Itabaiana e Itabaianinha/SE	Itabaianinha e Itabaiana/SE	Faz o transporte para atacadistas de Itabaianinha/SE e feirantes de Itabaiana
Caminhoneiro 15	Frutas, Verduras e Grãos	Itabaiana/SE e Brejo/BA	Brejo/BA e Itabaiana/SE	Revender a feirantes de Aracaju e feirantes da BA
Caminhoneiro 16	Frutas e Verduras	Itabaiana/SE	Capela/SE e Paulo Afonso/BA	Revender a feirantes da BA e SE
Caminhoneiro 17	Laranja	Lagarto e Estância/SE	Itabaiana/SE	Faz o transporte para atacadistas no mercado de Itabaiana/SE
Caminhoneiro 18	Verduras	Itabaiana/SE	Mata Grande/AL	Faz o transporte para atacadistas em AL
Caminhoneiro 19	Frutas e Verduras	Itabaiana/SE	Esplanada/BA	Faz o transporte para redes de supermercados
Caminhoneiro 20	Frutas e Verduras	Itabaiana/SE	Aracaju e Tobias Barreto/SE	Faz o transporte para atacadistas de Aracaju e Tobias Barreto/SE

Fonte: Quadro elaborado a partir do trabalho de campo realizado entre 16 e 21 de março de 2015.

O transporte dos diversos produtos para localidades diferenciadas, em grande parte, diz respeito aos fretes que os caminhoneiros têm toda semana (55% deles

têm fretes fixos). Dependendo da localidade e da quantidade de produto a ser transportado é necessário uma mão de obra para trabalhar na carga e descarga, alguns dos trabalhadores são da própria família do caminhoneiro, o pai, o filho, o cunhado, o sobrinho etc. No geral a média de pessoas que estão nessa ocupação, contando com os respectivos caminhoneiros, é de 2,25 trabalhadores, uns chegam a ter até 8 pessoas na ocupação de ajudante.

Alguns dos caminhoneiros têm outras ocupações nos dias em que estão de “folga”. Muitos trabalham como feirantes e agricultores, outros em ocupações diversas. Isso se deve ao fato da maioria não conseguir uma renda maior que dois salários mínimos, já que, grande parte trabalha na profissão, mas não é o proprietário do caminhão (50% são proprietário do caminhão e 50% apenas ocupa o cargo de motorista). Assim, 70% dos caminhoneiros têm uma renda mensal de até 2 salários e apenas 30% conseguem entre 3 e 4 salários mensais.

Perguntados sobre os principais motivos que os levam a seguirem trabalhando como caminhoneiros, as respostas foram as seguintes: a) tradição familiar – 2; b) porque gosta – 6; c) não tem outra opção – 8; d) porque gosta, pela tradição familiar e pelo salário – 2; e) porque gosta e não tem outra opção – 2. Pode-se ainda dizer, segundo aponta Mendonça (2012) que,

Ser caminhoneiro, independente de necessidade, de paixão ou profissão, é uma religião onde seus adeptos à praticam de forma rápida, eficiente e corajosa. Ser caminhoneiro é um trabalho árduo, responsável e perigoso. O salário não é lá compensador, mas é o que se tem no setor e por isso deve se dar o maior valor. Ser caminhoneiro pode ser cansativo e preocupante, mas para eles é acima de tudo honroso e gratificante (MENDONÇA, 2012, p. 13).

Entre os problemas encontrados para trabalhar nessa profissão estão o cansaço de dirigir por horas, preço do combustível e dos acessórios para caminhões cada vez mais caros, desvalorização da profissão, roubo e acidentes, falta de companheirismo entre os caminhoneiros, horários de trabalho, espera pelos clientes, estradas ruins, altos impostos entre outros. Para eles o poder público poderia tomar certas medidas que viesse amenizar alguns dos problemas relatados, como aumentar a segurança nas estradas, diminuir os impostos e melhorar a sinalização e fiscalização nas estradas, controle nos preços dos combustíveis etc.

Por fim, nota-se que o caminhoneiro desempenha um papel de grande destaque na vida econômica da cidade. Cita-se a circulação de diversas mercadorias que entra e sai na cidade, com aproximadamente 800 “carradas” por

semana que chegam no mercado público; o caminhoneiro leva o nome de Itabaiana Brasil afora, atraindo pessoas diversas para sua cidade; transporta todo tipo de mercadorias comercializadas por feirantes tanto da cidade como de outras circunvizinhas e outros estados; geração de emprego e renda; sustento familiar e tantos outros. Assim, segundo os próprios caminhoneiros eles são responsáveis por levar o progresso da cidade, desenvolvendo a economia através de suas rodas¹⁷³.

6.4.2. Fábrica de Carrocerias São Carlos LTDA, Madeireira e Fábrica de Carrocerias LTDA e Fábrica de Carrocerias São José LTDA

Um dos ramos industriais em Itabaiana que mais se desenvolveu e que contribuiu para que a cidade viesse a se tornar a Capital Nacional do Caminhão, foi sem sombra de dúvida o ramo de carrocerias para caminhões. A presença de fábricas de carrocerias é bastante visível, não precisa andar muito para se deparar com uma ou outra. A análise de três grandes e importantes carrocerias servirá como base para fortalecer a hipótese da industrialização mediante as iniciativas locais.

Para tanto, conta-se com as seguintes carrocerias: 1) Fábrica de Carroceria São Carlos LTDA (foto 39) – localizada desde o início na Av. Alípio T. de Menezes, bairro Oviedo Teixeira, com fundação em 1982; 2) Madeireira e Fábrica de Carrocerias LTDA (União) – criada em 1985, ainda hoje encontra-se localizada na Av. Pedro Teles Barbosa, no bairro Rotary Clube; 3) e a Fábrica de Carroceria São José LTDA (foto 40, onde também pode ser avistada por trás a famosa serra de Itabaiana) localiza-se no bairro Rotary Clube desde sua fundação em 1988.

As iniciativas dessas indústrias partiram da seguinte forma:

1) Carrocerias São Carlos – José Alves percebendo o surto de caminhões na cidade viu a necessidade de ter uma indústria voltada para esse novo ramo dentro da economia itabaianense. Com isso, conseguiu empréstimo com parentes e fez o respectivo investimento, começando com uma maquinaria usada adquirida em São Paulo/SP. Contava nesse início com 15 homens trabalhando com ele, totalizando 16 pessoas. Atualmente, Márcia Rosely Lima (sócia administrativa) de 44 anos com

¹⁷³ “O caminhoneiro é o responsável por levar e trazer todo tipo de produto comercializado na feira” (Informação verbal fornecida por José Francisco, 53 anos, 2015). “Sem a figura do caminhoneiro a mercadoria não chega e nem sai da cidade, parando todo o comércio de Itabaiana” (Informação verbal fornecida por Josenildo, 42 anos, 2015).

ensino superior é a nova proprietária da São Carlos LTDA, sendo que sempre trabalhou nesse ramo e na própria fábrica que veio a adquirir. Desde quando passou para a atual proprietária, a maquinaria continua a mesma, são máquinas já usadas que, segundo Márcia Rosely, funcionam cerca de 20 anos com as respectivas manutenções, que são feitas pela própria carroceria. Além de trabalhar na fabricação, ainda possui um estabelecimento no ramo de reforma de carrocerias.

Fotos 39 e 40 – Itabaiana/SE: Carrocerias São Carlos e Carrocerias São José – 2013 e 2015

Fonte: Trabalho de campo segunda-feira, 23 de dezembro de 2013 e quinta-feira, 19 de março de 2015, respectivamente. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Fotos tiradas às 09h42min e 14h, respectivamente.

2) Carroceria União – criada por iniciativa de José Neilton Santos (65 anos), com o ensino médio no que se refere ao grau de escolaridade, continua sendo o dono e gerente de seu próprio negócio. José Neilton trabalhava como motorista, o que o levou a investir no ramo de carroceria, pois, percebia o crescimento da demanda pela mesma. O investimento inicial partiu do próprio capital, sem recorrer a empréstimos, nem com amigos e/ou parentes nem bancário. Para começar, adquiriu algumas máquinas já usadas, que foram compradas em Minas Gerais e no Sul do País e contou com 10 trabalhadores incluindo o proprietário (o único da família nessa época). Com o passar dos anos, máquinas novas e seminovas passaram a fazer parte da carroceria, sendo que a partir do momento de suas aquisições elas têm uma duração de mais ou menos 10 anos com toda a manutenção necessária, sendo esta feita pela própria carroceria. Conta também com um estabelecimento no ramo das transportadoras, com a “Transportadora Janaína”.

3) Carroceria São José – criada a partir da iniciativa de José Augusto Santana (53 anos), que possui apenas o fundamental. Morador de Itabaiana, trabalhava nesse ramo com o irmão em outra carroceria, passou a investir os poucos recursos na

criação da atual São José, sendo o sócio administrador, já que é dono juntamente com outros sócios. Com o ramo basicamente consolidado na cidade em fins da década de 1980, começou a trabalhar com 22 funcionários – 3 da própria família – e maquinaria seminova vinda de São Paulo. À medida que se sente a necessidade, essas máquinas são substituídas, pois, elas têm uma duração em média de 15 anos com toda manutenção necessária, que por sua vez é feita pela própria carroceria.

A fabricação mensal de carrocerias para caminhões de cada uma está contabilizada em 40. Considera-se um número bom de carrocerias por mês, esse número poderia ser maior, mas, devido à quantidade de carrocerias, tanto em Itabaiana como em outras cidades e estados, a falta de mão de obra especializada, a diminuição na venda de caminhões, os altos impostos, os roubos, os preços defasados para revenda, e a falta de incentivo do governo para as indústrias locais (o que barra a geração ainda mais de empregos, tanto na indústria como em outros serviços e no comércio), não é possível aumentar a fabricação e suas vendas.

As carrocerias fabricadas pela São Carlos LTDA, são exportadas para todos os estados do Nordeste, para o estado do Pará, Rio de Janeiro e Minas Gerais (mapa 14 – Itabaiana/SE – Carroceria São Carlos: Principais destinos da produção – 2015), onde seus compradores costumam fazer seus pagamentos à vista e com o uso do cheque. Por sua vez, conta com os estados do Pará, São Paulo e Ceará para o fornecimento de matérias-primas (madeira, ferro, parafusos, tinta, principalmente).

A União LTDA, destina sua produção para todos os estados nordestinos e vários outros estados das demais regiões brasileiras. Segundo o seu proprietário, o que a faz atingir todas as regiões é a qualidade do produto (o que leva a ser reconhecida pelos caminhoneiros) e pela variação nas formas de aceitação dos pagamentos (cheque, cartão de crédito e débito, boleto bancário, além de receber à vista). Para fabricação das carrocerias é preciso de madeira, ferro, parafuso e tinta, que provém do Pará, Amapá, Espírito Santo e São Paulo.

A São José LTDA, tem uma produção destinada para os estados de Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo (mapa 15 – Itabaiana/SE – Carroceria São José: Principais destinos da produção – 2015), sendo estes os principais destinos, com uma clientela que fazem seus pagamentos à visto e/ou à prazo. Suas matérias-primas principais assim como as demais, são a madeira, o ferro, a tinta e os parafusos, adquiridos no Pará, São Paulo e Sergipe.

Além das matérias-primas, as carrocerias têm na mão de obra um fator chave. Algumas contam com uma mão de obra mais especializada, outras com cursos de formação e aperfeiçoamento dessa mão de obra e outras têm apenas o conhecimento que é passado do proprietário para os filhos, os trabalhadores e assim por diante. O número de trabalhadores e algumas de suas características estão distribuídos da seguinte maneira:

- 1) Carrocerias São Carlos** – tem um contingente de 39 homens e 3 mulheres no seu quadro de funcionários (todos da cidade de Itabaiana, utilizando-se do carro, da moto e do ônibus para se deslocarem até o trabalho), sendo apenas 2 da família da proprietária. Conta com cursos de jovem aprendiz em parceria com o SENAI, como meio de formar mão de obra mais especializada, visto que essa é ausente. Ocupa uma área de 3.600 m² (alugado) que contempla suas atividades por completo;
- 2) Carroceria União** – conta com 60 trabalhadores, dos quais 58 homens e apenas 2 mulheres, com 3 desse total pertencente a família. Conta com parceria do SENAI e SENAC na formação de jovem aprendiz, sendo esta a única forma de criar uma mão de obra mais qualificada. A pouca mão de obra mais especializada que existe é de Itabaiana e alguns poucos de Campo do Brito, Alagadiço e Mancambira em Sergipe. Os outros trabalhadores são da própria cidade e utilizam suas motos, bicicletas e alguns usam van para fazer o deslocamento até o local de trabalho. Vale destacar que ela está situada num espaço próprio de 10.000 m², contemplando suas necessidades de trabalho;
- 3) Carroceria São José** – atualmente tem 41 trabalhadores, sendo todos homens e desse número somente 1 é da própria família. São trabalhadores da zona rural e urbana da cidade, inclusive a pouca mão de obra especializada no ramo. Todos utilizam da moto e da bicicleta como seus principais meios de transporte para irem ao trabalho. Hoje, apesar da boa localização, o espaço tem apenas 1.200 m², não contemplando todas as necessidades, além de ser um espaço alugado.

A Carroceria São Carlos tem um gasto mensal com matéria-prima de aproximadamente R\$ 150 mil reais (pago com duplicata e/ou à vista); o gasto com salários fica na média de R\$ 55 mil reais por mês (média salarial de 1.200 reais) pago pelo BANESE; e os gastos com impostos são de aproximadamente R\$ 18 mil reais. A Carroceria União, gasta mensalmente com matéria-prima em torno de R\$ 80 mil reais que são pagos através de duplicatas e à vista; a despesa com pessoal

empregado fica na casa dos R\$ 45 mil reais, referente ao salário mínimo mais hora extra, que são repassados aos trabalhadores através do BB, CEF, B BRADESCO e o BANESE; ainda tem os gastos com impostos (ICMS principalmente), porém, não sendo informados os valores. Já a Carroceria São José, tem um gasto aproximado de R\$ 50 mil reais com matéria-prima (pago à vista e à prazo quando possível); as demais despesas são aquelas com impostos (Simples Nacional e ICMS, principalmente), mas que não foram informados os valores; e os gastos com salários que ficam na média de R\$ 1.700 reais (no geral resulta em despesa de mais ou menos R\$ 69 mil reais) pagos pela CEF.

6.4.3. Cerâmica Higino LTDA, Cerâmica Mandeme LTDA e Cerâmica Batula LTDA

O ramo ceramista constitui-se numa das principais atividades industriais na cidade. Existem inúmeras cerâmicas e olarias¹⁷⁴ espalhadas pela zona urbana e rural, das quais se têm aquelas que já estão consolidadas e fortemente presentes no mercado, com uma produção destinada a vários estados, não ficando restrita apenas a Itabaiana e cidades circunvizinhas. Pode-se encontrar outras que estão funcionando de forma a suprir uma clientela mais local, onde ainda trabalha com técnicas mais artesanais.

Na análise das iniciativas locais no processo de industrialização destacam-se:

- 1)** Cerâmica Higino LTDA (foto 41) – surge em 1965 localizada no Povoado Maringá, zona rural de Itabaiana (hoje zona urbana, na Rua Maria Tavares da Costa/Maringá) e trabalhava com a produção de blocos e lajotas.
- 2)** Cerâmica Mandeme LTDA (foto 42) – localizada na Rodovia BR-235 km 49, fundada em 1965 trabalhando na fabricação de telhas e tijolos, continuando no mesmo local desde sua gênese. Entretanto, não é mais zona rural, inserida agora na zona urbana da cidade, já que a área urbana cresceu nas últimas décadas.
- 3)** Cerâmica Batula LTDA (foto 43) – localiza-se desde sua gênese em 1983 no povoado Batula, zona rural de Itabaiana, trabalha com a produção de tijolos de 6 furos e lajotas.

¹⁷⁴ Cerâmicas Água Branca, Bela Vista, Maria Luiza, Marianga, Porto, Reis, Sagrado Coração de Jesus, Santa Mônica, Santo Antônio, São Lucas, São Vicente, Serrana, Top e União. Olaria Porto e São Vicente.

Foto 41 – Itabaiana/SE: Cerâmica Higino LTDA – 2013

Fonte: Trabalho de campo segunda-feira, 23 de dezembro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 17h15min.

Foto 42 – Itabaiana/SE: Cerâmica Mandeme LTDA – 2013

Fonte: Trabalho de campo segunda-feira, 23 de dezembro de 2013. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 09h42min.

Foto 43 – Itabaiana/SE: Cerâmica Batula LTDA – 2015

Fonte: Trabalho de campo segunda-feira, 16 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 16h56min.

O surgimento das cerâmicas acima citadas tiveram suas gêneses a partir das iniciativas locais, de pessoas que utilizavam de suas experiências, suas “espertezas”, a força de vontade para o trabalho e o espírito empreendedor. Sendo assim, desdobraram-se nas grandes indústrias no ramo ceramista em Itabaiana.

Augusto José Santos (75 anos): atualmente é sócio majoritário entre seis que administram a indústria. Com apenas o ensino primário, foi o responsável pela criação da pequena olaria que veio a se tornar na Cerâmica Higino LTDA, uma das mais importantes de Itabaiana e região. Para poder dar continuidade aos trabalhos nesse ramo, o mesmo conseguiu um empréstimo com o BB, que foi investido quando ainda olaria, o que o levou a adquirir máquinas novas da marca Banfont em São Paulo, empregando nesse primeiro momento 20 homens e 2 mulheres, com 5 desse total sendo da própria família, contribuindo no crescimento do trabalho iniciado por Augusto José. Tal crescimento também é reflexo das mudanças nos materiais de construções, visto que a cidade estava crescendo e a presença de construções em todas as partes estavam se intensificando.

Antônio Fernandes Santos (65 anos): ocupa o cargo de sócio gerente da Mandeme LTDA, comandando os negócios da família com mais dois sócios, estes pertencentes ao seio familiar. O mesmo possui apenas o ensino médio, não sendo o grau de escolaridade um obstáculo para que pudesse administrar e comandar os trabalhos na cerâmica, visto que já vinha trabalhando há gerações com olarias. Contou com um empréstimo feito no B BRADESCO para dar continuidade e passar de simples olaria a grande indústria ceramista, adquirindo máquinas novas provenientes de Jundiaí em São Paulo, e empregando 30 homens nesse momento, sendo os três sócios os únicos da família.

Agostinho Agamenon dos Santos (67 anos): com apenas o ensino fundamental é o grande fundador da Cerâmica Batula, atualmente sócio gerente. Como já trabalhava com artefatos de barro, decidiu dar prosseguimento no ramo das cerâmicas. Agostinho trabalhava, assim como os donos das demais cerâmicas itabaianenses, nas olarias com a fabricação de telhas e tijolos, ramo de trabalho que vem do seu pai, que por sua vez aprendeu com o seu avô. Dessa continuidade veio à mecanização do que já era feito com técnicas mais artesanais, investindo capital próprio (investimento familiar) em algumas máquinas já usadas que foram compradas de uma cerâmica na cidade de Itabaianinha (Cerâmica São José, a

maior do estado de Sergipe). Por esta época contava com 14 homens e 2 mulheres, fazendo todo o trabalho da cerâmica, sendo o proprietário o único do seio familiar.

Inicialmente essas cerâmicas não tinham grandes espaços, o que as limitavam a produzir em quantidades menores, assim como também, não tinham ainda uma clientela fixa e um número de pedidos que proporcionasse suas expansões. Posteriormente, foram conquistando espaço no mercado e ampliando suas áreas, tanto para a produção, quanto no raio de abrangência dos seus produtos: 1) a Higino LTDA ocupa atualmente uma área própria de 13 ha que contempla totalmente as necessidades da indústria, a mesma não possui nenhum tipo de filial nesse ramo, não possui estabelecimento em outro ramo, não comprou e nem absorveu outras cerâmicas e/ou olarias; 2) A Mandeme LTDA encontra-se instalada em terreno próprio de 6 mil m² que contempla toda a atividade da cerâmica; e a Batula LTDA possui 18 tarefas em terreno próprio (sem nenhum tipo de filial, nem compra e/ou absorção de outras cerâmicas).

Quando iniciaram seus trabalhos, essas cerâmicas não possuíam uma maquinaria de ponta, algumas eram novas, outras seminovas e usadas, onde a aquisição de uma ou outra máquina juntava-se aquelas já existentes na cerâmica e/ou as formas mais artesanais de fabricação dos seus produtos. Com o aumento na produção, viu-se a necessidade de renovar e acrescentar novas máquinas.

A Cerâmica Higino LTDA, com 50 anos de existência, possui maquinaria em sua maioria nova, com tempo de uso de 5 a 10 anos contando com os cuidados e manutenções feitas pela própria cerâmica e quando não é possível, contrata-se serviços de terceiros. A produção mensal é de mais ou menos 1 milhão de peças entre blocos e lajotas, que são direcionadas principalmente para Alagoas, Bahia, Pernambuco e todo o estado de Sergipe, onde seus compradores utilizam-se de pagamento tanto à vista e à prazo como também através de boleto bancário e o uso do cheque. A cerâmica tem um lucro de mais ou menos R\$ 150 mil reais mensal.

Os equipamentos e maquinaria da Cerâmica Mandeme LTDA são em sua maioria usados, visto que, a média de uso está calculado numa faixa de 8 anos (quando necessário contrata-se serviços de terceiros para a manutenção). Estima-se que a produção da indústria é de 500 mil peças entre blocos e lajotas, destinadas, principalmente, para o estado de Sergipe, Alagoas, Bahia e Petrolândia/PE (mapa 16 – Itabaiana/SE – Cerâmicas Higino e Mandeme: Principais destinos da produção – 2015). Nota-se que o pagamento dessas mercadorias por seus compradores é

feito tanto à vista e cheques, como através do fiado, da confiança que já foi adquirida. Tem-se mensalmente um faturamento de R\$ 23.500 reais, valor que pode oscilar dependendo dos pedidos.

O funcionamento da Cerâmica Batula LTDA, conta com máquinas usadas, mas, sempre que preciso compra-se máquinas novas, quando não se tem mais condições de consertos e outros reparos (todo tipo de manutenção é feita pelo proprietário da Batula), tendo em vista que possuem uma vida útil de 10 a 15 anos. É possível obter uma produção de aproximadamente 800 mil peças mensalmente entre tijolos e lajotas, que são destinadas a várias cidades: Aracaju, Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha, Campo do Brito, Frei Paulo e a toda a cidade de Itabaiana, conforme visto no mapa 17 – Itabaiana/SE – Cerâmica Batula: Principais destinos da produção – 2015. Pode-se dizer que não atinge um raio maior por não dispor do uso de propaganda nos meios comunicacionais, pelo grande número de concorrente e por não se ter uma forma mais variada de pagamento (trabalha apenas com pagamento à vista e cheque).

Para produção de seus produtos as cerâmicas necessitam de algumas matérias-primas conforme o seguinte: 1) Higino LTDA – as principais são argila, celão e madeira. Essas provenientes de jazidas na própria cidade como de outras circunvizinhas; 2) Mandeme LTDA – a argila e a lenha são suas principais matérias, adquiridas tanto em Itabaiana como no estado da Bahia; 3) Batula LTDA – para atingir sua produção precisa do barro e da lenha, vindas de Itabaiana, Campo do Brito, Moita Bonita e Bahia (neste caso a lenha).

Mapa 16 – Itabaiana/SE – Cerâmicas Higino e Mandeme: Principais destinos da produção – 2015

Mapa 17 – Itabaiana/SE – Cerâmica Batula: Principais destinos da produção – 2015

De uma forma mais geral, pode-se dizer que os maiores problemas para trabalhar nesse ramo, de acordo com seus proprietários, é justamente conseguir matéria-prima certificada pelo IBAMA – precisa passar pelas normas estabelecidas em lei ambiental¹⁷⁵; mão de obra mais especializada, já que todo o aprendizado dos trabalhadores é adquirido ao longo do tempo; além é claro da concorrência, já que existem mais de 40 entre olarias e cerâmicas. Esse dado refere-se à cidade de Itabaiana, mas segundo Abílio Guimarães (presidente do Sindicato da Indústria Cerâmica de Sergipe, que coordena o APL do segmento), “diz que de um total de 80 indústrias cerâmicas existentes no Estado, apenas 42 estão filiadas à entidade e cumpre as normas ambientais” (VALOR ESTADOS, 2014, p. 75). Uma das soluções para amenizar alguns dos problemas, seria a diminuição da burocracia, pois, agilizaria os trabalhos, gerando mais pedidos e, conseqüentemente, mais empregos, já que elas são responsáveis pela geração direta e indireta de empregos no setor industrial, conforme relataram os entrevistados.

A Higino LTDA possui em seu quadro de funcionários 70 homens e 3 mulheres, incluindo a mão de obra mais especializada da cerâmica, que é o engenheiro de produção, este da própria cidade e neto do fundador (dos 73 trabalhadores, 10 são da família, contando o engenheiro de produção). A cerâmica conta com cursos de formação como primeiros socorros e incêndio, além de outros cursos em parceria com o SENAI. Todos possuem suas carteiras de trabalho assinadas, com exceção daqueles que estão em fase de experiência.

A Mandeme LTDA, possui ao todo, 55 trabalhadores (esse número não muda ao longo do ano, salvo quando os pedidos aumentam, porém, com contratação temporária), onde somente 3 são mulheres. Apenas 4 trabalhadores são da família e trabalham na parte administrativa, comandando o negócio familiar. Apesar de seus trabalhadores possuírem carteira de trabalho assinada, não contam com cursos de formação e aperfeiçoamento, o conhecimento de cada um foi adquirido em outras cerâmicas e/ou olarias, ou na própria Mandeme ainda no período de contratação.

A Batula LTDA tem um número de trabalhadores contabilizado em 63 homens e 2 mulheres, onde 3 desses são familiares. A Batula não possui nenhum curso de aperfeiçoamento para sua mão de obra, mas considera que o apoio do poder público

¹⁷⁵ “Muitas das indústrias utilizam lenha de mata nativa e retiram argila de maneira inadequada, o que fere a legislação ambiental. Essa situação é mais grave na região do baixo São Francisco, por causa da formação de pontos de erosão e assoreamento no leito do rio” (VALOR ESTADOS, 2014, p. 74).

poderia contribuir para que a cerâmica contratasse mais pessoas qualificadas sem perder tempo no ensinamento das mesmas, gerando assim mais emprego e renda, além daqueles que já gera.

Esses trabalhadores têm origens diversas. A maioria é de Itabaiana, tanto da zona rural, quanto da zona urbana. E também se utilizam de meios de transportes variados. No caso da Cerâmica Higino a maioria tem suas residências em Itabaiana e utilizam motos e bicicletas em seus deslocamentos, sendo a van muito utilizada, principalmente por aqueles que se deslocam da cidade de Areia Branca. A Cerâmica Mandeme tem uma mão de obra toda proveniente da própria cidade, inclusive a mais especializada no ramo, e, que fazem uso para seu deslocamento, principalmente da moto, do carro e do ônibus. A Cerâmica Batula conta com trabalhadores que moram em Itabaiana (fazem uso da moto e da bicicleta como principal meio de transporte) e também têm a presença de trabalhadores com procedência de Alagoas.

Em relação aos gastos das cerâmicas citam-se os impostos, matéria-prima e salários: 1) Cerâmica Higino LTDA: desembolsa um valor cerca de R\$ 15 mil mensalmente com matéria-prima (neste caso o pagamento é feito na confiança, o que representa o fiado do CI); tem um gasto de R\$ 60 mil reais com salários (mínimo mais hora extra) pagos através do BANESE; gasta em torno de R\$ 7 mil reais com impostos (ICMS, principalmente); 2) Cerâmica Mandeme LTDA: o pagamento à vista das matérias-primas está estipulado em R\$ 30 mil; os gastos com salário (média de R\$ 1 mil reais) é de R\$ 55 mil – uma estimativa mensal – pagos através do BANESE; têm-se também os impostos que ficam em torno de R\$ 12 mil; 3) Cerâmica Batula LTDA: gasto de R\$ 65 mil reais com salários (pagamento feito pela CEF); com matéria-prima tem uma estimativa de gasto em torno de R\$ 40 mil mensais (pagamento à vista); por fim têm-se os gastos com impostos (ICMS e outros), não sendo informado os valores.

6.4.4. Indústria Nova Aurora de Artefatos de Cimento LTDA

A Nova Aurora (foto 44), instalada na Av. Engenheiro Carlos Reis, no Centro de Itabaiana, trabalha com a produção de pré-moldados de concretos, ocupando uma área própria de 5 tarefas que contempla totalmente suas atividades. João Bispo

Góis de 75 anos sempre trabalhou nesse ramo, sendo atualmente o diretor presidente da indústria. Aos 22 anos de idade, foi incentivado pelo chefe político Euclides Paes Mendonça a criar algo no ramo, foi então que começou a fabricar ladrilhos hidráulicos. O grau de escolaridade (primário) de João Góis não foi um obstáculo para que no ano de 1962, o mesmo investisse os poucos recursos de que dispunha na indústria que começava a se fixar na cidade.

Acreditando no seu potencial e com sua força de vontade para vencer, foi vendo sua pequena indústria crescer e se tornar em uma das principais de Itabaiana. Com máquinas novas vindas de São Paulo e apenas 6 trabalhadores, incluindo ele próprio, foram dados os primeiros passos para mais tarde se tornar a Indústria Nova Aurora de Artefatos de Cimento LTDA. Levando-se em consideração que as máquinas têm uma duração média de 10 anos de uso, pode-se dizer que a maquinaria usada atualmente não é composta por máquinas novas, mas que estão em boas condições de uso, já que passam pelas devidas manutenções, estas a partir de contratação de serviços de terceiros.

A Nova Aurora tem uma produção mensal estimada em 2 mil peças entre tubos de concretos, calhas, estacas, lajotas, ladrilhos, mosaicos e combogós. Para produzir essa quantidade de peças a indústria tem um gasto de aproximadamente R\$ 15 mil com matéria-prima, que é paga mediante o uso de cheque. Nessa produção os principais materiais usados são a brita, areia lavada, areia branca, cimento e ferro, tendo procedências diversificadas, tanto em Itabaiana, como em Riachuelo, Itaporanga D'Ajuda e Bahia.

No que concerne à venda dos produtos fabricados pela Nova Aurora, é possível encontrar diversas formas de recebimento dos pagamentos feitos pelos seus clientes (cheque, duplicatas, à vista e também fiado para clientes fixos). Os principais locais de destino, além da própria cidade de Itabaiana, são as cidades de Campo do Brito, Frei Paulo, Lagarto, Pedra Mole, Alagoas, Pernambuco e Bahia (mapa 18 – Itabaiana/SE – Indústria Nova Aurora: Principais destinos da produção – 2015). A partir dessas vendas a indústria obtém um lucro mensal que varia entre R\$ 40 e R\$ 80 mil.

Foto 44 – Itabaiana/SE: Indústria Nova Aurora LTDA – 2015

Fonte: Trabalho de campo terça-feira, 17 de dezembro de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 14h19min.

Mapa 18 – Itabaiana/SE – Indústria Nova Aurora: Principais destinos da produção – 2015

O quadro de funcionários da indústria conta com 17 homens trabalhando na produção dos referidos materiais. Não possuindo curso de formação e aperfeiçoamento, a indústria não conta com uma mão de obra especializada no

ramo, a não ser aquela do proprietário que tem todo o conhecimento adquirido ao longo dos anos e dos trabalhadores antigos. Os trabalhadores da Nova Aurora moram na própria cidade, tendo a moto e a bicicleta como seus principais meios de locomoção. Para manter esses trabalhadores é preciso desembolsar um valor na estimativa de R\$ 18 mil reais mensais referentes ao salário dos trabalhadores e que é pago sem a necessidade de utilizar os serviços bancários. Gasta-se ainda aproximadamente R\$ 4 mil reais com impostos (Simples Nacional e ICMS).

Para o proprietário a propaganda nas emissoras de rádio ajuda a divulgar os produtos produzidos por sua indústria. Afirma ainda que trabalhar nesse ramo não tem sido mais vantajoso devido à falta de qualidade dos materiais da concorrência, o que as fazem vender mais barato; outro empecilho tem sido a demora na certificação dos materiais usados e a propina que existe entre alguns vendedores e prefeituras. Por fim, considera que a Indústria trabalha na geração de empregos (seja direto ou indireto) e na qualidade de vida a partir do saneamento básico.

6.4.5. Indústria Gesso Nordeste

A Indústria Gesso Nordeste (foto 45) localiza-se na Av. Dr. Luís Magalhães no Centro de Itabaiana, em área de 1.000 m², um espaço próprio que é adequado totalmente às necessidades da indústria. Sua gênese data de 1989, tendo como seu fundador Amintas Góes, pai da atual proprietária, Leila Janaina da Costa Góes de 33 anos, esta por sua vez concluiu o ensino superior, mas preferiu assumir a empresa que o pai fundou, sendo a gerente geral da mesma. Amintas Góes, antes de se estabelecer nesse ramo, trabalhava na comercialização de móveis (feito por ele em sua serraria) na feira livre. Assim, para Lênin (1982, p. 221) “a formação do novo ‘ofício’ num dado local deveu-se ao deslocamento do capital do comércio para a indústria pelo desenvolvimento econômico geral do país”.

Então, com o próprio capital começou a investir na fabricação de materiais em gesso para construção. Foi o “ponta pé” inicial para sair da feira e se tornar um empresário independente. Nessa fase inicial contava apenas com uma mão de obra que englobava apenas ele a esposa e mais 3 trabalhadores. Todo o trabalho era e é feito manualmente com o uso de poucos equipamentos, não sendo máquinas de ponta nem modernas, alguns eram e ainda são feitos de madeira e ferro, precisando

de bastante cuidado na hora da fabricação do produto para não o danificar. Não há renovação de máquinas e sim manutenção do equipamento usado, que é feita pela contratação de serviços de terceiros especializados no ramo.

O gesso (a matéria-prima principal) é a base para a produção de placas para forros, blocos para parede e ‘sanca’, os quais são distribuídos para toda cidade de Itabaiana, Campo do Brito, Frei Paulo e Ribeirópolis (mapa 19 – Itabaiana/SE – Indústria Gesso Nordeste: Principais destinos da produção – 2015). A matéria-prima usada para a confecção de suas mais de 20 mil peças mensais provém de Trindade/PE. Estima-se que o gasto com essa matéria-prima está em torno de R\$ 20 mil, paga sempre através do uso de cheques. Porém, ao revender o produto final, a indústria aceita desde o pagamento à vista e cheque, até o uso do cartão de crédito, obtendo-se por mês um valor de aproximadamente R\$ 60 mil.

O número de trabalhadores existentes hoje na Indústria Gesso Nordeste é de 31, sendo 2 mulheres e 4 desse total pertence a família. Gasta-se por mês R\$ 23 mil com salários (o pagamento não é feito através de banco) e têm os gastos com impostos (ICMS e IPI), porém, estes não foram informados. Essa mão de obra advém da zona rural e urbana da própria cidade, tendo na moto o meio de transporte principal para chegar ao local de trabalho.

Quando a mão de obra não tem nenhum tipo de experiência no ramo, aprende-se tudo na própria indústria, a partir das orientações que aí se tem, pois, a mesma não conta com cursos de formação e aperfeiçoamento. Isso acarreta em um dos principais problemas encontrados para se trabalhar nesse ramo, além é claro da concorrência, neste caso pode-se citar a Gesso Lar (que foi criada por um ex-funcionário¹⁷⁶ da Gesso Nordeste). Acredita-se que o incentivo do poder público em cursos específicos, por exemplo, poderia amenizar tais problemas, aumentando as vendas e, conseqüentemente, gerando mais empregos, além da prestação de serviços e o aumento nos patrocínios que a indústria disponibiliza.

¹⁷⁶ Nota-se que “na medida em que as indústrias cresceram, elas tentaram melhorias, e, portanto, procuraram maior quantidade de mão-de-obra especializada, ao mesmo tempo que formavam *in-loco* novos operários especializados, fonte de novas iniciativas” (MAMIGONIAN, 1965, p. 78). Assim também, pode-se perceber que a transformação de “trabalhadores assalariados em pequenos empresários são o fenômeno mais difundido, que tem caráter de regra geral” (LÉNIN, 1982, p. 220).

Foto 45 – Itabaiana/SE: Indústria Gesso Nordeste – 2015

Fonte: Trabalho de campo terça-feira, 17 de março de 2015. Crédito: FIRMINO, P. C. S. Foto tirada às 10h45min.

Mapa 19 – Itabaiana/SE – Indústria Gesso Nordeste: Principais destinos da produção – 2015

PALAVRAS FINAIS

A divisão apresentada por Andrade (1998) acerca do Nordeste (Agreste, Sertão, Mata e Litoral Oriental e Meio Norte) constituiu divisão essencial para que fossem atingidos os objetivos inicialmente propostos. Tem-se o Agreste como a sub-região de uso mais diversificado da terra, com desconcentração da propriedade, atividade fortemente marcada pela policultura, presença marcante do comércio e prestação de serviços e altos índices demográficos. Em relação ao Sertão é possível encontrar grandes propriedades e um uso limitado de suas terras, predominando a criação de gado. Na Mata e Litoral Oriental, a presença da monocultura da cana-de-açúcar que limita o uso e a diversidade da terra, é o que sobressai. Pode-se definir assim “o Nordeste da cana de açúcar e o Nordeste do gado, observando-se entre um e outro, hoje, o Nordeste da pequena propriedade e da policultura” (ANDRADE, 1998, p. 25).

Cabe frisar, que as características das sub-regiões Sertão, Mata e Litoral Oriental, de certa forma ainda estão fortemente presentes, impedindo uma maior diversificação, principalmente, nas atividades industriais. Daí tem-se um território onde as desigualdades são bastante visíveis, frutos de usos diferenciados do território, com uma elite conservadora impondo suas normas e regras. Isto vem dificultar, mas não impedir, o surgimento de indústrias em outros ramos, visível ao percorrer pelo interior, mais precisamente no Agreste.

Neste sentido, buscou-se na presente dissertação de mestrado fazer uma análise do desenvolvimento econômico e regional de duas cidades nordestinas. De um lado Arapiraca e de outro Itabaiana, localizadas no Agreste Alagoano e no Agreste Sergipano, respectivamente, com características próprias e aspectos socioeconômicos peculiares, marcando fortemente o seu sistema urbano.

Para tal, a investigação do papel desempenhado pela feira livre constitui-se no principal evento dentro desta análise, que por sua vez se tornou a base de várias iniciativas comerciais, empresariais e industriais, apoiando-se em outros eventos responsáveis pela formação dos dois maiores comércio no interior de seus estados. Atrelado a tais eventos, contribui significativamente para essa formação o papel desempenhado pelo agrestino.

A feira livre inserida no CI da economia urbana veio contribuir não somente para empregar uma grande parcela da população pobre em várias ocupações, mas também ‘descobrir’ e/ou desenvolver o espírito comerciante de pessoas que acabam por criar seus próprios negócios e com o passar do tempo acabam por serem

inseridos no mercado de trabalho do próprio CS, sendo este o regulador daquele primeiro. Na verdade pode-se dizer que existe uma relação de complementariedade entre CI, o circuito superior marginal e o CS, apesar de ambos concorrerem uns com os outros.

Percebeu-se que a economia de Arapiraca e Itabaiana, cada uma com particularidades próprias tiveram de forma direta ou indireta impulso a partir da feira livre, o que não pode ser observado em cidades onde prevalece o poderio da indústria canavieira. Logo, é possível afirmar que a feira foi aí a responsável pela dinâmica presente na sub-região Agreste.

Diante do que foi exposto no decorrer do trabalho constatou-se que as feiras tiveram grande importância na economia da região Nordeste e em muitos casos continuam sendo eventos de destaques para suas cidades. É o caso de Arapiraca e Itabaiana que tiveram na feira sua gênese econômica e atualmente em suas extensões continua mobilizando grande parte da economia que permeia a cidade, atingindo diversas áreas ao seu entorno, proporcionando uma maior dinamicidade e um fluxo mais intenso de pessoas que convergem para elas, contribuindo diretamente no desenvolvimento econômico das mesmas.

Logo, não se deve ignorar a importância que a feira teve, mesmo ela não tendo tanta expressão nos dias atuais em algumas cidades, não incluindo aqui Arapiraca e Itabaiana, de tal forma que “é um fenômeno tão importante na vida econômica e social do Nordeste que, dificilmente, um estudo regional deixa de mencioná-la ou de fazer algum inquérito na feira” (PAZERA JR., 2003, p. 18). Entretanto, não cabe exclusivamente a ela toda evolução e desenvolvimento econômico e regional, uma vez que cada período que constitui a história dessas cidades foram marcados por certos tipos de eventos, que concomitantemente com a feira livre serviram de base a vida econômica de Arapiraca e Itabaiana. Isto leva a crer conforme Santos e Silveira (2010, p. 23) que “a questão é escolher as variáveis-chave que, em cada pedaço do tempo, irão comandar o sistema de variáveis, esse sistema de eventos que denominamos *período*”.

Inserem-se nesse contexto as atividades artesanais e agrícolas que atreladas à feira colocaram-nas numa posição de destaque frente a outras, visto mediante um comércio bem diversificado e uma dinâmica ímpar que as envolvem. Foi possível encontrar uma ligação direta da feira e as outras atividades, que juntas tiveram apoio nas engenharias materializadas no território, com as estradas que eram abertas e a

chegada da ferrovia que passou a interligar o litoral ao interior, possibilitando um maior fluxo de mercadorias, pessoas e informações. Assim, o fumo e a mandioca em Arapiraca e o caminhão em Itabaiana foram destaques em suas economias. Neste último caso, percebe-se que Itabaiana contou com o papel do caminhoneiro e da abertura de estradas, colocando-a como “ponto de escoamento e de distribuição da produção agrícola, assim como local de aquisição de outros produtos necessários à sobrevivência” (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 20).

Hoje, Arapiraca e Itabaiana se caracterizam como centros regionais de concentração de comércio e de grande quantidade de serviços, contribuindo significativamente para o surgimento de várias iniciativas empresariais. Essas iniciativas vêm contrapor as lógicas do mercado capitalista que vem ganhando espaço em todos os lugares, onde Arapiraca e Itabaiana não estão livres dessas imposições, dos costumes e dos ritmos das lógicas do capital.

Então, essas duas cidades apresentaram um desenvolvimento econômico semelhante a grandes cidades nordestinas, em particular aquelas do Agreste. É um desenvolvimento que teve raízes fortemente atreladas a pessoas com espírito de iniciativa e desejo de vencer, que se utilizaram das oportunidades e dos poucos recursos financeiros para criarem seus pequenos negócios e se fixarem como os grandes empresários da região. Para Mamigonian (1965, p. 77), “estes negócios começam sempre muito modestamente, sendo que os empresários são, no início, a única força de trabalho, pois que juntam apenas o suficiente para começar”. Com o passar do tempo tais negócios desdobraram-se em empresas, fábricas e indústrias, mostrando também que o “dinamismo econômico está estreitamente ligado ao dinamismo da população” (SANTOS, [1980] 2010, p. 139).

Por fim, foi feita referência à atividade industrial, que apontou para o surgimento de uma indústria local que tem crescido em paralelo as atividades voltadas aos serviços e comércio, particularidade, diga-se de passagem, dessas cidades interioranas. Essas atividades em sua maioria eram iniciativas que possuíam uma mão de obra quase sempre familiar, suas técnicas basicamente artesanais, matérias primas advindas das proximidades, o que vinha caracterizar um começo de industrialização bastante modesta. Seguindo por este caminho, em Arapiraca e Itabaiana a atividade industrial está em processo de implementação e ganhando espaço.

Em Arapiraca elas surgem com as casas de farinha, que eram pequenas fabriquetas de produção a partir da mandioca, por volta da década de 1920 quando da sua Emancipação Política em 1924, possuindo hoje um parque industrial de destaque em nível da sub-região Agreste, com destaque para as indústrias voltadas ao ramo alimentício, como a indústria “Grupo Coringa”, “Popular Alimentos”, “Fábrica de Vinagre Camarão” entre outras.

Em Itabaiana o forte está nas indústrias voltadas para as carrocerias de caminhões e como mostra Bispo, (2013, p. 36), “a produção de carrocerias para caminhões é tão antiga quanto a existência dos caminhões com carrocerias em madeira”, diga-se que a pioneira no ramo foi a “Fábrica Nossa Senhora da Conceição”. Outro setor importante foi e é o ceramista, sendo hoje os dois ramos industriais na cidade, com a Carroceria São Carlos, a Cerâmica Mandeme Ltda etc.

Portanto, essas cidades constituíram-se em centros dinâmicos não só dos estados as quais pertencem, mas do Agreste e de toda a região Nordeste, aumentando de um lado as iniciativas industriais e de outro as atividades comerciais, atrelada aí a feira livre. O que levou a analisar as iniciativas locais espalhadas por Arapiraca e Itabaiana, apoderando-se de suas características particulares, de forma que levasse a perceber que a indústria nordestina, em muitos casos, tem raízes tanto na zona urbana como na zona rural, desde o pequeno comerciante, feirante e agricultor, até o trabalhador assalariado que se torna empresário a partir do conhecimento obtido ao longo da vida, atrelado às oportunidades que lhes são postas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. da G. S. de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis: Vozes, 1984. 276p.

AMADO, A. M. Impactos regionais do processo de reestruturação bancária do início dos anos 1990. In CROCCO, M.; FREDERICO, J. Jr. (orgs.). **Moeda e territórios: uma interpretação da dinâmica regional brasileira**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2006, pp. 147-168.

ANDRADE, M. C. de. **Espaço, polarização e desenvolvimento: a teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina**. Recife: Centro Regional de Administração Municipal – CRAM, Editora Brasiliense, 2ª ed. 1970a.

_____. **Nordeste, espaço e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1970b. (Coleção Caminhos Brasileiros 5).

_____. **Geografia econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2ª ed., 1974.

_____. **O Processo de ocupação do espaço regional do Nordeste**. Recife: Ministério do Interior – SUDENE, Superintendência Adjunta de Planejamento – Coordenação de Planejamento Regional, Divisão Política Especial. 2ª ed., 1979. 142p.

_____. Formação econômico-social e processos políticos no Nordeste brasileiro. In: MARANHÃO, Sílvia (org.) **A questão Nordeste: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 31-39, 1984.

_____. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Editora Ática S.A. 2ª ed., 1993.

_____. **A Terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Cortez, 6ª ed. 1998.

ANDRADE, M. C. de.; ANDRADE, S. M. C. de. **A Federação Brasileira: uma análise geopolítica e geo-social**. São Paulo: Contexto, 1999.

ARAÚJO, T. B. de. Industrialização do Nordeste: intenções e resultados. In: MARANHÃO, S. (org.) **A Questão Nordeste: Estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 71-82, 1984.

_____. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. **Dossiê Nordeste I**. Estudos Avançados 11 (29), 1997.

ARROYO, M. Território, mercado e estado: uma convergência histórica. In **Geographia**, Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense/UFF. Rio de Janeiro: ano VI, nº 12, dez. pp. 49-66, 2004.

AZEVEDO, N. O Despertar do “País Sonolento”: contributo das feiras de produtos locais para um projecto de desenvolvimento territorial. In: SANTOS, N.; CUNHA, L. (Orgs.). **Trunfos de Uma Geografia Ativa: desenvolvimento local, ambiente, ordenamento e tecnologia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 131-139.

BAGGIO, U. da C. Considerações sobre a reestruturação econômica global e seus impactos sobre o território. **Revista GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo/SP, nº 12, 2002.

BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos objetos**. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BERNARDES, A. A nova divisão territorial do trabalho brasileira e a produção de informações na cidade de São Paulo (as empresas de consultoria). In: SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 13ª ed. 2010, pp. 413-432.

BERNARDES, N. Condições Geográficas da Colonização em Alagoas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 29 nº 2, pp. 65-83, 1967.

BISPO, J. de A. **Itabaiana, Nosso Lugar: quatro séculos depois**. Aracaju: Infographics, 2013, 268p.

BORGES, J. L. A Guerra dos Lugares. **Encontro Internacional Lugar, Formação Socioespacial, Mundo**. São Paulo: ANPEGE, 1994.

BRANDÃO, M. **Centenário da Emancipação de Alagoas: 1917**. Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. Maceió: Ramalho, 1919.

BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, Tradução: Telma Costa, 1998.

CARDOSO, M. F. T. C. Campina grande e sua função como capital regional. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 5, nº 4, pp. 415-452, 1963.

_____. Caruaru: a cidade e sua área de influência. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 27, nº 4, pp. 587-614, 1965.

_____. Feira de Caruaru. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 29, nº 1, pp. 113-114, 1967.

CARMO, R. M. E. do. Cidades Médias: do crescimento demográfico à consolidação territorial. **Cidades – Comunidades e Territórios**, nº 12/13, dez, pp. 69-82, 2006.

CARNEIRO, R. N.; PEREIRA, C. A. de O. Circuito de fluxos inferiores informais, mundo do sistema e feira livre de Pau dos Ferros-RN. In. CARNEIRO, R. N. (Org.). **Circuito inferior e fluxos sócioespaciais: a feira livre de Pau dos Ferros-RN**. Mossoró: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN, 2014, pp. 77-93.

CARNEIRO, R. N.; PINTO, F. R. S. A feira livre de Pau dos Ferros-RN: espaço e tempo. In. CARNEIRO, R. N. (Org.). **Circuito inferior e fluxos sócioespaciais: a feira livre de Pau dos Ferros-RN**. Mossoró: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN, 2014, pp. 55-74.

CARVALHO, C. P. de. **Economia Popular: uma via de modernização para Alagoas**. Maceió. Maceió: EDUFAL, 4ª ed. rev. e ampl. 2012, 135p.

CARVALHO, D. M, de. **Comercialização de hortifrutigranjeiros em Itabaiana/SE**. 2010, 229f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação

da Universidade Federal de Sergipe, através do Núcleo de Pós- Graduação em Geografia (NPGeo), São Cristóvão, 2010.

CARVALHO, D. M. de; COSTA, J. E. da. A questão da centralidade urbana em Itabaiana/SE: uma abordagem preliminar. **Revista Scientia Plena**, v. 5, nº 9, pp. 1-12, 2009. Disponível em <http://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/674>. Acesso em: 28 de novembro de 2012.

_____. **A Geografia (Des)Conhecida de Itabaiana/SE**. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, 2012, 304p.

CARVALHO, V. S.; SANTOS, R. B. **Álbum de Itabaiana**: nas lentes de Miguel Teixeira da Cunha, João Teixeira Lobo e Percílio da Costa Andrade. Aracaju, Infographics, 2013.

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**, Conselho Nacional de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, nº 179, ano XXII, Mar-Abr, pp. 139-145, 1964.

CONTEL, F. B. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, nº 55, Jan/Abr, pp. 119-134, 2009.

CORRÊA, R. L. Contribuição ao estudo da área de influência de Aracaju. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 27, nº 2, pp. 233-259, 1965.

_____. A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. **Geografia, espaço e memória**. São Paulo: Terra Livre, nº 10, janeiro-julho, pp. 93/116, 1992.

_____. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, M. (Coord.). **Novos rumos da Geografia Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

COSTA, C. **Historia das Alagoas**: resumo didactico. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo; Maceió: SERGASA, [1929] 1983.

COSTA, C. **A Emancipação das Alagoas**. Maceió, 1967.

DANTAS, G. P. G. **Feira livre de Macaíba/RN**: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006). 2007. 209p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Rio Grande do Norte, 2007.

DEGASPARI, S. D.; MOREIRA, M. R. G.; VANALLI, T. R. **Apostila de normalização documentária** (com base nas normas da ABNT). Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista/UNESP “Júlio de Mesquita Filho”, 2006. 31p.

DICKEN, P. **Mudança Global**: mapeando as novas fronteiras da economia mundial. Bookman, 5ª ed. 2010.

DIÉGUES JR., M. **Alagoas e seus municípios**. Maceió: Imprensa Oficial, v. 1, 1944.

_____. **O engenho de açúcar no Nordeste**: documentação da vida rural. Maceió: EDUFAL, 2006. 92p.: il. – (Coleção Nordestina).

_____. **População e açúcar no Nordeste do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2ª ed. 2012. 200p – (Coleção Nordestina; 79).

DINIZ, J. A. F. A zona de influência de Aracaju. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 31 nº 3, pp. 103-150, 1969.

_____. **Notas Sobre a Posição Econômica de Sergipe nos Contextos Regional e Nacional**. Aracaju: UFS, 1991.

DUARTE, A. **As Alagoas na Guerra da Independência**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1974.

ELIAS, D.; SOARES, B. R.; SPÓSITO, M. E. B. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Campina Grande e Londrina. São Paulo: Outras Expressões, 1ª ed., 2013 – (Geografia em movimento). 336p.

FIRMINO, P. C. S. **Arapiraca**: difusão do meio técnico-científico informacional, usos do território e fome. 2011. 68p. Trabalho de Conclusão de Curso/TCC (Licenciatura Plena em Geografia) – Curso de Geografia, Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2011.

_____. Seminário Nacional Contribuição à Geografia Brasileira: encontro de Gerações. **Revista Finisterra**. Lisboa – Portugal, L, v. 99, pp. 176-179, 2015. No prelo.

FRANÇA, V. L. A et. al. **Atlas escolar Sergipe**: espaço geo-histórico e cultural. João Pessoa, PB: Editora GRAFSET Ltda., 2007.

FUNARO, V. M. B. de O. [et al.] **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT). In. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. São Paulo, 2. ed. rev. ampl. 2009 – (Cadernos de Estudos; 9). 102p.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 34ª ed., 2007. 351p.

_____. **A saga da Sudene**: (1958-1964). Rio de Janeiro: Contraponto. Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2009. il. – (Arquivos Celso Furtado; v. 3). 283p.

GASPAR J. **As feiras de gado na beira litoral**. Lisboa: Livros Horizonte, LDA. 5 Espaço e Sociedade, 2ª ed. 1986. 108p.

_____. **As regiões portuguesas**. Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Regional. Lisboa, 1993.

_____. **Desenvolvimento regional**: Beja. GASPAR, J. (Coord.). Avaliação Ex-Post do 1º Quadro Comunitário de Apoio 1989-93. Lisboa/Portugal, 1994.

GEIGER, P. P. Divisão regional e problema regional. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 32, nº 2, pp. 157-170, 1970.

GRIMM, F. C. A. **Trajetória epistemológica de Milton Santos**: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis. 2011. 307p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2011.

GUEDES, Z. **Arapiraca Através do Tempo**. Maceió: Mastergraphy, 1999.

GUERRA, A. T.; GUERRA, I. A. L. T. Subsídios para uma nova divisão política do Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, nº 178, Ano XXII jan/fev, pp. 3-39, 1964.

GUIA PERFIL DO COMÉRCIO. **Itabaiana, 100 coisas para fazer**. Itabaiana, 10ª ed., 2015.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 6ª ed., 1989. 255p.

GUIMARÃES, O. **O papel das feiras-livres no abastecimento da cidade de São Paulo**. 1969. 96p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 1969.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE. **Sergipe e seus municípios**. Departamento Estadual de Estatística. Aracaju: S.N., 1944.

_____. **Regiões de Influência das Cidades/REGIC 2007**. Rio de Janeiro, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2008. 201p. Acessado em www.ibge.gov.br às 15h34min aos dias 11 de setembro de 2015.

KOM, A. **Economia industrial**. Nobel, 1994.

LABASSE, J. **L'Espace Financier** – analyse géographique. Paris: Armand Colin. 1974.

LAKATOS, E. N.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas S.A., 5ª ed., 2003. 310p.

LAUTENSACH, H; RIBEIRO, O. **Geografia de Portugal**: a vida económica e social. DAVEAU, S. (Organização, comentários e actualização). Lisboa: Edições João Sá da Costa, vol. IV, 1ª ed. 1991.

LEITE, B. Feiras do sertão nordestino. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 18 nº 3, pp. 155-156, 1956.

LENCIONI, S. A mudança do discurso desenvolvimentista face à crise da economia: a falência das políticas de desenvolvimento regional. **Revista do Departamento de Geografia/RDG** – Universidade de São Paulo/USP, v. 6, pp. 83-89, 1992.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia** – o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. Tradução de José Paulo Netto e revisão, com base no original russo, por Paulo Bezerra. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **O imperialismo, fase superior do capitalismo**. Tradução de Leila Prado. São Paulo. Centauro, 4ª ed., 1ª reimpressão, [1917] 2010. 128p. 402p.

LIMA, I. F. **Geografia de Alagoas**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1965. (Coleção Didática do Brasil. Série Normal, v. 14).

LIMA, J. C. Negócios da China: a nova industrialização do Nordeste. **Revista Novos Estudos/ CEBRAP**. São Paulo, n. 49, p. 141-158, novembro, 1997.

LIMA, M. A. de. Cruz das Almas e Arapiraca, duas zonas produtoras de fumo (estudos preliminares). **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB**. São Paulo, v. VII, tomo I (1952-1953), pp. 207-242, 1955.

LIMA, P. Economia do Nordeste: tendências recentes das áreas dinâmicas. **Revista Análise Econômica**. Porto Alegre: Ano 12. nº 21 e 22. Mar/Set, p. 55-73, 1994.

LOPES, A. S. **Desenvolvimento Regional**: problemática, teoria, modelos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª ed. 2001.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 27, nº 3, pp. 389-482, 1965.

_____. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia** – Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB, São Paulo, nº 50, pp. 83-102, mar. 1976.

_____. Capitalismo e Socialismo em fins do século XX (Visão Marxista). **Revista Ciência Geográfica**. Bauru ano VII – Vol. I, nº 18, jan/abril, 2001, p. 4-9.

_____. Teorias sobre a industrialização brasileira e latino-americana. In. **Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico**. Livre Docência apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP. São Paulo, 2004, vol. 1.

_____. O Nordeste e o Sudeste na divisão regional do Brasil. **Geografia Econômica – Anais de Geografia Econômica e Social**. Grupo de Pesquisa/CNPq Formação Sócio-Espacial: Mundo, Brasil e Regiões. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, abril de 2009.

MEDEIROS, D. A. de. **Financeirização do território e circuitos da economia urbana**: agentes de crédito, técnicas e normas bancárias. Um exemplo em Alagoas. 2013. 275f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humana/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2013.

MELO, M. L. de. Bases geográficas dos problemas do Nordeste. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 24, nº 4, pp. 503-542, 1962.

_____. Nordeste, planejamento e Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 25, nº 3, pp. 327-342, 1963.

_____. **Os Agrestes**: estudo dos espaços nordestino do sistema gado-policultura de uso de recursos. Recife: Ministério do Interior – SUDENE, Superintendência Adjunta de Planejamento – Coordenação de Planejamento Regional, Divisão Política Especial – Estudos Regionais 4, 1980.

MENDONÇA, C. **Vidas em trânsito** – a surpreendente e emocionante história dos caminhoneiros. Itabaiana/SE, 2012. 60p.

_____. **A Itabaiana grande**: Euclides e Manoel Teles. Aracaju/SE: Info Graphics, 2014. 342p.

MENEZES, D. **O Outro Nordeste**: formação social do Nordeste. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937.

MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. 2006. 205p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humana/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2006.

MOTT, L. R. de B. **A feira de Brejo Grande**: um estudo de uma instituição econômica num município do baixo São Francisco. 1975. 348p. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Universidade de Campinas/UNICAMP. Campinas, 1975.

NASCIMENTO, A. J. 1994, 229f. **A Economia Sergipana e a Integração do Mercado Nacional (1930/1980)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 1994.

PAIM, G. **Industrialização e Economia Natural**. Ministério da Educação e Cultura – Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, 1957. 123p.

PAZERA JR. E. **A feira de Itabaiana – PB**: permanência e mudanças. 2003. 201p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humana/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo - SP, 2003.

PERROUX, F. O conceito de pólo de desenvolvimento. In: FAISSOL, S. **Urbanização e Regionalização**: relações com o desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, IBGE (Diretoria Técnica), 3ª triagem, 1978, p. 97-110. (Seleção de textos básicos).

POLANYI, K. **A Grande Transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro, Campus, [1994] 1980.

POLÈSE, M. **Economia Urbana e Regional**: lógica espacial das transformações econômicas. Coimbra, Portugal: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional/APDR, 1ª ed. 1998.

PRADO JR., C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2012. 364p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Decreto nº 2.025, 05 de julho de 2006**: dispõe sobre a instalação, funcionamento e fiscalização das feiras livres e dá outras providências. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços/SEMICS. Arapiraca, 2006.

_____. **Perfil Arapiraca/AL**. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços. 2009.

_____. **Plano decenal de Arapiraca**: desenvolvimento territorial sustentável no Agreste alagoano. Secretaria Municipal de Planejamento. Arapiraca, 2012.

_____. **Informações comércio e serviços Arapiraca – 2013**. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços (Departamento de Comércio e Serviços). 2013a.

_____. **Perfil Arapiraca/AL 2.** Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços. 2013b.

_____. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Banco de dados: Secretaria Municipal de Planejamento. Arapiraca, 2014.

_____. **Feiras Livres de Arapiraca.** Secretaria Municipal de Planejamento. Arapiraca, 2015a.

_____. **Informações sobre a feira.** Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviços/SEMICS. Arapiraca, 2015b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANA/SE. **Fonte bibliográfica sobre a história de Itabaiana.** In. I Encontro Cultural de Itabaiana: Secretaria Municipal de Educação, Itabaiana/SE, s/d.

_____. **Fonte bibliográfica sobre a história de Itabaiana.** In. III Encontro Cultural de Itabaiana: Secretaria Municipal de Educação, Itabaiana/SE, 1997.

_____. **Dados socioeconômicos de Itabaiana 2012.** Secretaria de Planejamento e do Desenvolvimento Sustentável (SEPES). Itabaiana, 2012.

PROST, G. O Agreste de esperança: a fronteira Cariri-Agreste de esperança. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 30, nº 3, pp. 11-38, 1968.

RANGEL, I. Financiamento dos empreendimentos regionais. **Anais do Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste.** Garanhuns: Confederação Nacional da Indústria, Serviço Social da Indústria – Divisão de Estudos e Planejamento, v. II, pp. 419-459, 1959.

_____. A história da dualidade brasileira. **Revista de Economia Política.** São Paulo, v. 1, nº. 4, Out/Dez, pp. 5-34, 1981.

_____. **Introdução ao Desenvolvimento Econômico Brasileiro.** Bial, 2ª ed. 1990.

_____. Dualidade básica da economia brasileira. In:_____. **Obras reunidas/Ignácio Rangel.** v. I. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2012a, 2v. (1.508p.). pp. 285-353.

_____. Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro (1955). In:_____. **Obras reunidas/Ignácio Rangel.** v. I. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2012b, 2v. (1.508p.). pp. 129-202.

_____. O desenvolvimento econômico no Brasil (1954). In:_____. **Obras reunidas/Ignácio Rangel.** v. I. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2012c, 2v. (1.508p.). pp. 39-128.

REVISTA ITABAIANA. **Essa é nossa.** Itabaiana: Editora Itabaiana, ano II, nº 2, jan/fev., 2015.

ROCHEFORT, M. Distribuição dos serviços comerciais no estado de Pernambuco. **Anais da Associação de Geógrafos Brasileiros/AGB**, São Paulo, v. XIII (1959-1960), pp. 109-122, 1964.

ROMÃO, S. R. L. **A Cidade do Futuro**: Agenda 21 Arapiraca. Simone Rachel I. Romão, José Matias Irmão, Rosa M. Ângelo de Oliveira Lira; Revisão de textos: Simone Romão, Kátia Almeida, Regina C. Barbosa; contribuição temática: Zezito Guedes; ilustrações: José Vicente; fotografias: Camila Cavalcante. Maceió: IDEARIO, 2008. 171p.

ROSSINI, R. E. **Novas perspectivas de trabalho para a mulher na agricultura canavieira**. Encontro Nacional de Lindóia: Abep, 19-23 de nov, 2012. 17p.

SÁ, M. **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2011. 269p.

SAMPAIO, M. G. V. **Estudos de desenvolvimento regional**: Sergipe. Rio de Janeiro: CAPES, 1959. 105p.

SANTANA, J. W. C. de. **Comercialização agrícola no estado de Sergipe**. 2005. Dissertação de Mestrado em Geografia. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, NPGeo/UFS, 2005.

SANT'ANA, M. M. de. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Instituto do Açúcar e do Alcool, Museu do Açúcar, 1970.

SANTOS, C. O. dos. Territórios e Espaços Vividos no Município de Itabaiana/SE. In. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, vol. 3, pp. 152-174, 2009.

SANTOS, M. A cidade de Jequié e sua região. **Separata da Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, Ano XVIII, Jan/Mar, pp. 67-112, 1956.

_____. **O centro da cidade do Salvador**: estudo de Geografia Urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 2ª ed. 1 reimpr. [1959] 2012 – (Coleção Milton Santos; 13). 208p.

_____. Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxos da economia urbana e suas implicações espaciais. **Boletim Paulista de Geografia** – Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB, São Paulo, nº 53, pp. 35-59, fev. 1977a.

_____. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia** – Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB, São Paulo, nº 54, pp. 81-99, jun. 1977b.

_____. **Pobreza urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 3. ed. [1978] 2009 – (Coleção Milton Santos; 16). 136p.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 2ª ed., 1. reimpr. [1979] 2008 – (Coleção Milton Santos; 4). 440p.

_____. **A urbanização desigual**: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 3. ed. [1980] 2010 – (Coleção Milton Santos; 18). 144p.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 5. ed. [1985] 2008. (Coleção Milton Santos, 12). 118p.

_____. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 5ª ed., [1994] 2008. 174p. (Coleção Milton Santos; 11).

_____. **El espacio banal, una epistemología de la existencia.** Discurso proferido na Universidade de Barcelona por ocasião do prêmio recebido de Doutor Honoris Causa. 1996a. 7p.

_____. O retorno do território. In: SILVEIRA, Maria Laura et al (Org.) **Território, Globalização e Fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 3 ed., pp. 15-20, 1996b.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, 4ª ed., 4. reimpr. [1996] 2008. 384p. (Coleção Milton Santos; 1).

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 16ª ed. 2008. 174p.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 13ª ed. 2010. 475p.

SANTOS, R. **Terra do ouro.** In. Guia do Perfil do Comércio de Itabaiana: mapa turístico. Itabaiana: 8ª ed. 2013.

SILVA, A. C. da. Desenvolvimento industrial e Geografia (comentário sobre uma abordagem geográfica). **Boletim Paulista de Geografia** – Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB, São Paulo, nº 49, pp. 31-44, jun. 1974.

SILVA, S. dos S. **Usos do Território e expansão do ensino superior em Arapiraca – Alagoas.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – Curso de Geografia, Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2015.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, ano IV, nº 6, Jan/Jun, p. 21-28, 1999.

_____. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**, nº 55, vol. 22, pp. 65-76, 2009.

SOUZA, E. C. de. Feira do gado. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, v. 8 nº 3, pp. 109-111, 1946.

SOUZA, M. D. A. de. Paraná: o quadro geográfico, histórico e econômico do processo de urbanização. **Boletim Paulista de Geografia** – Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB, São Paulo, nº 46, pp. 38-87, dez. 1971.

_____. Geografia das Desigualdades e Globalização: Relendo a Geografia da Fome. In: **I Fórum A Fome e a Atualidade de Josué de Castro.** Recife: Condepe, 1994.

_____. Política e território: as geografias das desigualdades. **Fórum Brasil em Questão.** Brasília: 5 de junho de 2002.

SUBRINHO, J. M. dos P. **História Econômica de Sergipe (1850-1930).** Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 1987.

TENÓRIO, D. A. Visão Geral da Província das Alagoas no Segundo Reinado. **Capitalismo e Ferrovias no Brasil**. Curitiba: HD Livros, 1996. 207p.

VALOR 1000. 1000 maiores empresas e as campeãs em 25 setores e 5 regiões. Ano 13, nº 13, agosto, 2013.

VALOR ESTADOS. Sergipe – incentivos atraem investimentos. Sergipe, 2014. 82p.

VARGE, J. M. Alentejo – o passado, o presente e o futuro: uma perspectiva demográfica. In. **Revista Arquivo de Beja**. Beja, Portugal, vol. VII/VIII – série III, pp. 277-301, 1998.

WALLERSTEIN, I. Capitalismo histórico e civilização capitalista. Tradução de Renato Aguiar e revisão de César BenJamin e Immanuel Wallerstein. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. 144p.

WERLEN, B. Regionalismo e sociedade política. **GeoGraphia** – UFF. Ano 2, no. 4, 2000, pp. 7-25.

APÊNDICES

Trabalho de Campo – Questionário (FEIRANTE)

Projeto

Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro

() **ARAPIRACA/AL** () **ITABAIANA/SE**

A) Dados Gerais do Feirante

Nome:		Idade:
Sexo:	Estado Civil:	Quantos Filhos:
Cidade:	Estado:	Z. Urbana () Z. Rural ()
Escolaridade:		

B) Dados Sobre a Feira e a Forma de Negociação

1) Há quanto tempo o senhor(a) trabalha como feirante?

2) Quantas pessoas trabalham com o senhor(a)?

3) Quantos são da família?

4) Possui fregueses que são fixos? Sim () Não ()

5) Hora de início e de término da feira?

6) Número de bancas ocupadas pelo senhor(a)?

7) Valor pago (impostos) pelo uso do chão?

8) A situação do chão (banca) é? Alugado () Próprio () ou Cedido ()

9) Qual ou quais são os produtos comercializados?

() Frutas	() Cereais e Grãos	() Calçados
() Verduras	() Carnes	() Serv. de Alimentação
() Hortaliças	() Peixes	() Biscoitos, Bolos e Afins
() Laticínios	() Condimentos	() Produtos Industrializados
() Móveis	() Animais	() Produtos de Casa: cozinha, cama, mesa e banho
() Ferragens	() Ervas Medicinais	() CDs, DVDs e Eletrônicos Gerais
() Artesanato	() Vestuário	() Outros

10) De acordo com a localização da banca e o tipo de produto negociado, o senhor(a) considera:

Ruim () Regular () Boa () Excelente ()

11) Em relação aos produtos comercializados, como é feita a compra dos mesmos?

Direta ao Produtor () Intermediário () Próprio Produtor () Através de Trocas ()

12) Qual(is) a origem dos produtos comercializados?

Z. Urbana de Arapiraca/Itabaiana () Z. Rural de Arapiraca/Itabaiana ()

Outras Cidades de Alagoas/Sergipe (). Quais Cidades?

Outros Estados (). Quais Estados?

Outros Países (). Quais Países?

13) Qual a forma de pagamento dos produtos comercializados?

À prazo (cartão) () À vista (dinheiro) À vista (C. de débito) () Cheque ()
Fiado (Confiança) () Outra Forma (). Qual?

Se trabalha com cartão, quais são os cartões de débito e de crédito?

14) Em relação aos produtos vendidos, qual a forma de recebimento?

À vista (dinheiro) () Fiado (Confiança) () Se vende FIADO, quem são esses clientes?

Amigos () Parentes () Aposentados () Clientes Antigos () Outros ()

Outra Forma (). Qual?

15) Em relação aos lucros, qual margem de ganho por feira?

Até R\$ 100,00 () Entre R\$ 100,00 e 250,00 () Entre R\$ 250,00 e 500,00 ()
Acima de R\$ 500,00 ()

16) Qual o meio de transporte utilizado pelo senhor no deslocamento de casa/feira/casa?

Carro () Carroça de Burro () Caminhonete () Carro de Mão () Caminhão ()
Outro (). Qual?

17) Qual o valor gasto com transporte?

18) Tempo Gasto Para Chegar à Feira:

19) Já fez algum empréstimo para poder se manter como feirante?

Sim () Não ()

20) Usa algum desses aparelhos eletrônicos nas negociações e nas compras/vendas?

Celular () Computador () Notebook () Tablet () Máquina de Cartão ()
Nenhum ()

Outros (). Quais?

C) Outros Dados

21) O senhor(a) tem outro trabalho além da feira?

Sim () Não ().

Se SIM, qual?

22) Frequenta outras feiras?

Sim () Não () Se sim, quantas?

23) Onde são essas outras feiras?

Arapiraca/Itabaiana () Outras cidades de Alagoas/Sergipe () Outras cidades de outros Estados () Qual(is)?

24) Por que frequenta essas feiras livres?

Gosta () Não tem outra opção () Tradição de família () Outros motivos ()

25) Para o senhor(a) quais são os maiores problemas encontrados atualmente para trabalhar na feira livre?

26) O que se poderia fazer para diminuir tais problemas e melhorar a forma de comercialização?

27) Como o senhor(a) considera a importância da feira livre para a cidade de Arapiraca/Itabaiana e região?

Trabalho de Campo – Questionário Consumidor (FREQUÊS)

Projeto

Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro

() ARAPIRACA/AL () ITABAIANA/SE

A) Dados Gerais do Consumidor (Frequês):

Nome:		Idade:
Sexo:	Estado Civil:	Quantos Filhos:
Cidade:	Estado:	Z. Urbana () Z. Rural ()
Escolaridade:		

B) Dados Sobre as Compras

1) Qual o valor gasto em média na feira?

Até R\$ 50,00 () Entre R\$ 50,00 e 100,00 () Entre R\$ 100,00 e 150,00 ()
Acima de R\$ 150,00 ()

2) Quais os produtos comprados frequentemente na feira?

() Frutas	() Cereais e Grãos	() Calçados
() Verduras	() Carnes	() Serv. de Alimentação
() Hortaliças	() Peixes	() Biscoitos, Bolos e Afins
() Laticínios	() Condimentos	() Produtos Industrializados
() Móveis	() Animais	() Produtos de Casa: cozinha, cama, mesa e banho
() Ferragens	() Ervas Medicinais	() CDs, DVDs e Eletrônicos Gerais
() Artesanato	() Vestuário	() Outros

3) O senhor compra os mesmos produtos sempre no mesmo feirante? Sim () Não ()

4) Qual o motivo principal? _____

5) Qual o destino das compras?

Consumo Próprio () Para Revender () Para outros Fins ()

Se as compras são pra OUTROS FINS, quais são? _____

6) Qual a forma do pagamento dessas compras?

À vista (dinheiro) () Fiado (Confiança) () Outras Formas ()

Se o pagamento é feito de OUTRAS FORMAS, quais são? _____

7) Qual o transporte usado no deslocamento até a feira?

() Carro Próprio	() Caminhonete	() Caminhão
() Carroça de Burro	() Ônibus	() Vans
() Bicicleta	() Moto	() A Pé
() Táxi	() Mototáxi	() Outro

Se OUTRO, qual? _____

8) Quanto é gasto com transporte no deslocamento casa/feira/casa?

Até R\$ 5,00 () Entre R\$ 5,00 e 10,00 () Entre R\$ 10,00 e 20,00

Acima de R\$ 20,00 () Não Gasta com Transporte ()

C) Outras Perguntas

9) Qual a renda mensal da família?

Até 1 salário mínimo () Entre 1 e 2 salários mínimos ()

Entre 3 e 4 salários mínimos () De 5 salários mínimos acima ()

10) Há quanto tempo o senhor(a) frequenta essa feira? _____

11) De acordo com o produto adquirido pelo senhor(a) e o preço pago, considera-se um produto:

Ruim () Regular () Bom () Excelente ()

12) Quais os produtos encontrados atualmente na feira que antigamente não era possível encontrar? _____

13) Frequenta outras feiras? Sim () Não ()

Onde são essas outras feiras?

Arapiraca/Itabaiana () Outras cidades de Alagoas/Sergipe ()

Quais? _____

Outra cidades de outros Estados (). Quais cidades e estados? _____

14) Por que frequenta essas feiras livres?

Gosta () Pelo Preço () Pelos Produtos () Pela Pechincha () Outros Motivos ()

15) Quais outros motivos lhe faz vir ao centro da cidade além da feira? _____

15) Frequenta as grandes redes de supermercados? Sim () Não ()

Quais? _____

16) Que tipo de produto adquire nessas redes de supermercados que não encontra na feira? _____

17) O(a) senhor(a) acha que essas redes de supermercados tem prejudicado a realização da feira livre? Por que? _____

18) Os preços dos produtos adquiridos nos supermercados são melhores que os da feira? Poderia citar exemplos? _____

19) Na opinião do senhor(a) qual a importância da feira para a economia da cidade e região? O que ela traz de benefício? _____

Trabalho de Campo – Questionário (EMPRESA)

Projeto

Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro

() ARAPIRACA/AL () ITABAIANA/SE

A) Dados do Proprietário

1) Qual o nome do proprietário do estabelecimento?

2) Cargo exercido no estabelecimento: _____

3) Grau de escolaridade: _____ 4) Sexo: () Masculino () Feminino

5) Idade: _____ 6) Cidade: _____ 7) Estado: _____

8) Com que trabalhava antes de iniciar nesse ramo? _____

9) Em relação ao proprietário do estabelecimento pode-se afirmar que:

() Ainda é o mesmo dono desde o início;

() É dono juntamente com novos sócios;

() É novo dono totalmente diferente dos primeiros.

B) Dados Sobre a Origem do Estabelecimento

1) Qual o ano de fundação do estabelecimento? _____

2) Qual o local de instalação da primeira sede do estabelecimento? _____

() Zona Urbana () Zona Rural

3) De quem foi a iniciativa de criar um estabelecimento nesse ramo e por quê?

4) O capital investido no início foi adquirido de que forma?

() Empréstimo com amigos () Empréstimo com Parentes () Empréstimo Bancário
Qual Banco? _____

() Capital Próprio () Outras Formas. Quais? _____

5) Quais as condições da maquinaria utilizada no início dos negócios?

() Usadas () Seminovas () Novas () Não usava máquinas no início

6) De onde provinha e quem fornecia essas máquinas? _____

7) Qual o número de trabalhadores no início?

Homens: _____ Mulheres: _____

8) Desse número quantos eram da família? _____

C) Dados Gerais do Estabelecimento

1) Qual a razão social e o nome fantasia do estabelecimento?

2) Qual o ramo do estabelecimento? _____

3) Qual o endereço atual do estabelecimento? _____

() Zona Urbana () Zona Rural

4) Qual o tamanho médio do estabelecimento? _____

5) A localização do estabelecimento contempla as necessidades das suas atividades?

() Parcialmente () Totalmente () Não Contempla

6) Qual a condição do estabelecimento?

() Próprio () Alugado () Cedido () Outra.

Se a condição é OUTRA, qual a condição? _____

7) Tem alguma filial? () Sim () Não

Se SIM, onde? _____

8) Houve compra ou absorção de empresas concorrentes? _____

9) Tem algum estabelecimento em outro ramo que pertence ao mesmo grupo?

() Sim () Não

Se SIM, qual? E o tipo de atividade? _____

10) Em média, qual o lucro que o estabelecimento obtém por mês? _____

11) Atualmente quais as condições das máquinas utilizadas?

() Usadas () Seminovas () Novas () Não usa máquinas

12) Qual o tempo máximo de uso de uma máquina? _____

D) Dados Sobre Matérias-Primas e Mão de Obra

1) Quais as matérias-primas utilizadas? _____

2) De onde provem as matérias-primas utilizadas? _____

3) Qual o valor gasto mensalmente com matérias-primas? _____

4) De que forma é feito a efetivação do pagamento das matérias-primas?

() À Prazo () Cheque () À Vista () À Vista/C. de Débito () Fiado/Confiança

() Outra Forma. Qual? _____

5) Qual o número de trabalhadores hoje?

Homens: _____ Mulheres: _____

6) Desse número quantos são da família? _____

7) A mão de obra mais especializada do estabelecimento é proveniente de onde?

() Da própria cidade;

() De outras cidades do estado; Quais? _____

() De outros estados; Quais? _____

() De outros países; Quais? _____

() Não tem mão de obra especializada no ramo.

8) Conta com algum curso para formação e aperfeiçoamento da mão de obra não qualificada? _____

9) Todos possuem carteira de trabalho assinada? () Sim () Não

Se NÃO, quantos possuem carteira assinada? _____

10) O número de trabalhadores é maior em alguma época do ano? () Sim () Não

Se SIM, qual a época e quantos trabalhadores a mais? _____

11) Qual a origem dos trabalhadores?

() Zona Urbana () Zona Rural () Outra Cidade () Outro Estado

Se OUTRA CIDADE ou OUTRO ESTADO, qual(is)? _____

12) Quais os meios de transportes mais usados pelos trabalhadores? _____

E) Dados Gerais Sobre Despesas

- 1) Qual o valor médio do salário? _____
- 2) Quanto é gasto mensalmente com salários? _____
- 3) Utiliza algum banco para fazer o pagamento dos trabalhadores? () Sim
() Não
Se SIM, qual o banco? _____
- 4) Quais os tipos de impostos ou taxas pagas para manter o estabelecimento funcionando?

- 6) Qual o valor desses impostos/taxa? _____

F) Outras Perguntas

- 1) A produção das embalagens e o concerto das maquinarias ou dos transportes, por exemplo, é feita pela própria empresa ou por terceiros? _____
- 2) Quais os produtos produzidos pelo estabelecimento? _____
- 3) Quanto é produzido em média por mês? _____
- 4) Quais os locais de destino dos produtos produzidos nesse estabelecimento?

- 5) Qual a forma de pagamento utilizada pelos clientes?
() À Prazo () Cheque () À Vista () À Vista/C. de Débito () Fiado/Confiança
() Outra Forma. Qual? _____
- 6) Em relação a concorrência, quais são os principais? _____
- 7) A empresa do senhor(a) presta algum tipo de serviço a outras empresas?
() Sim () Não
Se SIM quais tipos e quais empresas? _____
- 8) Faz algum tipo de propaganda para divulgação do seu produto? Como por exemplo em TV, rádio, jornais, revistas, panfletos etc. _____
- 9) Quais são os maiores problemas encontrados para trabalhar nesse ramo?

- 10) Quais medidas poderiam ser tomadas não só pelos responsáveis como pelos poderes Municipal e/ou Estadual para melhorar tais problemas? _____
- 11) Para o senhor(a) qual o grau de importância da sua empresa para a economia de Arapiraca/Itabaiana?

Trabalho de Campo – Questionário (CAMINHONEIRO)

Projeto:

Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro

ITABAIANA/SE

1) Dados Gerais do Caminhoneiro(a):

Nome:		Idade:
Sexo:	Estado Civil:	Quantos Filhos:
Cidade:	Estado:	Z. Urbana () Z. Rural ()
Escolaridade:		

2) Há quanto tempo o(a) senhor(a) trabalha como caminhoneiro(a)? _____

3) Tipos de mercadorias transportadas, local de origem e destino:

3.1) De Itabaiana para outros lugares:

3.2) De outros lugares para Itabaiana:

4) Para quais cidades e estados o(a) senhor(a) viaja com mais frequência?

5) Quantas pessoas trabalham com o(a) senhor(a)? _____

6) Alguém é da família? _____

7) A mercadoria transportada pelo(a) senhor(a), é comprada pelo senhor(a) para revender ou o (a) senhor(a) faz somente o transporte?

7.1) Se é para o senhor(a) revender, quem são os compradores?

- () Feirantes de Itabaiana.
- () Feirantes de Outras Cidades de Sergipe. Quais? _____
- () Feirantes de Outros Estados. Quais? _____
- () Supermercados. Quais? _____
- () Restaurantes. Quais? _____
- () Outros Destinos. Quais? _____
- () Vende Diretamente na Feira Livre.

7.2) Se faz somente o transporte da mercadorias, quem são os responsáveis pelas mesmas?

- () Atacadistas para revenda na CEASA de Itabaiana;
- () Atacadistas de Outros Municípios. Quais? _____
- () Atacadistas de Outros Estados. Quais? _____
- () Redes de Supermercados. Quais? _____
- () Armazéns. Quais? _____
- () Algum Feirante Específico.
- () Outros. Quais? _____

8) Possui fretes fixos? Sim () Não ()

9) O(a) senhor(a) tem alguma outra atividade? Sim () Não ()

9.1) Qual? _____

10) Em média, qual o valor que o(a) senhor(a) ganha por mês como caminhoneiro(a)?

() Entre 1 e 2 Salários Mínimos;

() Entre 3 e 4 Salários Mínimos;

() Entre 5 e 6 Salários Mínimos;

() Acima de 7 Salários Mínimos.

11) O(a) senhor(a) é o(a) proprietário(a) do caminhão?

() Sim;

() Não.

12) Por que o(a) senhor(a) trabalha como caminhoneiro(a)?

() Gosta;

() Pelo Salário;

() Não tem outra opção;

() Tradição de família;

() Outros motivos. Quais? _____

13) Para o(a) senhor(a) quais são os maiores problemas encontrados para trabalhar como caminhoneiro(a)? _____

14) Quais medidas poderiam ser tomadas pelos poderes Municipal e/ou Estadual para melhorar tais problemas? _____

15) Para o senhor(a) qual o grau de importância da profissão de caminhoneiro para a feira livre de Itabaiana? _____

16) Qual a importância da feira livre para o povo e a economia da cidade de Itabaiana? _____